

# SER Social

Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

## CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS



# SER Social

Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

© Copyright by *SER Social (versão eletrônica)*

Todos os direitos editoriais são reservados para a revista SER Social. Nenhuma parte da revista pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida por quaisquer meios ou formas existentes ou ser criada sem a prévia permissão por escrito da Comissão Editorial ou sem constarem os créditos de referência, de acordo com as leis de direitos autorais vigentes no Brasil. As opiniões e os conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão, a adequação e a procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade das(os) autoras(es), não refletindo necessariamente a posição da Comissão Editorial. SER Social – Periódico Semestral do Programa de Pós-Graduação em Política Social, Departamento de Serviço Social, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília (UnB).

## **Editora-Chefe**

Lucélia Luiz Pereira, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasil

## **Comissão Editorial**

Camila Potyara Pereira, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília. Brasil

Cristiano Guedes, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília. Brasil

Hayeska Costa Barroso, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília. Brasil

Lucélia Luiz Pereira, Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasil

## **Conselho Editorial**

Ana Elizabete Mota (UFPe/Recife-Brasil)

Denise Bomtempo Birche de Carvalho (Professora Emérita da UnB/Brasília-Brasil)

Domenico Carrieri (Università degli Studi di Roma “La Sapienza”/Roma-Itália)

Elaine Rosseti Behring (UERJ/Rio de Janeiro-Brasil)

Fernanda Rodrigues (Universidade do Porto/Porto-Portugal)

Graciela di Marco (Universidad Nacional San Martín/Buenos Aires-Argentina)

Ivanete Boschetti (UFRJ/Rio de Janeiro-Brasil)

Ivete Simionato (UFSC/Santa Catarina-Brasil)

Jorge Luis Acanda (Universidad de La Habana/Habana-Cuba)

José Geraldo de Sousa Júnior (UnB/Brasília-Brasil)

Luis Moreno (Instituto de Políticas y Bienes Públicos/Madrid-Espanha)

Maria Carmelita Yazbeck (PUC/São Paulo-Brasil)

Peter Abrahamson (University of Copenhagen/Copenhagen-Dinamarca)

Vicente Faleiros (Professor Emérito da UnB/Brasília-Brasil;UCB/Brasília-Brasil)

Yolanda Guerra (UFRJ/Rio de Janeiro-Brasil)

**Equipe de apoio:** Rebeca Loiola Vieira (estagiária)

**Revisão gramatical:** Paulo Henrique de Castro (Books Maze Publishing House)

**Diagramação e programação visual:** Books Maze Publishing House

**Imagem da capa:** obra sem nome.

**Artista:** Hadarana Velilla de Almeida Amancio (<https://www.behance.net/hadaranaamancio>)

---

# **SER Social**

Revista do Programa de Pós-Graduação em Política Social  
Departamento de Serviço Social  
Universidade de Brasília (UnB)

---

Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

## **CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS**

# SER Social

52 | jan.-jun. 2023

## CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS | ENVIRONMENTAL CRISIS AND SOCIAL STRUGGLES

### EDITORIAL

Resistência popular em um planeta sob ameaça | Popular resistance on a planet under threat

**Lucélia Luiz Pereira**

**Camila Potyara Pereira**

**Cristiano Guedes**

**Hayeska Costa Barroso**

---

7

### ARTIGOS TEMÁTICOS | THEMATIC ARTICLES

A “questão ambiental” na realidade brasileira contemporânea / The “environmental issue” in the contemporary brazilian reality / La “cuestión ambiental” en la realidad brasileña contemporánea

**Nailsa Maria Souza Araújo**

**Millena de Farias Lima**

---

10

A luta das mulheres indígenas na América Latina e a crise ambiental / Indigenous women’s struggles in Latin America and the environmental crisis / Lucha de las mujeres indígenas en América Latina y la crisis ambiental

**Lia Pinheiro Barbosa**

**Luciana Nogueira Nóbrega**

---

29

Agroecologia e educação intercultural no Sul global: construindo a soberania alimentar / Agroecology and intercultural education in the global South: building food sovereignty / Agroecología y educación intercultural en el Sur global: construyendo soberanía alimentaria

**Camila Gomes Ferreira**

**Bruno Andrade Pinto Monteiro**

---

49

Latifúndio eólico: energia renovável, *green grabbing* e modernização conservadora no Nordeste do Brasil / Latifundia wind farms: renewable energy, *green grabbing* and conservative modernization in Northeastern Brazil / Latifundio eólico: energía renovable, *green grabbing* y modernización conservadora en el Nordeste de Brasil

**Francisco Raphael Cruz Maurício**

---

67

Racismo ambiental e saúde: um estudo do bairro Santa Maria, em Aracaju (SE) /  
Environmental racism and health: a study of the Santa Maria neighborhood in Aracaju  
(SE) / Racismo ambiental y salud: un estudio del barrio Santa María en Aracaju (SE)

**Josiane Soares Santos**

**Dalila Silva Ribeiro**

**Mylena da Silva**

**Ingrid Chaiane Conceição Santos**

**86**

---

Novos paradigmas epistemológicos: atores humanos e não humanos na ampliação  
das experiências sociais / New epistemological paradigms: human and non-human  
actors in the expansion of social experiences / Nuevos paradigmas epistemológicos:  
actores humanos y no humanos en la expansión de experiencias sociales

**Pedro Henrique Vanzo**

**Narayana Astra van Amstel**

**106**

---

#### **ENTREVISTA TEMÁTICA | THEMATIC INTERVIEW**

Ameaça climática, cobiça capitalista e política social / Climate threat, capitalist  
greed and social policy / Amenaza climática, codicia capitalista y política social

**Entrevistadora: Potyara Amazoneida Pereira Pereira**

**Entrevistado: Ian Gough**

**125**

---

#### **ARTIGOS DE TEMAS LIVRES | FREE THEME ARTICLES**

“Questão social” no Brasil: racismo estrutural e superexploração do trabalho /  
“Social issue” in Brazil: structural racism and superexploitation of work / “Cuestión  
social” en Brasil: racismo estructural y sobreexplotación del trabajo

**Mossicleia Mendes da Silva**

**Júlia Barcelos Bittencourt**

**Jackeline Novaes dos Santos**

**138**

---

“Questão social” e pauperismo no Brasil em tempos de Covid-19 / “Social issue”  
and pauperism in Brazil in Covid-19 times / “Cuestión social” y pauperismo en  
Brasil en tiempos de Covid-19

**Milena da Silva Santos**

**Liana Amaro Augusto de Carvalho**

**158**

---

As interfaces da “questão social” expressas nas lutas pelo direito à cidade / The  
interfaces of the “social issue” expressed in the struggles for the right to the city / Las  
interfaces de la “cuestión social” expresadas en las luchas por el derecho a la ciudad

**Juanita Natasha Garcia de Oliveira**

**Thaís Teixeira Closs**

**177**

---

Serviço Social e pandemia: requisições institucionais e atribuições profissionais em debate / Social Work and pandemic: institutional requirements and professional attributions under debate / Trabajo Social y pandemia: requisitos institucionales y responsabilidades profesionales en debate

**Adriana Ramos**

**Janaina Albuquerque de Camargo**

**200**

---

A contrarreforma da previdência e o retrocesso dos direitos previdenciários das mulheres / The social security contrarreform and the retreat of women's social rights / La contrarreformación de la seguridad social y el retiro de los derechos sociales de las mujeres

**André de Menezes Gonçalves**

**Inacia Rilmara Marques Furtado**

**Kelly Marilene dos Santos Nóbrega**

**Tatiane Cardoso Rezende**

**220**

---

Racismo de Estado e eugenia sob a égide neoliberal / State racism and eugenics under the neoliberal aegis / Racismo de Estado y eugenesia bajo la égida neoliberal

**Simone Sobral Sampaio**

**Robson de Oliveira**

**241**

---

## **RESENHA | REVIEW**

Heat, greed and human need: climate change, capitalism and sustainable wellbeing / Calor, ganância e necessidade humana: mudança climática, capitalismo e bem-estar sustentável / Calor, codicia y necesidad humana: cambio climático, capitalismo y bienestar sostenible

**Jefferson Sampaio de Moura**

**264**

---

## **RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES | ABSTRACTS OF DISSERTATIONS AND THESES | RESÚMENES DE DISERTACIONES Y TESIS**

**269**

---

## **CONSULTORES(AS) AD HOC DA SER SOCIAL | SER SOCIAL AD HOC CONSULTANTS**

**288**

---

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## EDITORIAL

### **Resistência popular em um planeta sob ameaça**

As mudanças climáticas, a poluição, as crescentes perdas de biodiversidade e a degradação das terras e dos oceanos ameaçam as gerações futuras e impõem desafios sem precedentes a milhões de pessoas ao redor do mundo. A crise atual, agudizada nos últimos cinco anos e oriunda da inconsequente busca por crescimento econômico lucrativo, produz efeitos nefastos sobre o clima e seus ecossistemas, além de conduzir muitos à morte, ao empobrecimento, à migração forçada e ao adoecimento coletivo, sendo a pandemia de Covid-19 um exemplo do seu impacto negativo global.

Os danos econômicos desta crise são reconhecidos – embora, em geral, menosprezados – por governos e corporações. No entanto, as dimensões sociais e políticas desta problemática ainda são pouco exploradas. Neste cenário, populações afetadas pela cobiça capitalista, que explora os recursos da natureza até a sua desertificação, têm se organizado em torno de lutas sociais que intentam interromper este processo destrutivo.

Com esta edição, cujo tema é “Crise Ambiental e Lutas Sociais”, objetivamos divulgar trabalhos originais, advindos de resultados de pesquisas qualitativas e quantitativas, em âmbito nacional e internacional, que possam contribuir com o debate crítico e com o adensamento de conhecimento teórico sobre a temática.

O presente número da Revista SER Social é composto por seis artigos temáticos. O primeiro, intitulado “A questão ambiental na realidade brasileira contemporânea”, de Nailsa Maria Souza Araújo, realiza um debate sobre as expressões da questão ambiental no capitalismo neoliberal/ultraliberal, que segue a lógica da exploração da natureza.

A partir da análise de bibliografias produzidas por mulheres indígenas, o segundo artigo, intitulado “A luta das mulheres indígenas na América Latina e a crise ambiental”, de autoria de Lilian Barbosa, analisa as contribuições teóricas e metodológicas das mulheres indígenas da América Latina para a ecologia política feminista e para a busca de estratégias frente à ameaça capitalista para a própria vida humana.

O artigo “Agroecologia e educação intercultural no Sul global: construindo a soberania alimentar”, de Camila Gomes Ferreira e Bruno Andrade Pinto Monteiro, apresenta uma revisão bibliográfica dos principais conceitos e debates sobre a educação intercultural na construção da soberania alimentar no Sul global, em face das mudanças climáticas e dos sistemas alimentares.

O quarto texto, “Latifúndio eólico: energia renovável, *green grabbing* e modernização conservadora no Nordeste do Brasil”, de Francisco Raphael Cruz Maurício, trata das contradições que envolvem as políticas ecológicas no modo de produção capitalista, demonstrando como a instalação de parques eólicos contribui para a sustentabilidade regional, ao mesmo tempo em que provoca conflitos com camponeses e comunidades tradicionais da região.

Intitulado “Racismo ambiental e saúde: um estudo do bairro Santa Maria, em Aracaju (SE)”, o quinto artigo, de autoria de Josiane Soares Santos, aponta os efeitos da relação entre o racismo ambiental e o direito à cidade, denunciando a violência racial no processo de escolha da localização de depósitos de lixo e na omissão diante da necessidade de oferta de saneamento ambiental na região.

Por fim, o artigo “Novos paradigmas epistemológicos: atores humanos e não humanos na ampliação das experiências sociais”, de autoria de Pedro Henrique Vanzo e Narayana Astra van Amstel, apresenta um debate sobre uma nova epistemologia ecológica, aplicada pelo grupo indígena Krenak, que reconhece e valoriza a interação humana e não humana na produção de saberes e experiências sociais.

Fechando a seção temática, a edição traz a público uma entrevista realizada pela Prof<sup>a</sup> Dra. Potyara Amazoneida Pereira Pereira com Ian Gough, Professor Emérito da Universidade de Bath e Professor Visitante na *London School of Economics* (LSE), ambas situadas na Inglaterra. Desde 2009, o Prof. Ian Gough tem se dedicado a pesquisar as mudanças climáticas e suas consequências morais, econômicas e sociais, com ênfase no impacto do avanço do capitalismo sobre o aquecimento global e nas possibilidades de futuro pela via das políticas ecossociais, de modo que possam garantir a satisfação das necessidades humanas e o bem-estar sustentável. Seus estudos culminaram na publicação do livro “Heat, Greed and Human Need: Climate change, capitalism and sustainable wellbeing” (2017), cuja resenha, realizada pelo doutorando Jefferson Sampaio, compõe esta edição.

Além disso, na seção de temas livres, esta edição da Revista SER Social traz a público seis artigos que versam sobre: 1) racismo estrutural e superexploração do trabalho; 2) pauperismo no Brasil em tempos de Covid-19; 3) as lutas pelo direito à cidade; 4) Serviço Social e pandemia; 5) a contrarreforma da Previdência e o retrocesso dos direitos previdenciários das mulheres; e 6) racismo de Estado e eugenia sob a égide neoliberal.

A Comissão Editorial da Revista deseja-lhes uma boa leitura e espera que o público leitor se enriqueça com os debates críticos apresentados a respeito da referida temática desta edição.

Brasília (DF), janeiro de 2023

Lucélia Luiz Pereira

<https://orcid.org/0000-0001-9722-143X>

Camila Potyara Pereira

<https://orcid.org/0000-0003-1117-2468>

Cristiano Guedes

<https://orcid.org/0000-0001-6908-2604>

Hayeska Costa Barroso

<https://orcid.org/0000-0002-8280-7187>

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

## A “questão ambiental” na realidade brasileira contemporânea

*The “environmental issue” in the contemporary brazilian reality*  
*La “cuestión ambiental” en la realidad brasileña contemporánea*

Nailsa Maria Souza Araújo<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-5908-2632>

Millena de Farias Lima<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-3451-4459>

Recebido em: 05/09/2022

Aprovado em: 08/11/2022

**Resumo:** O presente artigo almeja apontar elementos acerca dos fundamentos da “questão ambiental” e de suas expressões no contexto do capitalismo neoliberal/ultraliberal, além de algumas das respostas que lhe são dadas na particularidade do Brasil desde a década de 1970 até os dias atuais. O método de abordagem foi o materialismo histórico-dialético, oriundo das obras de Marx, que fundamentou a pesquisa bibliográfica realizada, pois possibilita o conhecimento da realidade

<sup>1</sup> Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-Doutora em Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PROSS/UFS). E-mails: <nayaraujo5@yahoo.com.br> e <nailsa68@academico.ufs.br>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0736366209736415>>.

<sup>2</sup> Graduanda de Serviço Social. Discente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe. E-mails: <millenadefarias@gmail.com> e <millenafariass@academico.ufs.br>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4905313579717410>>.

concreta (pensada), indo além das aparências para alcançar a essência dos fenômenos. A investigação foi bibliográfica e qualitativa. Este trabalho tem por objetivo compreender as expressões da “questão ambiental” na realidade contemporânea do Brasil. Os resultados obtidos mostram que, dentro da lógica capitalista de exploração da natureza, é impossível eliminar as expressões da “questão ambiental” e que, apesar dos avanços na esfera ambiental no Brasil, os últimos anos representaram enormes perdas e desmontes em relação à natureza.

**Palavras-chave:** “questão ambiental”; Brasil; neoliberalismo; realidade contemporânea.

**Abstract:** This article aims to point out elements about the foundations of the “environmental issue” and its expressions in the context of neoliberal/ultraliberal capitalism, as well as some of the answers given to it in the particularity of Brazil from the 1970s to the present day. The method of approach was the historical-dialectical materialism, originating from the works of Marx, which founded the bibliographic research carried out, as it allows the knowledge of the concrete reality (thought), going beyond the appearance to reach the essence of the phenomena. The investigation was bibliographical and qualitative. This work aims to understand the expressions of the “environmental issue” in the contemporary reality of Brazil. The results we arrived at show that within the capitalist logic of exploitation of nature it is impossible to eliminate the expressions of the “environmental issue” and that despite advances in the environmental sphere in Brazil, recent years have represented enormous losses and dismantling in relation to nature.

**Keywords:** “environmental issue”; Brazil; neoliberalism; contemporary reality.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo señalar elementos sobre los fundamentos de la “cuestión ambiental” y sus expresiones en el contexto del capitalismo neoliberal/ultraliberal, así como algunas de las respuestas dadas a ella en la particularidad de Brasil desde la década de 1970 hasta la actualidad. El método de abordaje fue el materialismo histórico-dialéctico, con origen en los trabajos de Marx, que fundamentó la investigación bibliográfica realizada, ya que permite el conocimiento de la realidad concreta (pensamiento), yendo más allá de la apariencia para llegar a la esencia de los fenómenos. La investigación fue bibliográfica

y cualitativa. Este trabajo tiene como objetivo comprender las expresiones de la “cuestión ambiental” en la realidad contemporánea de Brasil. Los resultados a los que arribamos muestran que dentro de la lógica capitalista de explotación de la naturaleza es imposible eliminar las expresiones de la “cuestión ambiental” y que a pesar de los avances en el ámbito ambiental en Brasil, los últimos años han representado enormes pérdidas y desmantelamiento en relación a la naturaleza.

**Palabras clave:** “cuestión ambiental”; Brasil; neoliberalismo; realidad contemporánea.

## INTRODUÇÃO

Na conjuntura de ampliação da degradação do meio ambiente, tanto no Brasil quanto nos demais territórios do mundo, sobretudo a partir da década de 1970, questões em torno dessas problemáticas têm se tornado cada vez mais recorrentes.

No capitalismo, o movimento da produção de mercadorias estabelece a apropriação gradativa dos recursos naturais em escala superior ao período de que a natureza necessita para se restabelecer. É a partir da superprodução de mercadorias para atender às necessidades da produção globalizada e da extração exacerbada de bens naturais que é ocasionada a “questão ambiental”. Segundo Costa (2019), as bases da formação e da agudização desta são resultantes da conformação destrutiva da produção capitalista de mercadorias.

No Brasil, problemáticas em torno da “questão ambiental” passaram a compor a agenda política e têm encontrado desdobramentos. Com a economia baseada na produção primária, notadamente nas *commodities* agrícolas e minerais, a hiperexploração dos recursos naturais no país se agudiza. Desdobramentos como queimadas e desmatamentos são cada vez mais frequentes e acabam provocando desastres ou mesmo crimes ambientais. Apesar de alguns esforços, as respostas dadas em torno dessa problemática muitas vezes foram e são inadequadas e inócuas.

O presente artigo tem por objetivo geral compreender as expressões da “questão ambiental” na realidade contemporânea do Brasil. Para isso, procura fazê-lo ao apreender a discussão acerca da relação entre a sociedade e a natureza no capitalismo e ao conhecer os principais aspectos da destrutividade ambiental no país.

Os fundamentos metodológicos advêm do materialismo histórico-dialético, método que possibilita progredir gradativamente nas investigações, obter reflexões lógicas e entender as contradições constituintes da totalidade das relações concernentes à problemática. O trabalho se baseia em pesquisa bibliográfica, que é realizada a partir da leitura de livros e artigos científicos, e também é orientado por pressupostos de pesquisas qualitativas de coleta e análise de dados documentais.

## **1. A relação sociedade-natureza no capitalismo, a crise e a destrutividade ambiental**

A relação entre a sociedade e a natureza, segundo Marx (2013), mediada pelo trabalho produtor de valores de uso, é fundante do ser social. A relação entre a humanidade e a natureza é fundamental para que a primeira permaneça viva, já que a natureza tem papel essencial no processo de formação e reprodução do ser social. Ao contrário da relação entre os demais seres vivos e a natureza, que é estabelecida geneticamente, a relação entre a sociedade e a natureza vai além das necessidades comuns do reino estritamente animal: é uma relação de transformação, com o intuito de satisfazer necessidades sociais, garantindo a reprodução da espécie e de seu modo de vida. De acordo com Costa e Araújo (2020, p. 101-102):

[...] o sociometabolismo inerente à relação homem-natureza constitui um determinado equilíbrio entre o homem e o meio ambiente, já que a existência da humanidade é condicionada pela existência da natureza, com a qual o homem necessita manter um intercâmbio contínuo para garantir a produção e a reprodução de sua vida material e espiritual. Isso é, exatamente, a chamada relação metabólica entre o homem e a natureza, a qual é mediada pelo trabalho – categoria fundante do ser social.

O trabalho é uma relação entre o homem/a mulher e a natureza. Aqueles, por sua vez, a partir da sua ação, atuam e dominam seu metabolismo com a natureza, colocando em movimento sua força para se apropriar da matéria natural, com o intuito de transformá-la em algo útil para a sua vida. Para a constituição do ser social, o trabalho foi e é fator fundamental no processo histórico de humanização, possibilitando

a diferenciação entre o ser social e o ser natural. Ao modificar a natureza, o ser humano também se transforma (MARX, 2013). O trabalho implica, então, uma relação entre a prévia ideação e a realidade concreta, já que, para se obter uma finalidade, é necessário idealizá-la de forma prévia, com o intuito de definir instrumentos que tornem possível sua realização.

Sabe-se que o capitalismo surge a partir da desestruturação do sistema feudal e do nascimento de duas novas classes sociais: a burguesa e o proletariado. Esse processo de transição do feudalismo para o capitalismo, assim como o nascimento dessas novas classes, se deu pela modificação do setor produtivo e pelas relações de trabalho, sendo resultado de um processo histórico operado entre os séculos XV e XVIII, constituído, entre outras tantas características, pela “acumulação primitiva ou originária”, que é a “pré-história do capital e do modo de produção” (NETTO; BRAZ, 2012)<sup>3</sup>.

Foi a partir de dois processos – a pilhagem das colônias e o cercamento de terras comunais – que a propriedade privada e a expropriação dos produtores diretos começaram a reconfigurar a relação entre a sociedade e a natureza e a apropriação da riqueza produzida em sociedade. Desta forma, define-se quem tem ou não acesso à riqueza produzida socialmente, demarcando duas classes antagônicas: a detentora privada dos meios de produção e a que não os possui, dando origem ao trabalho assalariado. Com isso, o trabalhador tornou-se proprietário apenas de sua força de trabalho, a qual vende como mercadoria a ser inserida no processo de trabalho capitalista. Os produtos daí advindos são valores de troca, propriedades dos capitalistas (COSTA; ARAÚJO, 2020, p. 107-108).

O capitalismo se desenvolveu em três fases: o capitalismo mercantil, o concorrencial e o monopolista ou imperialista. São períodos de amadurecimento do sistema do capital, de seu espraiamento pelos territórios e, ao final, de seu pleno domínio/hegemonia. Com bases marxianas, é possível afirmar que é durante as etapas concorrencial e monopolista/imperialista (esta última iniciada em 1890, quando o capital bancário e o capital industrial se fundem e dão origem a uma nova forma de capital: o capital financeiro) que se pode identificar o início do processo de “falha metabólica”.

---

<sup>3</sup> De acordo com os autores, a acumulação primitiva primária ocorreu ainda no interior do regime feudal, criando as condições fundamentais para o surgimento do modo de produção capitalista: a expropriação e a exploração do trabalho pelo capital.

O estágio monopolista, compreendido como a terceira fase do capitalismo, foi consolidado com a I Guerra Mundial e estabelecido na produção industrial por meio da articulação de formas específicas das atividades econômicas, tendo como características principais fatos que remetem à Segunda Revolução Industrial. Dentre outras características importantes que constituem esse estágio, notam-se a descoberta do petróleo como fonte de energia, a evolução nos transportes e a indústria automobilística, os acordos entre os grandes monopólios (que seriam as empresas multinacionais) e a intervenção do Estado na economia, que contrariava o pensamento liberal-conservador, com as chamadas “políticas keynesianas”.

A instituição do modo de produção capitalista, particularmente em suas fases industriais, baseado na propriedade privada dos meios de produção e na exploração da natureza e do trabalho assalariado como mercadoria, permite que se compreendam as transformações radicais na relação humanidade-natureza e, por conseguinte, seus elevados níveis de desequilíbrios ecológicos, que instituem a assim chamada “falha metabólica”.

Nas palavras de Foladori (2008, p. 200), a falha metabólica é a “[...] ruptura do metabolismo da sociedade humana com a natureza externa”: se refere à característica da sociedade capitalista de provocar uma repentina separação entre o campo e a cidade. Essa divisão permite que se concentrem nas cidades a matéria-prima, a população, a infraestrutura, o maquinário e o consumo. Tal ruptura causa o distanciamento da matéria-prima do seu lugar de origem, ocasionando o desperdício e o rompimento com o metabolismo natural. Antes do modo de produção capitalista, era possível haver equilíbrio na relação metabólica, pois, para a produção de valores de uso, utilizava-se e retirava-se da natureza apenas o necessário e também acontecia a devolução de nutrientes ao solo, na forma de rejeitos.

A conjugação entre exploração-expropriação/degradação do trabalho e da natureza caracteriza a dinâmica essencial do desenvolvimento do capitalismo desde a sua conformação inicial e tem manifestações consideráveis na atualidade, com o crescimento da “acumulação por expropriação” (HARVEY, 2004). Tal dinâmica diz respeito a mudanças contemporâneas na divisão internacional do trabalho, aprofundando a dominação dos países periféricos pelos países de capitalismo central, o que faz aumentar as desigualdades entre as nações e torna a exploração

dos recursos naturais catastrófica. A “acumulação por despossessão”, no Brasil, enquanto país periférico, produtor de bens primários que contribui para a expansão capitalista no novo imperialismo, pode ser demonstrada pela

[...] existência de uma riquíssima biodiversidade, de uma força de trabalho barata, abundante e com baixo poder de organização sindical e política, de uma regulação ambiental frouxa e frágil, [que] coaduna-se com a mais recente recomposição das forças políticas neoconservadoras e reacionárias, que, ao assumirem os poderes de Estado para implantação das programáticas ultraliberais, oferecem o espectro desejável e necessário ao pleno desenvolvimento tanto da exploração do trabalho e espoliação dos bens naturais quanto da intensa mercantilização financeira da natureza (ARAÚJO; SILVA, 2021, p. 13).

Quando se analisam as fases ou etapas do desenvolvimento do capitalismo, é importante ressaltar que este é oriundo da história de uma sucessão de crises econômicas. As crises capitalistas atravessam séculos. Após a II Guerra Mundial, o capitalismo monopolista vive um período caracterizado pela produção em massa, pelo consumo de massa e pelo crescimento deste consumo, designado de fordismo-keynesianismo. Tal período histórico, aclamado como “anos dourados” do capitalismo, adotou políticas keynesianas, conquistou taxas de crescimento econômico “amplas e estáveis” e ampliou a qualidade de vida de importantes frações da classe trabalhadora. A ideologia burguesa e reformista identificou, assim, que as crises haviam sido controladas, afinal. Contudo, tratou-se de uma realidade parcial e localizada, porque não se repetiu no período seguinte (NETTO; BRAZ, 2012), já que não foi uma característica de todas as sociedades capitalistas, concentrando-se na Europa ocidental e nórdica.

Diferentemente das crises pré-capitalistas, que ocorriam em virtude da subprodução de valores de uso, as crises do modo de produção capitalista são de superprodução de valores de troca. O que se sucede é que a oferta de mercadorias e de capital se torna maior do que a sua demanda, tornando inviável a realização da mais-valia ou de parte dela na circulação, o que vem a provocar uma interrupção do processo de acumulação.

As crises são resultantes da dinâmica contraditória do modo de produção capitalista, pois ao mesmo tempo em que expressam a própria contradição inerente a tal sociabilidade manifestam, ainda, seu desequilíbrio e sua instabilidade, criando condições para um novo *auge* e, conseqüentemente, para um novo ciclo. Desse modo, perpetuam a reprodução e a ampliação de tais contradições. Não seria de surpreender, portanto, que – com a concepção de crise aqui sustentada – os chamados anos gloriosos do capitalismo avançado chegassem ao fim. Segundo Mézáros (2002, p. 788-789), esse cenário que assola os países numa escala mundial constitui uma crise estrutural do capital, que se caracteriza por afetar a totalidade do corpo social.

A crise estrutural do capital não afeta apenas o setor econômico, mas incide sobre todos os complexos sociais, provocando desmontes. Verbas são cortadas e direitos são negados. Na crise estrutural, é posta “[...] em questão a própria existência do complexo global envolvido, postulando sua transcendência e sua substituição por algum complexo alternativo” (MÉSZÁROS, 2002, p. 789).

Posto tal cenário, a burguesia toma iniciativas e oferece saídas, dentre as quais a implantação da programática neoliberal, que se caracteriza por “um conjunto de medidas políticas, econômicas e sociais que visam tirar o capitalismo da crise e criar as condições necessárias para a recuperação da lucratividade da ordem global do capital em queda” (PANIAGO, 2008, p. 2). É um projeto que defende medidas de liberalização e desregulamentação dos mercados, aumento exacerbado da produção de mercadorias e, conseqüentemente, uso sem precedentes de bens não renováveis, ao mesmo tempo em que apoia a austeridade nos gastos sociais, ou seja, enquanto dá liberdade contínua para o capital, procura restringir os direitos sociais.

A partir da década de 1990, nos países periféricos, o Estado promoveu a abertura dos mercados e deu acesso ao capital privado a atividades antes de responsabilidade do setor público. Para tanto, empresas estatais são privatizadas, funções públicas são transferidas para o setor público não estatal e operam-se inúmeras contrarreformas para uma dada desresponsabilização do Estado no tocante às políticas sociais, com o favorecimento do terceiro setor. *Pari passu*, dá-se o enfraquecimento da capacidade de organização e de luta da classe trabalhadora, por meio do ataque aos direitos, do desemprego, do trabalho precarizado, do arrocho

salarial, bem como da redução do poder de compra, com a inflação<sup>4</sup> (Idem, *Ibidem*).

Nessa conjuntura de crise estrutural do capital e de implementação do projeto neoliberal, a destrutividade ambiental assume tendência ascendente, acarretando também o aprofundamento e a ampliação da falha metabólica. A reprodução, de forma ampliada, característica desse modo de produção, demonstra – nesse período de crise estrutural e de mundialização financeira – “um conjunto de novas determinações na relação humanidade-natureza, com severos impactos ambientais e sociais” (ARAÚJO, 2021, p. 12). Com o processo de globalização neoliberal, há a exacerbação da “questão ambiental” em níveis alarmantes de devastação ambiental e de mercantilização da natureza.

No que se refere à expansão do capitalismo nos “anos dourados”, houve mais expressões destrutivas da natureza, em virtude da ampliação da urbanização, com enorme geração de dejetos e o uso mais intensivo dos recursos naturais, que explodiram hoje na problemática particular do capitalismo neoliberal. No tempo presente, a destrutividade ambiental acaba ganhando maiores proporções, já que houve ampliação da extração de recursos naturais, especialmente os não renováveis. Esses efeitos não atingem as classes sociais de forma igual, visto que a classe trabalhadora sofre as maiores consequências, por ter a sua reprodução física ameaçada pela “crise ambiental”, devido ao consumo desigual dos recursos naturais, já que estes se encontram escassos e mercantilizados.

Algumas das expressões mais impactantes da crise ambiental são geradas a partir da obsolescência programada e do desperdício. As estratégias adotadas pelo capitalismo para minimizar as expressões da “questão ambiental” são variadas, embora em grande parte mercantis, técnicas e ineficazes. Observe-se o exemplo da chamada “modernização ecológica”, que “[...] propõe conciliar o crescimento econômico com a resolução dos problemas ambientais, dando ênfase à adaptação tecnológica, à celebração da economia de mercado, à crença na colaboração e no consenso [...]” (ACSELRAD, 2009, *apud* COSTA, 2019, p. 50). Veja-se também a estratégia de “desenvolvimento sustentável”, que para Costa (2019) é uma “[...] proposta reformista que visa contribuir para a manutenção e perenidade desse modo de organização da vida social”. As respostas do capital, concentradas nessas e em outras estratégias

---

4 Isso não significa dizer que tais medidas serão implementadas de maneira idêntica em todos os países, pois a correlação de forças da luta de classes é um fator preponderante.

(consumo consciente, economia reversa etc.), são formas de falsear ou esconder a real problemática a partir de soluções fenomênicas.

## **2. As expressões particulares da “questão ambiental” na realidade brasileira contemporânea**

A exploração de bens naturais de forma predatória sempre esteve presente enquanto particularidade dos negócios econômicos do país, desde o Brasil colônia até os dias atuais. Apesar do uso perdulário dos recursos naturais, a “questão ambiental” só se transfigurou em preocupação política há pouco tempo e passou a compor a agenda dos grandes problemas nacionais. O caráter destrutivo da natureza exercido pelo capital no Brasil, enquanto país periférico, tem suas raízes seja na acumulação primitiva de capital a serviço da metrópole, seja no desenvolvimento tardio do capitalismo. Segundo Vieira (2020), os processos de exploração e degradação ambiental no Brasil foram acentuados, no processo em que o modo especificamente capitalista de produção e organização social se instalava no país.

É a partir da década de 1930 que se abre o período de real expansão industrial no Brasil, com a exploração do petróleo, a produção de fontes de energia a partir do álcool e a implementação de hidrelétricas, características que vão acentuando-se ao longo das décadas seguintes. Mas é na contemporaneidade, com a reestruturação produtiva do capital enquanto dispositivo de saída da crise estrutural de meados de 1970, que é gerada “[...] uma série de estratégias pelas quais se configuraram novas formas de exploração, [...] o que demandou a intensificação do uso de recursos ambientais em prol da manutenção do desenvolvimento econômico [...]” (VIEIRA, 2020, p. 150). Tais estratégias da geopolítica mundial acabam ocasionando a flexibilização das relações trabalhistas, processos de privatizações, a liberalização comercial e a desregulamentação financeira.

A degradação ambiental, a partir da década de 1970, gerada pelo acelerado desenvolvimento econômico e urbano do período anterior, começou a ocupar espaço cada vez maior nos meios de comunicação, bem como tornou-se preocupação da opinião pública, sensibilizando vários grupos, além do próprio Estado, para a defesa do meio ambiente. Apesar disso, como mostram Loureiro e Pacheco (1995), a Conferência

das Nações Unidas sobre o Homem e o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, no ano de 1972, marcou o posicionamento do Brasil e de outros países subdesenvolvidos no que diz respeito às questões ligadas ao meio ambiente, de forma a respaldar a prioridade do “progresso acelerado” em oposição ao interesse da preservação ambiental. A realização da Conferência e a controvérsia gerada pelo posicionamento do governo brasileiro, todavia, dissonavam do debate internacional, levando a mudanças no quadro nacional logo na sequência.

[...] Mesmo que de forma lenta e frágil, a realização do encontro de Estocolmo foi um marco na institucionalização dos problemas ambientais no Brasil. Desde então, alguns temas são recorrentes no discurso do governo brasileiro sobre a questão ambiental: a necessidade de articular a temática ambiental às metas de desenvolvimento; o temor quanto à ingerência estrangeira nos assuntos internos do país; a crítica aos países industrializados, maiores poluidores e, ao mesmo tempo, resistentes a mudanças na ordem econômica internacional. É neste quadro que tem início, no âmbito governamental, a criação de órgãos explicitamente envolvidos com o controle e regulamentação do meio ambiente (LOUREIRO; PACHECO, 1995, p. 138).

No contexto brasileiro, em consonância com o internacional, a defesa do meio ambiente encontrava-se limitada a determinadas parcelas sociais até os anos de 1970. As reivindicações refletiam finalidades específicas, incluindo, por exemplo, “[...] manifestações de protesto contra o acordo nuclear Brasil-Alemanha, a poluição em Cubatão, o desflorestamento da Amazônia, o uso abusivo de agrotóxicos, denúncias da destruição de outros recursos naturais por parte de grupos econômicos poderosos [...]” (LOUREIRO; PACHECO, 1995, p. 138). Além dessas finalidades, também existiam movimentos em defesa da preservação de florestas e de espécies em extinção.

O Brasil, na década de 1980, por ter desacelerado o seu desenvolvimento industrial e por não ter completado o seu processo de industrialização pesada, sofreu consequências decorrentes da crise que se instaurou na década anterior e que estão postas até a atualidade. Como exemplos, podem ser citadas a desindustrialização e a reprimarização econômica. Tais fatores levaram a economia brasileira à dependência

da produção de *commodities* agrícolas e minerais voltadas para a exportação (VIEIRA, 2020).

O referido modelo fundado nas *commodities*, que realmente tem impacto reprimarizador na economia nacional, é apresentado como uma “fuga” para a crise econômica brasileira, o que explica, por sua vez, o interesse deste modelo de produção – que se baseia também na exploração intensiva de latifúndios – em espaços com vasta extensão territorial e de riqueza natural. Ademais, há uma flexibilização das leis e impostos, como parte das estratégias do Estado neoliberal, que estimula a apropriação dos recursos, facilitando assim a entrada desses capitais nos países que ainda possuem recursos naturais em abundância (ARAÚJO, 2020, p. 129).

A perspectiva ambiental na década de 1980 se disseminou por vários níveis e espaços sociais. Diversos partidos, sindicatos e movimentos sociais começaram a inserir a “questão ambiental” em suas ações. Além disso, pesquisas sobre o meio ambiente ganharam espaço nas universidades, bem como a incorporação do tema em estratégias de *marketing* empresarial e o surgimento do mercado ambiental etc. Já na esfera política, em 1982, os “verdes” passaram a ter espaço nas disputas eleitorais. Além disso, na Constituição de 1988, foi inserido um capítulo sobre o meio ambiente, decorrente dos debates ambientais, que estavam em alta.

Entre 1995 e 2003, o Brasil foi governado por Fernando Henrique Cardoso. O então presidente efetivou o neoliberalismo no país e estabeleceu os processos de privatizações, controle fiscal e contrarreformas do Estado. Entre 1990 e 2000, as estratégias de Estado estavam fundamentadas na recolocação do Brasil no bojo da divisão internacional do trabalho. O avanço do capital internacional sobre a natureza de forma destrutiva se aprofundou sob a gestão de FHC, já que o país voltou à clássica posição de exportador de matérias-primas e recursos naturais, o que acarretou enormes impactos ambientais, tais como o crescimento do índice de desmatamento na Floresta Amazônica e na Mata Atlântica, além de queimadas por toda a extensão do território nacional etc.

O Brasil, país de economia subalterna na dinâmica do mercado global capitalista, uma vez passadas as décadas industrializantes (bem como o seu fracasso), volta a ter por base econômica a exploração e

exportação de matérias-primas. Acosta (2016, p. 48) afirma que todos os países que possuem abundância de recursos naturais acabam fadados a ficar às margens da economia mundial, sendo sentenciados como “pobres” e mais atrasados. Segundo o autor, “esses países estariam presos a uma lógica perversa, conhecida na literatura especializada como ‘paradoxo da abundância’ ou ‘maldição dos recursos naturais’”. No entanto, a saída ora encontrada para tal “casualidade” é a intensificação de projetos neoliberais.

As nações que têm suas bases econômicas no extrativismo ou na produção de *commodities* são reconhecidas como as que mais vivenciam os ônus dos impactos ambientais. Ainda de acordo com Acosta (2016, p. 50), as atividades econômicas baseadas no extrativismo se referem “[...] às atividades que removem grandes volumes de recursos naturais não processados (ou processados apenas parcialmente) e que se destinam sobretudo à exportação”. Diante da saída neoliberal, a destrutividade ambiental e os destroços que são gerados a partir do extrativismo são encarados enquanto “[...] custos inevitáveis para se alcançar o desenvolvimento” (Idem, *Ibidem*, p. 49). O chamado neodesenvolvimentismo faz parte do conjunto das reações neoliberais na economia brasileira. Sabe-se que o neodesenvolvimentismo nacional e dos demais países da América Latina está ligado diretamente ao neoextrativismo, que

[...] é “uma inserção internacional subordinada e funcional à globalização” do capitalismo transnacional. Não apenas mantém, mas avança com “a fragmentação territorial, com áreas relegadas e enclaves extrativos associados aos mercados globais”. Consolida e, “em alguns casos, agrava os impactos sociais e ambientais dos setores extrativos”. [...] O neoextrativismo eventualmente mantém e reproduz elementos-chave do extrativismo de raiz colonial (ACOSTA, 2016, p. 66-67).

Durante os governos Lula (2003-2011), é sabido que o Estado neoliberal continuou a imperar, embora com a ideologia neodesenvolvimentista e as diferenças no jogo democrático e em alguns quadros das políticas sociais. Quanto à “questão ambiental”, havia quatro linhas que marcaram a política ambiental brasileira durante o primeiro governo Lula:

- i) promoção do desenvolvimento sustentável, não só no aspecto ambiental, mas também no social e no econômico;
- ii) controle e participação social, com a colaboração

qualificada e efetiva da sociedade nos processos decisórios; iii) fortalecimento do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), com a gestão ambiental compartilhada entre os governos federal, estaduais e municipais; e iv) envolvimento dos diferentes setores do Poder Público na solução dos problemas ambientais, chamado princípio da “transversalidade”, com o meio ambiente entrando na agenda de todos os ministérios e demais órgãos públicos (KAGEYAMA; SANTOS, 2012, p. 181).

No ano de 2009, na Conferência de Copenhague, na Dinamarca (COP 15), o presidente Lula reconheceu que as nações precisavam de medidas a favor do combate ao aquecimento global<sup>5</sup>. Porém, em seu discurso, Lula argumentou sobre a necessidade de progredir na economia internacional da seguinte maneira: “[...] nós passamos um século sem crescer, enquanto outros cresciam muito. Agora que nós começamos a crescer, não é justo que voltemos a fazer sacrifício” (Idem, *Ibidem*, p. 183-184). A fala do então presidente é um tanto contraditória. O Brasil não passou um século sem crescer. Um exemplo disso é o crescimento econômico vivenciado durante o “milagre econômico” do regime militar<sup>6</sup>. Tal discurso é falso e lembra a fala do ministro Costa e Cavalcante durante a Conferência de Estocolmo em 1972, quando defendeu que o Brasil precisava se desenvolver primeiro e depois pagaria os custos da poluição.

Embora tenham sido elencadas propostas de defesa do meio ambiente durante a COP-15, os governos de esquerda no Brasil (Lula e Dilma) não tentaram mais do que a conciliação de classes, implementaram leis para a proteção ambiental e a demarcação de terras para os povos tradicionais, mas mantiveram as engrenagens da produção destrutiva do capitalismo.

A degradação ambiental, a desigualdade social e a privatização dos recursos naturais fazem parte da formação social brasileira e manifestam-se de forma intensificada a partir do processo de globalização do capital. Fato inegável, por exemplo, é a sua exacerbação no atual governo Bolsonaro e em sua pauta neofascista, “[...] que pratica uma política inofensiva aos latifúndios e extremamente predatória em relação

5 Em seu discurso, declarou que estava frustrado “[...] porque há muito tempo discutimos a questão do clima e cada vez mais constatamos que o problema é mais grave do que nós possamos imaginar” (LEIA, 2009, *apud* NASCIMENTO, 2020, p. 183-184).

6 Embora o crescimento econômico no Brasil durante o período ditatorial seja reconhecido como uma salvação, foi no mesmo período que houve um grande crescimento da miséria, da pobreza e das desigualdades sociais.

à agricultura familiar e aos povos tradicionais, em particular aos povos indígenas [...]” (SILVA, 2019, p. 3).

A tendência neoconservadora e ultraliberal da política brasileira nos últimos anos se expressa no aprofundamento das expressões da “questão ambiental” no país. O governo Bolsonaro é marcado por intensos desmontes quanto à preservação ambiental. Desde a sua campanha presidencial, o então candidato se posicionou contra a agenda ambiental do país, considerando as políticas de regulação ambiental um entrave para o desenvolvimento econômico brasileiro. O ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, afirmou que os principais órgãos de pesquisas sobre o aquecimento global “[...] não passam de antros de ‘ideólogos’ conspiradores de esquerda” (SCANTIMBURGO, 2018, p. 107). Dentre os desmontes da agenda ambiental deste governo, estão os seguintes:

[...] um conjunto de ações que fragilizaram o Ministério do Meio Ambiente, inclusive, retirando de sua alçada as agências responsáveis pela regulamentação do setor hídrico e florestal [...], [uma] reforma administrativa que retirou a Agência Nacional de Águas do Ministério do Meio Ambiente e a transferiu para o Ministério do Desenvolvimento Regional, que passou a ter a incumbência de gerir as políticas de águas e de serviços ligados aos recursos hídricos (ANA, 2019). [...] [O] Serviço Florestal Brasileiro, criado em 2006, durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, órgão responsável por gerir as florestas públicas, saiu da pasta do Ministério do Meio Ambiente e foi transferido para o Ministério da Agricultura (UNISINOS, 2019; *apud* SCANTIMBURGO, 2018, p. 108-109).

Tal quadro é motivo de preocupações de ambientalistas mundo afora e no Brasil, principalmente dos grupos sociais que são direta e indiretamente afetados pelos agravos da referida destrutividade: povos tradicionais, pescadores artesanais, trabalhadores rurais e moradores de territórios para os quais se dirige o grande capital financeiro/produtivo em busca de sobrevalorização. Pensava-se que os inúmeros desmontes na esfera ambiental teriam “[...] como consequência a imediata flexibilização em larga escala das políticas de controle do desmatamento em vigor no país” (Idem, *Ibidem*). Passado menos de um lustro, já são perceptíveis as consequências dessas ações, capazes de ocasionar um

colapso ambiental em curto prazo, com a ampliação das áreas desmatadas, dos grandes crimes ambientais, das enchentes e secas etc.

A ampliação de áreas voltadas para o agronegócio e para atividades mineradoras devido às necessidades do neoimperialismo gera inúmeras consequências, que atingem várias populações. Exemplos tenebrosos disso foram os casos do rompimento de barragens de rejeitos, como recentemente no Estado de Minas Gerais (em 2015 e 2019), geradores da morte de grande parte da fauna e da flora local e de grande número de pessoas. Ambos “desastres” foram decorrentes de crimes cometidos pela Samarco e pela Vale do Rio Doce, grupos monopolistas do ramo da extração de minérios.

Outros impactos ambientais podem ser observados no relatório “O estado do clima na América Latina e Caribe”, da Organização Meteorológica Mundial (OMM). No documento, verifica-se o quanto as mudanças climáticas estão ameaçando a saúde, a produção de alimentos, a água e os ambientes locais. As queimadas que ocorreram no ano de 2020 no Pantanal brasileiro atingiram cerca de 26% da área, causando o deslocamento de pessoas e animais, bem como a queda no fornecimento de água e energia etc. Esses incêndios causaram danos irreversíveis aos ecossistemas. A perda de áreas florestais provocou mudanças climáticas, devido à emissão de dióxido de carbono na atmosfera. Desde 2018, a bacia do Rio Amazonas vem enfrentando vastos desmatamentos, que são o efeito de incêndios criminosos para a criação de pasto para o gado. Um estudo do MapBiomas (2020) sobre a água mostra que a superfície da água no país foi reduzida em mais de 15% desde os anos de 1990, devido à dinâmica do uso da terra para fins de produção e reprodução de capital.

Segundo o G1, nos seis primeiros meses de 2021, foi registrada na Amazônia a maior área de desmatamento dos últimos 6 anos. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), a Floresta Amazônica teve cerca de 20% de sua área desmatada. É válido ressaltar que, além da Amazônia, outros biomas vêm sofrendo com a política ambiental atual. É o caso do Cerrado, que vive excessivos desmatamentos, incêndios e queimadas. No Pantanal, no ano de 2020, houve um recorde no número de queimadas e cerca de 18 milhões de animais vertebrados morreram em decorrência dessa catástrofe ambiental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos e os dados problematizados observados fazem notar que a “questão ambiental” é ineliminável no modo de produção capitalista. No capitalismo, é necessária a produção intensiva e extensiva de mercadorias, de valores de troca, passíveis de serem convertidas em mais-valia, o que não se faz sem dilapidar os dois elementos sem os quais não se produz riqueza: a natureza e a força de trabalho.

No contexto brasileiro, desde o período ditatorial até os dias atuais, a “questão ambiental” pulula. Apesar de algumas conquistas do movimento ambientalista em nível nacional durante os governos de esquerda, os últimos anos – governo Bolsonaro – representaram grandes perdas e desmontes nessa esfera. Como consequência de tal descaso, o Brasil se torna centro da produção perdulária e das atenções no que diz respeito às negligências em relação à natureza e ao meio ambiente.

Tais problemáticas levantam alertas e podem requerer a construção de concepções e propostas que se afastem das soluções eminentemente técnicas e reformistas, avançando para outras mais próximas da superação do modo de vida predatório e perdulário que é ineliminável no capitalismo. A questão que se nos impõe é a seguinte: quem são os sujeitos que assumirão esta tarefa? Muitos hoje se organizam e procuram avançar nas lutas. O Serviço Social brasileiro com estes dialoga?

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. Extrativismo e neoextrativismo: Duas faces da mesma maldição. In: DILGER, G.; LANG, M.; PEREIRA FILHO, J. [orgs.] **Descolonizar o imaginário**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo/Autonomia Literária/Editora Elefante, 2016, p. 46-87.

ARAÚJO, N. M. S. Conflitos envolvendo mineração no Brasil e em Portugal: lutas sociais em destaque. Relatório de Pós-doutorado. (Pós-Doutorado em Estudos Transdisciplinares em Desenvolvimento) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Portugal, 2020.

ARAÚJO, N. M. S.; SILVA, M. G. O metabolismo social e sua ruptura no capitalismo: Aspectos históricos e sua configuração na etapa da financeirização da natureza. **Revista Germinal**: Marxismo e questão ambiental, v. 13, nº 2, set. 2021, p. 151-173.

COSTA, J. M. A. **Conflitos socioambientais no estado de Sergipe: Natureza, elementos deflagradores e sujeitos políticos envolvidos.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

COSTA, J. M. A.; ARAÚJO, N. M. S. Questão ambiental: breve reflexão sobre seus fundamentos históricos e conceituais. In: **Estado, questão ambiental e conflitos socioambientais.** ARAÚJO, N. M. S. [Org.]. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2020.

FOLADORI, G. A reedição capitalista das crises ambientais. Revista Outubro, [S.l.], v. 1, n. 17, p. 191-207, 2008.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo.** São Paulo: Loyola, 2004. ISBN: 0-19-926431-7.

KAGEYAMA, P. Y.; SANTOS, J. D. Aspectos da política ambiental nos governos Lula. **Revista Faac**, Bauru, v. 1, nº 2, p. 179-192, out. 2011/mar. 2012.

LOUREIRO, M. R.; PACHECO, R. S. **Formação e consolidação do campo ambiental no Brasil: Consensos e disputas (1972-92).** RAP. Rio de Janeiro. Out/dez. 1995.

MAPBIOMAS. **Superfície de água no Brasil reduz 15% desde o início dos anos 90.** [S.l.], 2020. Disponível em: <<https://mapbiomas.org/superficie-de-agua-no-brasil-reduz-15-desde-o-inicio-dos-anos-90>>. Acesso em: 12 set. 2022.

MARX, K. **O Capital: para a crítica da economia política.** Vol. I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição.** Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. Ed. eletrônica. São Paulo: Boitempo, 2002.

NASCIMENTO, V. M. **A política externa do governo Lula para a agenda ambiental: Uma análise à luz de teorias de processo decisório.** Revista Conjuntura Global, v. 9, nº 2, 2020.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia Política: Uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2012, v. 1 (Biblioteca Básica de Serviço Social).

PANIAGO, M. C. S. Neoliberalismo e os antecedentes da “crise” do Estado. **Revista Temporalis**, ano VIII, nº 15. Brasília: ABEPSS, 2008.

SCANTIMBURGO, A. O Desmonte da Agenda Ambiental no Governo Bolsonaro. **Perspectivas**, São Paulo, v. 52, p. 103-117, jul./dez. 2018.

SILVA, A. L. **O Estado Brasileiro nas Políticas para o Meio Ambiente na década de 2000**: Notas para o debate. Brasília. 16º CBAS, 2019.

VIEIRA, T. P. dos S. Expressões atuais da questão ambiental no Brasil. *In*: ARAÚJO, N. M. S. [org.]. **Estado, questão ambiental e conflitos socioambientais**. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2020.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## A luta das mulheres indígenas na América Latina e a crise ambiental

*Indigenous women's struggles in Latin America and the environmental crisis*  
*Lucha de las mujeres indígenas en América Latina y la crisis ambiental*

Lia Pinheiro Barbosa<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0727-9027>

Luciana Nogueira Nóbrega<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-4766-2418>

Recebido em: 15/10/2022

Aprovado em: 05/01/2023

**Resumo:** No âmbito das resistências indígenas latino-americanas, destaca-se a ação política das mulheres indígenas, que constroem lutas diárias em articulações locais, nacionais e transnacionais. A partir de pesquisa bibliográfica (com a priorização dos trabalhos produzidos pelas mulheres indígenas) e documental (em referência aos documentos produzidos pelas diferentes expressões dos movimentos de mulheres

---

1 Professora Adjunta I da Universidade Estadual do Ceará (UECE) no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação de Crateús (FAEC), no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e no Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE). Doutora em Estudos Latino-Americanos pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Mestre em Sociologia e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade PQ-2 do CNPq. Membro do Comitê Diretivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) – Região 5 (Brasil, Bolívia e Peru) – 2022-2025. *E-mail:* <lia.barbosa@uece.br>.

2 Mestre e Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará, com bolsa do CNPq. Indigenista especializada da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). *E-mail:* <lunobrega.adv@gmail.com>.

indígenas na América Latina), buscamos investigar as contribuições e os caminhos apontados por tais movimentos para a crítica radical ao modelo de desenvolvimento vigente. A luta das mulheres indígenas na América Latina traz contribuições relevantes, inclusive teóricas e metodológicas, para pensarmos em saídas para a encruzilhada de vida e morte que o sistema capitalista nos colocou. O “território-corpo”, categoria reivindicada pelas mulheres indígenas do Brasil, do México, da Guatemala e da Bolívia, por exemplo, emerge com potência e lança luzes à “crítica ecológica”, tendo muito a aportar à ecologia política feminista.

**Palavras-chave:** mulheres indígenas; América Latina; crise ambiental; ecologia política.

**Resum:** In the context of Latin American indigenous resistance, the political action of indigenous women who build daily struggles in local, national and transnational articulations is examined. Based on bibliographic research, prioritizing works produced by indigenous women, and documentary research, with reference to documents produced by different expressions of indigenous women’s movements in Latin America, we investigate the contributions and paths identified by these movements in their radical critique of the current development model. The struggle of indigenous women in Latin America offers theoretical and methodological contributions for us to think of ways out of the life and death dilemma that the capitalist system has placed us in. The “territory-body”, a category claimed by indigenous women in Brazil, Mexico, Guatemala and Bolivia, for example, emerges with force and sheds light on the “ecological critique”, having much to contribute to feminist political ecology.

**Keywords:** indigenous women; Latin America; environmental crisis; political ecology.

**Resumen:** En el contexto de la resistencia indígena latinoamericana, se destaca la acción política de las mujeres indígenas que construyen luchas cotidianas en articulación local, nacional y transnacional. A partir de la investigación bibliográfica, priorizando los trabajos producidos por mujeres indígenas, y documental, con referencia a los documentos producidos por las diferentes expresiones de los movimientos de mujeres indígenas en América Latina, buscamos indagar los aportes y caminos señalados por dichos movimientos para una crítica

radical al actual modelo de desarrollo. La lucha de las mujeres indígenas en América Latina ha traído aportes relevantes, incluso teóricos y metodológicos, para que pensemos en salidas a la encrucijada de vida y muerte que el sistema capitalista nos ha colocado. El “territorio-cuerpo”, categoría reivindicada por las mujeres indígenas de Brasil, México, Guatemala y Bolivia, por ejemplo, emerge con fuerza y arroja luz sobre la “crítica ecológica”, teniendo mucho que aportar a la ecología política feminista.

**Palabras clave:** mujeres indígenas; América Latina; crisis ambiental; ecología política.

## INTRODUÇÃO

O século XXI demarca a agudeza da consolidação da “falha metabólica”, isto é, uma ruptura no equilíbrio metabólico entre a sociedade e a natureza, decorrente da alienação operada no âmbito das relações sociais e produtivas do modo de produção capitalista (MARX, 2011). A falha metabólica produziu um aprofundamento da destrutividade ambiental intrínseca à hipostasia da mercantilização da natureza, mediada pela mundialização financeira do capital (ARAÚJO; SILVA, 2021).

Na América Latina, as lutas empreendidas pelos movimentos indígenas interpelam o paradigma da modernidade ocidental capitalista, contrapondo a ele um projeto societário, articulado a uma “crítica ecológica” às antinomias discursivas e de materialização de uma concepção de desenvolvimento de caráter predatório e de destruição ambiental. Essa “crítica ecológica” se fundamenta em outro paradigma civilizatório derivado de suas cosmovisões, das filosofias indígenas, da memória histórica da resistência e da *práxis* política em suas organizações e que sustentam outras acepções, remetendo a uma recomposição do equilíbrio metabólico entre as relações sociais e a natureza.

Assim, a crítica ecológica realizada no âmbito das lutas indígenas incorpora uma matriz ontológica e epistêmica que remete a outras práticas de vida erigidas no tecido sociocomunitário do *buen vivir*, isto é, uma vida plena, digna e justa. As epistemologias indígenas expressam um pensamento complexo, uma vez que são filosofias vivas, de comunidades que constroem um conhecimento próprio, intrínseco a suas próprias epistemes, em que o atributo da razão não exclui as emoções,

os sentimentos, as espiritualidades, também considerados elementos constituintes dos seres humanos e de seu convívio entre si e com os outros seres, no plano material e imaterial da vida.

No âmbito das resistências indígenas latino-americanas, destaca-se a ação política das mulheres indígenas, que constroem lutas diárias em articulações locais, nacionais e transnacionais. É válido destacar que as mulheres indígenas pautam suas lutas a partir de uma “epistemologia de nosotras” (BARBOSA, 2018), em uma subjetividade tecida para além dos limites do humano, ao incorporar outras matrizes ontoepistêmicas, situando o território como eixo nuclear ao enfrentamento do capital. O “território-corpo”, categoria reivindicada pelas mulheres indígenas no Brasil, no México, na Guatemala e na Bolívia, por exemplo, emerge com potência e lança luzes à “crítica ecológica”, tendo muito a aportar à ecologia política feminista.

Com base em pesquisa bibliográfica (com priorização dos trabalhos produzidos pelas mulheres indígenas) e documental (considerando a leitura atenta e a análise dos discursos inseridos nos documentos produzidos pelas diferentes expressões dos movimentos de mulheres na América Latina), analisamos as contribuições de tais movimentos para a crítica ao modelo de desenvolvimento vigente, que nos conduziu à beira de um colapso socioambiental sem precedentes. A crise em que estamos imersos é também uma crise de paradigmas e reflete a forma violenta à qual a natureza, a Mãe Terra e as mulheres têm sido submetidas.

## **1. A crise ambiental como crise do modelo capitalista: entre o antropoceno e o capitaloceno**

A despeito de uma intensa volatilidade do capital, altamente financeirizado, que corresponde a um padrão geral de reorganização de um projeto supranacional do capitalismo (CALVEIRO, 2021), observamos uma crescente territorialização de grupos multinacionais, que, aliados a Estados nacionais, instalam-se nas franjas do capitalismo, fagocitando espaços, pessoas e relações não pautados pela lógica do mercado para dentro do sistema sociometabólico do capital (MÉSZÁROS, 2011). A crescente territorialização e a demanda por espaços ricos em água, solos férteis, biodiversidade etc. têm gerado, de acordo com Rodrigues (2021), a intensificação de conflitos, a violência urbana, a espoliação de

territórios e culturas (formas de organização, reprodução e de tradição), além da perda do acesso e do uso dos recursos naturais, bem como a ampliação da desigualdade ambiental e social.

Nesse ponto, teorias da justiça social e ambiental se encontram com os debates e as lutas antirracistas e anticoloniais, demonstrando o quanto estão relacionadas com o colonialismo e com o racismo as decisões econômicas e políticas de explorar determinados territórios ou de destinar a eles os resíduos de atividades econômicas altamente degradantes, uma vez que tais territórios – da despossessão, da exploração e do destino tóxico – são, na sua imensa maioria, ocupados por populações indígenas, negras e de comunidades tradicionais.

O neoliberalismo – caracterizado pela adoção de certas práticas econômicas ditadas a partir do Consenso de Washington a um conjunto de países no mundo e ancoradas nas políticas do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial – pavimentou um caminho cuja face mais aguda vemos agora, em que se tratam corpos e territórios como subsumíveis à força do capital. Logo, o desgaste à exaustão é característica dos nossos tempos. Quando não houver mais territórios submetidos à acumulação incessante do capital, muda-se de planeta. No mesmo sentido, Ailton Krenak (2020, p. 66) conclui:

O capitalismo quer nos vender até a ideia de que nós podemos reproduzir a vida. Que você pode inclusive reproduzir a natureza. A gente acaba com tudo e depois faz outro, a gente acaba com a água doce e depois ganha um dinheirão dessalinizando o mar, e, se não for suficiente para todo mundo, a gente elimina uma parte da humanidade e deixa só os consumidores.

A acumulação por despossessão (HARVEY, 2018) é parte de um capitalismo de rapina que se exerce mediante a privatização dos recursos públicos, a financeirização da economia e o endividamento, que reduz populações e nações inteiras à servidão (CALVEIRO, 2021). Assim, as remoções forçadas de populações e a apropriação de seus territórios e recursos, inclusive mediante os megaprojetos e o extrativismo massivo, não seriam mais do que um aprofundamento e uma atualização das lógicas e das práticas coloniais que garantiam e ainda garantem uma transferência direta da riqueza desses territórios aos centros do poder mundial.

Ainda que abrandadas discursivamente pelo ideário de redistribuição de renda e de garantia de emprego, a realidade tem demonstrado que tais projetos aprofundam desigualdades e empobrecem. Assim, a “riqueza ecológica [de los territorios] termina convertida en una maldición” (GUDYNAS, 2016, p. 21), ou seja, os grupos sociais que conseguiram manter, por suas práticas tradicionais, espaços conservados do planeta, assegurando uma ampla e riquíssima biodiversidade, são justamente aqueles que enfrentam a fúria do capital na sua atual fase. Os povos indígenas, nas suas diferentes lutas observadas na América Latina a partir do final do século XX, trazem para o debate público outras possibilidades de existência não enfeitadas pela lógica do capitalismo nos seus múltiplos vieses, especialmente o neodesenvolvimentista.

É interessante notar que as lutas indígenas na América Latina foram concomitantes à chegada de governos progressistas na região, que sucederam um ciclo político-econômico, de mais de uma década, de adoção das políticas neoliberais ditadas pelo Consenso de Washington. A chegada de tais governos coincide com um novo contexto do capitalismo na América Latina, caracterizado por uma maior demanda mundial de *commodities* pelos países centrais e emergentes, como a China, o que aumenta a necessidade de novos territórios para extração e produção de bens com pouco valor agregado, ao que Svampa (2013) denomina “consenso das *commodities*”.

O consenso das *commodities* é um tipo de desenvolvimento neoextrativista que, a despeito de gerar alguns retornos econômicos, como o crescimento do PIB dos países, o que viabiliza a adoção de certas políticas de geração de emprego e de transferência de renda, produz novas assimetrias e conflitos sociais, econômicos, ambientais e político-culturais (SVAMPA, 2013). Um tipo de conflitividade que, em sociedades heterogêneas como as latino-americanas, gera um ciclo de lutas fundado não só na defesa da terra, do território e dos modelos de desenvolvimento e das fronteiras da democracia (SVAMPA, 2013), mas de paradigmas ontoepistêmicos distintos (BARBOSA, 2019; 2021), que se traduzem em modos distintos de reproduzir a vida, ou seja, de existência.

Pautando-se por uma lógica de distanciamento do imperialismo e da hegemonia norte-americana, os governos progressistas na América Latina – a exemplo de Lula, no Brasil (2003-2010); Rafael Correa, no Equador (2007-2017); e Evo Morales, na Bolívia (2006-2019) – passaram a adotar políticas de desenvolvimento internas baseadas, sobretudo, no

amplo fomento de grandes projetos, especialmente nas áreas de mineração, de integração logística (rodovias, portos, ferrovias) e, no caso brasileiro, de grandes hidrelétricas (Jirau, Santo Antônio, Teles Pires, Belo Monte) e de usinas nucleares, consideradas produtoras de “energia limpa”.

O ciclo de tais governos foi redefinido na segunda metade da década de 2010, quando, aparentemente como fruto de um movimento global de avanço de um populismo de direita ou de uma estratégia imperialista de fomento a guerras híbridas por meio de golpes políticos (BARBOSA, 2021), novas eleições garantiram o retorno de governos profundamente alinhados<sup>3</sup> ao ditame das políticas neoliberais no estilo do Consenso de Washington, com o agravante, em alguns casos, como no Brasil, de que tal alinhamento conta com uma versão ainda mais perversa da Escola de Chicago. O ultraneoliberalismo de Paulo Guedes, ministro da Economia brasileiro, durante o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), conviveu com o “ódio da expressão *povos indígenas*” (conforme afirmou o ex-ministro da Educação de Bolsonaro, Abraham Weintraub<sup>4</sup>) e com a oportunidade de “aproveitar a pandemia para passar a boiada” (do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles<sup>5</sup>).

O resultado desse cenário no Brasil é, por um lado, a manutenção dos grandes projetos de desenvolvimento, que tiveram os recursos para a sua conclusão assegurados; e, por outro, a expressão plena de um discurso-ação assimilacionista e racista em relação aos povos indígenas, liberando suas terras para projetos do agronegócio e da mineração, isso porque, como afirmou o presidente Jair Bolsonaro, ainda em janeiro de 2020, “cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós”<sup>6</sup>. O que ocorre na América Latina está articulado a um modelo de desenvolvimento que prioriza o crescimento infinito à custa, inclusive, da capacidade do próprio planeta de renovar seus ciclos, ultrapassando as barreiras de autorregeneração<sup>7</sup>, o que nos

3 Casos de Mauricio Macri (Argentina), Sebastián Piñera (Chile), Pedro Pablo Kuczynski (Peru) e Jair Bolsonaro (Brasil), alçado a presidente, em 2018, após um golpe político-partidário em 2016.

4 Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/22/weintraub-odeio-o-termo-povos-indigenas-quer-quer-nao-quer-sai-de-re.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

5 Disponível em: <<https://exame.com/brasil/salles-sugeriu-aproveitar-pandemia-para-passar-a-boiada-no-meio-ambiente/>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

6 Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 5 out. 2022.

7 Referimo-nos aos limites planetários advindos das mudanças climáticas, da destruição da camada de ozônio, da perda da biodiversidade, da dispersão de químicos e novas substâncias, da acidificação dos oceanos, das perturbações no ciclo hidrológico-global, das mudanças no uso do solo, das alterações nos ciclos do nitrogênio e do fósforo e dos aerossóis de origem antropogênica. Disponível em: <<https://www.anthropocene.info/>>. Acesso em: 25 jun. 2021.

possibilita falar em ciclos geológicos provocados pela ação humana: antropoceno<sup>8</sup> e capitaloceno<sup>9</sup>.

O rastro de destruição e de violência provocado por esse modelo de desenvolvimento é enorme. Acosta (2011) destaca as violências múltiplas ligadas ao extrativismo, provocadas pelo Estado e pelas empresas transnacionais, camufladas de ações de sacrifício. Nesse nó entre as vidas que merecem ser vividas e as que podem ser abandonadas ao domínio, à colonização e à morte, confluem-se o capitalismo e o colonialismo, gerando uma articulação extremamente potente, que se instaura em todos os campos da existência, reduzindo os imaginários e as possibilidades de saída.

Aliada ao capitalismo globalizado e financeirizado, tal forma de ação humana no mundo (ou de justificação da ação humana no mundo) propõe um tipo de vida humanoide, em que todas as conexões são desfeitas: entre humanos, entre humanos e não humanos, entre a humanidade e o planeta. Assim, sobrelevam-se o consumismo e o individualismo. Tornamo-nos incapazes de nos relacionar com as múltiplas formas de vida existentes, mas capazes apenas com coisas.

Nesse cenário, a luta das mulheres indígenas na América Latina tem trazido contribuições relevantes, inclusive teóricas e metodológicas, para pensarmos em saídas para a encruzilhada que o sistema capitalista nos colocou.

## 2. A luta das mulheres indígenas na América Latina e a questão ambiental

Na contemporaneidade, há uma multiplicidade de lutas empreendidas pelas mulheres indígenas no contexto latino-americano. Dentre os casos mais emblemáticos, destacam-se as lutas das mulheres zapatistas e das mulheres do Congresso Nacional Indígena (CNI), no México; das mulheres Mapuche, no Chile; do Movimento de Mulheres Indígenas, no Brasil (doravante, MMI); e do Feminismo Comunitário, na Bolívia

---

8 Termo cunhado por Crutzen (2002) para nomear uma nova era geológica, a partir das grandes intervenções humanas, o que tem interferido nos ciclos que moldam e sustentam as múltiplas formas de vida no planeta Terra.

9 Acosta (2018) prefere o termo *capitaloceno*, em vez de *antropoceno*, para caracterizar as alterações nos sistemas da Terra provocadas não por toda e qualquer intervenção humana no planeta, mas pela ação do sistema capitalista, que se estende por todos os campos da vida social, econômica, cultural, jurídica etc.

e na Guatemala. Constituem processos políticos que têm desenvolvido a crítica ao antropoceno e ao capitaloceno na transição do século XX ao XXI, incidindo em um enfoque metodológico e epistemológico para pensar outras concepções de território, territorialidade, em uma perspectiva comunitária.

Ao analisarmos tais lutas, identificamos que os sentidos empreendidos à reivindicação de direitos como mulheres indígenas ultrapassam os espectros mais específicos das relações de gênero e demarcam uma compreensão do patriarcado em seu vínculo dialético com o capitalismo e o colonialismo, enquanto pilares das opressões e da superexploração do capital, incidindo, negativamente, no equilíbrio entre a sociedade e a natureza. Em virtude do fato de que a luta das mulheres indígenas não está dissociada da luta dos povos indígenas, sua ação política incorpora a defesa dos territórios, da biodiversidade, da coexistência com a natureza, sob o prisma de defesa da vida. Nessa direção, o conceito de “território-corpo” emerge em sua *práxis* política, dotado de um sentido ontológico e epistêmico na crítica ao caráter avassalador do capital, ao fazer o contraponto às lógicas de separação próprias do paradigma civilizatório capitalista.

No âmbito de sua ação política como mulheres indígenas, o “território-corpo” cobra vitalidade no enfrentamento da “política de morte”, tal como os movimentos indígenas e camponeses se referem, ao destacar os impactos destrutivos causados pelo conflito entre o capital e a natureza, inerentes ao capitalismo por espoliação, que se vincula a uma lógica biocida (HERRERO, 2014), e ao seu impacto negativo sobre a sustentabilidade da vida no planeta.

No Brasil, o MMI realizou duas ações políticas emblemáticas: a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas, em 2019 (com a consigna: “Território, nosso corpo, nosso espírito”), e a 2ª Marcha das Mulheres Indígenas, em 2021 (com a consigna: “Mulheres originárias: Reflorestando mentes para a cura da Terra”). Ambas constituem um posicionamento político frontal contra a postura antidemocrática, violenta e negacionista do então presidente do país, Jair Bolsonaro, que promoveu um discurso de ódio e uma agenda política que aumentou a violência contra os territórios indígenas, camponeses e quilombolas. O protagonismo das mulheres indígenas no Brasil, no campo das relações interétnicas, não é recente, já que elas jamais estiveram excluídas dos espaços etnopolíticos necessários ao diálogo e à confrontação com o Estado e com os não indígenas (MATOS, 2012).

No entanto, ao longo dos anos, novas funções foram se somando às atribuições tradicionais das mulheres indígenas, especialmente com o acesso ao ensino formal e com a criação de associações de mulheres, que Sebastião (2012) chama de atuação sociopolítica no interior de suas comunidades. Inclusive, no contexto da luta indígena latino-americana, a Lei Revolucionária de Mulheres, criada pelas mulheres zapatistas, em 1993, constituiu um marco na visibilização pública do conjunto de demandas das mulheres indígenas, provocando um giro epistemológico da teoria social crítica, incluindo nela a teoria feminista (BARBOSA, 2021).

Há uma inflexão no enfoque dado pelas indígenas em relação à luta social latino-americana, sobretudo porque recuperam, em um prisma filosófico, o princípio da complementariedade ou do equilíbrio complementar entre o universo feminino e o universo masculino, uma dimensão das epistemologias indígenas que é recuperada por muitas das lutas das mulheres indígenas ou mesmo das organizações indígenas (CABNAL, 2010; BARBOSA, 2019).

Entre os fundamentos filosóficos do pensamento indígena de diferentes povos originários, a subjetividade social do tecido comunitário mantém uma base vernácula dos processos de organização da vida social comunitária anterior às invasões europeias do século XVI. As estratégias políticas de defesa e de proteção da vida têm, no trabalho cotidiano, sistemático e articulado das mulheres indígenas, o cuidado como potência e forma de luta comum (BONIN, 2020).

As mulheres indígenas vão firmando suas presenças, sem esquecer suas ancestralidades, o chão da aldeia, o alimento dos filhos, as sementes da cultura e os *encantados*. A participação delas é englobada por todos esses elementos. É uma política encarnada, que pulsa a partir de sons inaudíveis. “Não lutar com a mesma arma do inimigo não significa que estamos desarmadas”, afirmaram as mulheres indígenas brasileiras durante a 2ª Marcha ocorrida em Brasília. São essas novas armas das mulheres indígenas que inauguram novas formas de lutar no contexto do movimento indígena, contribuindo, ainda, para aprofundar os debates de uma ecologia política feminista.

Nessa trajetória política, a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas no Brasil, em 2019, que reuniu 2.500 mulheres de mais de 130 povos indígenas, inaugurou a compreensão do território como corpo e espírito. Discorrendo sobre esse tema, Tavares (2019, p. 59), indígena do povo

Sateré-Mawé, afirmou:

Com esse grito [território: nosso corpo, nosso espírito], afrontamos esse sistema-mundo branco/racista/patriarcal/militar/capitalista: dizemos que passa pelos nossos corpos físico-culturais e simbólicos a nossa existência nesse mundo. É pelos nossos corpos que se constituem nossos territórios. E nossos corpos nada o são sem nosso espírito. E podemos falar de espíritos, tantos são os nossos corpos e culturas. Podemos dizer dos nossos mundos, das nossas vivências, do nosso protagonismo no cuidado com a terra, ela, mulher como nós.

No documento final da 1ª Marcha, as mulheres indígenas brasileiras reafirmaram a defesa do território, que, segundo elas, está relacionado à mãe, à maternidade, ao potencial de gerar vida (e não morte) e à reverência a uma ancestralidade compartilhada:

Somos responsáveis pela fecundação e pela manutenção de nosso sagrado. Seremos sempre guerreiras em defesa da existência de nossos povos e da Mãe Terra. Enquanto mulheres, lideranças e guerreiras, geradoras e protetoras da vida, iremos nos posicionar e lutar contra as questões e as violações que afrontam nossos corpos, nossos espíritos, nossos territórios. Difundindo nossas sementes, nossos rituais, nossa língua, nós iremos garantir a nossa existência. [...] A vida e o território são a mesma coisa, pois a terra nos dá nosso alimento, nossa medicina tradicional, nossa saúde e nossa dignidade. Perder o território *é perder nossa mãe*. Quem tem território tem mãe, tem colo. E quem tem colo tem cura (Documento final da Marcha das Mulheres Indígenas, 2019).

Como resultado da 1ª Marcha, foi criada a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), que reúne mulheres indígenas de todos os biomas do Brasil, com conhecimentos, tradições e lutas, que se unem e convergem na defesa do território e da ancestralidade. Em 2021, a ANMIGA, juntamente com a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e outras organizações indígenas, realizaram a 2ª Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília, com o tema: “Mulheres originárias: reflorestando mentes para a cura da

terra”. A 2ª Marcha ocorreu em meio a uma grande tensão política, de dupla natureza: (I) um ato político dos apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro, que pleiteavam a intervenção militar e o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso Nacional; e (II) a semana do julgamento de um processo no âmbito do STF que pretendia julgar a constitucionalidade ou não da tese do marco temporal das terras indígenas.

Nesse contexto, as mulheres indígenas levaram a seguinte proposição:

Precisamos construir juntos um trajeto de vida e reconstrução que se baseie no encontro entre os povos, no cuidado com nossa Terra, na interação positiva de saberes. É isso que propomos com o Reflorestarmentes. É possível vivermos e convivermos de outra forma, com outras epistemes, a partir de cosmologias ancestrais. Cuidar da Mãe Terra é, no fundo, cuidar de nossos próprios corpos e espíritos. Corpo é terra, floresta é mente. Queremos reflorestar as mentes para que elas se somem para prover os cuidados tão necessários com nosso corpo-terra.<sup>10</sup>

A realização das duas marchas nacionais representou, no campo de disputa discursiva e política, uma forma de ocupar o espaço público e estabelecer uma “crítica ecológica” ancorada em princípios filosóficos ontoepistêmicos do pensamento indígena. As mulheres indígenas propõem uma circulação curativa do conhecimento que permita a cura de corpos, mentes e da própria relação de coexistência com a natureza. Neste intuito, inclusive, participaram da Conferência das Nações Unidas sobre o Câmbio Climático (COP-26), realizado em 2021, em Glasgow, na Escócia.

Ações baseadas nos mesmos princípios filosóficos podem ser identificadas em outros países, a propósito dos Encontros Nacionais de Mulheres do Congresso Nacional Indígena (CNI)<sup>11</sup> do México, realizados entre 2018 e 2021. A pauta política das mulheres do CNI se centra na denúncia dos impactos das eólicas (sobretudo no Istmo de Tehuantepec) e no endosso da luta contra a mineração nos territórios indígenas. O

10 Disponível em: <<https://anmiga.org/manifesto-reflorestarmentes-reflorestarmentes-de-sonhos-afetos-soma-solidariedade-ancestralidade-coletividade-e-historia/>>. Acesso em: 23 set. 2021.

11 Fundado em 1996, o CNI é a principal articulação dos povos originários do México.

CNI e o movimento Zapatista são os principais críticos da gestão de Andrés Manuel López Obrador, sobretudo em relação à sua proposta de construção do Corredor Transístmico ou Corredor Transoceânico, para conectar os oceanos Pacífico e Atlântico, por meio de complexos portuários e de malhas ferroviárias, para o fluxo de *commodities* com Estados Unidos, Canadá, Europa e Ásia. O megaempreendimento ocasionará impactos na sociobiodiversidade, nos termos analisados neste artigo.

Nos caminhos trilhados pelas mulheres indígenas, identificamos uma significativa contribuição a uma crítica feminista na perspectiva da ecologia política. Um axioma básico da ecologia é que todo organismo vivo deve ver-se em relação com o seu ambiente natural de forma interconectada e interdependente (MELLOR, 2000). Ao associar-se a uma abordagem feminista – a ecologia política feminista, por vezes tratada como ecofeminismo –, tal noção assume uma “crítica ecológica” em torno do conflito capital-vida, em que a reprodução do capitalismo ocorre em base a sucessivas violências contra a natureza e contra as mulheres.

Em uma lógica de desenvolvimento orientada por uma “necropolítica”, a “ética do cuidado” se torna seu contraponto necessário, uma vez que coloca “a defesa da vida no centro” e, indubitavelmente, as mulheres são parte extremamente relevante desse processo. A ecologia política feminista “tem se interessado particularmente pela chamada ‘ética do cuidado’ das mulheres [...]. Notou-se que todas as tarefas relacionadas à subsistência e à preservação da vida (começando pelo trabalho doméstico) foram injustamente desvalorizadas devido ao *status* inferior concedido à Natureza” (PULEO, 2012, p. 42).

Na perspectiva dos povos originários, prevalece uma concepção biocêntrica de mundo, na qual todos os seres que habitam o mundo conformam uma comunidade interdependente (GONZÁLEZ, 2018), que inclui humanos e não humanos. Para a filosofia indígena, a “comunidade” abarca a totalidade do existente sobre a Terra, desde os astros, até rios, lagos, montanhas, entre outros seres vivos e não vivos e os *encantados*. Constitui, portanto, uma “comunidade integrada” com o cosmo.

Para as mulheres indígenas, os cuidados curativos da Terra e de si mesmas incorpora essa concepção biocêntrica, porque “também somos a Terra, pois a Terra se faz em nós”; portanto, são elementos centrais para pensarmos uma ecologia política feminista, encarnada em corpos que resistem. Nesse sentido, as lutas por justiça socioambiental não estão

desvinculadas da luta pela própria vida em todas as suas perspectivas. Exemplar dessa matriz curativa da Terra é a proposta econômico-político-cosmológica das mulheres indígenas da Amazônia equatoriana, com o *Kawsak Sacha* ou *Selva Vivente* (COBA; BAYÓN, 2020).

Na trajetória política das mulheres indígenas da América Latina, a emancipação e a libertação da opressão do patriarcado, do machismo e do racismo só se concretizam ao se colocar “a vida no centro”. Por tal razão, a consigna política “nossa luta é pela vida” se faz cada vez mais presente no discurso político das mulheres indígenas. No caso, representa a defesa dos territórios e dos comuns, bem como a emancipação do coletivo, uma vez que os homens indígenas também são submetidos às opressões coloniais e capitalistas. Encarna-se a “epistemologia de nosotras”, própria da dimensão epistêmica da complementariedade e do território.

As relações estabelecidas pelas comunidades indígenas com seus territórios buscam recompor ou fortalecer territorialidades outras que não aquelas definidas pelo Estado ou pelo mercado, seguindo uma inter-relação intersubjetiva com a natureza. Assim, os territórios podem ser redutos de lugares sagrados (por exemplo: serras, montanhas, grutas ou outras formas naturais dotadas de sacralidade, espaços ritualísticos vinculados à fertilidade, à natalidade, à vida e à morte) (BARABÁS, 2003).

As mulheres indígenas são as principais defensoras da concepção do território como espaço de vida. O “território-corpo” se vincula a esse processo, no sentido de uma reconexão dialética. A partir dos encontros e das conexões promovidos pelos movimentos de mulheres indígenas na América Latina, as mulheres indígenas situam-se como anteparos à lógica das separações das relações sociais do sistema colonial-capitalista. Concordamos com Aguilar e Gaona (2020), quando analisam que o avanço do capital como uma relação social provoca “separações concatenadas” e um duplo movimento que se desprende como antagonismo e luta social pela permanência dos territórios, em defesa das águas e pela reprodução da vida comunitária. A ampliação dos processos de acumulação do capital provoca “la ruptura de los vínculos colectivos no solo radica em separar a las personas de sus medios de producción y de subsistencia, sino sobre todo consiste en separar a las personas de las otras personas con quiénes se reproduce la vida” (AGUILAR; GANOVA, 2020, p. 46).

Na constelação de lutas e resistências contra essas separações, as mulheres indígenas apontam para compreensões de corpo-território e de vida como algo muito mais complexo e correlacionado. Ou seja, onde o capitalismo patriarcal enxerga separações (natureza-cultura, meio ambiente-pessoas), as mulheres indígenas enxergam a potência das relações interdependentes e dos encontros. A luta das mulheres indígenas permite-nos visibilizar a abundante capacidade generativa da vida em seu conjunto, além da centralidade dos afetos, dos cuidados e dos significados míticos inerentes às dinâmicas da produção e reprodução social (AGUILAR; GANOVA, 2020).

A categoria “território-corpo” tem muito a contribuir para a construção de uma ecologia política feminista que aponte caminhos para a crise socioambiental e de produção e reprodução da vida que o sistema capitalista nos impôs. A força dessa categoria reside precisamente em pensar, de forma articulada, em territórios e mulheres em sua pluralidade.

O “território-corpo” refere-se ao território como um “espaço de reprodução da vida”, inseparável da dimensão comunitária, que, juntamente com a organicidade de sua luta política, confere um sentido comum à defesa dos territórios e dos comuns. O conceito de “comum” surge do próprio processo histórico da luta dos povos indígenas pela defesa de seus territórios, ao mesmo tempo em que se torna um conceito central para dar visibilidade à propriedade comunal da terra e às formas comunitárias de habitar esses territórios (BARBOSA, 2021).

Outrossim, o conceito de “território-corpo” prefigura outra concepção de território e de suas sociabilidades que se opõe radicalmente à lógica da propriedade privada e da reprodução incessante do capital. Vinculados à defesa dos comuns, eles são a base de um paradigma não capitalista, prefigurando formas de convivência e posicionamento nos territórios em perspectiva comunitária e em equilíbrio com a natureza (BARBOSA, 2021).

Segundo Cruz Hernández (2020), o território como corpo constitui um espaço de interação diária, histórica, material e simbólica em permanente disputa. No caso das mulheres indígenas, tal construção diária está enraizada em ontologias e epistemologias que antagonizam a lógica do despojo capitalista.

Um fundamento filosófico intrínseco ao “território-corpo” reside no fato de que é uma concepção coexistencial da vida. Há uma superação

da ideia de uma existência exclusivamente divina ou antropocêntrica, ou seja, o centro da existência não está limitado a Deus ou ao ser humano. O “território-corpo” configura uma unidade dialética, uma fusão existencial, alimentada por uma profunda conexão com o território, com as categorias binárias de equilíbrio e complementaridade (o universo feminino e o universo masculino) típicas das filosofias milenares do *Abya Yala*, com a certeza de que a vida humana não se sobrepõe à existência de outros seres vivos, mesmo os seres não vivos no mundo.

Trata-se de um fundamento filosófico que exerce uma mediação pedagógica no aprendizado do “território-corpo” como expressão de um corpo social e comunitário que nos permite aprender e apreender, nos níveis objetivo e subjetivo, um sentido de viver em coexistência. Falar de comunidade significa atribuir uma forma histórica de existência, de vínculo social, ambiental e político que nos permite, pelo legado, apropriar-nos das demais formas de vivências comunitárias.

Em uma perspectiva ecológica de defesa da vida, o “território-corpo” retoma a unidade e a integralidade dos ciclos de reprodução da vida nos territórios, que não se concentram em um caráter antropocêntrico e androcêntrico ou no desenvolvimento predatório. Pelo contrário, sua dimensão ontoepistêmica refere-se a um sentido de pluriverso da sustentabilidade da vida, identificando as raízes mais profundas de uma crise caracterizada por um modelo de desenvolvimento biocida e buscando outras rotas de rearticulação e enraizamento territorial.

### **3. Reflexões finais**

Consideramos que a luta das mulheres indígenas na América Latina nos aporta aprendizagens imprescindíveis no campo da ação política e da elaboração teórica da ecologia política feminista. A partir da palavra das mulheres indígenas encarnada em seus documentos e em suas *práxis*, discutiremos sobre as contribuições fundamentais da heterogeneidade de experiências e resistências articuladas pelas mulheres indígenas, vocalizadas em suas demandas políticas e em sua elaboração teórica em torno do conceito de “território-corpo”. Por meio desse conceito, evoca-se uma ecologia política feminista que desafia as lógicas de separação da acumulação original e do capitalismo por espoliação e de suas permanentes tentativas de desterritorialização e despossessão material e simbólica dos territórios, inerentes ao conflito

capital-natureza, capital-vida.

As mulheres indígenas apontam para resistências que também se operam no campo epistêmico. Seus corpos, resistindo a megaprojetos de desenvolvimento marcados pelos conflitos socioambientais, se projetam para lutas compartilhadas com múltiplas existências. Cada experiência, embora singular, se conecta com a outra, gerando fluxos de vida onde o capitalismo só enxerga ruínas e separações.

Trata-se de reflexões-ações que desafiam as hegemonias instituídas das ecologias políticas, ao se colocarem no papel de produtoras de saberes, de ciência e de conhecimentos, o que desloca o lugar academicamente instituído às mulheres indígenas, enquanto objetos de reflexões de outras e de outros.

As experiências de conflitos socioambientais e de resistência vivenciadas pelas mulheres indígenas passam não só a integrar a ofensiva contra o capital sobre seus corpos-territórios, mas nos dão subsídios para reflexões encarnadas, as quais, gentilmente, elas cedem a quem se dispõe a compartilhar com elas o cuidado com a Terra.

## REFERÊNCIAS

I Marcha das Mulheres Indígenas – 2019. Documento Final. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2019/08/marcha-mulheres-indigenas-documento-final-lutar-pelos-nossos-territorios-lutar-pelo-nosso-direito-vida/>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ACOSTA, A. **Extrativismo y neoextrativismo**: dos caras de la misma maldición. Quito: Fundación Rosa Luxemburgo, 2011.

\_\_\_\_\_. Antropoceno, capitaloceno, faloceno y más. **Rebelión**, [s. l.], 02 fev. 2018, opinión. Disponível em: <<https://rebelion.org/antropoceno-capitaloceno-faloceno-y-mas/>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

AGUILAR, R. G.; GAONA, S. R. Producción de lo común contra las separaciones capitalistas – hilos de una perspectiva crítica comunitaria en construcción. In: ROCA-SERVAT, D.; PERDOMO-SÁNCHEZ, J. (Comp.). **La lucha por los comunes y las alternativas al desarrollo frente al extractivismo: miradas desde las ecología(s) política(s) latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2020, p. 41-65.

ARAÚJO, N. M. S.; SILVA, M. G. O metabolismo social e sua ruptura no capitalismo: aspectos históricos e sua configuração na etapa de financeirização da natureza. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 13, nº 2, p. 151-173, 2021.

BARABÁS, A. **Diálogos con el Territorio**. Simbolizaciones sobre el espacio en las culturas indígenas de México. Colección Etnografía de México. México: CONACULTA-INAH, 2003.

BARBOSA, L. P. “Epistemologias de Nosotras, Feminismos e Teoria da Selva na construção do conhecimento: aportes das mulheres Zapatistas”. *Revista Brasileira de Educação do Campo*. 3(4): 1128-1155, 2018.

\_\_\_\_\_. “Florescer dos feminismos na luta das mulheres indígenas e camponesas da América Latina”. *Revista Norus*, 7(11): 197-231, 2019.

\_\_\_\_\_. De las mujeres como energía vital y las reverberaciones de la lucha en defensa de los territorios y de los comunes en América Latina. In: CALDERÓN CISNEROS, A.; OLIVERA BUSTAMANTE, M.; ARELLANO NUCAMENDI, M. (Coords.). **Territorios para la vida**. Mujeres en defensa de sus bienes naturales y por la sostenibilidad de la vida. Chiapas: UNICACH, 2021, pp. 23-55.

BONIN, Iara Tatiana. Mulheres indígenas: a dimensão do cuidado como potência. In: PAIM, Elisângela Soldateli (Org.). **Resistências e re-existências: mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia**. São Paulo: Editora Funilaria; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CABNAL, L. **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. España: ACSUR – Las Segovias, 2010.

CALVEIRO, P. **Resistir al neoliberalismo: comunidades y autonomías**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Ciudad de México: Siglo XXI, 2021.

COBA, L.; BAYÓN JIMÉNEZ, M. “Kawsak Sacha: la organización de las mujeres y la traducción política de la Selva Amazónica en el Ecuador”. In: CRUZ-HERNÁNDEZ, D. T.; BAYÓN JIMÉNEZ, M. (orgs.). **Cuerpos, territorios y feminismos**. Compilación latinoamericana, de teorías, metodologías y prácticas políticas. Ecuador/México: Ediciones Abya Yala/Libertad Bajo Palabra/Bajo Tierra Ediciones, 2020, pp. 141-159.

CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. Mujeres, cuerpo y territorios: entre la

defensa y la desposesión. In: CRUZ HERNÁNDEZ, D. T.; BAYÓN JIMÉNEZ, M. (Orgs.). **Cuerpos, territorios y feminismos**. Compilación latino-americana, de teorías, metodologías y prácticas políticas. Ecuador/México: Ediciones Abya Yala/Libertad Bajo Palabra/Bajo Tierra Ediciones, 2020, pp. 45-61.

CRUTZEN, Paul J. Geology of Mankind. **Nature**, Texas, v. 415, nº 23, p. 23, 3 jan. 2002. Disponível em: <[www.geo.utexas.edu/courses/387h/PAPERS/Crutzen2002.pdf](http://www.geo.utexas.edu/courses/387h/PAPERS/Crutzen2002.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2021.

GONZÁLEZ, A. T. **Mujeres indígenas en defensa de la tierra**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.

GUDYNAS, E. Teología de los extractivismos. **Tabula Rasa**. Bogotá, Colombia, nº 24:11-23, enero-junio 2016.

HARVEY, D. **A Loucura da Razão Econômica: Marx e o Capital no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HERRERO, Y. Economía ecológica y economía feminista: un diálogo necesario. In: CARRASCO BENGOA, C. (Ed.). **Con voz propia**. La economía feminista como apuesta teórica y política. Madrid: La oveja roja, 2014, pp. 219-237.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARX, K. Grundrisse – Manuscritos econômicos e filosóficos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATOS, M. H. O. Mulheres no movimento indígena: do espaço da complementariedade ao lugar da especificidade. In: SACCHI, A.; GRAMKOW, M. M. (Orgs.). **Gênero e Povos Indígenas**. Rio de Janeiro, Brasília: Museu do Índio/GIZ/Funai, 2012, pp. 140-169.

MELLOR, M. **Feminismo y ecología**. México: Siglo XXI Editores, 2000.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PULEO, A.H. Anjos do ecossistema? Além do antropocentrismo extremo. In: FARIA, N.; MORENO, R. (Orgs.). **Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia**. São Paulo: SOF, 2012, pp. 29-50.

RODRIGUES, J. C. Resistências na Amazônia: emergência e estratégias de lutas da CPT e do MAB face à produção de complexos portuários no oeste do Pará. CRUZ, Sandra Helena Ribeiro da *et al.* (Orgs.).

**Territórios de esperança:** a conflitualidade como produtora do futuro. Belém: UFPA, 2021, p. 155-180.

SEBASTIÃO, L. L. Mulher Terena: dos papéis tradicionais para a atuação sociopolítica. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. 144 f.

SVAMPA, Maristella. Consenso de los Commodities y lenguajes de valoración en América Latina. *Revista Nueva Sociedad – Nuso* nº 244, março-abril de 2013. Disponível em: <<https://nuso.org/articulo/consenso-de-los-commodities-y-lenguajes-de-valoracion-en-america-latina/#:~:text=El%20%C2%ABConsenso%20de%20los%20Commodities,centrales%20y%20las%20potencias%20emergentes>>. Acesso em: 10 maio 2021.

TAVARES, I. N. Terra, água e sementes – do corpo território das mulheres indígenas a uma concepção de soberania alimentar. *In: ALVES LIMA A. et al. (Orgs.). Mulheres e soberania alimentar: sementes de mundos possíveis.* Rio de Janeiro: Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), 2019, pp. 58-66.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Agroecologia e educação intercultural no Sul global: construindo a soberania alimentar

*Agroecology and intercultural education in the global South:  
building food sovereignty*

*Agroecología y educación intercultural en el Sur global:  
construyendo soberanía alimentaria*

Camila Gomes Ferreira<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-5102-086X>  
Bruno Andrade Pinto Monteiro<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-8933-5816>

Recebido em: 24/11/2022  
Aprovado em: 05/01/2023

---

1 Bacharel em Nutrição pelo Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA). Especialização em Políticas Públicas e Sociais da Saúde pela Universidade de Araraquara (UNIARA). Especialização em Personal Dietitian em Clínica, Esporte e Fitoterapia pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM). Mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM), Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus de Macaé (RJ). *E-mail*: <nutinbuzios@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2111964629231322>>.

2 Licenciado em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciado em Física pela UNIS. Mestre em Tecnologia Educacional para as Ciências e Saúde. Doutorado em Educação em Ciências e Saúde. Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Macaé). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ). Professor do Mestrado Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (Proasd/NUPEM/UFRJ). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagens no Ensino de Ciências (LINEC-UFRJ/Macaé). Pesquisador do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASUR/UNIRIO). Pesquisador da Rede Internacional de Estudos Decoloniais na Educação Científica e Tecnológica (RIEDECT). *E-mail*: <bp-monteiro@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9891843186400847>>.

**Resumo:** O artigo apresenta uma revisão dos principais conceitos e reflexões sobre a educação intercultural na construção da soberania alimentar no Sul global, diante dos desafios contemporâneos dos sistemas alimentares e das mudanças climáticas. Para a busca, foram utilizados os descritores “agroecologia”, “educação intercultural” e “soberania alimentar” em bases de dados virtuais, tendo como resultado 20 artigos para leitura integral, compilados em três categorias: (I) abordagem decolonial e valorização do resgate das memórias e dos patrimônios alimentares dos povos africanos e latino-americanos; (II) educação intercultural como espaço de aproximações e distanciamentos culturais, não apenas aflorando a barbárie, mas possibilitando o diálogo e o intercâmbio; (III) agroecologia como “antídoto” e paradigma alternativo para a saída da crise. A análise elucida o processo de transformação, baseada em pedagogias coletivas essenciais para a regeneração natural e a construção da soberania alimentar.

**Palavras-chave:** agroecologia; decolonialidade; educação intercultural; soberania alimentar.

**Abstract:** The article presents a review of the main concepts and reflections on intercultural education in the construction of food sovereignty in global South, in the face of contemporary challenges such as food systems and climate change. For the search, the descriptors “agroecology”, “intercultural education” and “food sovereignty” were used in virtual databases, resulting in 20 articles for full reading, compiled in three categories: (I) Decolonial approach and the rescue of memories and food heritage of african and latin american peoples; (II) Intercultural education as a space for cultural approaches and distances, not only bringing about barbarism, but enabling dialogue and exchange; (III) Agroecology as an “antidote” and a alternative paradigm for exiting the crisis. The analysis elucidates the transformation process, based on collective pedagogies essential for natural regeneration and the construction of food sovereignty.

**Keywords:** agroecology; decoloniality; intercultural education; food sovereignty.

**Resumen:** El artículo presenta una revisión de los principales conceptos y reflexiones sobre la educación intercultural en la construcción de la soberanía alimentaria en el Sur global, frente a los desafíos contemporáneos como los sistemas alimentarios y el cambio climático. Para

la búsqueda se utilizaron los descriptores “agroecología”, “educación intercultural” y “soberanía alimentaria” en bases de datos virtuales, resultando 20 artículos para lectura completa, compilados en tres categorías: (I) Enfoque decolonial y rescate de memorias y alimentos patrimonio de los pueblos africanos y latinoamericanos; (II) La educación intercultural como espacio de acercamientos y distancias culturales, no solo propiciando la barbarie, sino possibilitando el diálogo y el intercambio; (III) La agroecología como “antídoto” y paradigma alternativo para salir de la crisis. El análisis dilucida el proceso de transformación, a partir de pedagogías colectivas imprescindibles para la regeneración natural y la construcción de la soberanía alimentaria.

**Palabras clave:** agroecología; decolonialidad; educación intercultural; soberanía alimentaria.

## INTRODUÇÃO

Naufragada em uma crise ambiental sem precedentes, a contemporaneidade se encontra diante do antropoceno, traçando uma nova história para a humanidade como nova era geológica (MENESES, 2019). Considerada por muitos especialistas como linha limítrofe ao dano irreversível e ao risco para todas as formas de vida do planeta, a expressão “grande aceleração”, conforme descrevem Steffen *et al.* (2015), tem como pressuposto a captação da natureza holística, inter-relacionada às mudanças pós-1950: a junção entre o sistema socioeconômico e o sistema biofísico da Terra, por meio da globalização (FARIAS, 2019). Sob o prisma ambiental, inúmeros são os alertas que recaem sobre a probabilidade de que o sistema socioeconômico atual contribua para a desaceleração dos efeitos irreversíveis ocasionados pela mudança climática global. No campo das ciências, riscos de graves pandemias por zoonoses também foram sinalizados e diretamente relacionados ao desmatamento de florestas nativas para o agronegócio do capital-intensivo. Neste cenário de incertezas, a pandemia da Covid-19 ocorre de forma simultânea, multidimensional e em nível mundial: a degradação ambiental como cerne do problema – um vírus como resultado da natureza em desequilíbrio – é a hipótese mais provável (CASTRO; MONTEIRO, 2020).

Em países de capitalismo periférico, o cenário de crises foi, a partir de 1950, ocasionado: (I) pelas crises sociais de desigualdade e violência; (II) pela crise ambiental, de diferentes formas; e (III) pela

crise econômica, como a “crise alimentar” mundial em 2008, suscitando questionamentos no que se refere à inviabilidade do padrão imposto à agricultura (ALTIERI, 2012). O fim do século XX marca também uma crise de sentido anunciada como a decadência do paradigma de desenvolvimento e do modo de vida determinado por ela. Reflexões sobre o modo de inovação capitalista em nome do progresso, a colonização, o desenvolvimento e a globalização são postas em xeque diante do sequestro histórico da agricultura (SILVA, 2017).

No entanto, a novidade não se deve aos sinais, mas aos níveis de vulnerabilidade social, à desordem institucional e às exigências políticas, como a retomada de movimentos racistas, fascistas e de extrema direita (MENESES, 2019). A crise que anteriormente era de saúde transformou-se em uma crise de alimentação e subsistência, o que evidencia o aumento da insegurança alimentar (BURITY *et al.*, 2021). O conceito de segurança alimentar e nutricional está sempre em construção. Evolui à medida que a humanidade avança e altera-se conforme a organização social e as relações de poder em uma sociedade. Após a Segunda Guerra Mundial (1945), a segurança alimentar foi hegemonicamente tratada como disponibilidade de alimentos, enquanto a insegurança alimentar decorre da produção insuficiente nos países pobres (BURITY *et al.*, 2010). Tal cenário foi propício à experiência de aumentar a produtividade de alguns alimentos, associada ao uso de novas variedades genéticas, fortemente dependentes de insumos químicos, chamada de “Revolução Verde” (ALTIERI, 2012). Mais tarde, seriam identificadas as terríveis consequências ambientais, econômicas e sociais dessa estratégia, como a redução da biodiversidade, a erosão do solo, a desertificação, menor resistência a pragas, êxodo rural e contaminação do solo e dos alimentos com agrotóxicos (BURITY *et al.*, 2010).

O impasse fundamental das sociedades humanas, desde a sua expansão até a sua decadência, foi que, segundo Montgomery (2007), elas sempre estiveram historicamente sob o uso insustentável dos recursos naturais. Uma das principais responsáveis foi a agricultura e, também, a conseqüente mudança no *modus operandi*, a partir da criação de necessidades e inovações tecnológicas ao longo do tempo (PASINI, 2017). A questão alimentar está relacionada com os mais diferentes tipos de interesses. Por isso, tal concepção ainda é palco de grandes disputas (BURITY *et al.*, 2010). Suas consequências manifestam-se não somente em territórios vulneráveis da América Latina e nos padrões de má

nutrição existentes, mas também na reestruturação da agricultura europeia, na obesidade, na engenharia genética e na entrada dos *organismos geneticamente modificados* (OGM) na alimentação (PLOEG, 2008).

O panorama de crises também se reflete no futuro da agricultura e na ética na inovação, de modo que o moderno/colonial emana a crise sistêmica e o seu declínio antes de 2050. Para o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000), criador do conceito de “colonialidade”, o sistema capitalista – enquanto instituição – opera no processo de reprodução das relações, dos significados e das práticas e atua transversalmente no trabalho, na natureza, no sexo, na subjetividade e na autoridade (SILVA, 2017). O passado colonial americano apontou que, para além da hierarquização dos grupos humanos pela cor da pele e por outros marcadores raciais, a conquista da hegemonia sociocultural se deu pela alimentação. Como resultado da “geopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2003) ou da “colonialidade dos sabores e paladares” (ACHINTE, 2010), a existência da hierarquização e das formas de preparo, conforme o lugar que ocupam na geografia de poder, determina o que Miller (2016) conceituou de “colonialidade alimentar” e seus aspectos históricos fundamentais no processo de alimentação, comensalidade e “marginalização de produtos”. Apropriando-se dos patrimônios alimentares dos povos colonizados, a colonialidade alimentar é moldada por padrões alimentares hegemônicos da Europa, polarizados pelo sistema capitalista como detentora do conhecimento gastronômico universal, violando a autonomia alimentar dos povos do Sul global (BASTOS, 2022).

Este artigo objetiva trazer à luz reflexões sobre o paradigma hegemônico vigente na contemporaneidade pela perspectiva decolonial, partindo do seguinte princípio: como construir a soberania alimentar no Sul global diante de tantos desafios mundiais?

O Sul global é um conceito complexo, relacionado não somente aos espaços geográficos, mas também políticos e simbólicos, nos quais a modernidade – como instituição – dá lugar a formas de exploração, violência e racismo, ainda que a proteção efetiva ocorra no viés democrático. Por modernidade compreende-se o período histórico que se inicia com as grandes navegações e a chegada dos europeus aos territórios que posteriormente serão denominados de Américas. Nesta fábula, em que as formas de ser, saber e viver são negadas, desprezadas e invisibilizadas, seria preciso que a Europa *moderna* “ajudasse” os povos “primitivos”, “arcaicos” e “atrasados” para que se desenvolvessem, legitimando a

predominância da barbárie, uma vez que a lei dos homens brancos não necessariamente deveria funcionar na chamada zona colonial ou no “outro lado da linha”. A zona colonial é a incorporação do universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis, que estão para além do verdadeiro e do falso (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021).

Nos dias atuais, tal realidade ainda está em vigor, de maneira que o pensamento moderno ocidental continua operando mediante linhas abissais, dividindo o mundo humano do sub-humano. A divisão metafórica do mundo capitalista em Norte e Sul global é um exemplo de como tais linhas operam. Ao Sul global estão os países em territórios situados nos dois hemisférios e que continuam sofrendo as consequências da expansão colonial europeia, de modo que não atingem níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao Norte global (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021). Assim, a crise ecológica existente hoje é resultado do revés do arquétipo dominante de desenvolvimento, que é limitado na promoção da equidade e da sustentabilidade, pois não alcança as camadas mais pobres, não resolve as questões da fome e da desnutrição e nem mesmo as questões ambientais (ALTIERI, 2012).

A natureza e seus processos, padrões e ciclos são imensuráveis, assim como a diversidade de olhares sobre eles (PETRI; FONSECA, 2019). Fundamentos do direito humano à alimentação e da continuidade do planeta como um todo são ameaçados pelas mudanças climáticas, pela poluição ambiental, pelo desmatamento, pelo apoderamento privado dos recursos naturais, pelo comprometimento da biodiversidade e pela uniformização do padrão alimentar. Os direitos humanos são compreendidos como universais, inseparáveis, intransferíveis, interdependentes e interligados em sua realização. Com o entendimento de que a alimentação é um processo de transformação da natureza em gente, as naturezas simbólicas, culturais e subjetivas são inseparáveis da realização do *direito humano à alimentação e à nutrição adequadas* (DHANA) (BURITY *et al.*, 2021).

Em “*Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*” (1946), o médico e geógrafo pernambucano Josué de Castro forneceu, a partir de seus estudos, a compreensão do problema da alimentação no país e como a fome se manifestava nas diferentes regiões do Brasil, denunciando o modelo de desenvolvimento de herança colonial, entendido como obstáculo à garantia do direito humano à alimentação e à soberania alimentar. Por soberania alimentar entende-se “o direito de os povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de

produção, distribuição e consumo de alimentos e que garantam o direito à alimentação para toda a população”. No entanto, o que se observa consiste de formas de produção, distribuição e consumo de alimentos e da sua relação com a comensalidade eurocentrada (BASTOS, 2022).

Um dos maiores desafios para a saúde e o meio ambiente no século XXI é a alimentação, de modo que se torna imprescindível a transformação do sistema alimentar global atual (moldado pelo modelo produtivista de larga escala), mediante um processo que desnaturaliza a agricultura (FARIAS, 2019). Autores como Scarano *et al.* (2011) reforçam a importância dessa pauta quando pensam em como as questões ambientais atingirão diretamente a produção e o consumo de alimentos (BURITY *et al.*, 2021). A Agenda 2030, lançada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2015, engloba transversalmente as questões agroalimentares em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 Metas, que buscam a articulação de um projeto global por meio do engajamento de diversos setores e atores da sociedade. Dentre tais objetivos, destaca-se o ODS 2, que busca “erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável”, enquanto o ODS 13 orienta os países a “adotar medidas urgentes no combate às mudanças climáticas e aos seus impactos”, trazendo a justiça para o centro do debate sobre o clima, a pobreza e o desenvolvimento, considerando que a ação climática constitui-se como imperativo ético (PREISS; SCHNEIDER, 2020).

O traço fundamental da soberania alimentar é a indissociabilidade de elementos como: (I) reforma agrária, direitos territoriais e bens da natureza; (II) pesca tradicional; (III) garantia do acesso à terra e aos meios de produção; (IV) acesso à água limpa o suficiente para o consumo e a produção de alimentos; (V) adoção de sistemas alimentares de base agroecológica; (VI) acesso à alimentação adequada e saudável; (VII) fortalecimento da agricultura familiar e dos mercados locais; (VIII) acesso aos serviços de saúde e nutrição; (IX) políticas de geração de emprego e renda; (X) adoção de políticas que não submetam a soberania alimentar aos interesses econômicos do livre comércio; e (XI) ações voltadas para o empoderamento e a autonomia econômica das mulheres.

Por tal motivo, a soberania alimentar é uma bandeira política, enquanto a abordagem decolonial é o resgate das memórias e dos patrimônios alimentares que resistem até os dias atuais com saberes acumulados dos povos africanos e latino-americanos. Assim, a violação do direito humano

à alimentação no Sul global é decorrente do histórico de colonização e dominação que ainda persiste, diferentemente da tese neomalthusiana, que atribui a fome à suposta superpopulação mundial (BASTOS, 2022).

Apesar das mais diversas formas de violência, grupos com outras formas de ser, saber e viver permanecem resistindo, como os povos indígenas e as comunidades quilombolas e camponesas. A diversidade epistemológica representa um amplo enriquecimento das capacidades humanas, razão pela qual Santos e Meneses (2010) denominam de epistemologias do Sul os saberes dos grupos sociais que sofreram violações do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado, de maneira que constituem um movimento contra-hegemônico ou um “pensamento pós-abissal”, uma vez que admitem que as práticas e os sujeitos de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021). Neste sentido, a agroecologia seria um “antídoto” para a “amnésia biocultural” e serviria para a construção de um paradigma alternativo para a saída da crise, uma vez que os povos tradicionais e camponeses são os principais protetores da memória biocultural da espécie. As práticas agroecológicas são, assim, um resultado da resistência a um memoricídio biocultural das comunidades tradicionais, com a imposição da promessa do paradigma agrícola moderno, ocorrendo a partir da segunda metade do século XX, como projeto político e ideológico (CASTRO; MONTEIRO, 2020).

As transformações paradigmáticas das experiências agroecológicas só serão possíveis com a mobilização social, a *práxis* da luta global pela soberania alimentar. No centro da estratégia agroecológica, o campesinato é a ideia central, pois os saberes adquiridos na agricultura e no manejo de agroecossistemas tornam-lhes aptos à transição agroecológica. O campesinato é representado como aqueles que praticam a agricultura camponesa, com uma racionalidade econômico-ecológica específica que se opõe à racionalidade da agricultura capitalista. Seus modos de fazer agricultura não são estáticos, mas diversos: evoluem ao longo do tempo e do espaço, com as características dos agrossistemas e com as sociedades que neles estão inseridas (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021).

A perspectiva decolonial é aplicada para examinar o papel da agricultura e o lugar da ética da inovação em cenários emergentes no século XXI, emancipando a colonialidade do poder, do ser, da natureza, em um processo de decolonialidade ontológica, epistemológica,

metodológica e axiológica do ideal de desenvolvimento, por meio de processos inovadores que coincidam com nossos idiomas, autores e lugares (SILVA, 2017). O conhecimento é construído democraticamente, não distinguindo os processos dos conteúdos, preservando a ecologia entre os saberes camponeses e indígenas e o saber científico, provocando a conversão em uma experiência transformadora (MENESES, 2019). Assim, a agroecologia política nasce para fornecer referenciais teóricos e metodológicos em processos de inovação institucional. Os princípios e valores fundamentais desse paradigma são praticados nos contextos sociais, ecológicos e políticos; e, neste sentido, emergem de processos de transição promovidos de baixo para cima (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021).

Ao incorporarmos novas formas de percepção, somos reconectados aos sujeitos históricos que somos e de cuja memória biocultural, nas palavras de Toledo e Barrera-Bassols (2008), estamos abdicando (PETRI; FONSECA, 2019). No colonialismo ou “desencantamento” do mundo, a compreensão dos interesses e das metas parte dos olhos daqueles que definem o que são os *outros* e não reconhece a diversidade como elemento fundamental. No entanto, na ciência do “encante”, o ser é um todo, de modo que o sentir e o pensar não estão deslocados, como bem expressam as palavras de Simas e Rufino (2019, p. 103): “Todo ser é continuidade. A política, a labuta cotidiana, é legado ancestral”.

## **A AGROECOLOGIA COMO RAIZ DA CONSTRUÇÃO DA SOBERANIA ALIMENTAR DOS “SUBALTERNOS”**

Em tempos de globalização hegemônica, o caráter intercultural das sociedades volta a pensar na educação como espaço de aproximações e distanciamentos culturais. É nas várias “zonas de contato” que a diversidade de etnias, culturas, gêneros e grupos sociais é reconhecida, não apenas em meio à emergência dos conflitos, mas também das possibilidades de diálogo e intercâmbio (EL-HANI, 2022). No entanto, as práticas patriarcais, raciais e etnocidas ameaçam a extinção da vida na Terra, opondo-se à convivência ética entre os seres humanos, de modo que o padrão global capitalista de poder reflete questões sobre raça, saber, ser, natureza e colonialidade (SILVA, 2017). Para Quijano (2005), a perspectiva eurocêntrica nas relações de dominação produziu uma

“colonialidade do saber”, como resultado do processo de construção do conhecimento capitalista colonial/moderno. Tal apagamento dos saberes subalternos em nome da superioridade do saber europeu relaciona-se diretamente ao que Mignolo (2005) denomina “diferença colonial”, que se encontra no centro do processo de construção do conhecimento (CASTRO; MONTEIRO, 2020).

Segundo Vygotsky (1991), a produção do conhecimento é construída socialmente, de modo que a vivência em sociedade é essencial para a transformação do homem biológico em ser humano. Os princípios sobre a natureza, os padrões e os ciclos são diversos, o que reflete a busca e a celebração da diversidade epistemológica para a sua compreensão, que, por muitas vezes, se distancia daquilo sobre o qual o conhecimento científico se debruça, entendendo apenas uma versão diante de um fenômeno e norteado por metodologias específicas (PETRI; FONSECA, 2019). As formas de conhecimento híbridas e transculturais resistem e transformam o conhecimento hegemônico a partir do que Grosfoguel (2008) denomina de “epistemologia de fronteira”, como resposta decolonial crítica à construção epistemológica da verdade única (CASTRO; MONTEIRO, 2020). É o espaço de ruptura onde os conhecimentos são formulados, partindo das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos subalternos, em um compromisso ético-político de construção do conhecimento contra-hegemônico (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021).

Com o “*encobrimento da América*” (DUSSEL, 1993), o mundo foi ocidentalizado e a ética foi ignorada em nome da violenta expansão, impulsionada pelo capital mercantil para a consolidação do capitalismo agrário, da agricultura e das ciências naturais, mediante estratégias políticas, ideológicas e epistemológicas. Suas verdades e sua visão de mundo são de matriz institucional, a qual condiciona os processos naturais e a dinâmica do modo de inovação, bem como o modo de interpretação da realidade e os modos de intervenção dominante (SILVA, 2017). A modernidade e a colonialidade influenciaram, para o mundo rural, os desdobramentos relacionados à desigualdade na distribuição da terra e no trabalho, reproduzindo o modo de ser camponês e seus saberes, inferiores diante do imaginário urbano e científico (PETRI; FONSECA, 2019).

Os sistemas agrícolas tradicionais se originaram ao longo de séculos de evolução biológica e cultural, partindo das experiências acumuladas dos agricultores e de sua interação com o meio ambiente, sem

o acesso aos insumos externos, ao capital ou ao conhecimento científico (PLOEG, 2008). As epistemologias do Sul, conforme Santos e Meneses (2009), caracterizam os conhecimentos dos povos colonizados que foram desprezados ou apropriados pelos conquistadores, em um processo de epistemicídio e sufocamento das culturas locais, mediante a assimilação da cultura europeia, condenando-os à invisibilidade (LARANJEIRAS *et al.*, 2019). Seu conceito não é uma epistemologia, mas sim um termo que tem o intuito de dar sentido às outras epistemologias que buscam reparar os danos e impactos históricos causados pelo capitalismo e por sua relação colonial com o mundo (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021).

Por tal motivo, a agroecologia surge no contexto das epistemologias do Sul, trazendo desses saberes invisibilizados a construção de um novo conhecimento, um novo projeto político, cuja ética é construída mediante a convivência em comunidade (SILVA, 2017). A conciliação de inovação ocorre na relação entre a pesquisa e o conhecimento tradicional, contribuindo para transformações nos sistemas alimentares em nível local (PREISS; SCHNEIDER, 2020). Tais inovações são, na agroecologia, expressas na diversidade e na criatividade das diferentes formas de resistência para o enfrentamento das desigualdades e a luta do campesinato, principalmente no que se refere à construção da autonomia nos territórios e às questões de gênero e raça. Como movimento social, articula atores envolvidos com a prática e os alicerces teóricos em sua construção, além dos setores envolvidos nas lutas por justiça social, saúde coletiva, soberania e segurança alimentar e nutricional, economia social, solidária e ecológica, igualdade entre gêneros e equilíbrio na relação entre o rural e o urbano (LIMA; QUEIROZ, 2019).

Para Catherine Walsh (2006), as pedagogias decoloniais e as epistemologias do Sul são perspectivas epistêmicas oriundas de lugares étnico-raciais subalternos, de grupos feministas, dissidentes sexuais e de gênero, assim como dos movimentos sociais, como negros, quilombolas, indígenas, das comunidades rurais e ribeirinhas. A lente da cultura é utilizada para explicar o que é a realidade e como ela funciona. Como forma de resistência e afirmação diante da destruição e da violência relacionadas às epistemologias do Norte, procuram garantir a sobrevivência do planeta de forma dialógica, onde o movimento e a relação de reciprocidade são categorias ontológicas e epistemológicas fundamentais (MENESES, 2019). Diante disso, as epistemologias do Sul operam contra-hegemonicamente, assentadas em três orientações,

de acordo com Santos (1995, p. 508): “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul, à luz de outras perspectivas, que não as do Norte global”. A interculturalidade apresenta-se como uma nova forma de fazer democracia, garantindo a participação e a permanência dos povos nas tomadas de decisões, resgatando as cosmovisões dos diferentes grupos étnicos e sua ancestralidade, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural, a riqueza ambiental e os saberes das classes populares (OLIVEIRA; LINSINGEN, 2021).

O estímulo à renovação epistemológica ocorre pela contextualização socioambiental, pela apreensão da comunidade como sujeito de conhecimento e pela articulação entre cientificidade e espiritualidade. Um exemplo é o ensaio teórico conduzido por Silva e Tavares de Lima (2018) sobre as reflexões referentes às cosmologias na cultura afro-brasileira, que apresenta aspectos do candomblé que podem contribuir para os estudos da agroecologia, tais como: (I) a relação dos povos de terreiro e sua indissociabilidade da natureza; (II) a vida em comunidade como resistência; (III) a infinidade de conhecimentos relacionados às folhas e às ervas “de poder”, destinadas à cura do corpo e do espírito; (IV) o alimento destinado ao corpo; (V) o sagrado como significado de vivificação para o orixá; e (VI) o papel das mulheres (LARANJEIRAS *et al.*, 2019).

Outro exemplo a ser citado é a *educação ambiental de base comunitária* (EABC), que, em nível local, pode agregar respostas decoloniais críticas dos subalternos diante da construção epistemológica da verdade única. Indicando um caminho metodológico que encontra suas raízes na América Latina, nos legados pedagógicos das lutas sociais e no fortalecimento comunitário, o Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur/UNIRIO) agrega conhecimentos comunitários e acadêmicos que se inter-relacionam com a colonialidade e a cosmovisão, bem como com a colonização das relações da espiritualidade com a terra e a ancestralidade, de modo a englobar o território e se opor ao racismo ambiental (CASTRO; MONTEIRO, 2020).

A relação entre a natureza e a sociedade está no núcleo dos sistemas alimentares, estabelecendo de maneira coletiva os processos de produção, coleta, pesca, processamento, distribuição, troca, comercialização e consumo de alimentos, considerando a demanda e a harmonia com os recursos naturais disponíveis (BURITY *et al.*, 2021). Pelo fato de englobar elementos como ambientes, pessoas, processos e

atividades educativas que almejam resultados para o estado nutricional e a saúde das populações, os sistemas alimentares instituem vínculos socioeconômicos e ambientais na sociedade, função que é primordial, por definir, diversificar e permitir a qualidade dos alimentos que serão consumidos (HLPE, 2014).

Sem a modificação de determinantes socioeconômicos como os que governam o que se produz, o como se produz e para quem se produz, os agroecossistemas sustentáveis não poderão ser implementados, pois englobam dimensões tecnológicas, sociais e econômicas (ALTIERI, 2012), indo do solo à mesa, sem excluir o retorno ao solo (LARANJEIRAS *et al.*, 2019). Portanto, a agroecologia política não é somente um novo ramo da agroecologia, mas uma proposta programática, que necessita de base socioecológica em instituições e de meios necessários para a transformação de paradigmas, entendendo a indissociabilidade entre o ser humano e o ambiente (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021).

O conceito de conhecimento é incompleto, ao passo que outras ontologias, epistemologias e projetos pedagógicos são prenúncios da educação enquanto projeto emancipador (MENESES, 2019). Para o filósofo e historiador Hugh Lacey (2019), a agroecologia é indissociável de dimensões como a científica, a prática agrícola e o movimento social, bem como a dimensão quanto ao projeto político. Portanto, propõe o que denomina de “metodologias sensíveis ao contexto”, se opondo às metodologias descontextualizadas da ciência convencional, indicando a construção de um novo paradigma, mediante conhecimentos contextualizados e posturas diferenciadas dos cientistas, englobando o diálogo, a horizontalidade e a ecologia de saberes. Dentre as estratégias, incluem: (I) a interligação entre o físico, o químico e o biológico com o humano, o social, o cultural e o histórico; (II) o diálogo de saberes, integrando conhecimentos como os dos agricultores, das comunidades tradicionais e dos povos indígenas, bem como diferentes disciplinas da ciência e os movimentos sociais; (III) a incorporação dos agricultores e das agricultoras como sujeitos da pesquisa; e (IV) a justiça social, a sustentabilidade, a participação democrática, a soberania alimentar e a crítica ao sistema agroalimentar atual. Diferentemente da ciência hegemônica, a agroecologia utiliza-se de metodologias sensíveis ao contexto ecológico, humano e social, de forma a se relacionar com as várias dimensões dos agroecossistemas, como a produtividade, a renda, o acesso, a variedade e a qualidade dos alimentos, além da sustentabilidade

ecológica, da conservação da biodiversidade, da saúde, da autonomia, da cultura e dos valores (LARANJEIRAS *et al.*, 2019).

A sustentabilidade é indissociável da preservação da diversidade cultural que alimenta as agriculturas locais; assim, as mudanças de paradigmas também exigem o cultivo de certas premissas éticas (ALTIERI, 2012). Embora a agricultura camponesa também seja submetida aos impérios alimentares, o campesinato representa a resistência. O processo de trabalho é uma arena extremamente importante de luta social, visto como um esforço substancial para melhorar os recursos disponíveis, realizando pequenos ajustes, de modo que contribuam para o mecanismo-chave da cooperação (PLOEG, 2008). É nas lutas latino-americanas que a educação ambiental nasce, no ventre das mulheres como suas principais protagonistas (CASTRO; MONTEIRO, 2020).

Em uma sociedade construída sob os ideais do capitalismo, do racismo e do patriarcado, as viabilidades do trabalho das mulheres são fundamentais para a busca por uma sociedade justa e igualitária (LIMA; QUEIROZ, 2019). Tal evidência pode ser vista nos dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018) que apontam para o número de mulheres agricultoras em nível mundial, que é superior ao dos homens, o que caracteriza o papel central das mulheres na construção de sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis, distintos do sistema agrícola dominante. Seus saberes, seus conhecimentos e suas práticas agrícolas somam-se à realização do trabalho do cuidado, em que a alimentação é o elemento fundamental (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021).

Na visão de Freire (2000), as lutas pela sustentabilidade e pelo futuro da humanidade mediante o diálogo distanciam-se dos legados coloniais, além do fato de que contribuem para os processos de tradução interculturais no campo educacional, transformando-se em experiências práticas e pedagogias libertadoras. Refletir sobre as comunidades baseadas em pedagogias coletivas constitui um passo essencial para a regeneração natural e possibilita a sobrevivência na Terra (MENESES, 2019). As premissas filosóficas da ciência tradicional não legitimam os conhecimentos e outras formas de aprendizagem, como a ancestralidade em saberes ecológicos tradicionais, saberes indígenas, camponeses e outras formas de conhecimento e interação entre os humanos e a natureza (PETRI; FONSECA, 2019).

No entanto, as mudanças paradigmáticas ou as “metamorfozes” já estão em andamento, expressas na biodiversidade de práticas sociais que apresentam caminhos possíveis para a reconstrução de uma nova dieta. Na agroecologia, a metamorfose é inspirada no sociólogo Edgar Morin (2007, p. 179; p. 181), ao afirmar que “*cuando un sistema es incapaz de tratar sus problemas vitales, se desintegra o entonces es capaz de suscitar un meta-sistema para lidiar con sus problemas: él se metamorfosea*”. Ou seja, tais mudanças ou “metamorfozes” são cruciais para a sobrevivência. Seu processo, sob o prisma intelectual, reconhece a inexistência de um centro gravitacional de forças transformadoras, mas sim redes estruturadas em diversas escalas nos territórios mais remotos do mundo e articulados em torno da agenda política da agroecologia e da soberania alimentar (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021). Em nível global, seu reconhecimento se deve ao vasto conjunto de evidências científicas e empíricas que contribuem para a efetividade do *direito humano à alimentação adequada* (DHAA), englobando as dimensões da disponibilidade, acessibilidade, adequação, sustentabilidade e participação (BURIGO, 2021).

Na artesanaria dessas práticas, os saberes se contextualizam com respostas e propostas específicas, refletem sobre diversas ontologias políticas emergenciais e conectam a humanidade e a natureza de forma relacional, opondo-se às linhas abissais do pensamento moderno e reforçando as lutas pela emancipação social (MENESES, 2019). Mediante aspectos como diversidade, natureza, processos cíclicos, flexibilidade adaptativa, interdependência e laços de reciprocidade e cooperação, os sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis são construídos. Nesse agrossistema, os tempos universais e totalizadores não sincronizam com esta realidade, pois seu horizonte é múltiplo e sua trajetória não segue linhas cartesianas e binárias. É um processo livre às experiências, ao ambiente, aos biomas. Quando há espaço, avança, cresce, estratifica-se. Se o ambiente é hostil, recua e cria caminhos alternativos, conectando-se com outros caminhos e novas trajetórias. Suas redes são diversificadas e complexas, de modo que se expandem e se disseminam por outros territórios, construindo novas realidades, transformando a sociedade. Seu movimento nasce no subsolo, como raízes; e, por tal motivo, expressa resistência. Coletivamente, pode construir soluções locais para dilemas contemporâneos causados pelos modernos sistemas alimentares (GONZÁLEZ DE MOLINA *et al.*, 2021).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta revisão, reflexões sobre os desafios contemporâneos para o século XXI (como a alimentação e as mudanças climáticas) foram elencadas, estabelecendo uma estreita relação entre a sociedade, a natureza e a cultura na tarefa fundamental da sobrevivência e da resistência da vida humana e dos ecossistemas.

Em tempos de “crises” agrárias, políticas, ambientais, econômicas, sociais e éticas, falar de soberania alimentar é transformação, transmutação da monocultura que predomina no campo, mas também na mente e no prato, mediante o entendimento de que, no capitalismo, não há modernidade sem colonialidade.

Assim, a agroecologia surge como uma mudança de paradigma, como inovação social ou “metamorfose”, em processos que expressam a resistência e a multiplicidade de experiências e práticas sociais autônomas e solidárias, ressignificando a comida e os modos de comer, abrindo caminhos possíveis e imensuráveis para a construção da soberania alimentar no Sul global.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400p. Disponível em <[https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia\\_short\\_port.pdf](https://arca.furg.br/images/stories/producao/agroecologia_short_port.pdf)>. Acesso em: 1º ago. 2022.

BASTOS, M. N. P. Fome e colonialidade alimentar no Brasil. **Revista Mosaico**. V. 14. Nº 22, p. 341-354, 2022. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/86295>>. Acesso em: 22 set. 2022.

BURIGO, André Campos; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Agenda 2030: saúde e sistemas alimentares em tempos de sindemia: da vulnerabilização à transformação necessária. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4411-4424, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/p36TMkBKMZqnkxD7WXcfbxx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BURITY, V.; FRANCESCHINI, T.; VALENTE, F.; RECINE, E.;

LEÃO, M.; CARVALHO, M. Direito Humano à Alimentação Adequada no Contexto da Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, DF: **ABRANDH**, 2010.

BURITY, V.; ROCHA, N. C. Informe DHANA 2021 [livro eletrônico]: pandemia, desigualdade e fome. Brasília, DF: FIAN Brasil, 2021.

CASTRO, D. J. F; MONTEIRO, A. P. A (re)existência de mulheres na forma de saberes ancestrais: repensando outras relações entre ciência, ambiente e educação no contexto pandêmico. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**. REVISEA, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 7, número especial, 2020. ISSN Eletrônico: 2359-4993.

EL-HANI, C. N. Bases teórico-filosóficas para o design de educação intercultural como diálogo de saberes. **Investigações em Ensino de Ciências**, [S. l.], v. 27, nº 1, p. 1-38, 2022.

FARIAS, Jorge Luís de Sales. O antropoceno e as transformações no sistema alimentar: desafios e oportunidades para a agricultura no semiárido. In: **II Workshop WEEA**, 2019, Porto Alegre, p. 1-25.

HLPE. Food losses and waste in the context of sustainable food systems: A report by the High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition of the Committee on World Food Security. Rome: **FAO**, jun. 2014. 116 p.

LARANJEIRA, N. P. F.; CARCELLE, S. J. A.; DE MIRANDA, D.; SÁ, T. D. de A.; TRENTO, L. G.; DE SOUZA, T. S.; CARDOSO, I. M. Para uma ecologia de saberes: trajetória da construção do conhecimento agroecológico na ABA. **Revista Brasileira de Agroecologia** [S. l.], v. 14, nº 2, p. 15, 2019. DOI: 10.33240/rba.v14i2.22959.

LIMA, A.; QUEIROZ, A. L. **Capítulo 1: Economia - Mulheres. Mulheres e soberania alimentar: sementes de mundos possíveis**. Rio de Janeiro: Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), 2019. 136 p.

MENESES, M. P. **Os desafios do Sul: traduções interculturais e interpólicas entre saberes multi-locais para amplificar a descolonização da educação**. In: MONTEIRO, B. A. P. Decolonialidades na Educação em Ciências. 1ª edição. Coleção Culturas, Direitos Humanos, Diversidades na Educação em Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, p. 20-43.

GONZÁLEZ DE MOLINA, Manuel *et al.* (Ed.). **Introducción a la agroecología política**: 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2021. Color. ISBN: ISBN 978-987-813-035-4. Disponível em: <<https://www.clacso.org/introduccion-a-la-agroecologia-politica/>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

OLIVEIRA, Maíra Caroline Defendi; LINSINGEN, Irlan von. Alternativas epistêmicas emergentes na ciência e seu ensino a partir do sul global. **Perspectiva** [S. l.], v. 39, nº 2, p. 1-19, 2021. DOI: 10.5007/2175-795X.2021.e67902. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/67902>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PASINI, Felipe. A Agricultura Sintrópica de Ernst Göstch: história, fundamentos e seu nicho no universo da Agricultura Sustentável. 2017. 19 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Ambientais e Conservação) – Campus da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/FELIPE\\_DOS\\_SANTOS\\_PASINI\\_ok.pdf](http://ppgciac.macaue.ufrj.br/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/FELIPE_DOS_SANTOS_PASINI_ok.pdf)>. Acesso em: 9 nov. 2020.

PETRI, M.; FONSECA, A. B. **Outros saberes na educação do campo no Brasil: reflexões para o ensino de ciências**. In: MONTEIRO, B. A. P. Decolonialidades na Educação em Ciências. 1ª edição. Coleção Culturas, Direitos Humanos, Diversidades na Educação em Ciências. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, p. 225-245.

PREISS, P. V; SCHNEIDER, S. **Sistemas alimentares no século XXI: debates contemporâneos**. Editora UFRGS.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. 372 p.

SIMAS, L. A; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Mórula: 2019. 112 p.

SILVA, J. S. Agroecologia e a ética da inovação na agricultura. **Redes** - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, nº 2, maio-agosto, 2017, p. 351-373.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## **Latifúndio eólico: energia renovável, *green grabbing* e modernização conservadora no Nordeste do Brasil**

*Latifundia wind farms: renewable energy, green grabbing and  
conservative modernization in Northeastern Brazil*  
*Latifundio eólico: energía renovable, green grabbing y modernización  
conservadora en el Nordeste de Brasil*

Francisco Raphael Cruz Maurício<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-2788-3005>

Recebido em: 28/09/2022

Aprovado em: 05/01/2023

**Resumo:** A produção de energia eólica no Nordeste do Brasil é entendida pelo Estado e pelas empresas de energia como diversificadora da matriz elétrica nacional e mitigadora das mudanças climáticas globais, contribuindo para o desenvolvimento sustentável. Contudo, a instalação de parques eólicos na região tem gerado conflitos com camponesas, povos e

---

<sup>1</sup> Sociólogo. Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Licenciado em Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSSELVI). Pesquisador do Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA), que é vinculado à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e centro membro pleno do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). *E-mail:* <cruzraphaelcruz@gmail.com>. Currículo Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/3689254313166775>>.

comunidades tradicionais. Neste artigo, é investigada a relação entre a geração de energia eólica e a população rural historicamente subalternizada do Nordeste. A pesquisa bibliográfica permitiu identificar que a territorialização da energia eólica na região ocorreu mediante a expropriação dessa população, configurando um regime regional de desapropriação de terras e recursos naturais. Consta-se que a eolização do Nordeste assenta-se na concentração fundiária, recriando, agora, com justificativas ecológicas, a grande propriedade. Conclui-se que a invenção do Nordeste eólico foi também a reinvenção da modernização conservadora, convocando-nos a pensar nas intersecções entre as questões energética, climática e agrária no Brasil contemporâneo.

**Palavras-chave:** energia eólica; expropriação; questão agrária; modernização conservadora.

**Abstract:** Wind energy production in Northeast Brazil is understood by the State and energy companies as a promoter of the diversification of the national electricity matrix and mitigation of global climate change, contributing to sustainable development. However, the installation of wind farms in the region has generated conflicts with peasants, traditional peoples and communities. This article investigates the relationship between wind power generation and the historically subalternized rural population of the Northeast. The bibliographical research allowed us to identify that the territorialization of wind energy in the region occurred through the expropriation of this population, configuring a regional regime of expropriation of land and natural resources. It is verified that the aeolianization of the Northeast is based on land concentration, recreating, now, with ecological justifications, the large property. We conclude that the invention of the wind-powered Northeast was also the reinvention of conservative modernization, inviting us to think about the intersections between energy, climate and agrarian issues in contemporary Brazil.

**Keywords:** wind energy; expropriation; agrarian question; conservative modernization.

**Resumen:** La producción de energía eólica en el Nordeste de Brasil es entendida por el Estado y las empresas de energía como promotora de la diversificación de la matriz eléctrica nacional y de la mitigación del cambio climático global, contribuyendo al desarrollo sostenible. Sin embargo, la instalación de parques eólicos en la región ha generado conflictos con los campesinos, los pueblos tradicionales y las comunidades. En este artículo

se investiga la relación entre la generación de energía eólica y la población rural históricamente subalternizada del Nordeste. La investigación bibliográfica nos permitió identificar que la territorialización de la energía eólica en la región se dio a través de la expropiación de esta población, configurando un régimen regional de despojo de tierras y recursos naturales. Se comprueba que la eolización del Nordeste basa en la concentración de tierras, recreando, ahora, con justificaciones ecológicas, la granpropiedad. Se concluye que la invención del Nordeste eólico fue también la reinvencción de la modernización conservadora, llamando a pensar las intersecciones entre las cuestiones energéticas, climáticas y agrarias en el Brasil contemporáneo.

**Palabras clave:** energía eólica; expropiación; cuestión agraria; modernización conservadora.

## INTRODUÇÃO

A produção de energia eólica no Nordeste do Brasil é entendida pelo Estado e pelas empresas de energia como diversificadora da matriz elétrica nacional e mitigadora das mudanças climáticas globais, contribuindo para o desenvolvimento sustentável (GANNOUN, 2021). Contudo, a instalação de parques eólicos na região tem gerado conflitos com camponesas, povos e comunidades tradicionais (PORTO, FINAMORE, FERREIRA, 2013).

Neste artigo, é investigada a relação entre a produção de energia eólica e a população rural historicamente subalternizada do Nordeste, isto é, camponeses, povos e comunidades tradicionais. A pesquisa bibliográfica permitiu identificar seis mecanismos de expropriação dessa população, o que configura um regime regional de desapropriação. Constata-se que o desenvolvimento da energia eólica no Nordeste assenta-se na concentração fundiária, recriando, agora, com justificativas ecológicas, a grande propriedade. Conclui-se que a invenção do Nordeste eólico foi também a reinvenção da modernização conservadora, o que nos convoca a pensar as intersecções entre as questões energética, climática e agrária no Brasil contemporâneo.

O presente artigo está dividido em cinco partes. Na primeira parte, é descrito o processo de invenção do Nordeste enquanto plataforma regional de utilização do vento para a geração de energia eólica. Na segunda parte, é exposto o referencial teórico utilizado no artigo, que versa sobre a economia política da expropriação. Nesta parte, são conceituadas a exploração e a expropriação como formas de confisco

das classes subalternas por agentes capitalistas e estatais. Na terceira parte, é explicado como a apropriação do vento para a geração de energia elétrica demanda grandes extensões de terra, sendo que o Nordeste brasileiro está inserido na tendênciamundial de desapropriação de populações rurais para a mitigação da mudança climática. Na quarta parte, são identificados seis mecanismos de expropriação atuantes na geração de energia eólica no Nordeste do Brasil que sustentam um regime regional de desapropriação de terras e recursos naturais dos povos do campo. Na última parte, argumenta-se que a expansão das fontes renováveis de energia representa um movimento de modernização ecológica do setor elétrico atuante no Brasil, mas a concentração de terras e a consequente desigualdade fundiária revelamos seus limites enquanto reinvenção da modernização conservadora, só que, agora, esverdeada.

## **A INVENÇÃO DO NORDESTE EÓLICO: CONVERGÊNCIA DE CRISES E SINERGIA DE INTERESSES**

O Nordeste é a região de colonização mais antiga do Brasil<sup>2</sup>. Durante a história do país, a região já ocupou o centro dinâmico da economia, mas perdeu importância em comparação com outras regiões, como o Sudeste (DAVIS, 2022). Atualmente, é a região brasileira mais pobre (BNB, 2010).

Além do prestígio de suas culturas eruditas e populares, outra característica socialmente importante do Nordeste é a sua concentração de campesinatos e povos tradicionais: (a) a região é a que conta com o maior percentual de habitantes que vivem em áreas rurais: 26,88% (IBGE, 2015); (b) aproximadamente 50% dos estabelecimentos de agricultura familiar do Brasil estão no Nordeste (LANDAU, 2013); (c) 61,0% dos estabelecimentos agropecuários têm por finalidade principal o consumo próprio de gêneros alimentícios do produtor e de pessoas com laços de parentesco com ele (IBGE, 2020); (d) na região, vive a maioria da população pesqueira (SILVA, 2014); (e) situa-se no Nordeste brasileiro o

---

2 A Região Nordeste é uma das cinco regiões do Brasil. Seu território compreende uma área de 1.554,3 mil km<sup>2</sup>, correspondentes a 18,3% do país. Política e administrativamente, o Nordeste é formado por nove estados e 1.793 municípios, constituídos essencialmente por pequenas municipalidades em termos populacionais. A população da região é de 53,6 milhões de pessoas, que representa 28,0% da população brasileira, sendo que um quarto da população do Nordeste mora nas nove capitais estaduais. A região litorânea concentra a maioria da população nordestina, havendo, comparativamente, extensas áreas do sertão e do meio-norte consideradas pela cartografia estatal como “vazios demográficos” (BNB, 2010).

maior número de localidades quilombolas; (f) a região tem o segundo maior número de localidades indígenas do Brasil (IBGE, 2020); (g) o Nordeste conta, ainda, com a maior quantidade de agricultores familiares declarados de cor ou raça preta (IBGE, 2020); e (h) tanto nas zonas urbanas quanto nas zonas rurais predominam populações não brancas, compostas em sua maioria por pardos e negros (IBGE, 2015).

Por outro lado, essa presença de camponeses, povos e comunidades tradicionais se dá num contexto social de desigualdades. O Nordeste: (a) apresenta o segundo maior percentual de latifúndios<sup>3</sup> por área total da região: 41% (IMAFLOA, 2017); (b) nele localiza-se o estado com maior desigualdade fundiária do país: o Maranhão (IBGE, 2020); (c) possui o maior percentual do Brasil de estabelecimentos agropecuários ou produtores sem inscrição no CNPJ (IBGE, 2020), isto é, que não possuem o título legal de suas posses; e (d) apresenta os menores índices de escolaridade entre os agricultores familiares do Brasil (IBGE, 2020).

Em 2019, estavam funcionando 614 parques eólicos no Brasil, excetuando-se os demais 214 em construção ou que ainda não tiveram sua instalação iniciada. Isso resultou em 243.440,94 hectares de terras apropriadas para a geração de energia eólica. Desse total, 82,66% das áreas incorporadas (201.231,16 ha) estão no Nordeste (LIMA, 2019). Contudo, tal modernização da infraestrutura de geração de energia elétrica convive com desigualdades que marcam a região, pois o Nordeste possui mais de 85% da capacidade eólica do país, mas também as cidades com os menores índices de desenvolvimento humano (LUCENA e LUCENA, 2019).

A história da territorialização<sup>4</sup> bem-sucedida da produção de energia eólica no Nordeste brasileiro está relacionada a duas crises com diferentes escalas geográficas: (I) a crise do abastecimento elétrico no Brasil em 2001; e (II) a crise financeira global, iniciada nos Estados Unidos em 2008 (PEREIRA, 2021). Em 2001, a crise do setor elétrico levou ao racionamento de eletricidade no país, para reduzir o consumo em 20%. O que ficou popularmente conhecido como “apagão” consistiu de cortes de energia elétrica programados pelo governo para evitar o

3 Medeiros (2012, p. 447) afirma que “o termo latifúndio, de origem latina, era usado na Roma Antiga para referir-se às extensões de terra controladas pela aristocracia e passou a ser utilizado para designar grandes propriedades de terra em geral. No Brasil, a origem dos latifúndios encontra-se no sistema de colonização”.

4 Entendo os processos de territorialização como “a estruturação, desestruturação e reestruturação das formas de controle dos recursos naturais e da organização do espaço, o que decorre das práticas dos grupos sociais interdependentes. Desse modo, os processos de territorialização contemplam as estratégias de produção do espaço, as de reprodução social e as formas de dominação” (MIRANDA, 2013, p. 155).

colapso no abastecimento nacional. Tal situação levou os agentes estatais a pensar na dependência em relação à fonte hídrica, a principal da matriz elétrica do país<sup>5</sup> (ROCKMANN; MATTOS, 2021).

O Estado, então, promoveu políticas públicas para a diversificação da matriz elétrica nacional. Destacou-se, nesse contexto, o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (PROINFA), assunto que será comentado mais adiante. Contudo, somente 52 parques eólicos foram outorgados pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) entre 2001 e 2008, com apenas nove sendo postos em operação (PEREIRA, 2021). Em 2009, ocorreu um aumento exponencial de parques eólicos no país. Pereira (2021) destaca que, embora o Estado pautasse a diversificação da matriz elétrica, tal aumento de parques foi viabilizado por interesses de agentes do capital hegemônico, que, no contexto da crise financeira de 2008, buscaram diversificar seus portfólios para a acumulação de capital, investindo, assim, no setor elétrico<sup>6</sup>.

Quatro vetores podem ser identificados como indutores da invenção do Nordeste eólico.

1) O vetor científico: pesquisas de prospecção efetuadas por agências estatais identificaram o potencial eólico das regiões, resultando no Atlas do Potencial Eólico Brasileiro, publicado em 2001 pelo Centro de Pesquisa de Energia Elétrica da Eletrobrás (DUTRA, 2007). 2) O vetor governamental: o PROINFA proporcionou facilidades jurídicas e incentivos financeiros por parte do Estado a empresas privadas de energia para aumentar a participação da fonte eólica, a pequenas centrais hidrelétricas e de biomassa no Sistema Interligado Brasileiro (PEREIRA, 2019). 3) O vetor mercadológico: o setor de energia eólica no Brasil conta com número limitado de empresas de grande porte tanto na geração da energia quanto no fornecimento de aerogeradores, o que indica uma dinâmica oligopolista (MAGALHÃES *et al.*, 2019). 4) O vetor financeiro: entre 2009 e 2016, o valor total investido foi de US\$ 32.037,710 bilhões, com destaque para o período entre 2014 e 2016 (SILVA, AZEVEDO, 2021).

---

5 Em 2021, o Brasil foi o sexto país no Ranking Global de Capacidade Instalada de Energia Eólica (GANNOUN, 2021). No entanto, a fonte hídrica ainda detém 56,4% de participação na matriz elétrica brasileira, ficando a eólica em segundo lugar, com 11,8% do total (ABEEÓLICA, 2021).

6 Diniz (2018) analisou a cadeia societária de 719 parques eólicos e verificou que, destes, 483 detêm sócios exclusivamente privados. Já os demais 236 têm o Estado (entendido como a União, empresas e entidades vinculadas) em sua cadeia societária. O autor concluiu que a expansão da energia eólica tem sido conduzida com maior participação do capital privado (67,2%) do que do Estado (32,8%). Contudo, destaca que esse aumento da participação privada ocorreu sob um arranjo regulatório organizado pelo Governo Federal e com o estímulo financeiro de bancos públicos.

O Nordeste eólico foi uma invenção de agentes estatais e corporativos, nacionais e transnacionais, induzidos a agir por crises relacionadas à iminência do colapso nos sistemas elétrico brasileiro e financeiro global. A instalação de parques eólicos no Nordeste brasileiro resulta, então, de ações relativas à busca da governabilidade por parte do Estado e de acumulação do capital por corporações transnacionais, que encontraram vazão na criação de um mercado de energia renovável no país a partir dos anos 2000. Nesse sentido, a sinergia entre o Estado e as empresas transnacionais foi responsável por territorializar a infraestrutura de geração de energia eólica numa região historicamente marcada pela concentração de terras. Sugiro, adiante, que tal processo de territorialização vem resultando em desterritorialização da população rural, por meio de expropriações primárias (FONTES, 2010), que estão configurando um regime regional de desapropriação (LEVIEN, 2014) no Nordeste brasileiro.

## **ECONOMIA POLÍTICA DA EXPROPRIAÇÃO**

Para a valorização da mercadoria “energia elétrica”, o capital gasto em meios de produção (capital constante) supera a participação do capital utilizado para a compra da força de trabalho (capital variável) na totalidade do capital investido pelas empresas de energia eólica. Isso configura um elevado nível de automatização na geração de energia pelos ventos. O investimento de capital constante é, então, direcionado para: (a) a aquisição de máquinas; (b) equipamentos; e (c) a garantia do acesso à terra com potencial eólico. Na produção de energia eólica, inexistente investimento de capital constante para a aquisição de matéria-prima, como ocorre nas termoelétricas, pois o vento é um objeto de trabalho, como dizia Marx (2013), preexistente à intervenção humana, o que proporciona ao capitalista um lucro suplementar (TRALDI, 2019).

Tal lucro suplementar decorre de três fatores: (a) das vantagens obtidas pela venda da eletricidade enquanto mercadoria; (b) do recurso natural “vento” enquanto matéria-prima previamente disponível; e (c) da diferença entre o preço de produção social médio (dado pelo preço de produção das usinas termoelétricas à base de combustíveis fósseis) e o preço da produção individual dos capitalistas beneficiados pela apropriação do vento. Assim, a garantia do lucro suplementar das corporações de energia eólica decorre centralmente da apropriação privada do vento. Contudo, trata-se de uma apropriação viabilizada somente pelo controle

e pela propriedade de terras que dispõem de condição biofísica favorável à produção de eletricidade a partir da fonte eólica (TRALDI, 2019).

Ocorre que, no Brasil, as terras preches de potencial eólico localizam-se em áreas litorâneas e semiáridas do Nordeste rural (LIMA, 2019; TRALDI, 2019), que são, contudo, historicamente habitadas por uma multiplicidade de campesinatos, povos e comunidades tradicionais, assim como estruturadas socialmente por conflitos fundiários e desigualdades sociais (ANDRADE, 2005; OLIVEIRA, 2008). A corrida das empresas de energia por terras eolizáveis, isto é, com potencial para a produção de energia elétrica a partir do vento, desencadeou conflitos territoriais e ambientais entre povos e empresas (PORTO; FINAMORE; FERREIRA, 2013).

O lucro na produção da mercadoria “energia” a partir de fontes eólicas não decorre da exploração da força de trabalho desses grupos sociais. Ele tem como condição de possibilidade o controle e a propriedade da terra dessas populações para a apropriação privada do vento. Assim, será necessário compreender as similaridades e diferenças entre exploração e expropriação para caracterizar a relação entre as empresas de energia e as gentes rurais historicamente subalternizadas do Nordeste brasileiro. Zukerfeld (2017) destaca que a exploração e a expropriação econômicas possuem em comum o fato de que são enquadradas por normas, ou seja, se apoiam em um ambiente institucional forjado pelo Estado-nação mediante leis e jurisdições, adquirindo formas legalmente sancionadas. Ambas derivam de relações estabelecidas entre duas categorias de atores humanos, nas quais um dos atores obtém mais-valia na relação e à custa do outro.

As diferenças são as seguintes: a expropriação realiza-se na esfera da circulação e da troca, enquanto a exploração realiza-se na esfera da produção, nos processos produtivos. A expropriação implica o confisco sem troca ou a troca assimétrica, enquanto a exploração realiza-se a partir e fundamentalmente enquanto uma troca assimétrica. Por último, o que é confiscado na relação de expropriação é “matéria” (terra, imóveis, recursos naturais etc.) e/ou energia (principalmente não humana). Já na relação de exploração, o que é explorado é o trabalho (energia humana) e o conhecimento humano.

No Livro I de “*O Capital*”, Karl Marx (2013) definiu a expropriação como a separação do produtor direto de seus meios de produção. Virgínia Fontes (2010), no entanto, distinguiu duas formas de expropriação atuantes na acumulação capitalista: a primária e a secundária. A primária refere-se à expropriação dos meios de produção, notadamente, mas não somente,

à terradas populações camponesas. Ao longo da história do capitalismo, a expropriação primária permaneceu e se aprofundou em diferentes contextos junto às expropriações secundárias. Estasnão se referem à perda de propriedade dos meios de produção, pois a maioria dos trabalhadores urbanos dela já não dispunha, mas a permanente disponibilidade da força de trabalho para o capital extrair mais-valor. Nesse sentido, ao expropriarem terra para a apropriação privada dovento, as corporações de energia eólica operam uma modalidade de expropriação primária da população rural historicamente subalternizada no Nordeste brasileiro.

Levien (2014) distingue dois tipos de regimes econômicos capitalistas: o de produção eo de desapropriação. O primeiro representa um meio institucionalizado para extrair trabalho extra do proletariado. Já o segundo representa um meio também institucionalizado pelo Estado para expropriar ativos de seus donos ou usuários atuais. A produção de energia eólica no Nordeste pode ser compreendida como um regime de desapropriação, pois a espoliação de terras da população rural historicamente subalternizada oferece um novo mercado para o capital ser investido e acumulado, trazendo para a sua órbita o objeto de trabalho “vento” (MARX, 2013).

Torna-se, então, a expropriação de terras uma condição para o Estado diversificar a matriz elétrica brasileira e para empresas transnacionais acumularem capital. A seguir, será exposto como a expansão da capacidade produtiva dos parques eólicos (*megawatts* gerados) é dependente da concentração de terras (hectares apropriados), produzindo a expropriação de povos do campo; porém, ocultando-a com argumentos ecológicos, como a mitigação das mudanças climáticas.

## **“GREEN GRABBING”: ESVERDEANDO A EXPROPRIAÇÃO**

Autores da economia política agrária têm usado expressões como “*land rush*” e “*land grabbing*” (literal e respectivamente, “corrida de terras” e “tomada de terras”, em português) para caracterizar o fenômeno da “*global land rush*” (“corrida global por terras”), iniciado por volta de 2006-2008 e operada por investidores internacionais. Em 2010, o Banco Mundial fez uma avaliação sobre “terras disponíveis” no mundo e concluiu que a área, à época, não cultivada que não é florestal e nem protegida e povoada com menos de 25 pessoas por km<sup>2</sup> representava

446 milhões de hectares. Tal diagnóstico apresentou a dimensão das terras que poderiam ser integradas à produção de alimentos, à geração de energia ou à construção de infraestruturas no contexto da acumulação capitalista pós-crise financeira de 2008 (WHITE *et al.*, 2012).

A justificativa para investimentos em larga escala em terras foi apresentada em torno de uma série de narrativas de crise, ligadas à “escassez crescente” e a uma “catástrofe iminente”. O pressuposto era que a solução para possíveis crises alimentares, energéticas e climáticas consistia em capturar os potenciais das chamadas terras marginais, vazias e disponíveis em todo o mundo. O processo de tomada de terras ocorreu em situações nas quais as populações locais não detinham direitos formais sobre os territórios, como no caso de grande parte da população rural nordestina, mas também ocorreu em toda uma gama de regimes de propriedade, desde terras públicas, de uso comum, até privadas e, inclusive, em terras de reforma agrária (WHITE *et al.*, 2012).

Dentre os desafios a serem superados pelos proponentes da energia eólica está a sua baixa densidade energética, pois quanto mais baixa for a densidade energética de uma fonte, maior é a área que ela demanda para gerar energia<sup>7</sup>. Scheidel e Sorman (2012) afirmam que a transição energética para fontes como a eólica é inevitável, mas prolongará a corrida por terras e a consequente expropriação de populações rurais para a transição energética. Quando a “*land grabbing*” é legitimada com argumentos ecológicos, como o da mitigação da mudança climática, ela é chamada de “*green grabbing*”, traduzível como “apropriação verde” (FAIRHEAD; LEACH; SCOONES, 2012). Autores dos estudos críticos de energia identificaram que a prática do “*greengrabbings*” está se expandindo no sul global por meio de parques eólicos e solares para facilitar a mitigação de tais mudanças, mas produzindo injustiças, ao tomar terras de populações rurais, tornando-as vítimas das transições de baixo carbono (STOCK; BIRKENHOLTZ, 2021; SOVACOOOL, 2021).

Ao mesmo tempo em que o Estado e as empresas capitalistas de energia destacam os parques eólicos como solução viável para a mitigação da mudança climática, eles ocultam a concentração de terras que lhes

---

7 Dutra (2007, p. 2) afirma que “no caso da energia eólica, a massa de ar específica é muito baixa (1,25 kg/m<sup>3</sup> contra cerca de 1.000 kg/m<sup>3</sup> da água, por exemplo), acarretando a necessidade de uma grande área para geração de energia, além do espaçamento entre elas, para que o efeito de captação do fluxo de ar seja o menos turbulento possível”. Scheidel e Sorman (2012) identificam que os aerogeradores terrestres geralmente ocupam 0,05 milhas por quilômetro quadrado em média. Stock e Birkenholtz (2021) destacam que uma transição mundial para energias renováveis requeria ~1.16% da superfície do planeta.

permitiram se expandir no Nordeste brasileiro. O sucesso da expansão da geração da energia eólica na região durante as primeiras décadas do século XXI é parte da tendência mundial de “*green grabbing*” observada no sul global, pois a territorialização de parques eólicos tem ocorrido por meio da expropriação dos povos do campo. Baseado em pesquisas sobre a territorialização da energia eólica no litoral setentrional e no semiárido nordestinos (LIMA, 2019; TRALDI, 2019), identificarei seis mecanismos de expropriação dos povos do campo pelas empresas de energia e argumentarei sobre a emergência de um regime regional de desapropriação eólica.

### **TERRITORIALIZAÇÃO POR EXPROPRIAÇÃO: A EMERGÊNCIA DO REGIME REGIONAL DE DESAPROPRIAÇÃO EÓLICA**

Lima (2019) realizou uma pesquisa sobre a instalação de parques eólicos em 18 municípios do litoral setentrional, abrangendo 22 projetos de energia nos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. Traldi (2019; 2018) analisou 19 contratos de arrendamento firmados por pequenos, médios e grandes proprietários de terras e empresas de energia eólica em diferentes localidades do semiárido nordestino. A partir dessas pesquisas, podem ser identificados os seguintes mecanismos de expropriação da população rural historicamente subalternizada do Nordeste brasileiro: 1) contratos de arrendamento; 2) grilagem e fraudes cartoriais; 3) degradação ambiental; 4) contenção territorial; 5) apropriação de água; 6) apropriação de vento.

Sobre os contratos, constatou-se que o valor pago pelo arrendamento da terra é baixo e que as cláusulas estabelecidas no documento produzem a alienação do imóvel rural, pois são estabelecidos longos prazos de vigência (de 25 a 37 anos) da cessão da terra às empresas de energia e prerrogativas contratuais unilaterais de irrevogabilidade (o contrato não pode ser desfeito) e de irretratabilidade (o contrato não pode ser modificado). Assim, as empresas podem rescindir o contrato a qualquer momento, mas o proprietário não pode (LIMA, 2019).

Traldi (2019) observou que, a depender do tipo de proprietário, se grande ou pequeno, o contrato tende a ter condições mais equilibradas ou desequilibradas entre as partes assinantes. Quando a empresa arrenda terras de um grande proprietário do semiárido, a relação contratual

entre locatário e arrendador tende ao equilíbrio contratual. O mesmo não ocorre quando é firmado acordo com pequenos proprietários. Isso porque o grande proprietário tende a contratar assessoria jurídica especializada e entende que possui algum poder para impor todas ou uma parte das regras no momento da contratação. O desequilíbrio que marca o contrato entre a empresa de energia e o pequeno proprietário deve-se ao fato de que este desconhece o funcionamento do arrendamento e sua inacessibilidade à assessoria jurídica especializada, além de ignorar que pode opinar a respeito das cláusulas contratuais propostas pela empresa.

A aquisição de terras de pequenos proprietários ou daquelas de uso coletivo (fundos de pasto e quilombolas) por meio de grilagem e outras fraudes cartoriais constitui outro mecanismo de expropriação. Traldi (2019) afirma que tais mecanismos tendem a ser operados por atravessadores, intermediários ou empresas arrendadoras de propriedades, que identificam as áreas de elevado potencial eólico. São propriedades que se tornam alvo da cobiça daqueles que buscam se apropriar das terras, promovendo a expulsão de moradores, se necessário. Tais fraudes podem envolver posseiros, funcionários de cartórios e representantes das elites locais.

A degradação ambiental é outro mecanismo de expropriação. Lima (2019) destaca o aterramento e a fragmentação de lagoas perenes e intermitentes, de áreas de inundação sazonal, desmatamento da vegetação nativa, desmonte e compactação de dunas fixas, além de alteração da fisionomia e da morfologia do campo de dunas. Empresas de energia elencam em seus relatórios de impacto ambiental outros danos ecológicos, tais como: (a) alteração da qualidade das águas superficiais, subterrâneas e do solo; (b) afugentamento da comunidade faunística (peixes, anfíbios e répteis, aves e mamíferos); e (c) alteração na biota aquática (MINERAL ENGENHARIA E MEIOAMBIENTE, OMEGA ENERGIA, 2019).

A contenção territorial é outro mecanismo de expropriação. Ela se expressa em cercas, guaritas, cancelas e portões que obstruem a mobilidade espacial de camponeses e povos tradicionais. Trata-se de um mecanismo que deriva do processo de especialização produtiva do espaço, em que lugares de extrativismo e agricultura passam a ser destinados apenas à geração de energia.

Outro mecanismo de expropriação é a apropriação privada da água na fase de implantação do parque eólico, que resulta em secagem dos poços d'água e degradação ambiental (LIMA, 2019). Uma expropriação

que pode passar despercebida, mas destacada por Traldi (2019; 2018), é aquela na qual a geração de energia eólica se apropria do bem comum (que é o vento) para a geração de lucro privado: “Os contratos firmados permitem que as empresas possuam liberdade total para produzir energia se apropriando de um bem comum, sem risco ou com o menor risco possível, pagando o valor que lhes convier aos proprietários das terras arrendadas” (TRALDI, 2018, p. 28).

Tanto Lima (2019) quanto Traldi (2019) identificam o Estado brasileiro como aquele que organizou o mercado de energia renovável e financiou a expansão da geração de energia eólica. Em 2018, houve um total de R\$ 76.541.893.569,90 de investimento em energia eólica no Nordeste brasileiro (LIMA, 2019). No Brasil, o financiamento de ativos em energias alternativas se dá fundamentalmente por bancos públicos e órgãos de fomento. Como afirma Levien (2014, p. 37), “um regime de desapropriação representa um meio institucionalizado para expropriar ativos de seus donos ou usuários atuais”. O contrato de arrendamento, com suas vantagens assimétricas, é o meio mais recorrente que as empresas de energia utilizam para alienar por anos os pequenos proprietários de suas terras. Contudo, um regime de desapropriação não se faz apenas com as empresas. Ele se faz com o Estado e uma rede de agentes que sustentam o funcionamento da expropriação, tais como fundos de investimentos, empresas de construção civil, consultorias ambientais e empresas imobiliárias atuantes em mercados locais de terra (PEREIRA, 2021)<sup>8</sup>.

Os estudos sobre a eolização do rural nordestino identificaram a dinâmica expropriadora que organiza a territorialização desse tipo de geração de energia. Para Pereira (2021, p. 55), a energia eólica no Nordeste brasileiro está associada “ao avanço da grilagem, da especulação, da despossessão, da alteração do uso do território, além da destruição de modos de vida que têm, em sua essência, o uso coletivo da terra e dos recursos”. Traldi (2018; 2019) afirma que a produção de

---

8 No Brasil, entre as agências estatais financiadoras estão as seguintes: Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste do Brasil, Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e Fundo de Desenvolvimento do Nordeste. Entre os principais bancos privados encontram-se os apresentados a seguir: Santander, Itaú Unibanco, Citibank, Cubico e Brookfield. Já as empresas atuantes no Brasil são as que seguem: Enel Green Power (italiana); Honda Energy (japonesa); Rio Energy, Cubico Sustainable Investments, Actis e Contour Global (inglesas); Iberdrola Renewables, AES Corporation e Duke Energy (norte-americanas); Brookfield Energy (canadense); Gestamp e Endesa (espanholas); Voltalia, Engie, Tractebel, SIIF Énergies (francesas); Impsa Energy e Energimp (argentinas); Venti (luxemburguesa); EDP (portuguesa); CPFL Energia, Casa dos Ventos, Alupar, Eletrosul, Queiroz Galvão, Votorantim, Vale, Odebrecht, Ômega Energia e Renova Energia (brasileiras) (LIMA, 2019).

energia eólica no semiárido brasileiro pode ser caracterizada como um processo de acumulação por despossessão, que envolve a apropriação capitalista do vento, da renda da terra e de vastas áreas por empresas de energia eólica, expropriando pequenos proprietários de seus meios de produção. Lima (2019) concluiu que a produção de energia eólica no litoral setentrional é realizada de forma centralizada, não participativa, cujos impactos negativos recaem sobre as comunidades, não contando de maneira antecipada e efetiva com a participação das referidas comunidades ou dos municípios nos benefícios da geração de energia.

A territorialização da infraestrutura de energia eólica no Nordeste brasileiro, conduzida pelos interesses do Estado e do capital financeiro transnacional, em meio a crises econômicas e energéticas, tem resultado na incorporação de novos espaços à lógica de apropriação capitalista da natureza. Desapropriam-se, neste processo, camponeses e povos tradicionais de seus meios de existência, desmantelando, assim, formas de reprodução social enraizadas em modos não capitalistas de apropriação da terra e dos recursos naturais. É nesse sentido que se pode identificar a emergência de um regime regional de desapropriação eólica por meio da territorialização por expropriação. De tal forma, que a produção de espaço para a transição energética está sendo um processo de criação destrutiva das formas camponesa, pesqueira, indígena e quilombola de produção de território e ambiente.

**Quadro 1.** Regime regional de desapropriação eólica

<b>Fases do parque eólico</b>	<b>Mecanismos de expropriação das empresas de energia</b>	<b>Efeitos desapropriadores sobre os povos do campo</b>
Pré-instalação	Grilagem de terra; contrato de arrendamento de terra	Não reconhecimento de direitos fundiários; alienação do imóvel rural
Instalação	Degradação ambiental; apropriação de água; especialização produtiva do espaço	Não reconhecimento de direitos ambientais; perda de meios de subsistência
Operação	Contenção territorial	Diminuição da mobilidade espacial; perda do acesso aos meios de subsistência
	Apropriação do vento	Lucro privado a partir de um bem natural comum

**Fonte:** quadro elaborado pelo autor (2022) a partir de Lima (2019) e Traldi (2019).

## LATIFÚNDIO EÓLICO: A REINVENÇÃO DA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA E DA QUESTÃO AGRÁRIA NO NORDESTE

A desigualdade fundiária é estruturante da questão social no Nordeste e no Brasil. A existência histórica do latifúndio na região criou consecutivas populações excedentes, que – sem a oportunidade de cultivar a terra – encontraram na migração para o Norte ou o Sudeste do País uma estratégia de sobrevivência, recriando, nesse processo, o mercado de trabalho nacional e reconfigurando as cidades em metrópoles (DAVIS, 2022). Os mecanismos de expropriação de terras e recursos naturais que viabilizam a produção de energia eólica contribuem para reproduzir, na contemporaneidade, as desigualdades derivadas da grande propriedade. Contudo, estaríamos diante de um latifúndio justificado ecologicamente para a mitigação da mudança climática global, legitimado economicamente como indutor de desenvolvimento sustentável e regional.

O conceito de *modernização conservadora* foi proposto por Barrington Moore Jr. (1975) para explicar o caso do desenvolvimento capitalista na Alemanha e no Japão, que realizaram revoluções burguesas vindas de cima. A industrialização de tais sociedades resultou do pacto político entre a burguesia e os latifundiários. Como observam Pires e Ramos (2009), no Brasil, a expressão foi utilizada pela academia para demonstrar como as forças produtivas capitalistas penetraram na agropecuária nacional sem alterar a estrutura fundiária pré-capitalista, mantendo-a enquanto grande propriedade.

Guardando-se as devidas particularidades entre a modernização agrária e a atual modernização ecológica, que busca conciliar crescimento econômico e proteção da natureza (EWING, 2017), pode-se identificar que os dois processos têm em comum a penetração de inovação tecnológica no campo sem a alteração da estrutura fundiária concentradora. Ambas – mas cada uma à sua maneira – apresentam-se como processos de modernização conservadora.

No caso da produção de energia eólica, o latifúndio foi a forma encontrada pelas empresas de energia para que pudessem se apropriar do objeto de trabalho “vento” e organizar o espaço para a geração de energia eólica. Possibilitado pela ação do Estado e do capital transnacional, o latifúndio eólico tem promovido a *latifundiarização* do rural nordestino por

meio da expropriação dos povos do campo, constituindo-se em síntese do moderno com o arcaico, da inovação tecnológica nas forças produtivas com a atávica concentração da propriedade da terra, de tal maneira que a invenção do Nordeste eólico foi uma reinvenção da modernização conservadora.

A geração de energia eólica tem colocado problemas agrários e ambientais aos povos rurais, ampliando a questão energética para além da produção, da distribuição e do consumo de energia, chamando a atenção para os efeitos fundiários da transição energética em meio à crise climática. Por outro lado, esse processo de eolização revelou outras dimensões da questão agrária, pois grandes transações de terra viabilizaram a geração de energia eólica, indicando que estas não estão mais centradas somente no agronegócio (PEREIRA, 2021). A análise da eolização do Nordeste permitiu compreender como expropriações primárias das gentes rurais configuraram um regime de desapropriação em nível regional e como, nesse processo, o capitalismo instrumentalizou a crise climática para a sua reprodução após a crise financeira de 2008.

## REFERÊNCIAS

ABEEÓLICA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA E NOVAS TECNOLOGIAS. **Boletim Anual 2021**. Disponível em: <<https://abeeolica.org.br/energia-eolica/dados-abeeolica/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2005.

BNB – BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (2010). **Nordeste em mapas**. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/documents/88765/89729/nordeste-mapas.pdf/9e8eaaa7-1dbf-43b7-8ed6-58046400df34?version=1.0>>. Acesso em: 19 set. 2021.

DAVIS, M. **Holocaustos coloniais: A criação do terceiro mundo**. São Paulo: Veneta, 2022.

DINIZ, Tiago. “Expansão da indústria de geração eólica no Brasil: Uma análise à luz da Nova Economia das Instituições”. **Planejamento e Políticas Públicas**, v. 1, n° 50, p. 233-255, jan./jun. 2018.

DUTRA, Ricardo. **Propostas de políticas específicas para energia eólica no Brasil após a primeira fase do PROINFA**. 2007. 415 f.

Tese (Doutorado em Planejamento Energético) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Energético, Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio Janeiro, 2007.

DUTRA, Ricardo; SZKLO, Alexandre. “A energia eólica no Brasil: PROINFA e o novo modelo do setor elétrico”. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ENERGIA**, 11, 2006, Rio de Janeiro. Anais... Volume II. Rio de Janeiro: s/e, 2006, p. 842-868.

EWING, Jeffrey. “Hollow ecology: ecological modernization theory and the death of nature”. **Journal of World-Systems Research**, v. 23, nº 1, p. 126-155, fev. 2017.

FAIRHEAD, James; LEACH, Melissa; SCOONES, Ian. “Green grabbing: A new appropriation of nature?”. **Journal of Peasant Studies**, v. 39, nº 2, p. 237-261, abr. 2012.

FONTES, V. **O Brasil e o capital imperialismo**: Teoria e história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GANNOUM, E. Palavra da presidente. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENERGIA EÓLICA E NOVAS TECNOLOGIAS. **Boletim Anual 2021**. Disponível em: <<https://abeeolica.org.br/energia-eolica/dados-abeeolica/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas do espaço rural brasileiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2015. **Conheça o Brasil**: População. População rural e urbana. IBGE Educa On- Line. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-obrasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>>. Acesso em: 22 set. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Base de Informações Geográficas e Estatísticas sobre os Indígenas e os Quilombolas para Enfrentamento à Covid-19**. Rio de Janeiro: Ministério da Economia, 2020.

IMAFLORA – INSTITUTO DE MANEJO E CERTIFICAÇÃO FLORESTAL E AGRÍCOLA. 2017. **Atlas da Agropecuária Brasileira 2017**. Disponível em: <[www.imaflora.org/atlasagropecuario](http://www.imaflora.org/atlasagropecuario)>. Acesso em: 6 jan. 2022.

LANDAU, C. **Concentração geográfica da agricultura familiar no Brasil**. Sete Lagoas: EMBRAPA Milho e Sorgo, 2013.

LEVIEN, Michael. “Da acumulação primitiva aos regimes de desapropriação”. **Revista Sociologia & Antropologia**, v. 4, nº 1, p. 21-53, jan-jun. 2014.

LIMA, José. **A natureza contraditória da territorialização da produção de energia eólica no Nordeste do Brasil**. 2019. 430 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019.

LUCENA, Juliana; LUCENA, Klayton. “Wind energy in Brazil: An overview and perspectives under the triple bottom line”. **Clean Energy**, v. 3, nº 2, p. 69-84, jun. 2019.

MAGALHÃES, João *et al.* “Análise estratégica do setor de energia eólica no Brasil”. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 12, nº 1, p. 3-25, jan/abr. 2019.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MEDEIROS, L. Latifúndio. In: SALETE, R. *et al.* (Orgs.). **Dicionário de educação do campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, p. 447-453.

MINERAL ENGENHARIA E MEIO AMBIENTE; OMEGA ENERGIA. **Estudo de impacto ambiental – EIA Complexo Eólico Delta 10**, Volume I, 2019.

MIRANDA, Roberto de Sousa. “Ecologia política e processos de territorialização”. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, nº 1, p. 142-161, jan/abr. 2013.

MOORE JUNIOR, B. **As origens sociais da ditadura e da democracia: Senhores e camponeses na construção do mundo moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

OLIVEIRA, F. de. **A noiva da revolução/Elegia para uma re(li)gião**. São Paulo: Boitempo, 2008.

PEREIRA, L. “O Nordeste brasileiro como fronteira do neoextrativismo”. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA**, 14, 2021, Virtual, Anais... Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78729>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PIRES, Murilo; RAMOS, Pedro. “O termo modernização conservadora: sua origem e utilização no Brasil”. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 40, nº 3, p. 411-424, jul/set. 2009.

PORTO, Marcelo; FINAMORE, Renan; FERREIRA, Hugo. “Injustiças da sustentabilidade: conflitos ambientais relacionados à produção de energia ‘limpa’ no Brasil”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 100, p. 37-64, maio 2013.

ROCKMANN, Roberto; MATTOS, Lúcio. **Curto-circuito: quando o Brasil quase ficou às escuras (2001-2002)**, s/e: s/c, 2021.

SCHEIDEL, Arnim; SORMAN, Alevgul. “Energy transitions and the global land rush: ultimate drivers and persistent consequences”. **Global Environmental Change**, v. 22, nº 3, p. 588-595, ago. 2012.

SILVA, A. P. **Pesca artesanal brasileira**. Aspectos conceituais, históricos, institucionais, prospectivos. Palmas: EMBRAPA Pesca e Aquicultura, 2014.

SILVA, Rafael; AZEVEDO, Francisco. “O desenvolvimento do setor eólico no Brasil e no mundo”. **Formação**, v. 28, nº 53, p. 809-828, set. 2021.

SOVACOOOL, Benjamin. “Who are the victims of low-carbon transitions? Towards a political ecology of climate change mitigation”. **Energy Research & Social Science**, v. 73, nº 1, p. 1-16, mar. 2021.

STOCK, Ryan; BIRKENHOLTZ, Trevor. “The sun and the scythe: energy dispossessions and the agrarian question of labor in solar parks”. **The Journal of Peasant Studies**, v. 48, nº 5, p. 984-1007, dez. 2021.

TRALDI, M. **Acumulação por despossessão: A privatização dos ventos para a produção de energia eólica no semiárido brasileiro**. Campinas, 2019. 378f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

TRALDI, Mariana. “Os impactos socioeconômicos e territoriais resultantes da implantação e operação de parques eólicos no semiárido brasileiro”. **Scripta Nova**, v. 22, nº 589, maio 2018.

WHITE, Ben *et al.* “The new enclosures: critical perspectives on corporate land deals”. **The Journal of Peasant Studies**, v. 39, nº 3-4, p. 619-647, jul./out. 2012.

ZUKERFELD, M. **Knowledge in the age of digital capitalism: An introduction to cognitive materialism**. Londres: University of Westminster Press, 2017.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Racismo ambiental e saúde: um estudo do bairro Santa Maria, em Aracaju (SE)

*Environmental racism and health: a study of the Santa Maria neighborhood in Aracaju (SE)*

*Racismo ambiental y salud: un estudio del barrio Santa María en Aracaju (SE)*

Josiane Soares Santos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6846-4424>

Dalila Silva Ribeiro<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-8497-857X>

Mylena da Silva<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4041-6866>

Ingrid Chaiane Conceição Santos<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-2973-4011>

Recebido em: 14/11/2022

Aprovado em: 06/01/2023

**Resumo:** O texto expõe dados de uma pesquisa sobre o bairro Santa Maria, localizado em Aracaju, Sergipe, objetivando caracterizar expressões do “racismo ambiental” na configuração da saúde como parte do chamado

---

1 Assistente Social. Doutora em Serviço Social. Professora Titular do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). *E-mail:* <josiane.soares@ufrn.br>.

2 Bacharel em Engenharia de Produção. *E-mail:* <dsribeiro58@gmail.com>.

3 Discente de Serviço Social. Universidade Federal de Sergipe. *E-mail:* <mylenaa\_s@hotmail.com>.

4 Graduanda em Serviço Social. Universidade Federal de Sergipe. *E-mail:* <shayannebeniciosantos@gmail.com>.

“direito à cidade”. O resultado demonstra que o racismo ambiental se expressou na decisão do poder público quanto ao local de funcionamento do depósito de lixo a céu aberto na cidade de Aracaju. Ademais, expressa-se também na negligência do poder público quanto às medidas de saneamento ambiental necessárias àquela área de moradia, que conviveu por 27 anos com o depósito de lixo. Nas considerações finais, evidenciamos as consequências desse racismo ambiental, utilizando dados da pandemia de Covid-19 que indicam que o planejamento indistinto de ações para o seu enfrentamento, por parte do município de Aracaju, parece ter desconsiderado, intencionalmente ou não, as desigualdades socioambientais e raciais historicamente presentes nas distintas áreas de moradia da cidade.

**Palavras-chave:** racismo; questão ambiental; resíduos sólidos.

**Abstract:** The text exposes data from a research on the Santa Maria neighborhood, located in Aracaju/Sergipe, aiming to characterize expressions of “environmental racism” in the configuration of health as part of the so-called “right to the city”. The result shows that environmental racism was expressed in the decision of the government regarding the place of operation of the open-air garbage dump in the city of Aracaju. Moreover, it is also expressed in the negligence of the government regarding the environmental sanitation measures necessary for that area of housing that lived for 27 years with this garbage dump. In the final considerations, we show consequences of this environmental racism using data from the Covid-19 pandemic, indicating that the indistinct planning of actions to combat it by the municipality of Aracaju seems to have, intentionally or not, disregarded the socio-environmental and racial inequalities historically present in the different areas of housing in the city.

**Keywords:** racism; environmental issue; solid waste.

**Resumen:** El texto expone datos de una investigación sobre el barrio Santa María, ubicado en Aracaju/Sergipe, con el objetivo de caracterizar expresiones de “racismo ambiental” en la configuración de la salud como parte del llamado “derecho a la ciudad”. El resultado muestra que el racismo ambiental se expresó en la decisión del gobierno sobre el lugar de operación del basurero al aire libre en la ciudad de Aracaju. Además, también se expresa en la negligencia del gobierno con respecto a las medidas de saneamiento ambiental necesarias para esa zona de vivienda que vivió durante 27 años con este basurero. En las consideraciones finales, mostramos las consecuencias de este racismo ambiental utilizando datos de la pandemia del Covid-19, indicando que la planificación indistinta de

acciones para combatirlo por parte del municipio de Aracaju parece haber ignorado, intencionalmente o no, las desigualdades socioambientales y raciales históricamente presentes en las diferentes localidades de vivienda en la ciudad.

**Palabras clave:** racismo; cuestión medioambiental; residuos sólidos.

## INTRODUÇÃO

A configuração da chamada “crise ambiental” tem sido bastante estudada em todas as áreas do conhecimento; porém, nem sempre com a mesma perspectiva de análise. Hegemonicamente, o debate se faz de modo a culpabilizar os indivíduos pelo conjunto de catástrofes que o referido conceito designa, requerendo deles mudanças atitudinais que “preservem” o ambiente e possam torná-lo “sustentável” (SILVA, 2010). Este não é, entretanto, o ponto de partida do presente texto, que, utilizando-se do acervo da produção crítica sobre a “questão ambiental”, trabalha com a hipótese de outras causalidades e medidas para o enfrentamento das suas consequências para o meio biótico e antrópico.

Na nossa percepção, é inquestionável que a questão ambiental não afeta indistintamente a todos/as. Seu impacto tem sido maior para os diversos setores da classe trabalhadora mundial e, no caso brasileiro, esse resultado não se mostra distinto (SILVA, 2012; JESUS, 2020). Por tal razão, nós nos propusemos a apresentar no presente texto algumas das desigualdades estruturais relacionadas à vivência da questão ambiental em territórios urbanos e periféricos, sintetizando expressões do racismo ambiental presentes em segmentos populacionais de Aracaju que conviveram, por décadas, com o antigo depósito de lixo a céu aberto da cidade. Destacamos algumas das consequências dessa “convivência”, chamando a atenção para as desigualdades socioambientais e raciais que determinaram sua localização como parte da negação do “direito à cidade” nos marcos do tardio capitalismo (MANDEL, 1985).

Nossa intencionalidade foi caracterizar expressões do “racismo ambiental” na configuração da saúde como parte do chamado “direito à cidade”. Para tanto, a pesquisa utilizou-se metodologicamente: a) de dados de natureza bibliográfica para compreender as particularidades locais e a relação do bairro Santa Maria com o antigo depósito de lixo a céu aberto de Aracaju; b) de dados do Censo 2010 do IBGE e da Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju, com vistas à caracterização sociodemográfica

e epidemiológica do bairro Santa Maria na comparação com a cidade de Aracaju.

Na seção inicial, apresentamos alguns dos determinantes sociais, raciais e ambientais da saúde e do ordenamento urbano no Brasil. Trata-se de uma perspectiva de totalidade na abordagem da questão ambiental articulada a variáveis como o monopólio e a mercantilização da terra e a negação racializada do direito à cidade nas periferias, enfatizando a unidade contraditória entre marcadores sociais, raciais e ambientais. Na segunda seção do texto, ilustramos como tais determinantes operam mediante a análise dos dados da pesquisa, trazendo informações de 2005 a 2010 que demonstram a vulnerabilidade socioambiental e epidemiológica da população do bairro Santa Maria em comparação com o restante da população de Aracaju. As considerações finais reforçam que tal quadro de adoecimento e de desigualdades socioambientais presente na população do bairro Santa Maria – decorrentes da convivência com o antigo depósito de lixo a céu aberto da cidade – não poderia ter sido ignorado no planejamento da política de saúde do município, haja vista, por exemplo, as medidas de enfrentamento à Covid-19.

## **1. Determinações sociais, raciais e ambientais da saúde nas “cidades do capital”**

Uma das maiores mudanças decorrentes da instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil consiste na consideração dos determinantes sociais da saúde para o planejamento da política pública. Entretanto, como é sabido, essa concepção “esbarrou” na força do modelo hegemônico privatista, que, representando as “vozes” do capital na saúde, fortaleceu-se com a implementação das diretrizes neoliberais de gestão do Estado a partir dos anos de 1990. Assim é que a universalização do direito à saúde no Brasil se constituiu, segundo o discurso conservador do “Estado mínimo”, no fator gerador da “crise sanitária” na qual o país mergulhou a partir de então. Evidentemente, esse discurso opera uma inversão ideológica para mascarar o fato de que a impossibilidade de atendimento universal às necessidades de saúde da população é, em verdade, uma das consequências da apropriação do fundo público pelo capital – característica do neoliberalismo, e não algo inerente ao princípio da universalização.

Entretanto, essa questão não se explica somente nos marcos da política de saúde, o que requer, para a sua elucidação, uma abordagem de totalidade que coloque no centro da argumentação as lutas de classe refletidas nos diversos âmbitos da vida social – inclusive, na configuração da cidade, como ambiente que determina, em boa medida, as condições de preservação (ou não) da saúde da população<sup>5</sup>. Afirmar, portanto, a existência de uma “crise sanitária” que perdura desde os anos de 1990 – e não somente no atual momento de pandemia pela Covid-19 – é reconhecer que o

[...] conceito de crise sanitária surgiu por meio de uma análise da situação mundial, das consequências da crise ecológica e da desigualdade social, que é aprofundada com a crise [econômica]. A maioria da população tem um nível de vida que está baixando em todos os sentidos, como a distribuição e tratamento da água ou a falta de trabalho, que resulta em uma perda de dignidade. Isso causa muito mais doenças e problemas sanitários, que ainda são agravados pelas catástrofes climáticas (JÚNIA, 2012, p. 1).

O reconhecimento dessa crise sanitária de proporções mais alargadas coloca, a nosso ver, as explicações sobre a “questão ambiental” em outro patamar. Isso porque seu pressuposto implica demarcar que a questão ambiental não pode ser interpretada de modo “naturalizante”, pois a natureza não está em “crise”. A sociedade e o modo como ela se relaciona com a natureza, sim.

Tal suposto tem consequências diversas para a vida concreta das pessoas. Já suas consequências, por sua vez, também são diversificadas, se reconhecemos a desigualdade econômico-social fundante dos marcos do capitalismo. Ou seja, discutir a “crise ecológica”, “ambiental” ou, como preferimos denominar, a “questão ambiental” (SILVA, 2010) é discutir muito mais do que suas preocupantes variáveis presentes no meio biótico. Trata-se de reconhecer que homens e mulheres fazem parte desse ambiente como agentes e receptores/as dessa “crise” de modo diferenciado, conforme suas condições de reprodução social desigualmente determinadas na sociedade capitalista.

---

5 Por razões de espaço, não será possível abordar neste artigo o debate teórico-conceitual que envolve o processo de mercantilização da terra (tanto no espaço urbano quanto no espaço rural) que determina a configuração das “cidades do capital”. Entretanto, cabe informar que tal pressuposto comparece em nossas análises sobre o tema.

Portanto, a saúde e os demais serviços associados ao conceito do “direito à cidade”<sup>6</sup> não podem ser caracterizados sem que eles sejam percebidos como transversalizados pela dimensão ambiental. No Brasil, a produção do espaço (urbano e rural) é determinada pela mercantilização monopolista da terra, que, por sua vez, determina a alocação de moradias, bens e serviços, potencializando sua inserção no circuito da valorização, independentemente das consequências socioambientais dos referidos “empreendimentos”.

Assistimos, desde os anos 1990, ao crescente poder dos agentes financeiros em pautarem e controlarem as condições de vida em nossas cidades, em particular as condições de acesso à moradia e serviços públicos. Se na década de 1990 a tônica foram as políticas de privatização desses serviços, alterando a distribuição do fundo público em favor das grandes corporações internacionais, na década seguinte, o grande capital imobiliário, agora “financeirizado”, assumiu lugar privilegiado na disputa pelo fundo público. A habitação tornou-se “fator macroeconômico estratégico, motor do desenvolvimento econômico e importante ativador do capital financeiro” (FLORES, 2004). Como consequência, grandes conjuntos habitacionais populares são produzidos nas periferias das grandes cidades contando com vultosos recursos públicos, ao passo que as áreas centrais tornam-se objeto de requalificação e valorização imobiliária, por meio de parcerias público-privadas legitimadoras das políticas de remoção dos setores populares de suas áreas de residência (LAGO, 2017, p. 142).

Portanto, no conjunto das mediações que nos importa sinalizar, a partir dos anos de 1990, o direito à saúde universal foi negado à maioria dos/as trabalhadores/as brasileiros/as, juntamente com o próprio “direito à cidade”, não obstante a regulamentação posta pelo Estatuto das Cidades, segundo o qual a “moradia digna” “[...] deve estar localizada em terreno urbanizado e com acesso a todos os serviços públicos que sejam importantes para a população, devendo propiciar também o acesso da população ao emprego e ao sustento” (MINISTÉRIO DAS CIDADES

---

6 Entendemos o “direito à cidade” como “[...] direito de se disputar outras formas de apropriação do espaço urbano que garantam a função social do solo urbano, que subordinem a lógica mercantil às necessidades e desejos da maioria dos seus habitantes [...]. A cidade dispersa, marcada pelas grandes distâncias e pela segregação dos trabalhadores em espaços homogêneos, é entendida aqui como a negação da própria cidade” (LAGO, 2017, p. 141-142).

2010, *apud* CARDOSO, *et. al.*, 2017, p. 84). Dados do Censo Demográfico de Aglomerações Subnormais (2010, *apud* CFESS, 2016, p. 14) ilustram tal afirmação, indicando as desigualdades socioambientais das cidades brasileiras: existem favelas em 97% das cidades que possuem mais de 500 mil habitantes; 83 milhões de habitantes não são atendidos/as por sistemas de esgoto; e 45 milhões de pessoas não têm acesso aos serviços de água potável.

Mas a caracterização dessas desigualdades no Brasil ainda precisa ser complementada, observando-se os marcadores raciais que lhe são inerentes. Neste caso, também daremos por suposta a abundante literatura produzida sobre o racismo presente em nossa formação sócio-histórica, passando a abordá-lo em uma de suas expressões mais diretamente conectadas aos temas aqui refletidos: o chamado “racismo ambiental”<sup>7</sup>. A expressão em questão diz respeito às discriminações raciais visíveis nas decisões públicas, intencionais ou não, que afetam diferentemente pessoas negras e não negras em sociedades marcadas pelo racismo estrutural, como é o caso do Brasil. Tal fato, a nosso ver, é um dos determinantes da negação do “direito à cidade” e da crise sanitária na particularidade brasileira.

O racismo ambiental pode ser identificado, por exemplo, nas decisões públicas sobre locais para instalação de depósitos de resíduos sólidos, de modo que a exposição ao risco de morte e de adoecimentos esteja concentrada predominantemente para uma fração racializada da população, conforme discutiremos na próxima seção deste texto. Ademais, também podemos analisar sob a lente do racismo ambiental os processos sócio-históricos que determinam acessos desiguais aos direitos sociais e humanos, como “à água potável e [...] [ao] saneamento básico, à localização de instalações poluidoras e de alto risco em áreas habitadas por negros – inclusive instalações estatais – e uma maior exposição aos riscos de desabamentos e de contaminação por resíduos tóxicos” (SILVA, 2012, p. 94).

O conceito de racismo ambiental permite adensar a compreensão das desigualdades socioambientais no Brasil, refletidas na questão urbana e habitacional, relacionando-as à cor da pele. Dados de 2011 (*apud* ALMEIDA, 2014) informam que no país havia uma população, estimada em 16

---

7 A expressão *racismo ambiental* tem origem nos Estados Unidos, a partir dos estudos sobre justiça ambiental que, *a priori*, iniciaram-se em 1981, sob a influência do líder afro-americano Benjamin Franklin Chavis Jr. Roberts e Toffolon-Weiss (*apud* JESUS, 2020, p. 6) sinalizam que “o termo racismo ambiental foi usado pela primeira vez por Benjamin Chavis na Carolina do Norte [Estados Unidos], em 1978, durante os protestos contra o depósito de bifenilpoliclorados (PCB), compostos altamente tóxicos”.

milhões de habitantes, cujas residências, em percentual de 53%, não eram dotadas de rede de tratamento de esgoto, sendo que 71% dessa população era composta por famílias negras. Portanto, pretos/as e pobres constituem a maioria entre moradores/as das regiões sem estrutura socioambiental adequada nas cidades brasileiras, caracterizadas como periféricas.

Essa desigualdade social está presente nos condomínios fechados, alimentando uma sociabilidade enclausurada, que rejeita a vida pública, estabelecendo com a cidade a prática da segregação [...]. Está nas cidades nas quais a classe trabalhadora se vê pressionada a construir suas moradias em encostas inseguras, em áreas de preservação ambiental, ou a viver em conjuntos habitacionais edificados em áreas periféricas, sem equipamentos sociais e sem infraestrutura urbana, em razão do preço da terra mais barata. Está na separação que se faz entre campo e cidade, nos impactos pela expansão do agronegócio, na construção de grandes obras, como as barragens, e na expansão das *commodities* que estabelecem o preço dos alimentos. Está na violação dos direitos humanos pelos despejos que sofrem as populações que moram em favelas e loteamentos não reconhecidos pelo poder público, reféns de uma dinâmica urbana definida pelo capital imobiliário e pela supervalorização do título de propriedade (MULLER, *apud* CFESS, 2016, p. 15).

Ainda que de modo breve, pareceu-nos importante apresentar a articulação entre diferentes expressões das desigualdades produzidas nas “cidades do capital” para demarcar a nossa interpretação das relações entre o racismo ambiental e a saúde no Brasil. Assim compreendidas, tais relações decorrem de determinantes que operam de modo estrutural na configuração das cidades e de suas periferias: de um lado, a gestão neoliberal e racializada do Estado dos últimos 30 anos e, de outro, o aprofundamento da “questão ambiental”. Sem esse quadro e sem o reconhecimento da gradativa ampliação das desigualdades sociais, raciais e ambientais, não nos parece possível explicar, por exemplo, os mais de 31 milhões e 500 mil casos confirmados de Covid-19 no Brasil e muito menos as 668.354 mortes decorrentes da doença<sup>8</sup>.

Na seção seguinte, avançaremos na exposição desta hipótese, a partir da análise de dados provenientes de pesquisa realizada em dados

secundários sobre um dos bairros periféricos da cidade de Aracaju. Trata-se de uma tentativa de ilustrar alguns dos impactos que o racismo ambiental tem provocado na saúde de pessoas pretas e pardas residentes nas periferias urbanas, por meio de informações sociais e epidemiológicas.

## 2. Racismo ambiental e saúde de moradores/as da periferia urbana de Aracaju

Apresentamos, a seguir, dados obtidos por meio de uma pesquisa<sup>9</sup> realizada sobre o bairro Santa Maria, na cidade de Aracaju. De acordo com o último Censo do IBGE (2010), Aracaju possuía uma população de 571.149 pessoas. Já Santa Maria era o segundo maior bairro da cidade em número de habitantes (33.475).

Dentre suas características, destaca-se que Aracaju, fundada em 1855, foi uma das primeiras cidades previamente projetadas do país. O traçado urbano da cidade começou, desde 1856, a impedir que muitas famílias de baixa renda habitassem a Zona Central, por não atenderem a exigências arquitetônicas do perímetro projetado, o que deu origem a uma região periférica na Zona Norte (VIEIRA, 2011). Embora o bairro Santa Maria não se localize na Zona Norte de Aracaju<sup>10</sup>, ele possui todas as características de uma região periférica: é afastado do centro urbano planejado e é constituído de moradias construídas em áreas não regularizadas. Vieira (2011) indica que a população inicialmente residente na localidade era formada por trabalhadores/as rurais e pescadores/as, sendo praticamente inexistentes as condições de acessibilidade à área. Isso se transforma progressivamente ao longo do século XX.

Três momentos marcaram o aumento da densidade populacional no local. O primeiro deles ocorreu na década de 1960, quando passou a operar no Estado de Sergipe a Petrobras. O segundo momento se deu em 1980, com a construção de grandes conjuntos habitacionais na área pelo BNH. A construção da lixeira municipal em 1985

---

9 O referido projeto foi desenvolvido entre os meses de setembro de 2021 e abril de 2022, como resultado de sua aprovação em edital do programa de iniciação científica da Universidade Federal de Sergipe, sendo intitulado: “‘Questão social’ e ‘Questão ambiental’ - caracterização de expressões do racismo ambiental a partir do convívio com os antigos lixões em Aracaju-SE”.

10 Originalmente, a região que hoje se configura como bairro Santa Maria compunha um dos municípios da atual região metropolitana de Aracaju. Sua ocupação teve início no final do século XIX, sob o nome de “Terra Dura”.

marcou o terceiro período de aumento populacional da área (POCONÉ, 2010, p. 50).

Chegamos, então, à questão que nos interessa destacar para a caracterização da referida região periférica de Aracaju: a localização, a partir de 1985, do depósito de lixo da cidade em seu interior. Antes disso, o “lixão” teve seu funcionamento em outro bairro periférico, o Soledade. Pesquisas (VIEIRA, 2011; POCONÉ, 2010) registram que a sua transferência para o bairro Santa Maria tem relação com a pressão de organizações populares do bairro Soledade juntamente com o poder público, que denunciaram, com o acolhimento dos meios de comunicação, os problemas ocasionados na área pelos longos anos de depósito inadequado de lixo, tais como contaminação do lençol freático, poluição do ar, entre outros. Entretanto, *considerando-se as características da ocupação do bairro Santa Maria, não é possível deixar de notar que a decisão do poder público sobre o local de destinação do lixo da cidade, neste caso, esteve marcada pelo racismo ambiental*. Já naquela época, em decorrência de tudo o que dissemos sobre as características da segregação socioespacial nas cidades brasileiras e das informações históricas disponíveis sobre o bairro, a sua população já era formada por uma maioria de pretos/as e pardos/as, como continua a ser nos dias atuais.

O quadro 1, a seguir, traz os dados da população de Aracaju e do bairro Santa Maria, segundo o quesito de raça-cor, em números absolutos, mensurados pelo Censo do IBGE (2010), juntamente com o seu correspondente percentual, de modo a confirmar a característica racial do bairro.

**Quadro 1.** Total de habitantes, segundo raça e cor, da população de Aracaju e do bairro Santa Maria

Aracaju	Total de habitantes	Pretos/as	%	Pardos/as	%	Pretos/as + pardos/as	%	Brancos/as	%	Outras	%
		571.149	52.321	9,1	275.097	48,1	327.418	57,2	15.4281	27	89.450
Santa Maria	33.475	4.087	12,2	16.507	49,3	20.594	61,5	5.357	16	7.524	22,5

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010). Elaboração própria.

É preciso explicar os motivos que nos levaram a optar pela unificação das categorias “pretos” e “pardos”. A identificação racial no Censo do IBGE é autodeclarada. Isso implica que vários fatores podem ter incidência para

explicar o baixo número de pessoas que se autodeclara “preta”. O mais forte deles, por certo, é o preconceito reproduzido na sociedade brasileira em função do “mito da democracia racial”. A história dos censos realizados no país registra que o levantamento dessa informação foi, muitas vezes, um ponto controverso, sendo retirado e introduzido em diferentes edições da pesquisa até os dias atuais (PETRUCCELLI, 2013). O conceito de “pardo” apresenta uma relação bastante próxima com a ideologia da mestiçagem e do branqueamento, profundamente arraigada na cultura brasileira. Nesse sentido, parece-nos necessário considerar a unidade dessas duas categorias para termos refletida a identificação racial da população que, mesmo sendo de maioria “parda”, é alvo do racismo em suas diversas expressões.

Ainda de modo a problematizar o perfil demográfico da população residente no bairro Santa Maria, segundo dados de 2010, as informações sobre a composição de renda das pessoas ocupadas nos domicílios (quadro 2) demonstram que o percentual de residentes precariamente remunerados no bairro Santa Maria é maior do que em Aracaju. Isso confirma a associação entre marcadores de raça e classe para a caracterização da faixa de pessoas em situação de vulnerabilidade social: 22,8% das pessoas remuneradas em Aracaju recebiam entre meio e um salário mínimo (SM)<sup>11</sup>, enquanto no bairro Santa Maria o volume corresponde a 28,5%. Se considerarmos a faixa de pessoas “sem rendimento”<sup>12</sup>, o percentual é de 37,8% do total em Aracaju e 43,9% no bairro Santa Maria.

**Quadro 2.** Rendimento, segundo raça e cor, da população de Aracaju e do bairro Santa Maria

	Total de pessoas ocupadas nos domicílios	Faixas de renda	Total de pessoas por faixa de renda	Branco/as	Pretos/as + pardos/as	Percentual de pretos/as e pardos/as em relação ao total por faixa de renda
Aracaju	490.034	De meio a um SM	111.929	28.828	81.264	72,6%
		Sem rendimento	185.479	55.491	126.948	68,4%
Bairro Santa Maria	26.401	De meio a um SM	7.524	1.555	5.829	77,4%
		Sem rendimento	11.601	2.269	9.164	78,9%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010). Elaboração própria.

11 Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00 (IBGE, 2010).

12 A categoria “sem rendimento” inclui as pessoas que recebiam somente benefícios (IBGE, 2010).

No mesmo quadro, apresentamos a estratificação segundo o marcador de raça/cor. Somando-se o número de pretos/as e pardos/as precariamente remunerados/as, os dados do bairro Santa Maria também são mais elevados do que os de Aracaju: nas duas faixas de renda destacadas, os percentuais de pretos/as e pardos/as aproximam-se de 80% de pessoas precariamente mal remuneradas.

Em relação ao lixão, por continuar a operar nos mesmos parâmetros, a sua desativação do bairro Soledade em 1985 apenas transferiu o problema para a nova região em que a atividade passou a ser desenvolvida, ampliando a área e o percentual da população da cidade de Aracaju afetada pela disposição inadequada de lixo a céu aberto. Isso porque, além da criação de novas fontes de contaminação nos 27 anos (1986-2013) de operação do depósito de lixo na antiga “Terra Dura”, hoje bairro Santa Maria, a sua desativação do bairro Soledade não eliminou as sequelas ocasionadas à população e ao meio ambiente daquela localidade. Estudos realizados no bairro Soledade<sup>13</sup> constataram, por exemplo, a possível contaminação da água e do manguezal pelo chorume<sup>14</sup>, o que trouxe “graves repercussões [...] à saúde da população local, afetada tanto pelo consumo de água, crustáceos e peixes oriundos da referida área, como diretamente pelo contato com materiais tóxicos” (SANTOS, 2016, p. 29).

Em abril de 2013, em decorrência da necessidade de fazer cumprir o disposto pela Lei nº 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos), o depósito de lixo a céu aberto de Aracaju foi desativado. Entretanto, devemos reconhecer o “passivo socioambiental” desse tempo de disposição inadequada dos resíduos sólidos e sua incidência na situação social e epidemiológica da população residente no bairro Santa Maria, evidenciada nos dados que se seguem.

Por estarmos trabalhando com o conceito de saúde socialmente determinado, julgamos ser pertinente situar as infraestruturas das moradias que, juntamente com o entorno – determinado pela presença do lixão durante 27 anos –, definem as expressões da crise sanitária presentes nesse grupo populacional de pessoas pretas e pobres de Aracaju. Utilizamos dois tipos diferentes de informação para caracterizar a

---

13 O trabalho de Santos (2016) cita o primeiro censo social, realizado em 2005, pelo Ministério Público de Sergipe, sob coordenação do Centro de Apoio Operacional.

14 “Líquido escuro gerado pela degradação dos resíduos no lixo, [que] contém alta carga poluidora; por isso, deve ser tratado adequadamente” (SANTOS, 2016, p. 32).

precariedade das infraestruturas por domicílio no bairro Santa Maria: o número de moradores(as) e a disponibilidade de esgotamento sanitário.

O quadro 3 informa os dados absolutos e os percentuais do número de moradores(as) por domicílio. Ao observá-lo, nota-se que, em todas as faixas, o número de pessoas em coabitação é sempre proporcionalmente maior no bairro Santa Maria do que na cidade de Aracaju, o que confirma a tendência de famílias extensas mais numerosas em áreas de periferia.

**Quadro 3.** Número de moradores/as, por domicílio, da população de Aracaju e do bairro Santa Maria

	Total de domicílios	Entre 1 e 2 moradores/as		Entre 3 e 5 moradores/as		Acima de 5 moradores/as	
		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Aracaju	169.493	56.028	33%	97.947	57,6%	15.518	9,1%
Santa Maria	9.272	2.623	28,2%	5.493	58,9%	1.166	12,5%

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010). Elaboração própria.

Além de viverem em domicílios mais populosos, moradores/as do bairro Santa Maria apresentavam, em 2010, maior déficit na cobertura de saneamento básico e também ambiental. É importante explicar os motivos de nossa referência diferenciada aos conceitos de “saneamento ambiental” e “saneamento básico”.

Atualmente, compreende-se como saneamento básico o conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo das águas pluviais urbanas, esgotamento sanitário e abastecimento de água potável. Saneamento ambiental, por sua vez, compreende o saneamento como instrumento de promoção à saúde, que, além do saneamento básico, inclui os resíduos gasosos, a promoção da disciplina sanitária de uso do solo, o controle de doenças transmissíveis e demais serviços e obras cuja finalidade seja a qualidade de vida e bem-estar urbano e rural (JESUS, 2020, p. 2).

Embora ambos os conceitos estejam relacionados às condições que determinam a saúde da população, o saneamento ambiental apresenta-se

de modo mais abrangente e inclusivo, enquanto padrão a ser perseguido como horizonte na busca pela efetivação do conceito de saúde ampliado. Tanto assim que são reconhecidas algumas doenças denominadas de “doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado” (DRSAI)<sup>15</sup>, das quais voltaremos a tratar ainda nesta seção. Como parte dos serviços de saneamento básico, o quadro 4 apresenta, em números absolutos e percentuais, os domicílios com acesso à rede geral de esgoto.

**Quadro 4.** Tipo de esgotamento sanitário, por domicílio, na cidade de Aracaju e no bairro Santa Maria

	Total de domicílios	Rede geral de esgoto ou pluvial <sup>16</sup>		Fossa séptica <sup>17</sup>		Fossa rudimentar <sup>18</sup>		Outras		Não tinham	
		Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%	Absoluto	%
Aracaju	169.493	122.385	72,2	26.461	15,6	14.250	8,4	5.874	3,4	523	0,3
Santa Maria	9.272	2.977	32,1	2.729	29,4	2.561	27,6	802	8,6	203	2,1

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010). Elaboração própria.

Note-se que o número de domicílios do bairro Santa Maria nessa condição corresponde, proporcionalmente, a menos da metade dos existentes em Aracaju. As mesmas informações demonstram que chega a 65,6% o percentual de domicílios do bairro Santa Maria fora da rede geral de esgotos, além do fato de que 2,1% destes não possuíam qualquer tipo de esgotamento sanitário. Quando observamos a existência de outros tipos mais precários de esgotamento sanitário, como é o caso da fossa rudimentar, o percentual presente no bairro Santa Maria é mais do que o triplo, comparado ao de Aracaju (27,6% para o primeiro, contra

15 Segundo Jesus (2020), tais doenças são também classificadas como “doenças relacionadas ao abastecimento de água e ao esgoto” no Manual de Saneamento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Disponível em: <<https://repositorio.funasa.gov.br/handle/123456789/506>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

16 “Quando a canalização das águas servidas e dos dejetos, proveniente do banheiro ou sanitário, estava ligada a um sistema de coleta que os conduzia a um desaguadouro geral da área, região ou município, mesmo que o sistema não dispusesse de estação de tratamento da matéria esgotada” (IBGE, s/d).

17 “Quando a canalização do banheiro ou sanitário estava ligada a uma fossa séptica, ou seja, a matéria era esgotada para uma fossa próxima, onde passava por um processo de tratamento ou decantação, sendo, ou não, a parte líquida conduzida em seguida para um desaguadouro geral da área, região ou município” (IBGE, s/d).

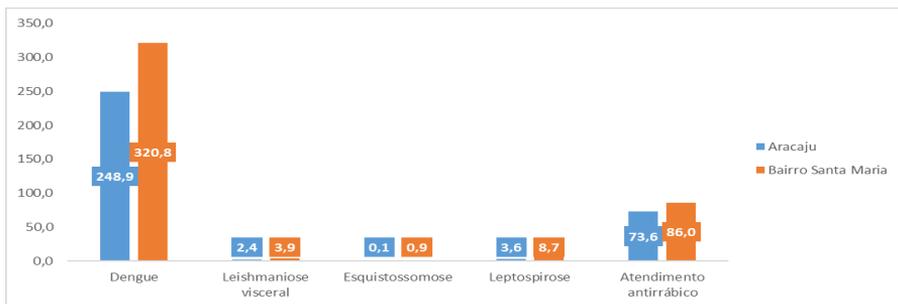
18 “Quando o banheiro ou sanitário estava ligado a uma fossa rústica (fossa negra, poço, buraco etc.)” (IBGE, s/d).

8,4% para a cidade de Aracaju). As definições do IBGE (s/d)<sup>19</sup> sobre a precariedade das formas de escoadouro sanitário fora da rede geral de esgotos – em especial, a fossa rudimentar e a ausência de esgotamento sanitário – fornecem indícios dos fatores que potencializam problemas socioambientais e de saúde quando considerados de modo articulado à convivência de quase três décadas dessa população com o depósito de lixo a céu aberto.

Parece-nos irrefutável, portanto, a precariedade das condições de vida e de habitabilidade da população do bairro Santa Maria; em especial, no tocante ao saneamento básico e ambiental. Trata-se de um fato que, além de delinear expressões do racismo ambiental e da negação do direito à cidade, determina profundamente a incidência de agravos concernentes às “doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado” (DEsRAI) e, portanto, indica a necessidade de responsabilização do poder público pela configuração da crise sanitária potencializada no contexto em questão.

Os dados sistematizados no gráfico 2 dizem respeito às notificações sobre os agravos de DEsRAI com maior frequência, considerando a série histórica de 2005 a 2010.

**Gráfico 1.** Comparativo da incidência de agravos relacionados a saneamento a cada 10.000 habitantes em Aracaju e no bairro Santa Maria



Fonte: SINANNET/RTSIS/DVAS/SMS-Aracaju (2022); IBGE – Censo Demográfico (2010).

Neste caso, a comparação entre o bairro Santa Maria e a cidade de Aracaju oferece a taxa de incidência, que corresponde à avaliação da quantidade de casos, dividida pelo total de pessoas em risco (população total de cada localidade). A metodologia de cálculo foi a seguinte:

$$\frac{n^{\circ} \text{ de casos acumulados de 2005 a 2010}}{n^{\circ} \text{ total de habitantes segundo o Censo 2010 (IBGE)}} \times 10.000$$

Mesmo considerando-se a tendência à subnotificação desses sistemas, a partir do gráfico 1, observa-se que a incidência de dengue é proporcionalmente maior no bairro Santa Maria do que na cidade de Aracaju (320,8 casos a cada 10.000 habitantes). O mesmo ocorre com os atendimentos antirrábicos (86 casos a cada 10.000 habitantes) e a leptospirose. Tais dados se relacionam diretamente à presença de agentes transmissores em um ambiente como o de um lixão a céu aberto, “[...] através de vetores que encontram, nos resíduos sólidos, alimento, abrigo e condições adequadas para a sua proliferação” (MOURA; LANDAU; FERREIRA, 2010, p. 209). Referimo-nos à presença, no antigo “lixão” do bairro Santa Maria, do *aedes aegypti*, de ratos e até mesmo de cães e gatos sem vacinação contra a raiva, que convivem perto de pessoas que não só trabalhavam nesse ambiente – como catadores/as de material reciclável –, mas, sobretudo, que habitaram por décadas em seu entorno com as precárias condições de saneamento anteriormente descritas.

Esperamos que as informações analisadas possam ilustrar a conjugação de desigualdades sociais, raciais e ambientais determinantes da crise sanitária no Brasil. Após 12 anos de aprovada a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), dados atestam que ainda existem mais de 3 mil lixões a céu aberto operando no país, em sua maioria localizados nas Regiões Norte e Nordeste (ABRELPE, 2020), embora a PNRS tenha estabelecido inicialmente que até 2014 todos deveriam ter sido extintos. O antigo lixão do bairro Santa Maria foi desativado em abril de 2013, mas, como vimos, sua existência na localidade deixou marcas profundas na saúde daquela população, que, quando associadas à negação do direito à cidade, comprovam as desvantagens postas à classe trabalhadora residente nas periferias para o enfrentamento e a prevenção de adoecimentos, haja vista, por exemplo, o mais recente episódio da crise sanitária, personificado na pandemia de Covid-19.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do exposto, pode-se concluir que os efeitos da crise sanitária são mais severos em regiões que concentram a população de baixa renda,

conforme evidenciado pelos dados relacionados ao bairro Santa Maria. O desmonte do sistema de proteção social no Brasil, especialmente no tocante à saúde, atinge de formas diferenciadas as pessoas que não usufruem do “direito à cidade”, que são as que residem em localidades sem infraestrutura e em moradias subnormais. A crise sanitária que o Brasil enfrenta sob as diretrizes neoliberais mostra diariamente suas expressões, presentes, por exemplo, nos dados sobre as DESRAI e na alta incidência de doenças totalmente preveníveis e evitáveis.

Entretanto, o planejamento das ações de promoção e prevenção em saúde nos estados e municípios não costuma levar em consideração as particularidades e desigualdades socioambientais dos territórios, tais como a densidade demográfica, o perfil da população, os tipos de ocupação e a precariedade no saneamento básico, ferindo o princípio da equidade, preconizado pela Lei nº 8.080/1990, que regulamenta o Sistema Único de Saúde (SUS). No trato da pandemia de Covid-19, a mais recente expressão da crise sanitária, tais particularidades continuaram sendo desconsideradas – fato que pode ser ilustrado pela análise comparativa dos dados absolutos sobre a Covid, acumulados de 2020 até 18 de junho de 2022, por bairro em Aracaju<sup>20</sup>.

Segundo a mesma fonte, na cidade como um todo, esse acumulado indica 150.887 casos confirmados. Entre os 45 bairros existentes, o Santa Maria aparece como o 7º com o maior número de casos confirmados de Covid (5.399); porém, quando considerada a letalidade do vírus, o bairro torna-se o 4º onde mais morreram pessoas na cidade de Aracaju, com 61 mortes. As condições de vida e moradia dessa população, cuja adesão ao isolamento social foi uma das mais baixas na cidade, são determinadas, assim como em outras áreas periféricas do país, pela precariedade da remuneração e dos vínculos. Além disso, trata-se de famílias numerosas que coabitam em casas com poucos cômodos e em condições de higiene precárias, refletidas nos dados sobre DISRAI sinalizados neste texto, agravadas pelo histórico de quase 30 anos convivendo com um depósito de lixo a céu aberto. Acreditamos que seria imperioso considerar essas variáveis socioambientais para mitigar a alta letalidade do vírus nessas regiões. Quando o poder público não o faz, embora não intencionalmente, reproduz aspectos do racismo ambiental, naturalizando a morte evitável da população negra e pobre no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ABRELPE. **Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2019/2020** (2021). Disponível em: <<https://abrelpe.org.br/download-panorama-2019-2020/>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

ALMEIDA, S. S. de. **Direitos humanos e justiça ambiental em comunidades periféricas urbanas**. Dissertação (de Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, 2014, 202 f.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Atuação de assistentes sociais na Política Urbana: Subsídios para reflexão**. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-SubsidiosPoliticaUrbana-Site.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Notas Metodológicas** (s/d). Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas\\_metodologicas.html](https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/notas_metodologicas.html)>. Acesso em: 13 jun. 2022.

JESUS, V. de. **Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental** (2020). Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v29n2/1984-0470-sausoc-29-02-e180519.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

JÚNIA, R. **Crise sanitária atinge pessoas em todo o mundo**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/crise-sanitaria-atinge-pessoas-em-todo-o-mundo>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

LAGO, L. C. do. A produção autogestionária do habitat popular e a requalificação da vida urbana. In: CARDOSO, A. L.; ARAGÃO, T. A.; JAENISCH, S. T. (Orgs.). **Vinte e dois anos de política habitacional no Brasil: da euforia à crise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2017. Disponível em: <<https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/22-anos-de-politica-habitacional-no-brasil-da-euforia-crise/>>. Acesso em: 5 maio 2022.

LIMA, A. L. da S.; PÉRISSÉ, A. R. S.; LEANDRO, B. *et al.* Covid-19 nas Favelas: Cartografia das desigualdades. In: MATTÁ, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (Orgs.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Disponível

em: <<https://books.scielo.org/id/r3hc2>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MOURA, L.; LANDAU, E. C.; FERREIRA, A. de M. **Doenças Relacionadas ao Saneamento Ambiental Inadequado no Brasil** (2010). Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/157835/1/GeoSaneamento-Cap08.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

PEQUENO, R.; ROSA, S. V.; SILVA, H. A. da. O Programa Minha Casa Minha Vida no Ceará e na região metropolitana de Fortaleza. In: CARDOSO, A. L.; ARAGÃO, T. A.; JAENISCH, S. T. (Orgs.). **Vinte e dois anos de política habitacional no Brasil: da euforia à crise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2017. Disponível em: <<https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/22-anos-de-politica-habitacional-no-brasil-da-euforia-à-crise/>>. Acesso em: 5 mai. 2022.

PETRUCCELLI, J. L. Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. **Características Étnico-Raciais da População: Classificações e identidades**. Rio de Janeiro, IBGE. 2013. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

POCONÉ, C. A. **Representações sociais sobre a moradia e o direito à moradia para técnicos sociais e beneficiários de projetos habitacionais no bairro Santa Maria**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: UFS, 2010, 167p. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5998/1/CLAUDIA\\_ALVES\\_POCONÉ.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5998/1/CLAUDIA_ALVES_POCONÉ.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SANTOS, C. **Complexo poliesportivo Soledade: Uma estratégia para a inclusão social**. Trabalho de Conclusão do Curso. Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras: UFS, 2016, 96 p. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/7052>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SILVA, L. H. P. e. Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. In: **e-cadernos CES** [on-line], 17 | 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/eces/1123>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SILVA, M. das G. e. **Questão ambiental e desenvolvimento sustentável:** Um desafio ético-político ao Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, E. C. de J. **Políticas urbanas e imagens da cidade:** da Terra Dura ao bairro de Santa Maria em Aracaju-SE. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: UFS, 2011, 167p. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6344/1/EWERTHON\\_CLAUBER\\_JESUS\\_VIEIRA.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6344/1/EWERTHON_CLAUBER_JESUS_VIEIRA.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2022.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Novos paradigmas epistemológicos: atores humanos e não humanos na ampliação das experiências sociais

*New epistemological paradigms: human and non-human actors in the expansion of social experiences*

*Nuevos paradigmas epistemológicos: actores humanos y no humanos en la expansión de experiencias sociales*

Pedro Henrique Vanzo<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6198-0845>

Narayana Astra van Amstel<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-8707-2423>

Recebido em: 10/10/2022

Aprovado em: 05/01/2023

**Resumo:** Por intermédio da Teoria Ator-Rede, de Bruno Latour, associado a um debate com a Ecologia de Saberes, de Boaventura Santos, este artigo tem o objetivo central de estabelecer condições de pensar novos paradigmas epistemológicos. Pelo reconhecimento da participação do não humano na esfera do social, incorporamos esse elemento à

---

1 Mestre em Sociologia pela UFPR, com Graduação em Ciências Sociais pela mesma instituição. Doutorado em Sociologia (PPGSocio/UFPR). E-mail: <pedrohvanzo@gmail.com>.

2 Mestre em Educação Física pela UFPR, com Licenciatura Plena em Educação Física pela mesma instituição. Doutorado em Sociologia (PPGSocio/UFPR). E-mail: <narayana.astra@gmail.com>.

leitura de uma epistemologia do Sul, em específico, no caso, a do grupo indígena Krenak. Ancorados na forma como o povo Krenak tece suas interpretações do mundo que os cerca, constatamos uma expansão das suas experiências sociais, fruto da interação entre fatores humanos e não humanos na revelação e na emergência de saberes oriundos de tal amálgama conceitual.

**Palavras-chave:** Teoria Ator-Rede; Ecologia de Saberes; Krenak.

**Abstract:** We tested the operationalization of the Actor-Network Theory, based on Bruno Latour works, in a debate with Ecology of Knowledge by Boaventura Santos, thinking about new epistemological paradigms. In recognition of the participation of non-human in the social sphere, we incorporated this element into the reading of an epistemology of the South in particular, in this case, the Krenak indigenous group. Anchored in the way these people weave their interpretations of the world around them, this led us to see an expansion of social experiences, the result of the interaction between human and non-human factors in the revelation and emergence of knowledge arising from this conceptual amalgam.

**Keywords:** Actor-Network Theory; Ecology of Knowledge; Krenak.

**Resumen:** Operacionalizamos la Teoría Actor-Red, a partir de los escritos de Bruno Latour, asociada a un debate con la Ecología del Conocimiento de Boaventura Santos, para establecer condiciones para pensar nuevos paradigmas epistemológicos. En reconocimiento a la participación de lo no humano en el ámbito social, incorporamos este elemento a la lectura de una epistemología del Sur en particular, en este caso, la del grupo indígena Krenak. Anclado en la forma en que estas personas tejen sus interpretaciones del mundo que les rodea, esto nos llevó a ver una expansión de las experiencias sociales, el resultado de la interacción entre factores humanos y no humanos en la revelación y emergencia del conocimiento que surge de tal conceptualización amalgama.

**Palabras-clave:** Teoría Actor-Red; Ecología de Saberes; Krenak.

## INTRODUÇÃO

Os elementos constituintes de um paradigma epistemológico moderno, assentados historicamente em divisões cartesianas e dualismos

ontológicos – cultura e natureza, humano e não humano, ciência e senso comum, sujeito e objeto etc. –, embora aparentemente tenham colocado uma ideia de ser humano em uma posição de conforto e dominância perante tudo o mais que existe, têm encontrado dificuldades para que possam se manter sustentáveis.

Diversos fatores contribuem para tal constatação: (a) o prenúncio cada vez mais evidente do esgotamento de recursos finitos, tidos como essenciais aos modelos de consumo constituídos; (b) os danos ambientais que conduzem ao prejuízo das gerações presentes e futuras – poluição atmosférica, descarte inadequado de resíduos, mudanças climáticas, entre outros; e (c) os riscos a que nos expomos – escassez, contaminação, extinção, usurpação – e que cada vez mais têm encaminhado tal paradigma para uma convulsão de proporções preocupantes (BECK, 2010).

Não obstante, cabe considerar que as classes socioeconomicamente mais vulneráveis tendem a sofrer mais com os impactos dos problemas supracitados (MARTINEZ-ALIER, 2018). Torna-se necessário, portanto, incorporar a esse cenário possíveis alternativas para que possamos repensar os caminhos até então adotados.

Com isso em vista, buscamos com este trabalho inscrevê-lo nos debates contemporâneos a respeito de novos e outros movimentos em relação à epistemologia e às formas de produção de saberes e conhecimentos em Sociologia. Por meio da problematização das chamadas “epistemologias dominantes”, advindas do mundo moderno ocidental, em construção pelo menos desde o século XVI, com este trabalho procuramos realizar pontes teóricas e metodológicas com determinados autores e teorias contemporâneas. Consideramos colocar em xeque algumas discussões clássicas em âmbito sociológico, quais sejam: a separação, pela constituição moderna (LATOURE, 2013), entre cultura e natureza, entre humanos e não humanos, entre sujeito e objeto etc.

Para que pudéssemos atender a tal demanda, procuramos com o presente trabalho entrar nessas discussões pelo caminho da Teoria Ator-Rede, proposta teórica e metodológica elaborada por diversos autores, tendo em Bruno Latour um dos seus principais expoentes. Ao discutirmos a (re)conceituação e a (re)formulação a respeito do “social” e da “sociedade”, tanto a teoria quanto o autor nos conduzem ao pensamento da formação do “social” para além dos atores e das ações exclusivamente humanas, agregando também elementos e fenômenos

não humanos ao conjunto das relações da esfera social.

Ao se tentar alargar a compreensão da ideia de ator e ação social, reconhece-se a necessidade de que sejam problematizadas as construções epistemológicas em emergência no mundo moderno, ocidental e globalizado, possibilitando a aproximação de autores como Boaventura de Sousa Santos. Por meio do diálogo com esse autor, procuramos enfatizar a necessidade de ampliação do debate a respeito da construção do conhecimento, dando luzes aos saberes apagados ou invisibilizados pela construção moderna e ocidental do pensamento, advinda dos processos globais anteriormente mencionados.

Dentre os elementos inovadores que emergem nesses processos, nós nos deparamos justamente com aqueles advindos da “natureza”, enquanto fenômenos responsáveis por nos forçar a repensar não apenas nossas formas de produção de saberes, mas também nossa própria atuação e vida em nosso planeta Terra nos dias atuais. Disso decorre a necessidade de um diálogo ativo com outras epistemologias e cosmologias de vida até então apagadas ou silenciadas pelas epistemologias dominantes. Nesse contexto, trazemos para o debate as experiências do povo indígena Krenak, a partir da leitura de Ailton Krenak (2020), em vista das discussões em relação aos elementos que são “válidos” e “legítimos” a serem levados em consideração nos processos de pensamento e construção de ideias teóricas e metodológicas em pesquisa científica.

Posto isso, temos por caminhos metodológicos o objetivo central de operacionalizar a Teoria Ator-Rede na perspectiva latouriana, em uma amálgama com a Ecologia de Saberes, de Boaventura Santos. Para o “teste” de tal empreitada de mescla teórico-conceitual, elencamos a epistemologia do povo Krenak como materialização da discussão.

O texto está dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos a Teoria Ator-Rede na perspectiva de Bruno Latour e salientamos, a partir disso, a importância dos elementos não humanos na construção do “social”. Em um segundo momento, trazemos à tona as contribuições teóricas de Boaventura Santos a respeito das epistemologias do Sul e da Ecologia dos Saberes. O terceiro e último momento compreende a síntese da perspectiva latouriana com os conceitos de Boaventura, em vista de compreender a construção de novas epistemologias por meio das contribuições de Ailton Krenak e de seu povo.

## A TEORIA ATOR-REDE DESEQUILIBRANDO EPISTEMOLOGIAS: HUMANOS E NÃO HUMANOS NA FORMAÇÃO DO “SOCIAL”

A Teoria Ator-Rede (ANT, da sigla em inglês *Actor-Network Theory*) é um apanhado teórico-metodológico cunhado por um conjunto de pesquisadores, a partir da década de 1980, que possui, entre seus principais expoentes, Michel Callon, John Law e Bruno Latour. Será por meio deste último que nos valeremos, com maior afinco, em relação à procura de alternativas teóricas que consigam agregar novos elementos para a nossa discussão. Interessa-nos aqui a ideia de ação e de ator social – e da própria ideia de “social” e de “sociedade” –, sem, contudo, procurar exaurir todas as contribuições teórico-metodológicas de Latour e muito menos esgotar os debates em torno de tais categorias e conceitos.

De acordo com as diversas contribuições de Latour (2012; 2013; 2020), há um grande problema na tradição sociológica no que diz respeito à forma com que a sociedade foi colocada frente a outros fenômenos do mundo. Dito de outra forma, o problema consiste exatamente na separação da “sociedade” para com outros fenômenos – como, por exemplo, a “natureza” –, de forma que se diferencie um dos outros e, por isso mesmo, necessitem de leis/teorias próprias de estudo que consigam melhor delimitar aquilo que pertence ao domínio do “social”.

Para Latour, de acordo com a tradição sociológica, em muitos momentos, o termo “social” acabou por ser empregado como um tipo de material, um adjetivo qualquer que – ao dar qualidade a um tipo de fenômeno específico – fazia com que o “social” fosse empregado da mesma forma com que se poderia atribuir, por exemplo, qualidade a uma cadeira: ora ela poderia ser de metal, ora de madeira, ora de plástico, e assim por diante. Tal encaminhamento será tensionado por Latour, que defenderá que o social não pode ser essa espécie de material ou domínio atribuído às coisas, tal como evidenciado por certas expressões como “fato social”, “fenômeno social”, “ação social” ou, ainda, tal como determinado esforço dos sociólogos em achar explicações “sociais” para os fenômenos estudados em questão. É por isso que, em certa medida, seus esforços serão importantes ferramentas para repensarmos ou, ainda, redefinirmos a própria noção de “social” e, por consequência, a própria disciplina da Sociologia.

Por conta disso, Latour (2012) afirma que pretende modificar o que se entende por “social” sem, contudo, perder seu “apelo tradicional”, isto é, ser uma disciplina de caráter científico que estuda determinados fenômenos. Assim, Latour desempenhará esforços não para negar a existência da sociedade, muito menos para afirmar certo fim do social e fim da sociedade; pelo contrário, intencionou fazer um movimento de retirada do “social” dessa posição isolada e diferenciada em relação a outros domínios, na intenção de agregá-lo no conjunto de relações com esses outros domínios.

Social, portanto, não representaria mais aquilo que se entende por “sociedade” ou por “fenômeno social” (de forma geral, elementos do domínio do humano e de suas relações com outros humanos), mas sim enquanto um fenômeno que possui a capacidade de agregar outros elementos e domínios que até então não eram concebidos enquanto fenômenos capazes de ser também, por si próprios, do domínio do social (LATOURE, 2012). O social, assim, não pode ser tido como algo enquanto um produto acabado (de um domínio exclusivo), mas enquanto produto de constantes associações, um movimento fluido de circulação entre diversos domínios diferentes. É por tal razão que Latour, por consequência, passa a se referir à sociedade como um “coletivo”, e não como “sociedade”, uma vez que retira certo domínio do “social” em relação a determinados fenômenos. Nas palavras dele, “esse é o motivo pelo qual definirei o social, não como um domínio especial, uma esfera exclusiva ou um objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação” (LATOURE, 2012, p. 25).

Nesse sentido, Latour discorrerá em relação à ideia de ator social propriamente dita, uma vez que, portanto, não basta mais restringir os atores ao simples papel de informantes de casos de tipos previamente conhecidos, mas sim – nessa nova concepção de social e de sociologia – será preciso devolver aos atores “a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social” (LATOURE, 2012, p. 31). Com isso, Latour argumentará que não se trata mais de impor determinadas ordens aos fenômenos, muito menos limitar o número de atores e entidades aceitáveis, mas sim tentar “seguir os próprios atores” para descobrir de quais formas a existência coletiva é constituída e atribuída por eles. Nessa direção, Latour vai se esforçar em mostrar a necessidade de não limitarmos os tipos de seres existentes apenas aos atores do “mundo social” costumeiros, ou seja, os humanos.

Seguindo tal raciocínio, para Latour, o “social” tem a possibilidade de ir se desenhando enquanto um fenômeno ainda não formado, não definido *a priori*. Forma-se e ganha corpo à medida que os próprios atores vão delineando quais fenômenos e domínios irão, pouco a pouco, se agregando e se associando para formar, então, esse “corpo social”.

Como já posto anteriormente, o social está em constante re-agregação e reassociação, uma vez que nunca se constitui enquanto um movimento acabado. A ordem, neste caso, não existirá *a priori*, mas sim será desenhada na mesma medida em que os atores constroem os sentidos de suas ações, definindo quais relações com os outros atores podem ser estabelecidas no curso dessas ações. O pesquisador, no caso, deve se encarregar de estabelecer essas conexões, ou seja, as diferentes ações (de diferentes atores humanos e não humanos) e suas influências múltiplas e recíprocas. As atividades desses atores, para Latour, são ações que podem permitir, negar, induzir, complicar, favorecer, enfim, se associar a outras ações e a outros atores e, assim, formar, portanto, o “social” (LATOURE, 2012).

Dessa maneira, pensando nos “meios” e nas “ferramentas” utilizadas no processo de formação de grupos, Latour propõe que os encaremos enquanto mediadores e não meros intermediários. Mediadores, pois, são eles que induzem as ações de formação, e não só “decoram” o ambiente sem exercer nenhuma influência.

Além disso, para Latour (2012), não há uma única centralidade de ação: humanos e não humanos – pensemos aqui em animais, plantas, utensílios, os astros no céu etc. – podem ser todos ao mesmo tempo mediadores nos processos de formação de grupos, ou seja, podem agir e induzir a ação, influenciando outros atores. Contudo, disso decorre a proposta de Latour de não tornar simétricos os processos de ação de humanos e não humanos, mas sim tornar possível reconhecer a ação para além dos limites do “social” (e, portanto, do humano).

Não se trata de desconsiderar o humano e muito menos criar determinada hierarquia entre ações distintas, mas sim reconhecer diversos tipos de ações, de diversos atores humanos e não humanos e suas confluências e contradições recíprocas. Por isso, vai discorrer o autor que a figura do mediador, na sociologia clássica, era exclusivamente a do ser humano. Já em Bruno Latour podemos encontrar outra proposta: não humanos também agem e, juntamente aos humanos, formam os

grupos, se agregam e se associam, a ponto de formarem, por si próprios, pontes quase imperceptíveis a nós (humanos).

Dessa maneira, entrando e nos conduzindo propriamente à ideia da ação latouriana, é necessário defender a ideia de que a ação: (a) não deve ser relegada somente ao humano (como discutiremos há pouco); e (b) ao tratar da ação humana, esta não deve ser encarada enquanto fenômeno que ocorre sob pleno controle da consciência individual ou coletiva. Isso porque, como já exposto, ao conceber a ação de outras entidades não humanas e suas influências recíprocas na ação “convencional” (humana), o ator nunca está sozinho sob a égide exclusiva de sua consciência em agir: sua consciência existe, mas é constantemente influenciada-induzida-permitida-bloqueada a agir devido à ação de outras entidades.

Como se pode notar, a compreensão de ator e de ação torna-se aqui ampliada. De acordo com Latour (2012, p. 75), na expressão Ator-Rede, ator não significa, portanto, uma fonte de um ato, mas sim a representação de “um alvo móvel de um amplo conjunto de entidades” capazes, assim, de agir e de criar ação. Ao “empregar a palavra ‘ator’, significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar” (LATOUR, 2012, p. 75). Ora, é evidente então que, a partir do que foi colocado por Latour, a própria ideia ou noção de ação também precisa se alterar. A ação, em Latour, não é mais, portanto, uma ação “no” e “do” mundo “social”, não é mais limitada ao humano e nem mesmo relegada a um ser isolado (individual ou coletivo), mas sim está em/no movimento. A ação é fluida e, se há ação, é porque existem, concomitantemente, outras ações que, por vezes, são inimagináveis e inconcebíveis pelo “olhar clássico”.

Porém, ainda é importante reforçar que Latour não pretende dizer que os objetos e os não humanos são os que “provocam” a ação humana, pois isso colocaria o humano na própria condição de intermediário de que tanto Latour procura se ver livre. Também não pretende dizer que a ação de não humanos e humanos são simétricas, como diz limpo e claro: “a ANT não é – repito: não é – a criação de uma absurda simetria entre humanos e não humanos” (LATOUR, 2012, p. 114). A ANT, para Bruno Latour (2012, p. 109), não alegará que os objetos e não humanos fazem coisas no lugar dos humanos, mas sim dirá que “nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o que e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada”.

Está posto, então, por Latour e pela ANT, alguns dos grandes desafios teórico-metodológicos em pesquisa sociológica nos dias de hoje. Unidos desse arcabouço teórico, resgatamos as contribuições de outro autor, Boaventura de Sousa Santos, para tentarmos construir pontes para repensar o “social” em seu conjunto formativo, bem como para emergir epistemologias outras no conjunto e no contexto de disputas políticas em torno do poder, do saber e do ser, preocupações estas salientes em nosso próprio movimento de pensar e fazer pesquisa em Sociologia na contemporaneidade.

### **POR UMA ECOLOGIA DOS SABERES: EPISTEMOLOGIAS DO SUL ALARGANDO AS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS**

Em esteira similar à de Bruno Latour, mas evidentemente percorrendo caminhos e propostas distintas, Boaventura de Sousa Santos é um outro autor útil para repensar epistemologias e processos de construção de saberes e de conhecimento no mundo contemporâneo. Ao pensar por meio de novos movimentos populares, no bojo das disputas de poder e contra as diversas formas de opressão que causam problemas sociais e ambientais a diversos povos e nações e, ao propor uma espécie de interpretação do mundo enquanto ferramenta teórica capaz de promover mudanças sociais, Santos diz que “para recuperar a ideia de que existem alternativas [...] é necessária uma mudança epistemológica” (SANTOS, 2020, p. 9). E essa mudança epistemológica está ancorada, de acordo com o autor, naquilo que chamou de “epistemologias do Sul”, que, por sua vez, seriam responsáveis por reinterpretar o mundo e propor alternativas de projetos sociais, que hoje estão estruturadas pelo seu oposto, as “epistemologias do Norte”, ou seja, as epistemologias criadas e difundidas pelo mundo “ocidentalocêntrico”, conforme definição do próprio autor.

Santos acredita que, para propor pensamentos alternativos, será necessário certo enfrentamento: formas de lutas eminentemente políticas contrapostas às ideias dominantes e hegemônicas. Por isso, tais lutas e reinterpretções do mundo não podem – e nem devem – contar com um único tipo centralizado de conhecimento (como é o caso, hoje, do conhecimento científico, que é, por sua vez, ancorado pelas epistemologias do Norte – ocidentalocêntricas –, que o autor vem problematizando).

Assim, em diversos textos (SANTOS, 1985; 2003; 2004; 2020), o autor defenderá a necessidade de uma mudança radical na própria ideia e concepção de teoria (por isso, uma mudança epistemológica) e não apenas a criação de novas teorias “revolucionárias”, como propuseram diversos críticos ao longo dos séculos XIX e XX, que tiveram em suas bases teóricas as mesmas epistemologias centradas e produzidas pelo norte hegemônico.

Santos propõe uma mudança radical no *modus operandi* das ciências sociais, ou seja, uma concepção horizontalizada entre pesquisador e pesquisados, uma nova abordagem teórica e metodológica para os fenômenos em questão. Nas palavras dele, “defendo a necessidade de descolonizar as ciências sociais e a procura de metodologias não extrativistas, metodologias fundamentadas em relações sujeito-sujeito e não em relações sujeito-objeto” (SANTOS, 2020, p. 12). Ou seja, será contra certa constituição moderna (LATOURET, 2013), que separou sujeito/objeto, natureza/cultura, que Santos irá propor novas alternativas teórico-metodológicas.

Mas, afinal, o que são essas epistemologias do Sul, de que fala Boaventura de Sousa Santos? De acordo com ele, as epistemologias do Sul estar ancoradas “[...] nas experiências de resistências de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado” (SANTOS, 2020, p. 17). Assim, são epistemologias que vão se referenciar a um “Sul” epistemológico e não necessariamente geográfico. É um mundo dividido por aquilo que chamou de “linha abissal”, isto é, a divisão clara entre formas de sociabilidade metropolitana e formas de sociabilidade coloniais, que caracterizaram o mundo ocidental moderno a partir dos séculos XV e XVI.

Santos defende que as epistemologias do Sul são uma forma de garantir autonomia para que países e grupos sociais oprimidos consigam representar seus próprios mundos e pautem por si próprios os seus projetos de desenvolvimento de acordo com suas próprias aspirações e demandas. Dessa forma, as epistemologias do Sul vão se referir a conhecimentos que surgem, se desenvolvem e emergem em contextos de lutas sociais e políticas e, por isso, não devem ser separadas desse contexto (de conflitos e disputas de poder). E, justamente por se tratar de contextos conflituosos de disputas de poder e legitimação, as epistemologias do Sul procuram reconhecer e promover novas e outras formas de produção do conhecimento até então não reconhecidas “oficialmente” ou ignoradas propositalmente pelas epistemologias dominantes.

De acordo com Santos (2020), essas novas e outras formas de conhecimentos (não reconhecidas como tal) são geradas e vividas em práticas sociais concretas, e não institucionalizadas, como, por exemplo, o conhecimento científico tal como o concebemos. Um ótimo exemplo disso provém de Davi Kopenawa, um xamã yanomami, que – em sua obra “A Queda do Céu – Palavras de um xamã yanomami” (2015), redigida juntamente com Bruce Albert – discorre sobre a produção e propagação do conhecimento do povo yanomami pela memória, pelo discurso e pela prática social, ao contrário do conhecimento do homem branco, que necessita marcá-lo em suas “peles de papel” para ser legitimado e reconhecido como tal.

Por isso, Santos sugere que as epistemologias do Sul existem hoje para que, um dia, deixem de ser necessárias. Ou seja, as disputas epistemológicas entre Norte e Sul são necessárias para a abertura de novas formas de se conceber o conhecimento, que – até o presente momento – são ainda inimagináveis. As epistemologias do Sul são, na concretude, um meio, não um fim. Um meio que possa permitir que outras formas de produção e reprodução do conhecimento sejam reconhecidas e legitimadas enquanto não apenas uma forma de conhecimento por si só, mas enquanto conhecimentos capazes de guiar, planejar e autonomizar processos de desenvolvimento social. Para Santos, são epistemologias que são pautadas atualmente por povos indígenas da América do Sul, camponeses e camponesas, quilombolas, comunidades periféricas de grandes centros urbanos, entre outros.

A esse movimento que as epistemologias do Sul fazem para identificar e validar formas de produção do conhecimento não convencionais e não reconhecidas como tal, Santos elabora uma proposta teórica que chamou de Sociologia das Ausências, que consiste em um movimento de transformar sujeitos/comunidades/povos e países ausentes (no que diz respeito à produção de suas formas de conhecimento) em sujeitos presentes, que consigam identificar e validar conhecimentos que contribuam com os processos de emancipação social e, assim, possam ampliar, de forma significativa, a experiência social. Disso decorre o que o autor chama de “desperdício da experiência”, isto é, as epistemologias do Norte e o apagamento de outras formas de saber e experiências possíveis, advindas de outros locais, povos e saberes.

Se, portanto, a Sociologia das Ausências permite identificar esses povos ausentes e transformá-los em presentes, será por meio de uma

Sociologia das Emergências – pensada também por Santos – que será possível que os ausentes sejam visibilizados e levados em consideração, de modo que estejam presentes e legitimados no mundo. Se, na Sociologia das Ausências, os ausentes conseguem se transformar em presentes e, com isso, ampliar as experiências de vida, na Sociologia dos Emergentes os atuais presentes ampliam também, por sua vez, os vislumbres de novas e outras expectativas de futuro e continuidade de existências possíveis no planeta Terra.

Contudo, tais ausências/emergências não pretendem substituir as epistemologias do Norte e muito menos colocar o Sul no lugar do Norte. O objetivo, segundo Boaventura, tem sido o de superar tal dicotomia hierárquica entre Norte e Sul. Ou seja, “o Sul que se opõe ao Norte não é o Sul construído pelo Norte como vítima, e sim o Sul que se revolta a fim de ultrapassar o dualismo normativo vigente” (SANTOS, 2020, p. 26). O Sul oprimido não deseja, neste caso em particular, se tornar o opressor do Norte, mas sim eliminar o máximo possível qualquer forma de opressão.

Neste sentido, as epistemologias do Sul pretendem unir formas de conhecimento das mais variadas possíveis, como maneira de potencializar as lutas em prol de mudanças significativas na ordem do mundo. A tal movimento de unir diversas formas de conhecimento Santos chamou “Ecologia de Saberes”, isto é, “o reconhecimento da copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementaridades e as contradições que existem entre eles [...]” (SANTOS, 2020, p. 26).

Como fica evidente, então, não se trata de uma recusa, por exemplo, ao conhecimento científico produzido pelas epistemologias do Norte, mas antes a utilização de tal ciência de forma que sua aplicação consiga potencializar a principal luta e objetivo das epistemologias do Sul, qual seja, a de eliminar qualquer tipo de opressão, promovendo a emancipação social de povos historicamente oprimidos.

Nesse caminho de construção de mudanças epistemológicas e paradigmáticas, ainda se observam, segundo Santos, alguns conceitos centrais que têm emergido de povos do Sul, principalmente de populações indígenas, como é o caso das ideias de Gaia e Ubuntu, isto é, conceitos que pensam o planeta Terra não enquanto recurso natural, mas como um ser vivo, fonte de vida, portador de direitos, como os dos próprios humanos. Neste sentido, para Santos, são conceitos que procuram exprimir as

diferentes maneiras de ser e estar no mundo, que diferentes povos concebem em suas realidades e trajetórias históricas. Esses conceitos são as bases nas quais as epistemologias do Sul vêm se apoiando e servem enquanto elementos centrais para conseguirmos compreender a multiplicidade de concepções de mundo, de vida, de humanidade, de natureza etc. São ideias e conceitos não só no plano teórico, mas fundamentalmente práticos, isto é, orientam diferentes formas de viver.

Como exemplo, temos aqui no Brasil, dentre diversas personalidades distintas, uma figura importante e representante dessa epistemologia do Sul da qual estamos falando, que é Ailton Krenak. Veremos como o seu povo concebe a vida e as formas de ser e estar no mundo e como esse movimento materializa as ideias teóricas e metodológicas aqui expostas, um movimento que as epistemologias do Sul vêm realizando para elucidar os saberes ausentes e emergentes, em diálogo com a teoria Ator-Rede, na identificação dos não humanos enquanto partícipes importantes da formação do “social”.

## **SABERES TRADICIONAIS, AUSENTES E EMERGENTES: A INTERAÇÃO ENTRE O HUMANO E O NÃO HUMANO NA CULTURA DO POVO KRENAK**

Ailton Krenak é uma figura importante no contexto brasileiro no que diz respeito às epistemologias do Sul e aos ausentes-presentes-emergentes que discutimos. Enquanto ambientalista, jornalista e protetor dos povos indígenas, Krenak elaborou vastos materiais educativos, programas televisivos e vídeos que ajudaram – e continuam a ajudar – a evidenciar para as pessoas (em especial, aos povos indígenas brasileiros) as demandas e lutas sociais/ambientais nas quais esses povos estão inseridos. Dentre os materiais produzidos por ele, ganha destaque um pequeno livro chamado “Ideias para adiar o fim do mundo”<sup>3</sup>, fruto de palestras proferidas por ele em 2017 e 2019, em Portugal. Trata-se de uma obra que conta com significativas passagens de como Ailton

---

3 A brincadeira de Ailton Krenak sobre “adiar o fim do mundo” é a seguinte: na visão de mundo moderna ocidentalocêntrica, o fim do mundo é constantemente anunciado, como podemos observar em qualquer anúncio das catástrofes e das crises ambientais. É com isso que Ailton propõe sempre poder contar outra história, uma que seja de vida diferente (como é o caso de sua própria biografia e do povo Krenak em questão) e é, portanto, a possibilidade de sempre poder contar mais uma história. Nisso reside a principal estratégia de Ailton para “adiar o fim do mundo”.

enxerga a humanidade, o mundo do povo Krenak e também, é claro, o mundo dos brancos, ocidentais e modernos, pensando-os como mundos coexistentes e inter-relacionados. A partir das provocações e críticas de Ailton, pensamos: de que forma essas epistemologias do Sul se materializam na realidade das pessoas? E mais: como tais lutas podem se traduzir no cotidiano e nas práticas/ações de determinados sujeitos/coletivos, dando sentido e conectando tal movimento ao proposto por Latour e pela teoria Ator-Rede? Isto é, a relação intrínseca de atores humanos e não humanos formando o “social”, associado às Sociologias das Ausências-Emergências, de Santos.

Ailton Krenak ancora suas ideias e críticas a partir do resgate e da análise de como o mundo europeu foi se expandindo (a partir do século XVI) a outros locais geográficos, culminando no que conhecemos como os processos colonizadores. Tal como Boaventura de Sousa Santos (2020), Ailton Krenak fala que o pensamento dominante vindo da Europa procurou levar luz a povos tidos como obscurecidos, inferiores e atrasados. Procuraram, assim, levar a “verdade” do mundo europeu para o resto do mundo, culminando num forte apagamento de outras formas de produção e reprodução do conhecimento e da vida. Santos (2020) usará o termo “epistemicídio” para descrever o mesmo fenômeno descrito por Ailton Krenak.

Ao fazer a seguinte pergunta: “somos mesmo uma humanidade?”, Ailton Krenak tece suas críticas ao mundo moderno, afirmando que mais da metade da população mundial está alienada do “mínimo exercício de ser”. O “ser” aqui é posto em referência não a um distanciamento que nós, enquanto seres vivos, realizamos em relação ao que entendemos por “natureza”. Vai discorrer que o projeto moderno de humanidade separou tais fenômenos (natureza/cultura), tal como também postulou Bruno Latour em outro momento. O que Krenak propõe é uma visão de mundo operacionalizada por outros paradigmas, epistemologias e cosmologias, aqui representadas pela visão de um indígena e, mais particularmente, um pertencente ao povo Krenak. Em suas próprias palavras (KRENAK, 2020, p. 16-17), “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa, e nós, outra: a Terra e a humanidade”. Ao afirmar isso, de presto, ele próprio rebate: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

A partir de tais passagens, Ailton Krenak vai nos conduzindo a pensar na natureza para além de nossa mera compreensão desse fenômeno, enquanto subsumida à ação humana, concebida a uma condição de intermediária, ainda que vista como aliada nos processos de desenvolvimento pautados pelas epistemologias do Sul. Dessa forma, Ailton Krenak nos propõe uma outra visão, qual seja, a de que, na verdade, tudo é natureza, inclusive a cultura, tal como Latour também se esforça em fazer. A passagem que transcreveremos a seguir é emblemática e sintetiza bem a questão, pois não só consegue nos transmitir um outro tipo de cosmologia de vida, como também deixa bem claro de que forma objetiva essa “natureza” da qual fala Krenak é um fenômeno que não se descola de sua realidade (enquanto humano), como também é o caminho que norteia sua vida e a de seu povo cotidianamente. A natureza faz parte do dia a dia de Ailton Krenak e seu povo: tem ação, induz ação, transforma e, ao mesmo tempo, é transformada:

Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser” (KRENAK, 2020, p. 18) [grifos do autor].

Como podemos observar, a natureza, aqui representada pela serra Takukrak, não só faz parte do cotidiano do povo Krenak, como também dita como será o dia vivido por esse povo; não só dita quais atividades serão escolhidas para que sejam feitas, como também o próprio humor, a sensação de ser e estar vivo. São saberes e formas de viver a vida que, segundo Ailton Krenak, são constantemente negados ou apagados por narrativas globalizantes que pregam a “verdade” e o conhecimento científico acima de tudo. O mundo moderno, portanto, ou nos descola da Terra ou nos promete nos colocar acima dela, na figura de dominadores. Contudo, de acordo com Ailton, ainda há esperança, que se encontra em povos que continuam agarrados à Terra de forma íntima: são povos do continente africano, do asiático, da América do Sul; são as populações caiçaras, índios, quilombolas, camponeses, enfim, populações tidas como sub-humanas.

Em diálogo com Boaventura, Ailton afirma que a ecologia de saberes deve também levar em consideração as experiências cotidianas desses diferentes povos e suas escolhas, sobre suas regiões e locais de vida, suas experiências enquanto comunidade. Ao ampliar sua exposição de sua cosmologia e a de seu povo, Ailton Krenak (2020, p. 32) discorre que “os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm”. O não humano fica evidente na passagem:

O Rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico (KRENAK, 2020, p. 40).

O Rio Doce (Watu) é também um ator, construtor do mundo, em particular do povo Krenak; sua existência e ação se misturam com a existência e a ação dos Krenak. O rio não é algo externo, é sim um vivente, que constrói junto às formas de viver a vida do povo Krenak cotidianamente. Não é, portanto, encarado como recurso.

O nosso planeta, segundo Ailton Krenak, é nossa mãe: não só na dimensão da subsistência e na manutenção da vida, como também, e principalmente, numa dimensão transcendente que dá sentido à existência dele e à existência de seu povo. O próprio nome Krenak, como vai dizer Ailton, é assim concebido por dois termos: o primeiro “Kre”, que significa “cabeça”, e o “Nak”, que significa “terra”. Portanto, Krenak é “a herança que recebemos de nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como ‘cabeça da terra’, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a Terra” (KRENAK, 2020, p. 48) [grifos do autor]. Por essa conexão profunda com a natureza, Ailton e seu povo nos auxiliam a pensar a Terra não como algo “dominado” pelo humano, corroborando assim com nossa análise teórico-metodológica iniciada com as contribuições da Teoria Ator-Rede, proposta por Latour.

Ao fim, Ailton propõe “acabar” com a humanidade: evidentemente, que não no sentido negativo de destruí-la, mas sim na intenção de extirpar a ideia do humano que está acima de tudo. Ou seja, esta humanidade, que pensa poder agir como quer e em proveito próprio. De acordo com suas propostas, é necessário mudar a figura do humano, de

modo que não seja mais considerado como um imperador do mundo, que tem a convicção de se considerar superior a todos os outros seres. Em suas próprias palavras, sugere “admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo” (KRENAK, 2020, p. 69).

Essa leitura do povo Krenak permite debates em torno de novos e outros paradigmas epistemológicos que colocam o não humano, a natureza, como também portador de ação e representante de outras formas de conceber os saberes e o conhecimento. Não apenas esses autores podem auxiliar a pensar a natureza e os não humanos como produtores de saber e conhecimento, como também possibilitam transmitir a ideia de uma ação da natureza e, portanto, sua capacidade de influência e indução nas próprias ações dos seres humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos depararmos com pensamentos e formas de produção do conhecimento antes concebidas como “ausentes”, nós nos damos conta da complexidade e diversidade de fenômenos que precisamos repensar e reavaliar no que diz respeito ao exercício sociológico de produção do conhecimento. Quando os ausentes se tornam presentes, evidenciam, como o próprio Santos discorreu, a capacidade vislumbrante de ampliação da experiência, ao mesmo tempo em que amplia também as expectativas presentes e futuras de continuidade da vida em nosso planeta.

Quando esses saberes se tornam presentes e acabam por encontrar espaços em meio às disputas de poder, de saber e de ser, é necessário que nós, sociólogos e sociólogas, revisitemos nossas bases epistêmicas; disso advém a necessidade de nós nos reposicionarmos frente aos novos desafios teóricos e metodológicos colocados por esses saberes. O caminho que começamos a delinear a partir de Bruno Latour e da Teoria Ator-Rede é justamente a tentativa de vislumbrarmos a capacidade de reconhecer como elementos não humanos compõem “por igual” nosso mundo, junto aos nossos tão conhecidos e legitimados “seres humanos”.

Ao alargarmos nossa compreensão a respeito desse lugar, esses não humanos (aqui discutidos pelo viés da “natureza” e dos fenômenos “naturais”) evidenciam a necessidade de procurarmos cada vez mais o diálogo entre saberes e formas de conhecimento distintas. Em vias

práticas, deve-se levar em consideração, na construção de políticas sociais voltadas a esses povos do Sul global, quais elementos não humanos são relevantes para a construção de sua realidade social objetiva e subjetiva. Em outras palavras, se um povo possui um elo com elementos não humanos, tais como um rio ou uma serra, a política social deverá estar atenta a esse aspecto em seu planejamento e aplicação, incluindo novas e outras cosmologias de vida em sua abrangência.

Essa ecologia de saberes precisa dar conta da multiplicidade de saberes existentes no mundo e, mais do que isso, precisa estar aberta àquelas formas de saber que atualmente nem sequer concebemos como possíveis. Tal movimento coloca o saber científico – e, por tabela, o sociológico – em completo desafio.

Tentamos aqui, em certo sentido, operacionalizar uma ruptura epistemológica de um paradigma que coloca o humano acima de todas as outras coisas. Articulando esses autores e suas teorias, assim, sintetizamos um caminho complexo e nada simples de percorrer, mas que ao mesmo tempo tem se colocado como necessário para o pleno desenvolvimento de teorias “outras” em ciências humanas e, mais especificamente, em Sociologia. Articular tais ideias e pensamentos é um exercício, e não uma conclusão. É um meio e um caminho, e não um lugar de chegada. Esperamos continuar caminhando em prol dessas alternativas epistemológicas. Como disse o poeta: “*caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”.

## REFERÊNCIAS

- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia**: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.
- LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012. Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

MARTINEZ-ALIER, Joan. **O ecologismo dos pobres: Conflitos ambientais e linguagens de valoração**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Ciência e senso comum. In: \_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo: Graal, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 777-813.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre a ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 1985.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Ameaça climática, cobiça capitalista e política social

*Climate threat, capitalist greed and social policy*  
*Amenaza climática, codicia capitalista y política social*

Entrevistado: Ian Gough<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0597-3106>

Entrevistadora: Potyara Amazoneida Pereira Pereira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-4823-5119>

**Potyara Pereira:** Como economista de orientação marxista, o que o levou, desde os anos de 1970, a se interessar pelo estudo da política social e por analisá-la à luz da economia política crítica e da economia política liberal clássica e neoclássica, então dominante?

**Ian Gough:** Fui educado como economista na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, no início dos anos de 1960, mas o currículo amplo e crítico era mais parecido com o que seria chamado

---

1 É formado em Economia Política na Universidade de Cambridge (Reino Unido). Foi professor de Política Social na Universidade de Manchester (Reino Unido), onde, por 31 anos, desenvolveu estudos críticos sobre a relação contraditória entre o bem-estar humano e a intervenção política do Estado. É Professor Emérito da Universidade de Bath (Reino Unido) e, atualmente, atua como Professor Visitante do Centro para Análise da Exclusão Social (CASE) e como Associado no Instituto de Pesquisa Grantham sobre Mudança Climática e Meio Ambiente (GRI), ambos da London School of Economics and Political Science (Reino Unido).

2 Graduada em Serviço Social e Direito, Mestra e Doutora em Sociologia, com Pós-Doutorado em Política Social na Universidade de Manchester (Reino Unido), sob a orientação do Professor Ian Gough. Atualmente, é Professora Emérita da Universidade de Brasília (UnB). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1885747732373667>>.

de economia política. Assim, logo me tornei crítico da economia neoclássica e dos pressupostos subjacentes à economia do bem-estar. Fui atraído pelo marxismo como uma alternativa radical. Então, na década de 1960, alguns de nós formamos um grupo de leitura, na Universidade de Manchester, que leu todos os três volumes de “*O Capital*”, de Karl Marx. Foi uma experiência intelectual transformadora. Ao mesmo tempo, eu estava interessado em economia social e, naquela época, eu lecionava em um “*department of social administration*” [departamento de administração social, como, então, era denominada a política social]. No início dos anos de 1970, a aplicação do marxismo às questões de política social começava a tomar forma no Reino Unido, com a formação da Conferência de Economistas Socialistas e, posteriormente, da Política Social Crítica. Outras inspirações para mim foram James O’Connor, Sam Bowles e outros que me receberam, nos Estados Unidos, em várias visitas. Enquanto isso, a crise da economia britânica aprofundava-se e espalhavam-se as críticas de direita e de esquerda ao Estado de bem-estar social. Esse foi o contexto no qual “*The Political Economy of the Welfare State*” [“A Economia Política do Estado de Bem-Estar”] foi escrito.

**Potyara Pereira:** Que estranheza seu livro, intitulado: “*The Political Economy of the Welfare State*”, de 1979, produziu nos meios intelectuais e políticos do chamado Primeiro Mundo e na concepção, então predominante, de política social no capitalismo?

**Ian Gough:** Acho que ele influenciou de duas maneiras. Primeiro, deixei claro que o “Estado de bem-estar social”, nas sociedades capitalistas, era uma instituição contraditória: ela tanto exercia o controle social no interesse da classe dominante, quanto fornecia, para a classe trabalhadora, importantes elementos de segurança, por meio de um “salário social”. O equilíbrio entre essas tendências foi o resultado da luta de classes em diversos contextos nacionais e internacionais. A segunda parte do livro mostrou o estudo sobre o impacto reverso dos gastos crescentes com bem-estar sobre a acumulação capitalista e sobre o crescimento econômico, muito discutido na época e desde então. Mais uma vez, a minha resposta foi matizada. Dependia de quem fornecia os serviços e de sua generosidade e de quem pagava os impostos. O Estado de bem-estar social prestou amplos serviços para reproduzir a população trabalhadora, ecos da análise feminista do trabalho doméstico, mas a tributação pesada pode minar os lucros.

Entretanto, logo após o [lançamento do] livro, Margaret Thatcher venceu as eleições gerais de 1979 [na Grã-Bretanha] e a contrarrevolução neoliberal de Ronald Reagan e Margaret Thatcher começou... Entramos em um longo período em que os impostos corporativos e de alta renda foram diminuídos e os serviços públicos foram reduzidos em relação às necessidades crescentes, sendo financiados e terceirizados para provedores privados em expansão. A globalização e as políticas trabalhistas reacionárias prejudicaram o movimento trabalhista e sindical em muitos países. Não acho que isso tenha prejudicado a minha análise, como sugerem atualmente as reações da elite à austeridade, mas isso transformou os contextos nos quais a minha análise foi desenvolvida.

**Potyara Pereira:** Por que – como você aponta em seus escritos – a questão ambiental não foi e ainda não é, em geral, objeto de interesse dos estudiosos da política social, mesmo daqueles orientados pelo paradigma marxista?

**Ian Gough:** Boa pergunta! Acho que é porque a política social tinha como premissa o crescimento econômico contínuo para suprir as receitas fiscais crescentes. Isso foi necessário, em primeiro lugar, devido ao “efeito Baumol”, segundo o qual a produtividade nos serviços aumenta mais lentamente do que na manufatura; em segundo lugar, devido ao aumento das necessidades reais, com a mudança demográfica e social; e, em terceiro lugar, para permitir tudo isso, sem redistribuição e “ataques” aos ricos. Portanto, a política social interpretou a “sustentabilidade” apenas em termos fiscais e demográficos. A análise marxista, por muito tempo, não esteve isenta dessa perspectiva: a acumulação contínua de capital era uma condição *sine qua non*. Como campo de estudo e na prática, a política social foi a última a abordar as ameaças ecológicas.

**Potyara Pereira:** O que, nos últimos anos, atraiu o seu forte interesse pelas alterações climáticas e o levou a ligar organicamente esse tema às suas antigas reflexões científicas sobre as necessidades humanas e o bem-estar social?

**Ian Gough:** Estudar as necessidades humanas, filosófica e normativamente, alertou-me para questões de sustentabilidade ambiental. Em “*A Theory of Human Need*” [“Uma Teoria da Necessidade Humana”], escrito em parceria com Len Doyal, um colega filósofo, argumentamos que as necessidades humanas básicas – participação, saúde e autonomia – eram objetivas e universais no espaço e no tempo. (Enquanto, é

claro, os fatores que satisfazem tais necessidades sempre permaneceriam variáveis e contextuais). Em termos normativos, argumentamos que o objetivo deve ser a satisfação ótima das necessidades humanas, mas que as restrições ecológicas podem exigir, permanentemente, um “ótimo restrito”, especialmente para as gerações futuras. No entanto, não fomos além disso. Em nível pessoal, Anna Coote convenceu-me da centralidade da crise ecológica iminente e de sua relevância para o bem-estar e para a desigualdade. Ela trabalhou na New Economics Foundation, cujo princípio orientador era “economia como se as pessoas e o planeta importassem”. Percebi que isso trazia profundas implicações para a política social na prática e como campo de estudo.

**Potyara Pereira:** Em relação às contundentes ameaças sociais globais das mudanças climáticas à vida humana na Terra, quais dos aspectos que você problematizou são oferecidos como contribuição para a literatura atual sobre o assunto? Que tipo de análise você desenvolve com o objetivo de superar as limitações teóricas, metodológicas e políticas ainda presentes? Quais categorias-chave você introduz?

**Ian Gough:** Meu objetivo sempre foi relacionar a ameaça da mudança climática ao bem-estar humano. A teoria da necessidade, que mencionei, forneceu uma estrutura normativa valiosa, que pode ser operacionalizada em termos de satisfação de necessidades. A atualização sobre a natureza da ameaça climática ao bem-estar exigiu mais trabalho. O fenômeno das crises ecológicas é, claramente, o resultado do impulso incessante à acumulação do capital, conforme mencionamos. O capitalismo também explica o grande desequilíbrio entre as nações e as classes responsáveis pelo aquecimento global em oposição à sua vulnerabilidade a essas ameaças – a dupla injustiça. Naquela época, a solução dominante defendida pelos economistas, que era a ciência social hegemônica, consistia, simplesmente, na precificação do carbono, o que representava uma tripla injustiça para os pobres e os marginalizados do mundo.

Meu livro *“Heat, Greed and Human Need”* [“Calor, Cobiça e Necessidade Humana”] apresenta quatro principais inovações teóricas e metodológicas. Em primeiro lugar, ele expõe as consequências sociais da descarbonização da economia, com base na narrativa do crescimento verde. Em segundo lugar, ele propõe a “recomposição do consumo” no mundo rico como forma de reduzir os perigos do excesso climático, assim como as desigualdades nas emissões baseadas em consumo. Em terceiro lugar, ele interpreta isso como ponto de passagem para uma

sociedade pós-crescimento: “um tipo de economia muito diferente da economia de hoje: uma economia cuja ênfase está na reprodução e não na produção, no investimento e não no consumo, em mais tempo discricionário e não em mais mercadorias, em mais e não em menos, em igualdade e redistribuição”. Em quarto lugar, tentei esboçar, em cada estágio do argumento, como seria um conjunto apropriado de políticas ecossociais.

**Potyara Pereira:** No atual contexto capitalista dominado pela ganância, pelas corporações empresariais e financeiras, pela competição imperialista entre as nações e pela ausência de um órgão regulador suprapartidário legitimado por todos, a questão é: como a formulação e a prática de políticas ecossociais podem combinar meios de subsistência sustentáveis ao bem-estar humano?

**Ian Gough:** Eu desenvolvi certas respostas para isso em publicações desde a edição do meu livro. A resposta à sua pergunta pode ser dividida em duas etapas ou cenários. Nenhum dos dois tem muito a dizer sobre políticas ecossociais globais ou sobre prioridades políticas em países de baixa renda – acho que seria presunçoso fazê-lo. Mas acho que eles têm relevância para o Norte global e para países de renda média, como o Brasil.

O primeiro cenário consiste em unir as políticas do *Green New Deal* [Novo Acordo Verde] para descarbonizar as economias com uma garantia social, a fim de atender às necessidades essenciais da vida das pessoas e dos fatores que as satisfazem. Um verdadeiro *Green New Deal* procura promover sinergias entre os programas de descarbonização e um melhor bem-estar, em termos de saúde e autonomia. O projeto *Social Guarantee* [[www.socialguarantee.org](http://www.socialguarantee.org)] propõe, além de bons salários e esquemas de renda mínima, um programa de serviços básicos universais. Tais serviços forneceriam valores de uso diretamente por meio do provisionamento público e coletivo, em vez dos esquemas de renda básica universal que propõem um dividendo em dinheiro sem alterar o provisionamento de itens essenciais. A pesquisa mostra que um programa de serviços básicos universais forneceria meios de subsistência seguros e com mais igualdade, juntamente com a descarbonização e o apoio ao *Green New Deal*. É um cenário que exigiria um afastamento radical do capitalismo neoliberal e da financeirização destrutiva dos serviços de bem-estar, mas permaneceria viável dentro de uma economia capitalista reestruturada.

No entanto, ele seria totalmente incapaz de alcançar a escala verdadeiramente transformadora de descarbonização necessária para atingir o zero líquido até 2050, conforme o acordado na COP de Glasgow, no ano passado, muito menos a meta de zero absoluto até 2035, que muitos cientistas climáticos agora concordam ser necessário para preservar um clima e um planeta seguros. Isso exigiria um repensar muito mais radical: uma “economia de suficiência” no Norte global com limites ou tetos de renda e consumo. Um teto que precisaria ser reduzido ao longo do tempo, conforme defendido pelo movimento do “corredor de consumo”. Nem o trabalho e nem a produção estariam isentos. O trabalho essencial já foi identificado durante a pandemia de Covid – um começo –, mas, além disso, precisaríamos identificar e reduzir o trabalho improdutivo ou o excesso de produção no topo. Os setores financeiro e imobiliário, a produção de bens de luxo e o transporte de alto carbono são exemplos disso. Uma combinação entre a provisão comunal [na base] e a redução do excesso de consumo e de produção [no topo] implica uma política social verdadeiramente transformadora. Significaria expandir a ideia e a prática da política social para além das transferências de renda, ainda que cruciais, e para além dos serviços de saúde e de educação para os outros elementos essenciais da vida, tais como alimentação, moradia, cuidado e informação.

**Potyara Pereira:** Por fim, quais estratégias, movimentos sinérgicos e lutas sociais voltados para o enfrentamento da emergência climática estão em prática? E qual é o seu poder de pressão?

**Ian Gough:** Eu gostaria de saber a resposta para isso! O movimento ambiental, o movimento verde, está crescendo, mas ele abrange estratégias e táticas tão diversas que dificilmente pode-se falar em um único movimento. Tais estratégias e táticas vão desde salvar a vida e os habitats selvagens, até reciclar e reparar; desde interromper a extração de petróleo, até interromper viagens e o consumo de alto carbono; desde experimentos comunitários em habitação e abastecimento local, até campanhas para cancelar dívidas de países em desenvolvimento, além de outras centenas delas. Embora eu veja o capitalismo e a geopolítica de seu protetor dominante [EUA] como impulsionadores subjacentes, devemos adotar uma política de transição agora, antes que seja tarde demais. O sistema capitalista global não desaparecerá antes de 2050, muito menos até 2035. Portanto, devemos conceber estratégias que possam começar dentro desse invólucro, mas minar suas premissas

de dentro para fora. Os sindicatos podem ajudar, redirecionando seus esforços para garantir ganhos ecossociais. Além disso, os movimentos sociais e ambientais independentes precisam colaborar de forma mais eficaz para garantir uma transição justa.

Kim Stanley Robinson, em seu notável romance “*The Ministry for the Future*” [“O Ministério do Futuro”], prevê uma terrível catástrofe na Índia, que dá início a uma verdadeira conscientização global sobre a emergência climática e sobre uma colaboração global mais significativa. Curiosamente, o romance enfatiza o papel da ação violenta, tal como impedir ou destruir oleodutos, além das iniciativas de banqueiros globais para estabelecer um novo sistema monetário sustentável. Estou convencido de que, para realizar as mudanças drásticas necessárias para uma transformação real, será necessário realizar ações em todos os níveis – desde grupos indígenas até altas finanças globais, com todos os grupos e as lutas pertinentes.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Climate threat, capitalist greed and social policy

Ian Gough<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0597-3106>

Potyara Amazoneida Pereira Pereira<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-4823-5119>

**Potyara Pereira:** What led you, since the 1970s, to become interested, as an economist with a Marxist orientation, in the study of social policy and to analyze it in the light of political economy critical to the classical and neoclassical liberal political economy then dominant?

**Ian Gough:** I was educated as an economist at Cambridge University in the early sixties, but the broad and critical syllabus there was more akin to what would be called political economy. Thus I soon became critical of neo-classical economics and the assumptions

---

<sup>1</sup> Graduated in political economy at the Cambridge University/UK. He was professor of social policy at the Manchester University/UK, where, for thirty-one years, he developed critical studies of the contradictory relationship between human well-being and political intervention by the State. He is Professor Emeritus at the University of Bath and currently serves as a Visiting Professor at the Centre for the Analysis of Social Exclusion (CASE) and as an Associate at the Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment (GRI) both at the London School of Economics and Political Science.

<sup>2</sup> Graduated in Social Work and Law, Master and PhD in Sociology with Postdoctoral fellowship in Social Policy at the University of Manchester/UK, under the guidance of Professor Ian Gough. She is currently professor emeritus at the University of Brasilia.

underlying welfare economics. I was attracted to Marxism as a radical alternative so, it being the 1960s, a few of us formed a Capital reading group at Manchester University which read all three volumes of Marx's "*Capital*". It was a transforming intellectual experience. At the same time I was interested in 'social economics' and was then teaching in a department of social administration. In the early seventies the application of Marxism to social policy issues was starting to take shape in the UK, with the formation of the Conference of Socialist Economists and later on Critical Social Policy. Another inspiration for me were Jim O'Connor, Sam Bowles and others in the US who welcomed me on several visits. Meanwhile the crisis of the British economy was deepening and right and left critiques of the welfare state were spreading. This was the context in which "*The Political Economy of the Welfare State*" was written.

**Potyara Pereira:** What strangeness did your book entitled "The political economy of the Welfare State", from 1979, produce in intellectual and political circles of the so-called First World and in the then predominant conception of social policy in capitalism?

**Ian Gough:** I think it had an impact in two ways. First, I was clear that the "welfare state" in capitalist societies was a contradictory institution: It both exerted social control in the interests of the dominant class *and* it provided important elements of security via a "social wage" for the working class. The balance between these tendencies was the outcome of class struggle within varying national and international contexts. The second part of the book studied the reverse impact of growing welfare expenditures on capitalist accumulation and economic growth, much discussed at the time and since. Again, my answer was nuanced. It depended on who supplied the services and their generosity and who paid the taxes. The welfare state performed extensive services to reproduce the working population, echoes of feminist domestic labour analysis, but heavy taxation may undermine profits.

But immediately the book appeared Thatcher won the 1979 general election and the Reagan-Thatcher neoliberal counter-revolution began... We entered a long period when corporate and high income taxes were reduced and public services were cut back in relation to growing needs and financialised and outsourced to burgeoning private providers. Globalisation and reactionary labour policies undermined the labour and trades union movement in many countries. I don't think this

undermined my analysis, as elite reactions to austerity today suggest, but it has transformed the contexts within which my analysis was developed.

**Potyara Pereira:** Why – as you point out in your writings – the environmental issue was not, and still is not, in general, an object of interest to scholars of social policy, even those guided by the Marxian paradigm?

**Ian Gough:** A good question! I think because social policy was premised on continuing economic growth to supply increasing tax revenues. This was necessary, due first to the “Baumol effect”, that productivity in services rises more slowly than in manufacturing, second to rising real needs with demographic and social change, and third to enable all this without redistribution and attacks on the rich. So social policy has interpreted “sustainability” solely in fiscal and demographic terms. Marxist analysis was for a long time not exempt from this perspective: continual capital accumulation was a *sine qua non*. As a field of study and in practice, social policy has been *the* latecomer to ecological threats.

**Potyara Pereira:** What, in recent years, attracted your strong interest in climate change and led you to organically link this theme to your old scientific reflections on human needs and social well-being?

**Ian Gough:** Studying human needs philosophically and normatively alerted me to issues of environmental sustainability. In *A Theory of Human Need*, written with Len Doyal, a philosopher colleague, we argued that basic human needs – participation, health and autonomy - were objective and universal across space and time. (Whereas, of course, need satisfiers would always remain variable and contextual). In normative terms we argued that the goal should be optimum satisfaction of human needs but that ecological constraints may permanently require a constrained optimum especially for future generations. However, we went no further than that then. At a personal level, Anna Coote persuaded me of the centrality of the looming ecological crisis and of its relevance for wellbeing and inequality. She worked at the New Economics Foundation whose guiding principle was “Economics as if the people and planet mattered”. I realised that this raised profound implications for social policy, in practice and as a field of study.

**Potyara Pereira:** Regarding the blunt global social threats of climate change to human life on Earth, which aspects that you

problematized are offered as a contribution to the current literature on this issue? What kind of analysis do you develop with the aim of overcoming the theoretical, methodological and political limitations that are still present? What key categories do you introduce?

**Ian Gough:** My goal has always been to relate the threat of climate change to human wellbeing. The need theory mentioned above provided a valuable normative framework that could be operationalised in terms of need satisfiers. Getting up to speed on the nature of the climate threat to wellbeing required more work. The phenomenon of ecological crises is clearly the result of the unending impulse to capital accumulation discussed above. Capitalism also explains the gross imbalance between nations and classes in responsibility for global heating versus their vulnerability to these threats – the double injustice. The dominant solution advocated at the time by economists, the dominant social science, was simply carbon pricing, which posed a triple injustice to the poor and marginal of the world.

The major theoretical and methodological innovations in my book *Heat, Greed and Human Need* are four. First, to expose the social consequences of decarbonising the economy within the green growth narrative. Second, to propose ‘recomposing consumption’ within the rich world as a way of reducing the dangers of climate overshoot and reducing inequalities in consumption-based emissions. Third to interpret this as a way station to a post growth society: “a very different type of economy to today’s: one where the emphasis is on reproduction not production, investment not consumption, more discretionary time not more commodities, more equality and redistribution not less”. Fourth, at each stage of the argument I tried to sketch out what an appropriate set of eco-social policies would look like.

**Potyara Pereira:** In the current capitalist context dominated by greed, by business and finance corporations, by imperialist competition between nations and by the absence of a supra-parts regulatory body, legitimized by all, the question is: how the formulation and practice of ecosocial policies can combine sustainable livelihoods with human well-being?

**Ian Gough:** I have developed certain answers to this in publications since my book. The answer to your question can be divided into two stages or scenarios. Neither have much to say about global

eco-social policies or policy priorities in low income countries – I feel it would be presumptuous to do so. But I think they have relevance to the global North and to medium income countries such as Brazil.

The first scenario is to tie together Green New Deal policies to decarbonise economies with a Social Guarantee to meet people's life essentials and need satisfiers. A proper Green New Deal seeks to foster synergies between decarbonising programmes and better wellbeing in terms of health and autonomy. The Social Guarantee ([www.social-guarantee.org](http://www.social-guarantee.org)) proposes, alongside good wages and minimum income schemes, a programme of Universal Basic Services. These would provide use-values directly through public and collective provisioning, rather than UBI schemes that propose a cash dividend without altering the provisioning of essentials. Research shows that a UBS programme would provide secure livelihoods and more equality alongside decarbonisation and support for the GND. This scenario would require a radical shift away from neoliberal capitalism and the destructive financialisation of welfare services but would remain feasible within a restructured capitalist economy.

However it would be quite unable to achieve the truly transformative scale of decarbonisation necessary to achieve net zero by 2050, agreed at the Glasgow COP last year, let alone the goal of *absolute zero by 2035* that many climate scientists now agree is necessary to preserve a safe climate and planet. This would require a much more radical rethink: an “economy of *sufficiency*” in the global North with caps or ceilings to incomes and consumption. This ceiling would need to reduce over time as advocated by the “consumption corridor” movement. Nor would work and production be exempt. “Essential work” has already been identified during the Covid pandemic – a start – but in addition we would need to identify and shrink “unproductive work” or “excess production” at the top. Financial and real estate sectors, production of luxury goods and high carbon transport are examples. A combination of communal provisioning at the bottom and shrinking of excess consumption and production at the top implies a truly transformative social policy. It would mean expanding the idea and practice of social policy beyond income transfers, crucial though they, and beyond health and education services to the other essentials of life – such as food, housing, care and information.

**Potyara Pereira:** Finally, what strategies, synergistic movements and social struggles aimed at facing the climate emergency are in practice? And what is their power of pressure?

**Ian Gough:** I wish I knew the answer to this! The environmental movement, the green movement is growing but it embraces such diverse strategies and tactics that one can hardly speak of a single movement. From saving wildlife and habitats to recycling and repair, from stopping oil extraction to disrupting high carbon travel and consumption, from communal experiments in housing and local provisioning to campaigns to cancel developing country debts, and hundreds more. Though I see capitalism, and the geopolitics of its dominant protector, the US, as the underlying drivers, we must undertake a transitional policy now before it is too late. The global capitalist system will not disappear before 2050, let alone 2035. Therefore we must devise strategies that can begin within this integument but undermine its premises from within. Trades unions can help by redirecting their muscle to secure eco-social gains. The separate social movements and environmental movements need to collaborate more effectively to secure a just transition.

Kim Stanley Robinson in his remarkable novel *The Ministry for the Future* envisages a terrible catastrophe in India that kickstarts a real global awareness of the climate emergency and more significant global collaboration. Interestingly the novel emphasises the role of violent action, such as preventing or destroying pipelines, and the initiatives of global bankers in establishing a new sustainable system of money. I am convinced that to bring about the wrenching changes required for a real transformation will need action at every level – from indigenous groups to global high finance and all groups and struggles in-between.

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

## “Questão social” no Brasil: racismo estrutural e superexploração do trabalho

*“Social issue” in Brazil: structural racism and superexploitation of work*  
*“Cuestión social” en Brasil: racismo estructural y sobreexplotación del trabajo*

Mossicleia Mendes da Silva<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-1943-4795>  
Júlia Barcelos Bittencourt<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-9919-0398>  
Jackeline Novaes dos Santos<sup>3</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-4416-8265>

Recebido em: 10/06/2021  
Aprovado em: 02/08/2022

**Resumo:** O artigo ora apresentado tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da relação entre a “questão social”, a questão racial e a condição de superexploração da classe trabalhadora no Brasil. A abor-

1 Assistente Social. Professora do Magistério Superior. Doutorado em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: <mossi\_c@yahoo.com.br>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9155981609470086>>.

2 Graduanda em Serviço Social. Discente da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: <[barcelosbittencourt@gmail.com](mailto:barcelosbittencourt@gmail.com)>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3293926453104845>>.

3 Graduanda em Serviço Social. Discente da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: <[jackeline.jns@gmail.com](mailto:jackeline.jns@gmail.com)>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1192495965028348>>.

dagem aqui desenvolvida tem como opção teórico-metodológica pensar a “questão social” a partir de dois núcleos determinantes da nossa formação social: o racismo estrutural e a superexploração da força de trabalho. A expressão de dominação/exploração racial está dialeticamente relacionada com a superexploração da classe trabalhadora, sedimentando o ódio de classe (ao pobre); afinal, os sujeitos que são alvos desse ódio são aqueles cujo lugar social é muito bem delimitado. Em geral, esses sujeitos configuram a maior parcela da população, que é a que vivencia as expressões da “questão social” no Brasil, como o desemprego, a pobreza, a precarização do trabalho, a violência urbana etc., composta majoritariamente por negras/os. O método de análise empreendido no artigo é o materialismo histórico-dialético, com metodologia assentada em revisão bibliográfica e análise documental.

**Palavras-chave:** “questão social”; racismo; superexploração.

**Abstract:** The article presented here aims to reflect on the relationship between the “social issue”, the racial issue and the condition of superexploitation of the working class in Brazil. The approach developed here has as a theoretical-methodological option to think the “social issue” from two determinant nuclei of our social formation: structural racism and the superexploitation of the workforce. The expression of racial domination is dialectically related to the superexploitation of the working class, sedimenting class hatred for the poor, after all, the target subjects of this hatred are those whose social place is very well defined. In general, these subjects make up the largest portion of the population that experiences expressions of the “social issue” in Brazil, such as unemployment, poverty, precarious work, urban violence, etc., and are mostly black and/or mixed. The method of analysis used in the article is historical-dialectical materialism, with a methodology based on literature review and document analysis.

**Keywords:** “social issue”; racism; superexploitation.

**Resumen:** El artículo aquí presentado tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre la “cuestión social”, la cuestión racial y la condición de sobreexplotación de la clase trabajadora en Brasil. El enfoque aquí desarrollado tiene como opción teórico-metodológica pensar la “cuestión social” desde dos núcleos determinantes de nuestra formación social: el racismo estructural y la sobreexplotación de la fuerza de trabajo. La expresión de dominación racial está dialécticamente relacionada con la sobreexplotación de la clase trabajadora, sedimentando el odio

clase / pobre, al fin y al cabo, los sujetos objetivo de este odio son aquellos cuyo lugar social está muy bien definido. En general, estos sujetos constituyen la mayor parte de la población que experimenta expresiones del “cuestión social” en Brasil, como el desempleo, la pobreza, el trabajo precario, la violencia urbana, etc., y son mayoritariamente negros y / o mestizos. El método de análisis utilizado en el artículo es el materialismo histórico-dialéctico, con una metodología basada en la revisión de la literatura y el análisis de documentos.

**Palabras llave:** “cuestión social”; racismo; sobreexplotación.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma discussão introdutória acerca da relação entre a “questão social”, a questão racial e a condição de superexploração da classe trabalhadora no Brasil, a partir da sistematização de reflexões realizadas<sup>4</sup> ao longo da disciplina “A Questão Social no Brasil”<sup>5</sup>, integrante do curso de graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Compreende-se como fundamental a análise da formação social brasileira, com ênfase na primeira metade do século XX, destacando a perpetuação de elementos estruturais do passado colonial na consolidação do Estado nacional e os determinantes da “questão social” no país.

Nesse sentido, destacam-se as particularidades do desenvolvimento capitalista no Brasil (por sua condição de país periférico e dependente<sup>6</sup>) e, ainda, as particularidades da própria consolidação da classe trabalhadora,

---

4 Este texto, portanto, tem um caráter ensaístico e inicial, resultante dos estudos de uma disciplina de graduação (e dos limites temporais e de depuração dos conteúdos que isso envolve), por meio do qual se pretende uma aproximação com o debate, mas que, certamente, comporta limites.

5 No início de 2022, foi aprovada uma alteração curricular na Escola de Serviço Social da UFRJ, objetivando incorporar o debate étnico-racial no currículo pleno da graduação em Serviço Social como disciplina obrigatória, reafirmando o compromisso ético-político com uma formação profissional ancorada na perspectiva antirracista. Assim, a disciplina “A Questão Social no Brasil” foi reformulada para “Relações Étnico-Raciais e Serviço Social no Brasil”. Além do nome, as ementas e as indicações bibliográficas também foram atualizadas. Nessa mesma alteração curricular, mais três disciplinas foram modificadas: 1) “Trabalho e Questão Social”, que foi alterada para “Trabalho e Questão Social no Brasil”; 2) “Identidades Culturais e Serviço Social”, que passou a ser denominada: “Sociedade, Cultura e Identidades”; e 3) “Política Social e Serviço Social III-B (Saúde)”, cujo nome não foi alterado, mas contou apenas com modificação na ementa.

6 Marini (1973) explica a dependência “como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida” (MARINI, 2017, p. 141).

dada a coexistência entre a mão de obra escravizada e o trabalho assalariado nesse período (CASTELO; RIBEIRO; ROCAMORA, 2020). A existência simultânea de diferentes regimes de trabalho influenciou não só a organização da luta de classes no Brasil, mas também o modo como o Estado buscou responder às expressões da “questão social”, permitindo problematizar o tema a partir dos seguintes questionamentos: quais trabalhadores tiveram suas demandas respondidas pelas políticas sociais? Quais segmentos da classe trabalhadora continuaram à margem dessas políticas? Em ambos os levantamentos, é possível observar a relação intrínseca entre a questão racial e a “questão social”.

Ao se lançar luz sobre esses elementos, buscam-se perceber as dificuldades de superação da condição de país dependente, bem como o papel ideológico e político que o Estado exerce para assegurar a reprodução das relações sociais capitalistas ancoradas no racismo estrutural<sup>7</sup> e no antagonismo das classes (MOURA, 1994). Isso porque a conformação social brasileira coloca em evidência como a divisão social do trabalho é constituída, tendo como pilares estruturantes a discriminação racial e a superexploração do trabalho (QUIJANO, 2005), o que implica, portanto, considerar a conformação de uma divisão sociosexual e racial do trabalho.

Tal interpretação, entretanto, não pressupõe que não existam pessoas brancas superexploradas na classe trabalhadora, mas sim que a população negra jamais integrou a classe dominante no Brasil, muito pelo contrário, pois os mecanismos da jurisdição burguesa no pré e pós-abolicionismo serviram como impeditivo para qualquer possibilidade de ascensão social dos trabalhadores que foram escravizados ou de seus descendentes. Apesar da abolição da escravatura, a ordem capitalista que é reproduzida pelo Estado e pelas relações sociais tende a reafirmar o lugar do negro no Brasil (FERNANDES, 2017) inclusive estruturalmente, e não como algo que tenha ficado no passado colonial/escravista, conforme afirmam Gouvêa e Mastrapaolo:

A distinção no valor de troca da força de trabalho não branca (em especial negra e indígena) permite rebaixar o valor da força de trabalho em geral e aumentar a taxa

---

7 Assim como Moura (1994), Silvio Almeida demarca a importância de perceber o racismo enquanto fundante da sociedade capitalista brasileira e o caracteriza como racismo estrutural, pois se trata de “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38).

de exploração, em particular sobre esta população. Não existe capitalismo ‘antes’ e divisão racial do trabalho ‘depois’, apesar da sobredeterminação da divisão racial do trabalho pela mercantilização da reprodução da vida (GOUVÊA; MASTRAPAOLO, 2019, p. 10).

A “questão social”, desde uma perspectiva que podemos chamar de hegemônica no Serviço Social, é apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista amadurecida, impensáveis sem a intermediação do Estado, cuja raiz situa-se no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho – e das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. É indissociável da emergência do “trabalhador livre”, que depende da venda de sua força de trabalho como meio de satisfação de suas necessidades vitais (IAMAMOTO, 2007). É a manifestação da contradição fundamental da sociedade capitalista, fundada na divisão de classes e no antagonismo de seus interesses. Envolve, portanto, uma arena de lutas políticas e culturais e assume variadas expressões, que condensam múltiplas desigualdades relativas às disparidades de gênero, às características étnico-raciais e às formações regionais.<sup>8</sup>

Essa apreensão está calcada na crítica marxista da economia política, a partir das análises marxianas acerca da lei geral da acumulação capitalista, mediante a qual Marx (2013) explicitou a determinação tendencial histórico-concreta pela qual o capitalismo produz e reproduz riqueza e pobreza em polos opostos, bem como suas classes fundamentais.

Quanto maiores forem a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e o vigor de seu crescimento e, portanto, também a grandeza absoluta do proletariado

---

8 Essa conceituação remete a uma apreensão crítica da “questão social” e baliza o seu entendimento no âmbito das diretrizes curriculares para os cursos de Serviço Social. As diretrizes curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) efetivamente apontaram a “questão social” como o elemento que dá concretude à profissão, ou seja, que é a base da fundação histórico-social na realidade, e que, nessa qualidade, portanto, deve constituir o eixo ordenador do currículo, diga-se, da formação profissional. Assim, a “questão social” adquire um novo estatuto no projeto de formação profissional engendrado pelo serviço social brasileiro da década de 1990 (BEHRING; SANTOS, 2009). Entretanto, é preciso observar que essa admissão do termo no meio profissional não é consensual. O debate em torno da “questão social” envolve uma variedade significativa de polêmicas e compreende o seu entendimento como matéria do Serviço Social, bem como sua precisão teórica – uma vez que o termo é utilizado em diversas matrizes, inclusive nas mais conservadoras –, não sendo consensual, sequer, entre a categoria profissional dos assistentes sociais. É importante chamar a atenção para essas divergências e deixar explícito que a sua utilização em matrizes teórico-políticas conservadoras requer sempre a sua problematização.

e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior será o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível se desenvolve pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva acompanha, pois, o aumento das potências da riqueza. Mas quanto maior for esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto maior será a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está em razão inversa do martírio de seu trabalho. Por fim, quanto maior forem as camadas lazerentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. *Essa é a lei absoluta geral da acumulação capitalista* (MARX, 2013, p. 719) [grifo do autor].

Ainda que a “questão social” tenha como fundamento geral a lei geral de acumulação capitalista, sendo, portanto, impossível analisá-la desde o ponto de vista da crítica da economia política sem partir dessa determinação essencial, ela somente é inteligível nas mediações histórico-concretas particulares de cada formação social, sob a pena de ser transformada numa abstração ou de cairmos na armadilha do essencialismo (GOUVÊA; MASTRAPAOLO, 2019). Nesse sentido, a abordagem aqui desenvolvida – ainda inicial e aproximativa – tem como opção teórico-metodológica a proposta de pensar a “questão social” a partir de dois núcleos determinantes da nossa formação social: o racismo estrutural e a superexploração da força de trabalho.<sup>9</sup>

Deste modo, faz-se necessário compreender a relação indissociável entre a “questão social”, a questão racial e a superexploração da força de trabalho enquanto tripé do projeto nacional em construção no início do século XX. Naquele momento, a atuação do Estado moderno, baseada em condutas eugenistas e higienistas, apontou o branqueamento da população como principal conduta para garantir o desenvolvimento econômico e político do país (COSTA, 2020). Tais políticas – que culpabilizam os não

---

9 É importante indicar que, partindo da formação social brasileira em sua concretude, também a questão do heteropatriarcado compõe uma unidade dialética com os quesitos de classe e raça para a análise da “questão social”. Nos limites aqui propostos, vamos nos deter sobre os dois núcleos indicados. Para um exame mais detalhado do tema, é importante consultar: COSTA, Renata Gomes da; RAFAEL, Josiley Carrijo. *Questão social e sua particularidade no Brasil: imbricação entre patriarcado-racismo-capitalismo*. In: Revista Temporalis, Brasília (DF), ano 21, n° 42, p. 77-93, jul./dez. 2021; FERREIRA, Carla Cecília Campos; FAGUNDES, Gustavo Gonçalves. *Dialética da questão social e a unidade classe, gênero e raça*. In: Revista Temporalis, Brasília (DF), ano 21, n° 42, p. 62-76, jul./dez. 2021; PASSOS, Rachel Gouveia. *Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial*. Revista em Pauta, v. 18, p. 116-129, 2020.

brancos pela condição de subdesenvolvimento do Brasil – não consideravam a relação de subordinação e dependência dos países da periferia do capitalismo em relação aos países capitalistas centrais.

Embora o Estado moderno tenha assumido uma política de incentivo à imigração de mão de obra europeia para o embranquecimento da população brasileira, os/as trabalhadores/as negros/as (escravizados/as e livres) tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento das políticas de proteção social, uma vez que estiveram organizados enquanto categorias urbanas importantes para o desempenho econômico do país – ferroviária, marítima e portuária –, exemplificando, assim, o modo como a questão racial, a “questão social” e a superexploração da força de trabalho estão imbricadas na própria origem do Estado moderno brasileiro (COSTA, 2020).

## FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E “QUESTÃO SOCIAL”

As décadas de 1920 e 1930 marcam o período de transição de uma economia de base agroexportadora para industrial, consolidando o capitalismo dependente no Brasil<sup>10</sup>. Ianni (1989), ao tratar sobre a formação do capitalismo no Brasil, destaca o papel fundamental que o Estado assume no desenvolvimento capitalista no país, de modo a assegurar a expansão controlada das forças produtivas, pois “as insuficiências da produção e os desequilíbrios estruturais não podem ser resolvidos pelo ‘livre embate das forças do mercado’, [razão pela qual] o governo adota diversas modalidades de ação, a fim de garantir e revigorar a empresa privada” (p. 28).

É marca distintiva daquele período a constituição de mecanismos reguladores da relação capital-trabalho, expressos na legislação trabalhista implantada no período, assim como a instituição de políticas sociais em função das necessidades relativas à reprodução da força de trabalho – no sentido de desonerar o capital desses gastos –, bem como sua funcionalidade para a legitimação política do governo

---

10 A partir de então, o governo ditatorial, sob a batuta de Vargas, deflagra uma série de empreendimentos que deveriam sedimentar e fomentar a expansão do sistema econômico brasileiro, tendo por base o fomento à industrialização e a sua proteção, galgados no nacionalismo. São exemplos desses empreendimentos: o Conselho Técnico de Economia e Finanças, o Conselho Nacional do Petróleo, a Usina Siderúrgica de Volta Redonda, o Plano de Obras e Equipamentos e a Companhia Vale do Rio Doce, dentre outros.

e para facilitar a adesão da classe trabalhadora à lógica corporativista da política trabalhista.

Como se sabe, a política varguista constituiu um molde particular de intervenção sobre a “questão social”, que objetivava realizar um trato político das demandas da classe trabalhadora pautada na coesão social, cuja expressão se efetiva no lema da “harmonia entre as classes sociais”, superando a intervenção exclusiva do aparato coercitivo, ou seja, o tratamento da “questão social” como caso de polícia (IAMAMOTO; CARVALHO, 2010).

O Estado, portanto, assume a via intervencionista também no outro polo fundamental do modo de produção capitalista: a reprodução e a regulação da força de trabalho. Nesse sentido, o reconhecimento da cidadania social do proletariado demarca tanto medidas preventivas para a integração da classe trabalhadora quanto mecanismos consolidadores de hegemonia. Os direitos trabalhistas – como a regulamentação da jornada de trabalho, a regularização do trabalho feminino e infantil, o direito a férias e o décimo terceiro salário – e a sindicalização corporativista, aliada à iniciação das instituições assistenciais, constituem mecanismos indispensáveis ao desenvolvimento capitalista no contexto do Estado Novo.

Até então, a “questão social” era definida e enfrentada como “caso de polícia”, uma vez que todas as suas manifestações – fome, pobreza, violência, desemprego, trabalho informal etc. – eram tratadas, exclusivamente, pelo aparato coercitivo do Estado. Embora as políticas sociais tenham sido importantes conquistas da classe trabalhadora, o caráter violento e policalesco se manteve no tratamento do Estado para com algumas demandas sociais, sobretudo no que diz respeito à situação de pobreza e miséria da população negra, que sofria com a marginalização, a discriminação e a exclusão das políticas sociais (até então vinculadas ao trabalho formal) e que podia recorrer apenas às ações filantrópicas da época (SANTOS, 2015).

Os processos que forjam a particularidade da “questão social” no Brasil se assentam nas bases da constituição do mercado e do regime de trabalho (SANTOS, 2015) e, ainda, no âmbito político e ideológico, no qual as condições de país subordinado e dependente se reproduzem nas relações e no imaginário social, perpetuando assim o *status quo* ancorado na naturalização do racismo estrutural e da superexploração do trabalho.

Isso porque o regime de trabalho formal constituído não é universal para a classe trabalhadora; pelo contrário, é um regime de trabalho restrito e não generalizado, o que resulta na informalidade, na precariedade dos postos de trabalho e no desemprego de um modo geral, sendo respondido pelo Estado com violência e coerção. Portanto, a questão racial e a “questão social” se mostram indissociáveis no Brasil, uma vez que a parcela que mais sofre com o desemprego, o subemprego e a precarização do trabalho é a população negra, a quem o Estado responde de modo violento e excludente. Ou, dito de outro modo, a partir da divisão social e racial do trabalho, negros e negras estão suscetíveis aos postos de trabalho e à inserção produtiva mais espoliativa, com rendimentos mais rebaixados e com poucas possibilidades de acesso aos direitos trabalhistas e à proteção social de um modo geral, uma vez que esta se desenvolve no Brasil condicionada ao acesso ao mercado de trabalho formal.

No sentido político e ideológico da manutenção da ordem capitalista, Florestan Fernandes afirma que:

O estratagema das nações capitalistas mais dinâmicas e dominadoras sempre consistiu em imprimir à civilização ritmos muito rápidos de evolução: os laços coloniais se redefiniam em liames neocoloniais ou em uma pluralidade de relações de dependência sucessivas, o que provocou o inferno dos chamados “países pobres” ou “periféricos”. Sempre perto da utopia, da plenitude da fruição da civilização *in flux*; nunca dispondo dos meios para superar a brecha comercial, o “atraso” e o “subdesenvolvimento” (FERNANDES, p. 152, 1995).

Desse modo, a ideologia das nações dominadas incorpora a ideologia das nações dominantes, de modo que, mediante uma alienação coletiva, o imperialismo impregna-se em todos os aspectos das relações sociais (percepção da realidade, cultura, tradições, hábitos, valores, dentre outros) apenas para os que podem viver desse modo (FERNANDES, 1995). Essa importação ideopolítica é resultante do processo de (neo) colonização e da condição de país periférico e dependente, amparada pelo contexto “psicossociológico, cultural e político especificamente autoritário e imobilista” (FERNANDES, p. 148, 1995), que subjuga a consciência dos estratos sociais e raciais subalternizados.

Ou seja, enquanto a classe dominante se identifica como parte de algo ao qual não pertence verdadeiramente, as camadas mais empobrecidas da classe trabalhadora ficam à margem desse processo, o que resulta em um grande dilema: a impossibilidade de constituição de uma identidade nacional comum, cujas determinações estão na própria particularidade da revolução burguesa no Brasil, que – como explicitou Fernandes (1995) – assumiu conotações extremamente restritivas, pelo seu teor antinacionalista e antidemocrático.

A impermeabilidade do projeto político burguês aos interesses da classe trabalhadora implica sempre mecanismos de gestão da “questão social” que são tanto coercitivos quanto de produção de consensos. Os processos históricos no Brasil (abolição da escravatura, independência, redemocratização), ainda que tenham envolvido a participação e a mobilização social, foram processos organizados de cima para baixo, direcionados pelos interesses do capital estrangeiro (CERQUEIRA, 1982). Nunca no Brasil houve um processo de ruptura definitiva ou revolução que pudesse deixar no passado as velhas formas de dominação e opressão, razão pela qual se perpetuaram – no decorrer da sua história – as estruturas conservadoras, racistas e ultradependentes que se assentam na superexploração do trabalho e na discriminação racial.

Nesse sentido, para a descolonização do poder e a própria descolonização social, é preciso destituir a pequena minoria branca dos espaços de poder e de riqueza e incorporar a participação dos negros, dos indígenas e de seus descendentes nas decisões sobre a organização social e política, que sempre ocuparam um lugar subalterno nesta ordem (QUIJANO, 2005).

## **A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E O ETHOS RACISTA**

O conjunto de transformações que permearam o cenário brasileiro do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX é fundamental para compreender a “questão social” no Brasil; afinal, esse período histórico foi marcado pela transição do papel político do Brasil enquanto colônia para a sua inserção na economia mundial enquanto país capitalista periférico e dependente. Para tanto, o país passou por um intenso processo de modernização, no que diz respeito à economia e à produção; contudo, manteve a estrutura de dominação social compósita, que articulava a burguesia agroexportadora nascente

com a oligarquia agrária, reproduzindo a mesma lógica de dominação racial e superexploração do trabalho.

Conforme Clóvis Moura (1994), a conjuntura nacional da segunda metade do século XIX já apontava para o desenvolvimento de uma burguesia dependente, incapaz de estruturar o mercado interno para competir com capitais estrangeiros na economia mundial. Esse processo de modernização, além de gerar um grande endividamento, não objetivava promover uma ruptura com o modo de organização social escravista, pois – conforme o escravismo se enfraquecia – medidas como a tarifa Alves Branco (1844), a Lei de Terras (1850), a Lei Eusébio de Queiróz (1850) e o incentivo à Guerra do Paraguai e à política imigranti-sta foram pensadas no sentido de preparar a mão de obra para o trabalho livre no Brasil, sem perder de vista a subjugação dos corpos negros, que até então eram mão de obra escravizada (MOURA, 1994).

Dentre todas essas medidas, destacam-se a Lei de Terras (Lei nº 601/1850) e a política imigranti-sta como os principais eixos do *ethos* racista que vai estruturando o Estado moderno a partir da exclusão do negro tanto do acesso às terras quanto do acesso aos postos de trabalho, como ação deliberada do Estado e da classe dominante em prol do incentivo e da promoção da mão de obra branca estrangeira.

A transformação da terra em mercadoria, como pressuposto do desenvolvimento capitalista, tem na Lei de Terras uma estratégia fundamental de dominação no contexto brasileiro. Quando o país incorporou suas terras à economia mundial, como parte de um circuito de comercialização e apropriação dos lucros entre as elites, a propriedade da terra passou a ser uma mercadoria e um privilégio para poucos, uma vez que assegurava que os negros e camponeses pobres não tivessem acesso à terra. Tal processo se relaciona diretamente às demandas de liberação da força de trabalho para o regime de trabalho assalariado. Isso porque, na iminência do processo de abolição da escravidão, o Estado brasileiro e a elite dominante precisavam criar as condições essenciais para que os trabalhadores brasileiros (recém-libertos ou não) não tivessem outra alternativa a não ser se submeter ao trabalho assalariado.

No entanto, conforme demonstrado por Gonçalves (2018), os trabalhadores negros foram alijados do acesso ao trabalho assalariado no capitalismo brasileiro nascente. “Num país cujo destino era ser branco e capitalista, os(as) trabalhadores(as) negros(as) foram exorcizados(as) da comunidade nacional e viram-se às margens de direitos sociais básicos” (GONÇALVES, 2018, p. 517).

Por seu turno, a expropriação e a expulsão dos trabalhadores do campo foram marcadas por vetores como o coronelismo e a violência contra essa população, majoritariamente negra e pobre, além do extermínio dos povos originários. Esse processo ocorreu ao mesmo tempo em que se estimulou a imigração da mão de obra branca, com a garantia de que os imigrantes conseguissem o acesso à terra, com amparo no discurso de cunho racista de que os negros que aqui viviam não se adaptariam à modernização do trabalho, o que revela o desprezo das elites brancas pela população negra, estivesse ela sob o jugo da escravidão ou mesmo no período pós-abolição.

Ademais, como fenômeno típico dos processos de acumulação primitiva, a violência foi um fator estrutural constitutivo do movimento de colonização, expresso na invasão, na tomada e na apropriação das terras dos indígenas (com massacres e genocídios de tribos), na transformação de indígenas em força de trabalho escravo<sup>11</sup> e no ataque às suas manifestações culturais e religiosas. A expropriação de terras comunais para a exploração intensiva da empresa colonial (com a consequente destruição dos modos primitivos e asiáticos dos nativos), a constituição das sesmarias e a posterior instituição do latifúndio têm, portanto, relação complexa e sedimentam as bases da concentração fundiária que ainda vigora no país. Isso porque uma reforma estrutural básica para a diminuição da desigualdade social (como a reforma agrária) jamais chegou a se consolidar. A formação social brasileira, portanto, teve seu processo de modernização atravessado pela herança do passado colonial, com a preservação da dominação da força de trabalho, a partir de marcadores raciais resultantes do regime escravista, bem como mediante a exclusão dessa população do acesso aos direitos sociais, aos postos de trabalho e à condição de cidadania. Como afirma Fernandes (2017), “a Abolição pela via oficial não abria nenhuma porta – as fechava” (p. 80, 2017). Até o início do século XX, há registros da coexistência do regime de trabalho escravista com o trabalho assalariado, o que simboliza como se deu a modernização do país: com base nas estruturas arcaicas da organização social, política, cultural etc. (CASTELO; RIBEIRO; ROCAMORA, 2020).

Desse modo, a transição do escravismo para o capitalismo monopolista ocorreu sem rupturas com a ordem social vigente; afinal, faz

11 Como se sabe, os colonizadores optaram, majoritariamente, pela escravização da mão de obra negra, fundada no tráfico de negros africanos. Para isso, justificaram sua preferência em função de uma suposta “preguiça crônica” dos indígenas e de uma pretensa “incapacidade” de sua adaptação ao trabalho pesado (PRADO JR., 2011).

parte da dinâmica capitalista a existência da superpopulação relativa, isto é, ao se apartar uma parcela significativa da população do mercado de trabalho formal, há uma valorização do sistema do capital e a consolidação de um exército industrial de reserva. No Brasil, uma das particularidades desse processo foi isso ter sido forjado não apenas com base na dominação de classe, mas também com base na dominação/exploração racial (ANDRADE, 2021). Sendo assim, a superpopulação relativa e, conseqüentemente, o exército industrial de reserva são compostos, majoritariamente, pela população negra, que, mesmo após abolição, permaneceu excluída do mercado formal de trabalho, dos direitos sociais e do acesso à condição de cidadania plena, o que contribuiu, desse modo, para a manutenção do *ethos* racista e para a valorização do capital.

A questão racial não é, pois, uma questão secundária para o capitalismo, se considerarmos, entre outros elementos, o fato de que o desenvolvimento capitalista tenha sido historicamente atrelado às práticas coloniais e que o racismo seja uma questão afeita à economia política, “uma vez que se materializa como uma tecnologia que reproduz desigualdade e justifica a morte e a manutenção de privilégios” (ALMEIDA; SANTOS, 2019, p. 132).

Por outro lado, o racismo estrutural implica uma divisão sociorracial do trabalho, que viabiliza as condições concretas de superexploração da força de trabalho racializada (como a negra), remunerando-a abaixo do valor médio da força de trabalho e pressionando os salários de um modo geral. Ao engendrar processos permanentes de descarte da mão de obra negra, o racismo incrementa as tendências de expulsão do trabalho vivo dos processos de trabalho, confluindo também para engrossar as fileiras da superpopulação relativa.

Para Andrade, uma vez que a pobreza é inerente ao modo de produção capitalista, a desigualdade social está intrinsecamente relacionada com a desigualdade racial na sociedade brasileira, tendo “a subordinação de raça interna a luta de classes” como principal legado da escravidão (p. 172, 2021). Isso posto, a afirmação de que “todos seriam livres e iguais para galgar melhores condições de vida no mercado de trabalho” (FERNANDES, 2008, p. 313) não se concretiza na realidade, o que evidencia que “as relações raciais estão, desde o princípio, imbricadas dialeticamente nas configurações assumidas pelas relações sociais de produção no Brasil” (LACERDA, p. 694, 2020), de modo que sua força de trabalho integra a população negra na condição de subproletariada (RIBEIRO *apud* LACERDA, 2020).

A partir desses elementos, coloca-se em evidência a heterogeneidade da classe trabalhadora que viria a se consolidar na primeira metade do século XX, cujas expressões de resistência se davam de modos variados entre os trabalhadores escravizados, libertos, rurais, urbanos, assalariados etc. Tal particularidade da realidade brasileira também influenciou diretamente as formas de organização política da classe trabalhadora perante o Estado moderno e as respostas desenvolvidas por este em aspectos como melhores condições de vida, relações de trabalho e proteção social.

## **A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO E O LEGADO DA ESCRAVIDÃO**

Ainda no sentido de caracterizar a relação entre a desigualdade racial e a desigualdade social no cenário brasileiro, é preciso identificar como se dá a sua inserção na dinâmica do capitalismo global. A partir da perspectiva dos principais intérpretes da formação social brasileira, como Florestan Fernandes, Ruy Mauro Marini e Clóvis Moura, entre outros, é possível compreender a complexidade da estrutura capitalista e o seu impacto nas relações sociais, sobretudo nos países da América Latina.

Para tanto, é preciso situar o Brasil no bojo dos países que se encontram na periferia do desenvolvimento capitalista, ocupando a condição de subordinação e dependência dos países capitalistas centrais (MARINI, 2017). A partir da Teoria Marxista da Dependência, é possível perceber que, historicamente, a conformação social brasileira evidencia particularidades em decorrência dessa condição; afinal, a principal questão apontada por Marini (2017) é a superexploração da força de trabalho como mecanismo compensatório para satisfazer a produção de valor e de mais valor capaz de remunerar o capital nacional e internacional. Em razão do passado colonial e da perpetuação da dominação racial mesmo após a abolição da escravidão, é possível associar a superexploração à estrutura racista enquanto pilares da sociedade capitalista brasileira.

Em um primeiro momento, a acumulação e o desenvolvimento do capitalismo nos países centrais se deram pela exploração e expropriação das riquezas dos territórios colonizados, contribuindo para a demanda de mão de obra escravizada e para o tráfico negreiro (MOURA, 1994). Entretanto, a partir do processo de independência das colônias e da Revolução Industrial no século XIX, os países periféricos são pressionados

a se inserir na economia mundial de outro modo e, conseqüentemente, as relações de produção também se modificam. Como aponta Lacerda, “concomitantemente, também se processa uma mudança na subordinação que mencionamos outrora, agora marcada pelo aprofundamento da dependência de toda a América Latina ao capitalismo industrial dos países centrais” (LACERDA, p. 696, 2020).

Em sua abordagem teórico-metodológica, Ruy Mauro Marini aborda temas centrais para pensar a dialética da dependência, como a questão da troca desigual e a superexploração do trabalho. Para Marini (2017), as relações entre as nações de capitalismo central e os países de capitalismo dependente são marcadas por assimetrias e pela transferência de valor e riqueza destes últimos para as primeiras. Tais processos “correspondem a aplicações específicas das leis de troca” ou “mais abertamente o caráter de transgressão delas” (MARINI, 2017, p. 151). De acordo com o autor, em tese, o intercâmbio de mercadorias expressaria a troca de equivalentes. Na prática, os referidos processos podem assumir outra direção, em que “diferentes mecanismos [...] permitem realizar transferências de valor, passando por cima das leis de troca, e que se expressam na forma como se fixam os preços de mercado e os preços de produção das mercadorias” (MARINI, 2017, p. 151).

Evidentemente, a troca desigual coloca as nações com menor nível técnico de produtividade do trabalho em desvantagem em relação àquelas com maior desenvolvimento das forças produtivas. Para os capitalistas nacionais individuais, esse processo precisa, necessariamente, ser contrabalanceado de alguma forma. Ou seja, necessita-se produzir uma massa maior de valor para compensar o valor transferido para as nações de industrialização avançada. O mecanismo principal acionado pelas economias dependentes é o aumento na exploração do trabalho. Por isso, Marini (2017) aponta que, no Brasil e nos demais países latino-americanos, a superexploração ocorre como “[...] maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento de sua produtividade, e tende normalmente a se expressar no fato de que a força de trabalho se remunera abaixo de seu valor real” (MARINI, p. 350, 2017), isto é, há intensificação da exploração do trabalho na mesma medida em que o salário é estabelecido abaixo do valor necessário para garantir as condições de reprodução da força de trabalho.

Com o avanço do capitalismo, autores como Florestan Fernandes descrevem como o mito da democracia racial, a ideia da miscigenação

e o pluralismo cultural entre negros, brancos e indígenas fazem parte do projeto de dominação burguesa e de consolidação da ordem do capital, reforçando, assim, a dominação racial e de classe, na medida em que a condição de dependência e subordinação econômica e política dos países latino-americanos impõe à população negra a condição de subalterna e superexplorada. Diz ainda o autor que:

A heteronomia racial na sociedade de classes evidencia que o regime extinto não desapareceu por completo após a Abolição. Persiste na mentalidade, no comportamento e até na organização das relações sociais dos homens, mesmo daqueles que deveriam estar interessados numa subversão total do *antigo regime* (FERNANDES, 2008, p. 302) [grifos do autor].

Segundo Lacerda, “a pauperização absoluta é, portanto, a parte visível da superexploração da força de trabalho, que, combinando maior exploração da força física e expropriação dos salários, mantém vivos os resquícios do passado colonial brasileiro” (LACERDA, p. 701, 2020). A partir da compreensão de que o capitalismo produz proporcionalmente riqueza para uma minoria e pobreza para a maioria da população, os dados referentes ao índice de pobreza e de desigualdade racial permitem vislumbrar como a herança escravocrata se perpetua até os dias atuais (ANDRADE, 2021), estruturando-se inclusive nas diferentes expressões da “questão social”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica da economia política marxista nos oferece um método de investigação e análise da realidade social sob uma perspectiva de totalidade. Precisar, a partir de tal método, as leis tendenciais gerais que regem o modo de produção capitalista é condição precíua para desvendar a realidade e ir além da sua aparência fenomênica. No entanto, é preciso também lançar luz sobre a formação sócio-histórica dos países latino-americanos e destacar suas particularidades, pois incidem diretamente na contradição da relação capital-trabalho, que origina a própria “questão social”.

É apenas pelas mediações histórico-sociais concretas de cada formação social que se pode trazer à tona elementos estruturais que

possibilitam uma reflexão mais fidedigna sobre a realidade brasileira, uma vez que a história deste país é forjada sobre a dominação/exploração racial e a superexploração do trabalho, o que se reflete também na divisão de classes sociais.

A expressão de dominação racial está dialeticamente relacionada com a superexploração da classe trabalhadora, uma vez que uma é reforçada pela outra no decorrer da história. Um dos elementos que podem ser apontados como pilares dessa relação é a aporofobia<sup>12</sup>; afinal, os sujeitos que são alvos desse ódio são aqueles cujo lugar social é muito bem delimitado. Em geral, esses sujeitos configuram a maior parcela da população, que é aquela acometida pelas expressões da “questão social” no Brasil (SANTOS, 2015), como o desemprego, a pobreza, a precarização do trabalho etc., além do fato de que é aquela formada majoritariamente por negros/as.

Ao se realizar o recorte temporal do início do século XX para a compreensão do contexto no qual se estrutura o Estado moderno brasileiro e se processam as disputas que ocorrem em seu interior, foi possível traçar um quadro geral dos núcleos fundamentais que sedimentam as estruturas da ordem burguesa, baseadas no *ethos* racista e na superexploração do trabalho.

Dos ciclos desenvolvimentistas aos neoliberais, o país segue reproduzindo as condições da dependência, com novas determinações sobre o racismo e a superexploração da força de trabalho. Ainda que pese a responsabilidade dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), ao optarem por um projeto de conciliação de classes, o incômodo da classe dominante e da chamada classe média brasileira se deu em deparar-se com os seus “dessemelhantes”<sup>13</sup> (MBEMBE, 2018) em lugares que antes esses sujeitos não eram aceitos<sup>14</sup>, como aeroportos, universidades, cargos de chefia de grandes empresas e tantos outros. Tal incômodo tem como pano de fundo o racismo estrutural e a superexploração do trabalho, que se realizam sob o discurso conservador e caracterizam o ódio de classe na atualidade.

---

12 Entende-se por aporofobia o ódio de classe e todos os mecanismos jurídicos, políticos, culturais e sociais que reafirmam a condição de exploração e dominação da burguesia sobre o proletariado.

13 Para Mbembe (2018), a categorização racial serve para objetificar aquele que não é tido enquanto padrão (branco, europeu), entendendo-o enquanto “dessemelhante” e, portanto, legitimando o tratamento desigual. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/achile-mbembe-o-devir-negro-do-mundo/>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

14 Exemplo da materialização do ódio de classe. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniao/ultimamente-tem-um-monte-de-pobre-no-avia%CC%83o-sinto-o-cheiro-de-longe/>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

A derrocada dos governos do Partido dos Trabalhadores pode ser apontada como fato recente, que exemplifica a análise feita até então, pois foi um golpe constitucional (KELLER, 2020) embasado em críticas elitistas e no discurso conservador, que reatualiza a homofobia, a xenofobia, o patriarcado, o *ethos* racista e o ódio de classe, seja de modo velado ou explícito, como se verifica nas ações e na verborragia do atual presidente da República, Jair Bolsonaro.

No Brasil, a “questão social” e suas expressões estão imbricadas com a questão racial, que é estrutural e estruturante das relações sociais, de modo que ambas são atravessadas também pela condição de superexploração da classe trabalhadora. Em síntese, a análise dessa combinação pode permitir uma nova perspectiva sobre o trabalho profissional dos assistentes sociais, de maneira que incorpore, em sua prática, não apenas a defesa intransigente dos direitos sociais e o compromisso com um projeto societário mais justo, democrático e igualitário, mas também o reconhecimento da categoria profissional como inserida em espaços de luta de classes e de combate ao racismo estrutural e institucional, bem como na luta contra a própria forma capitalista do trabalho superexplorado e alienado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de; SANTOS, Júlio César Silva. **Crise, racismo e neoliberalismo**. In: Trabalho, questão social e Serviço Social: A autofagia do capital. SOUZA, E. A.; SILVA, M. L. de O. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2019.

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDRADE, R. S. P. **A Subordinação de Raça no Processo de Formação da Classe Trabalhadora Brasileira**. In: Revista Fim do Mundo, nº 4, jan/abr 2021.

CASTELO, R.; RIBEIRO, V.; ROCAMORA, G. **Capitalismo dependente e as origens da “questão social” no Rio de Janeiro**. In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 137, p. 15-34, jan./abr. 2020.

CERQUEIRA FILHO, G. **A “Questão Social” no Brasil: Crítica do discurso político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

COSTA, G. **Trabalhadores negros na origem da política social brasileira**. Revista Em Pauta: Teoria social e realidade contemporânea, v. 18, nº 46, 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008. (Obras reunidas de Florestan Fernandes).

\_\_\_\_\_. **Em busca do socialismo: Últimos escritos e outros textos**. São Paulo: Xamã, 1995.

\_\_\_\_\_. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Expressão Popular, 2017, p. 160.

GONÇALVES, R. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. In: Revista Katálysis, v. 21, nº 3, p. 514-522, set./dez. 2018.

GOUVÊA, M. M.; MASTRAPAOLO, J. Capitalismo, racismo, patriarcado, dependência: por uma teoria unitária materialista, histórico-dialética. In: **Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo 2019: Marxismo sem tabus – Enfrentando opressões**. Disponível em: <<https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC27/MC271.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

IAMAMOTO, M. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetichado: Capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 31ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IANNI, O. **Estado e Capitalismo**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

KELLER, R. J.; ALVES KELLER, S. B. **“Liberal na economia e conservador nos costumes”: um arranjo sincrético na política brasileira pós-golpe de 2016**. In: Revista Fronteras, 13: 44-52, 2020.

LACERDA, M. **Relações raciais, dependência e superexploração da força de trabalho brasileira**. In: Revista de Políticas Públicas, v. 24, nº 2, 2020, pp. 689-702. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/14088/8625>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

MARINI, R. M. **Dialética da dependência**. In: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 9, nº 3, p. 325-356, dez. 2017.

MARX, K. **O Capital – Livro 1**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005a, pp. 118-142.

SANTOS, J. **Questão Social: Particularidades no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## “Questão social” e pauperismo no Brasil em tempos de Covid-19

*“Social issue” and pauperism in Brazil in Covid-19 times*  
*“Cuestión social” y pauperismo en Brasil en tiempos de Covid-19*

Milena da Silva Santos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-1438-4928>

Liana Amaro Augusto de Carvalho<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2697-5466>

Recebido em: 25/05/2021

Aprovado em: 15/02/2022

**Resumo:** Este texto tem como objetivo debater o agravamento da “questão social”<sup>3</sup> no Brasil, por meio do aprofundamento do pauperismo no período da pandemia de Covid-19. Para tanto, respalda-se numa metodologia de

---

1 Professora Adjunta da Faculdade de Serviço Social (FSSO) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). *E-mail:* <milena\_sso@hotmail.com>.

2 Doutora em Serviço Social. Graduação em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Substituta do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). *E-mail:* <lianacarvalhoss@hotmail.com>.

3 A expressão “questão social” se refere a um complexo social derivado da relação contraditória entre o capital e o trabalho no momento da produção capitalista. A expressão tem origem liberal e surgiu pela primeira vez em um jornal legitimista francês chamado *La Quotidienne*, em 1831. O periódico relacionou a referida expressão ao crescente pauperismo no período da industrialização capitalista. Utilizamos as aspas para fazer referência a essa tergiversação conservadora liberal (NETTO, 2011), embora a análise pautar-se numa perspectiva histórico-crítica e dialética do fenômeno abordado.

análise bibliográfica e documental, com base no método do materialismo histórico-dialético<sup>4</sup>. Apresenta uma análise sobre os fundamentos socio-materiais da “questão social”, evidenciando o seu processo originário a partir da Lei Geral da Acumulação Capitalista. Problematisa a crise atual do capital, enquanto uma crise estrutural evidencia os limites absolutos do sistema. Ademais, conclui-se que o contexto pandêmico da Covid-19 traz consequências para a classe trabalhadora que ressaltam a combinação entre o pauperismo relativo e o absoluto na realidade brasileira. Indica, portanto, que as problemáticas elencadas apenas podem ter algum viés resolutivo quando se tiver como horizonte uma alternativa ao atual sistema socioeconômico que desconsidere o capital como o seu sustentáculo.

**Palavras-chave:** “questão social”; pauperismo; Brasil; pandemia; Covid-19.

**Abstract:** This text aims to debate the aggravation of the “social issue” in Brazil, through the deepening of pauperism in the period of the Covid-19 pandemic. Therefore, it is supported by a methodology of bibliographic and documental analysis, based on the method of historical-dialectical materialism. It presents an analysis of the socio-material foundations of the “social issue”, showing its original process from the General Law of Capitalist Accumulation. It problematizes the current crisis of capital, as a structural crisis that highlights the absolute limits of the system. Furthermore, it is concluded that the Covid-19 pandemic context has consequences for the working class that emphasize the combination of relative and absolute pauperism in the Brazilian reality. It indicates, therefore, that the issues listed can only have a resolution bias when an alternative to this socioeconomic system, which disregards capital as its mainstay, is considered.

**Keywords:** “social issue”; pauperism; Brazil; pandemic; Covid-19.

**Resumen:** Este texto tiene como objetivo debatir el agravamiento de la “cuestión social” en Brasil, a través de la profundización del pauperismo en el período de la pandemia Covid-19. Por tanto, se apoya en una metodología de análisis bibliográfico y documental, basada en el método del

---

4 A pesquisa que resultou neste artigo foi realizada a partir da perspectiva do método crítico-dialético e teve como procedimentos metodológicos as pesquisas bibliográfica e documental, pela utilização de textos clássicos e contemporâneos, bem como de documentos sob a forma de relatórios e legislações pertinentes à temática estudada. Para reproduzir as principais contribuições desse material acerca do tema perscrutado, utilizou-se a técnica de leitura e fichamento dos textos referenciados (ver lista) selecionados a partir dos termos “questão social”, pauperismo e Covid-19. Outrossim, utilizamos como dados de realidade aqueles de fontes secundárias, disponíveis em meio eletrônico.

materialismo histórico-dialéctico. Apresenta un análisis de los fundamentos socio-materiales de la “cuestión social”, mostrando su proceso original a partir de la Ley General de Acumulación Capitalista. Problematiza la actual crisis del capital, como una crisis estructural que resalta los límites absolutos del sistema. Además, se concluye que el contexto de la pandemia Covid-19 tiene consecuencias para la clase trabajadora que enfatizan la combinación de pauperismo relativo y absoluto en la realidad brasileña. Indica, por tanto, que los temas enumerados solo pueden tener un sesgo de resolución cuando se considera una alternativa a este sistema socioeconómico, que desconoce al capital como pilar fundamental.

**Palabras clave:** “cuestión social”; pauperismo; Brasil; pandemia; Covid-19.

## INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a humanidade vem tolerando diversas contradições e problemas relacionados ao modo de produção do capital e ao seu impulso à expansão e ao movimento de acumulação. Podemos brevemente aqui mencionar que a relação com o capital gera o crescimento inimaginável da riqueza material; porém, isso provoca a pobreza generalizada daqueles que produzem a riqueza. Além disso, os imperativos do referido sistema geram crises econômicas continuadas. De igual modo, seu processo de produção consome recursos naturais e humanos como nenhum outro modo de produção anterior e, com isso, destrói as condições de reprodução não apenas do próprio sistema do capital, mas também da própria humanidade.

Observamos que é necessário compreender os fundamentos que sustentam uma totalidade social com tantos contrassensos. Concordamos que uma análise profunda do capital e de seu sistema socioeconômico, numa perspectiva histórico-crítica, pode revelar as determinações causais e as reais bases materiais do conjunto de problemas sociais, políticos, econômicos e culturais, que é denominado de “questão social”.

Evidencia-se que as expressões da “questão social” se agravaram no contexto pandêmico da Covid-19<sup>5</sup>. Principalmente porque as novas

---

5 A Covid-19 é a doença causada pelo novo Coronavírus, que contaminou e levou a óbito milhões de pessoas em todo o mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, a pandemia se tornou incontrolável, transformando-o num dos países com mais casos e mortes, onde passou a ser considerada uma ameaça sanitária nacional no segundo bimestre de 2021, pois, enquanto a Covid-19 regredia em vários países, aqui a média móvel de óbitos chegou a ultrapassar mais de 4 mil casos por dia.

condições objetivas fizeram com que a relação contraditória entre o capital e o trabalho – que fundamenta o surgimento da “questão social” – aprofundasse os mecanismos de aperfeiçoamento da extração de trabalho excedente.

Em vários países e também no Brasil, as consequências econômicas e sociais da pandemia foram logo evidenciadas: colapso do sistema de saúde em diversas cidades, aumento do desemprego, ausência temporária de produção e indisponibilidade de alguns itens necessários no mercado (dentre eles, alimentos e insumos hospitalares), entre outras consequências. Não obstante, o que se manifesta é o aprofundamento da “questão social” e, principalmente, da sua expressão mais flagrante: o pauperismo.

Contudo, é necessário destacarmos no nosso debate alguns elementos importantes que dizem respeito aos fundamentos da “questão social” e às suas principais expressões, os determinantes da crise econômica do capital na atualidade e os limites desse sistema, para que, assim, possamos aprofundar o debate a respeito do problema do pauperismo na conjuntura da pandemia de Covid-19 no Brasil.

## **1. Os fundamentos sociomateriais da “questão social”**

A “questão social” é temática recorrente no campo de investigação das ciências sociais. Numa perspectiva histórico-crítica, a expressão significa um “[...] conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no curso da construção da sociedade capitalista [...]” (NETTO, 2006, p. 17), estando, portanto, vinculada ao conflito entre o capital e o trabalho. Numa concepção não divergente, mas complementar, ela também pode ser compreendida como expressão

[...] do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia [...] (IAMAMOTO & CARVALHO, 2009, p. 77).

Contudo, é necessário compreender em que determinações essenciais se desenvolveu tal problemática. De acordo com diversos estudos, foi por volta de 1830, período da Revolução Industrial, que o pauperismo da classe trabalhadora começou a tomar forma, em larga escala, na Europa. O pauperismo constituía-se como um fenômeno diferenciado da pobreza até então conhecida, uma vez que ele não estava mais relacionado à escassez da produção material de bens e muito menos ao baixo desenvolvimento das forças produtivas, mas a um processo de empobrecimento que passava a ser produzido e reproduzido mesmo diante da abundância de mercadorias.

De acordo com Pimentel (2016), podemos desvelar o processo que origina a “questão social” a partir das formulações de Marx a respeito da Lei Geral da Acumulação Capitalista. Para a referida autora, é possível identificar três dimensões fundamentais acerca da “questão social”, quais sejam: 1) sua dimensão material, que está elucidada na Lei Geral da Acumulação Capitalista; 2) sua dimensão política, que compreende a reação da classe trabalhadora à sua condição de existência e de trabalho; assim como também 3) a intervenção do Estado sobre as expressões da “questão social”, por meio das políticas sociais, assumindo vários formatos interventivos, a depender da fase do desenvolvimento capitalista, considerando-se o seu movimento de expansão e recessão econômica.

De acordo com as análises de Marx (1988), as determinações mais significativas para a pauperização da classe trabalhadora podem ser encontradas na esfera da produção, regida pela Lei Geral da Acumulação Capitalista, que é determinada pela produção de mais-valia. A valorização do capital acontece no processo em que o trabalho agrega valor à mercadoria na esfera produtiva. A contínua compra e venda da força de trabalho gera a contínua reprodução ampliada do capital. O trabalhador depende da venda de sua força de trabalho para sobreviver, o que o faz ser parte de um ciclo do qual não consegue se livrar sob a lógica do sistema capitalista.

Com o desenvolvimento do sistema do capital, passa a existir a expansão da produção e da massa de trabalhadores, o que permite que se expanda também a escala, de modo que a atração dos trabalhadores pelo capital resulta em uma maior repulsão deles (MARX, 1988). A formação de uma população trabalhadora excedentária é, pois, peculiar ao modo de produção capitalista e é necessária ao desenvolvimento do

referido sistema. Trata-se de uma população que funda um “exército industrial de reserva”, sempre à disposição do capital, para ter sua força de trabalho explorada.

Assim sendo, com o desenvolvimento da indústria moderna, há a transformação de parte da população trabalhadora em desempregados ou semiempregados. Então, quanto mais se intensifica o dispêndio de trabalho sobre a massa de trabalhadores ocupados, mais trabalhadores são descartados da produção, engrossando as fileiras da massa de desempregados, o que permite que trabalhadores empregados sejam obrigados a uma maior exploração da sua força de trabalho e a uma maior submissão ao capital. De tal modo, aquele contingente excedentário assume um papel essencial na reprodução do capital e na manutenção dos salários, na medida em que exerce uma pressão sobre a população empregada, principalmente em momentos de estagnação econômica.

Outro ponto essencial destacado por Marx (1988) é que, ao mesmo tempo em que a acumulação multiplica a demanda de trabalho, também multiplica a oferta de trabalhadores mediante sua liberação, enquanto a pressão dos desempregados força os empregados ao sobretrabalho. Nesse processo, chega-se a um momento em que os trabalhadores começam a perceber que, quanto mais trabalham, mais produzem riqueza alheia. Além disso, constatam que, quanto mais cresce a força produtiva de seu trabalho, como meio de valorização do capital, ela se torna cada vez mais precária para eles. Dessa forma, percebem que o nível de concorrência entre eles depende também da pressão da “superpopulação relativa” e, assim, buscam se organizar coletivamente. Eis a dimensão política da chamada “questão social”, expressando-se pelo momento em que os trabalhadores se articulam e se mobilizam para reivindicar melhores condições de vida e de trabalho.

O pauperismo, como uma das primeiras formas de expressão da “questão social” e uma das mais evidentes até hoje, expressa-se pelo empobrecimento da classe trabalhadora, à medida que a sua força de trabalho é explorada, mas não ocorre a socialização da riqueza produzida. Historicamente, é sobre tal parcela pauperizada da classe trabalhadora que se dão as primeiras formas de intervenção estatal e atualmente se focalizam mediante pífias estratégias. Parece candente que o Estado vem atuando na administração de tais problemáticas para assegurar a reprodução da classe trabalhadora e da “superpopulação relativa”, essenciais para a sobrevivência do capitalismo.

Analisando a Lei Geral da Acumulação Capitalista, percebemos a contradição fundante desse sistema de produção, uma vez que, à medida que o capitalismo produz cada vez mais riqueza, produz também a miséria da classe trabalhadora. O desenvolvimento das forças produtivas permite a expansão da extração de trabalho excedente e, por conseguinte, o crescimento da classe trabalhadora, que se divide entre sua parcela ativa e a de reserva. Quanto maior for esta última, maior é o pauperismo oficial. Os métodos de acumulação de capital são, simultaneamente, métodos de produção de mais-valia, de maneira que toda a expansão da acumulação torna-se meio de desenvolver tais métodos. Então, a acumulação capitalista tem um caráter antagônico, o qual proporciona uma acumulação de miséria correspondente à acumulação de capital.

Portanto, pode-se afirmar que a dimensão material da “questão social” está na economia capitalista: sua raiz está na contraditória relação de produção capitalista entre o capital e o trabalho. A dimensão política da “questão social” evidencia-se na forma de organização e luta da classe trabalhadora por melhores condições de vida e de trabalho. Assim sendo, as raízes da “questão social” estão diretamente relacionadas à exploração do trabalho no capitalismo, à luta da classe operária na busca pelo acesso à riqueza produzida e à resistência à exploração de sua força de trabalho pelo capital. Quando a luta da classe trabalhadora se torna uma ameaça à ordem constituída e à reprodução social, o capital utiliza-se do seu comando político (o Estado) para buscar administrar as sequelas da “questão social”.

Na América Latina e especificamente no Brasil, as diversas expressões da chamada “questão social” estão ligadas às particularidades da sua formação social, ou seja, à materialização dos traços gerais das sequelas do modo de produção capitalista nas particularidades econômicas, políticas, culturais, religiosas e sociais da referida região no mundo. Requer que se atente, ainda, à “visibilidade aos sujeitos que, por meio dos seus esforços, conflitos e lutas, atribuem a densidade política à *questão social* na cena pública” (IAMAMOTO, 2012, p. 146).

Observando a história do Brasil e a importância da colonização para a interpretação da sua realidade contemporânea (PRADO JÚNIOR, 2008), podemos dizer que as expressões da “questão social” no Brasil – em especial, o pauperismo – são determinadas pelas formas estruturais de apropriação/expropriação dos países de capitalismo central operadas ainda no processo de colonização até a República, obedecendo à sua

característica ineliminável: a exploração do trabalho, o que reforça a sua posição de subalternidade e dependência.

## 2. Crise estrutural e os limites absolutos do capital

De acordo com Mészáros (2011), o capital está em uma profunda crise desde o final da década de 1960. Trata-se de uma crise que se caracteriza, basicamente, por ser sistêmica e estrutural. Atinge todas as esferas produtivas em escala planetária. Desenvolve-se de forma lenta e seu período temporal é extenso, podendo ser permanente, pois até o momento não se encontram indícios de que o capital tenha retornado para o patamar de lucratividade anterior. A crise, por ser eminentemente estrutural, evidencia os limites absolutos do referido sistema.

A tendência a uma maior concentração e à centralização de capitais aprofunda as contradições do próprio sistema. Por mais que os capitalistas e seus representantes na esfera política do Estado busquem saídas da crise do sistema, o próprio capital não consegue mais deslocar suas contradições de forma eficiente. Se antes as estratégias implementadas para a retomada do crescimento econômico ofuscavam os efeitos destrutivos do sistema, hoje fica evidente que a desigualdade social cresce cada vez mais e que a miséria se alastra para a maior parte da população mundial, de modo que o desemprego se torna crônico e que o estilo de vida e a produção do capital destroem o meio ambiente e, por consequência, ameaçam a sobrevivência da própria humanidade.

Por estes e outros motivos, na concepção de Mészáros (2011), é necessário que a própria humanidade enfrente o desafio de buscar uma alternativa que não apenas reforme o citado sistema, atenuando algumas de suas contradições, mas enfrente de forma ofensiva os fundamentos que mantêm o próprio capital, superando-o em seus aspectos basilares, uma vez que ele é sustentado pelo trabalho assalariado e pelo Estado moderno.

As crises econômicas fazem parte do sistema do capital. Porém, os determinantes da crise estrutural são diferentes daqueles de uma crise cíclica. A crise estrutural se diferencia das crises cíclicas principalmente por quatro fatores: I) diferentemente destas últimas, a primeira tem um caráter *universal*, perpassando todas as esferas produtivas, e não fica restrita a algumas esferas; II) ela é *global*, pois atinge todos os países; III) não é temporária,

uma vez que tem uma *escala de tempo extensa, contínua e permanente*; e IV) além disso ela é diferente de uma crise que se instala rapidamente, podendo gerar quebra de bolsas, como foi a crise de 1929, pois se desenvolve de forma *rastejante* e, aos poucos, atinge as esferas produtivas e as economias dos países, não demonstrando sinais de recuperação.

A produção capitalista chegou a um patamar em que existe um excesso de produção que tem dificuldade de valorização. Assim, o sistema do capital entrou num processo de maior dificuldade de expansão e acumulação contínua de riquezas, com maiores dificuldades de deslocar suas contradições. A crise estrutural atual do capital é também determinada pela abundância da produção de mercadorias que se desvalorizam, o que provoca a diminuição da margem de expansão e acumulação do capital. Abundância não apenas de mercadorias produzidas, mas também de capital que tem dificuldade de investimento e valorização, principalmente na esfera financeira, com a especulação pelo capital fictício e pelo sistema da dívida pública.

Sobre a tendência do capital ao enfrentamento de suas crises para o impulso necessário ao seu imperativo autorreprodutivo, Mészáros (2011) alude a respeito do mecanismo do próprio sistema do capital de deslocar suas contradições em momentos necessários para dar continuidade à sua autorreprodução ampliada. Tal conceito de “deslocamento” adquire significado diante dos limites últimos do capital como sistema global. O deslocamento acontece de forma a “postergar” (e não acabar com) os problemas, utilizando “válvulas de escape” disponíveis e provocando a extensão das fronteiras historicamente dadas do capital, todavia não eliminando seus limites estruturais objetivos. Porém, se o mecanismo de deslocamento de contradições funciona de forma a ajudar o capital a superar as crises periódicas, o mesmo não acontece diante da crise estrutural.

Então, enquanto a crise for parcial, relativa e interiormente manejável pelo sistema – ou seja, não estrutural –, é possível o deslocamento das contradições do capital por meio de mudanças no interior do próprio sistema. Na crise estrutural, a existência do complexo global envolvido é ameaçada, exigindo sua transcendência e substituição por um complexo alternativo. Porém, a crise estrutural não pode ser resolvida em termos de simples expansão da produção de riqueza, pois será necessária uma reorientação radical da produção, para não mais se subordinar à reprodução do capital. Uma produção de riqueza voltada para a necessidade e o uso.

A crise estrutural tem manifestações que podem ser identificadas nas várias dimensões internas do sistema do capital. Em todas elas, o capital tem a tendência a superar as barreiras que encontra à sua expansão e acumulação. Enquanto o capital, mesmo em sua crise estrutural, encontrar esses mecanismos de auxílio ao seu movimento, ele continua a se autorreproduzir.

De acordo com Mészáros (2011), a crise atual se relaciona a perturbações cada vez maiores do movimento de autoexpansão do capital. Trata-se de uma crise que tende a romper o processo normal de crescimento, o que pressagia a falha vital do deslocamento das contradições acumuladas do sistema do capital.

Sobre o agravamento do conjunto das crises econômicas na contemporaneidade, Mészáros atenta para o fato de que, enquanto a relação com o capital prevalecer, “[...] não haverá grandes tempestades a intervalos razoavelmente distantes, mas precipitações de frequência e intensidades por todos os lugares” (2011, p. 697). Assim, as antigas constâncias de crises podem se tornar, em porções menores diárias, a “normalidade” do capitalismo atual. Isso pode acarretar, em princípio, que os picos das crises periódicas sejam substituídos por um padrão linear de movimento do capital.

A crise estrutural evidencia o colapso de alguns mecanismos e determinações que são vitais para a permanência saudável do sistema de autorreprodução ampliada do capital. Enquanto as crises anteriores ainda podiam ser superadas pela capacidade do capital de dispor das “válvulas de escape” para a retomada do seu contínuo processo autorreprodutivo, a crise estrutural exige soluções estruturais adequadas; do contrário, apenas multiplica os problemas.

A reflexão de Mészáros (2011) sobre as tentativas de solucionar a crise estrutural é extremamente relevante, na medida em que esclarece os determinantes principais da crise e chama a atenção para a única alternativa viável: combater os alicerces do sistema sociometabólico que estão situados no capital.

Mesmo com o sucesso das inovações capitalistas para remediar, temporariamente, seus limites e atenuar os efeitos das contradições do sistema, “[...] os limites do capital permanecem estruturalmente intranscendíveis e suas contradições *fundamentalmente explosivas*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 697) [grifos do autor], pois nenhuma das medidas

implementadas até então interferiu nos fundamentos do sistema, ou seja, nas causas de seus problemas e de suas contradições, apenas minorou temporariamente alguns de seus efeitos.

Os limites do sistema do capital representam um desafio dinâmico tanto para o capital quanto para o trabalho. Mészáros (2011) afirma que os limites últimos do capital são manifestados nos limites da reprodução ampliada do capital, de maneira que o capital busca confrontá-los e dominá-los, mas sem considerar as consequências.

O capitalismo contemporâneo atingiu um estágio em que a disjunção radical entre produção genuína e autorreprodução do capital é uma realidade que indica graves implicações para o futuro. Dessa forma, os limites do capital não podem mais ser encarados como apenas obstáculos materiais à produtividade de riqueza do capital, mas como um risco à própria sobrevivência da humanidade. Os limites do capital podem se voltar contra o próprio capital quando este não for mais capaz de assegurar as condições de sua “autorreprodução destrutiva”, resultando no colapso do seu sociometabolismo.

No Brasil, ampliam-se as consequências da crise estrutural, por se tratar de um país periférico e subordinado aos países centrais. A forma de enfrentamento à crise iniciou-se a partir da década de 1990, com a implementação da política neoliberal<sup>6</sup>, o que possibilitou a diminuição da destinação dos recursos públicos para as políticas sociais e, por conseguinte, das intervenções do Estado sobre as expressões da “questão social”.

### 3. O pauperismo na pandemia

O ano de 2020 foi marcado pelo enfrentamento da pandemia da Covid-19, que se alastrou rapidamente entre os países, contaminando e levando a óbito milhões de pessoas. No Brasil, houve uma grande resistência de governantes e empresários para a implantação das medidas de isolamento social. Assim, coube a estados e municípios a iniciativa de emitir decretos com as regras de distanciamento social, com os protocolos de fechamento e reabertura de atividades econômicas e de

---

<sup>6</sup> De acordo com Santos (2016, p. 170), “[...] o neoliberalismo defende a ideia de diminuição da intervenção estatal na economia, de forma que prioriza estabilidade monetária, a qual só pode ser assegurada mediante a contenção dos gastos sociais e a manutenção de uma taxa “natural” de desemprego, associadas a reformas fiscais, com redução de impostos para os altos rendimentos”. Para Behring e Bochetti (2007, p. 156), o neoliberalismo provoca mudanças expressivas nas políticas sociais, de forma que passam a se caracterizar como privatizadas, focalizadas e descentralizadas.

lazer, em fases periódicas, de acordo com o avanço ou o retrocesso no número de casos e mortes em cada localidade.

Em pouco tempo, as atividades de trabalho e de estudo passaram a ser forçadamente realizadas de forma remota, com a utilização de recursos tecnológicos vinculados à *internet*. A adaptação, além de forçada, foi abrupta, sem o devido planejamento e capacitação. As empresas se esvaziaram de funcionários e também de equipamentos; salas e prédios alugados foram desocupados e os salários também foram afetados<sup>7</sup>.

De tal modo, os trabalhadores envolvidos na adaptação às atividades remotas tiveram de buscar meios dos mais criativos para ajustar também seu ambiente doméstico e o convívio familiar a uma rotina de empresa. Em geral, ainda estamos começando a perceber as consequências desse processo, mas já é perceptível um nível elevado de adoecimento físico, majoritariamente por Covid-19, mas também mental, mediante o aumento da fadiga, da depressão, do pânico, da ansiedade etc.

No Brasil, como indicamos, a taxa de desocupação aumentou para 14,1% (IBGE, 2021), o que corresponde a aproximadamente 14 milhões de pessoas; em consequência, cresceu também a desigualdade social, associada a uma maior concentração de renda, sendo que o 1% mais rico da população detém quase um terço da renda nacional<sup>8</sup> (COSTA, 2020). Contraditoriamente, as grandes empresas e multinacionais estão lucrando ainda mais neste período (com vendas *on-line*, redes sociais, serviços de *streaming*, comunicação etc.) e, principalmente, os bancos, fazendo frente aos pequenos e médios negócios, que – em sua maioria – quebraram em decorrência da crise já instalada antes da pandemia. De acordo com o relatório “Poder, Lucros e Pandemia”, produzido pela organização Oxfam (2020), enquanto milhões perdem empregos e renda, alguns poucos super-ricos ficam ainda mais ricos na pandemia. Apenas nos três primeiros meses da pandemia do novo coronavírus, os 25 maiores bilionários do mundo aumentaram a sua riqueza em US\$ 255 bilhões.

Contudo, com a paralisia de alguns ramos da produção industrial, as expectativas são de queda histórica no PIB dos países centrais e

---

7 Em julho de 2020, o governo brasileiro instituiu um programa emergencial, por meio da Lei nº 14.020, instituído com os objetivos de preservação do emprego e da renda e de garantia da continuidade das atividades laborais e empresariais, para a redução dos impactos decorrentes das consequências do estado de calamidade pública, decretado em razão da crise sanitária causada pelos adoecimentos por Covid-19. Mais informações estão disponíveis em: <<https://www.caixa.gov.br/beneficios-trabalhador/beneficio-emergencial/Paginas/default.aspx>>.

8 Fonte: Word Inequality Database, 2020.

periféricos. Ao que tudo indica, a crise estrutural vem se aprofundando cada vez mais. Contudo, o capital não pode deixar os fatores de bloqueio impedirem o seu processo de expansão e acumulação contínuos. Por isso, ele cria ajustes necessários para manter a sua autorreprodução. Dentre eles estão as formas diferenciadas de exploração da força de trabalho, mediante recursos e estratégias tecnológicas que contribuem para a sua manutenção. Ou seja, em suma, a maior prejudicada pela crise do capital é a classe trabalhadora.

Embora a realização de *lockdowns* tenha sido a primeira estratégia utilizada globalmente para barrar a disseminação do vírus – associada à utilização individual de máscara e à higienização das mãos –, observamos que só é possível a realização desses períodos nos países centrais, porque nos países periféricos esse tipo de proteção à população fica inviabilizado, visto que os países periféricos concentram os maiores índices de exploração da mais-valia, inclusive absoluta, vital para a reprodução do capital e a manutenção da reprodução da força de trabalho nos países centrais. De tal modo, a paralisação temporária das atividades econômicas não pode se estender por mais tempo. Por isso, a alternativa do capital para a saída do contexto pandêmico foi a realização da vacinação em massa<sup>9</sup>.

Todo esse contexto instalou uma situação geral de medo e incertezas quanto à garantia da preservação da saúde e da reprodução social de milhares de pessoas em escala global. Com estabelecimentos comerciais fechados em diversas regiões do mundo, o consumo de mercadorias e a circulação do capital foram fortemente impactados. A parcela da classe trabalhadora que vive do comércio e de setores de serviços em geral ficou sem renda diária para garantir suas necessidades imediatas<sup>10</sup>. Com a paralisação das atividades de produção das fábricas e das indústrias, não é possível extrair excedente de trabalho e garantia de lucro, o que

---

9 Desenvolver uma vacina eficaz e segura costumava levar décadas; porém, as primeiras vacinas contra a Covid-19 demoraram menos de um ano para que fossem desenvolvidas. Devido ao avanço da produção científica, as primeiras vacinas – Pfizer e BioNTech – foram produzidas em 10 meses. É um período de tempo sem precedentes na história.

10 No entendimento de Carvalho, Gomes & Lima (2021), o auxílio emergencial que foi implementado no Brasil mantém a função de manutenção da reprodução da força de trabalho próxima de níveis mínimos, considerando como público beneficiário os trabalhadores desempregados, intermitentes, informais e aqueles inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, bem como os trabalhadores por conta própria, dentre os quais destacamos, anteriormente, os microempreendedores individuais (MEI). O que tal contingente tem em comum não é apenas a ampla exploração da sua força de trabalho e a desproteção indiscutivelmente alarmante, mas o fato de que nele a renda, enquanto fluxo monetário, aparece como uma incerteza diária, sendo determinada pelo andamento da demanda cotidiana (p. 163). Outrossim, corroboramos com as ideias das autoras quando alegam ainda que tal mecanismo pode ser compreendido como um mecanismo contratendencial diante da crise que se apresentava antes dos processos de adoecimento, interferindo na composição do exército industrial de reserva (ibidem).

compromete o processo contínuo de expansão e acumulação do capital. Processo este que já estava demonstrando grandes sinais de dificuldade de continuação e permanência acelerada desde a década de 1970, quando tem início a crise estrutural do capital, de acordo com Mészáros.

Por isso, mesmo com a justificativa popularmente aceita de que a atual crise econômica é uma consequência imediata da pandemia, observamos que, antes disso, no ano de 2019, o mercado financeiro mundial estava dando fortes sinais de desestabilização e trazendo o prenúncio de uma grande crise econômica de caráter mundial. Com o crescimento do desemprego nos países centrais, a redução na produtividade das indústrias (principalmente automobilísticas europeias desde 2017) e o crescimento dos investimentos no mercado financeiro (em detrimento dos investimentos no setor produtivo), que geram um aumento do capital fictício, desde fevereiro de 2020, registra-se uma queda vertiginosa das principais bolsas de valores em todo o mundo, que vieram a apresentar singela alta em março de 2020, depois dos anúncios das medidas adotadas pelo governo americano<sup>11</sup>. Além disso, houve a baixa no preço do petróleo, provocada pelo aumento no preço do produto da Arábia Saudita disponível para venda (exportação). No Brasil, desde 2016, com o *impeachment* de Dilma Rousseff, a crise econômica se expandiu, com o início de um período inflacionário que não dá indícios de controle. São apenas alguns exemplos. Como se já não bastassem todos esses fatores em ebulição no mercado global, a proliferação da Covid-19 coincidiu com esse contexto anterior, agravando-o.

Como resposta a essa recessão, que já se colocava no cenário global antes da generalização da Covid-19, os governos procuram desesperadamente atender às novas demandas do capital em crise, remodelando estratégias de ajuda. Se o *slogan* neoliberal sempre defendeu “menos Estado”, são justamente os países dominados por tal modelo político que recorrem às medidas do “mais Estado”. Assim, o Estado presta seu papel de salvaguarda do grande capital. E, diante da ameaça de crescimento do pauperismo em diversos países, tal como também no Brasil, foram anunciadas medidas de manutenção da renda dos trabalhadores e outras formas de assistência, com o objetivo de não piorar a situação econômica com mais uma crise provocada pela falta de consumo. Por isso, observa-se que o Estado está presente quando

---

11 O primeiro pacote de estímulo à economia do governo americano foi de US\$ 2,2 trilhões, implementado em março de 2020. O segundo pacote foi de US\$ 900 bilhões. Foram as maiores “ajudas” financeiras do Estado americano registradas em “tempos de crise”.

se trata de resguardar os interesses de reprodução do citado sistema sociometabólico.

O aumento do pauperismo no Brasil é inequívoco nos tempos de Covid-19 e vem crescendo à medida que se estende a atual recessão econômica, agudizada pela grande quantidade de adoecimentos e óbitos. Como indicamos, o pauperismo é uma expressão do desenvolvimento do sistema do capital e se relaciona à sua reprodução, tornando-se consequência necessária dele.

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) identificou, desde 2014, um aumento palpável do empobrecimento na região. Informações publicadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2018, confirmavam que o Brasil vinha seguindo essa tendência. Naquele ano, aproximadamente 52,5 milhões de brasileiros estavam alinhados ao contingente pobre do país e mais 13,5 milhões de pessoas estavam na linha de pobreza extrema. Em 2020, já eram quase 14 milhões de pessoas a compor este segundo quantitativo, engrossando as fileiras daqueles que dependem quase que exclusivamente do auxílio emergencial<sup>12</sup> para sobreviver nos tempos da pandemia causada pela Covid-19 (IBGE, 2020). As políticas sociais<sup>13</sup> implementadas de caráter neoliberal não propiciam o real enfrentamento desses problemas. Apenas os amenizam.

Como a realidade tem demonstrado, a instituição de um auxílio emergencial por repasse direto de renda é uma iniciativa absolutamente ineficaz em relação à redução do pauperismo, mas de maneira imediata pode proporcionar pelo menos o alívio da fome e algum impacto contra a disseminação viral. Na ausência do referido auxílio, as pessoas que hoje compõem o substrato mais empobrecido da sociedade brasileira estão relegadas à própria sorte ou a iniciativas filantrópicas pontuais.

---

12        Instituído pela Lei nº 13.982/2020, o Auxílio Emergencial previu o repasse de R\$ 600,00 mensais (inicialmente, por três meses) a trabalhadores informais e de baixa renda, além de R\$ 1.200,00 às famílias chefiadas por mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família. O auxílio começou a ser pago no mês de abril e foi até o mês de dezembro de 2020. O valor estimado empreendido pelo governo para o pagamento do auxílio naquele ano foi de R\$ 322 bilhões. Em 2021, o benefício foi prorrogado inicialmente com quatro parcelas. Os valores são de R\$ 150,00 para solteiros, R\$ 250,00 para famílias e R\$ 375,00 para mães solteiras. Segundo relatório do Ministério da Cidadania, os dados disponíveis até 14 de dezembro de 2020 registraram que 67,9 milhões de pessoas haviam sido beneficiadas diretamente com o Auxílio Emergencial. Isso representa 1/3 da população brasileira, estimada em 211,75 milhões de habitantes em 2020, de acordo com o IBGE. No total, o Auxílio Emergencial destinou cerca de R\$ 294 bilhões para os beneficiários. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/cidadania/>>.

13        De acordo com Netto (2006), as políticas sociais têm uma funcionalidade própria: manter e controlar a força de trabalho, ocupada e excedente, para garantir a reprodução do sistema capitalista.

O que se percebe é um processo de pauperização absoluta<sup>14</sup> daqueles que perderam seus empregos, assim como daqueles que se mantêm em casa, impossibilitados de trabalhar, dependendo de um auxílio emergencial, pois se verifica inequivocamente uma queda geral do padrão de vida, associado ao medo da fome e da morte por adoecimento físico. Além disso, entre aqueles que se mantiveram em suas ocupações com salários reduzidos, há um processo de pauperização relativa, uma vez que, mesmo produzindo igualmente ou mais do que antes em seus postos laborais, houve uma diminuição sensível dos seus ganhos, o que comprometeu a sua reprodução, bem como a de suas famílias.

Portanto, temos no Brasil a combinação de processos reiterados de pauperismo relativo e absoluto, com destaque para este último, tendo em vista que milhares de trabalhadores foram largados à sua própria sorte e os níveis de precariedade daqueles que se mantêm ativos mostram-se cada vez maiores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluirmos, certos de que resta muito a se considerar ainda e de que este debate não tem a intenção e nem pode se esgotar aqui, são previsíveis as piores consequências desta crise para a classe trabalhadora. Além das mortes ocasionadas em decorrência da Covid-19, há ainda as demais mortes por falta de assistência médica, num sistema de saúde em colapso, bem como o aumento da morte pela fome e a tendência de aumento da desigualdade social, do desemprego e da barbárie social.

---

<sup>14</sup> O pauperismo absoluto e relativo em Marx aparece relacionado ao montante de riqueza produzido, estando ligado diretamente à exploração da força de trabalho para a produção de mais-valia, observando-se a razão entre o tempo de trabalho necessário e excedente da jornada de trabalho. A forma absoluta se dá pela ampliação da jornada, conservando a mesma duração do tempo de trabalho necessário e estendendo o tempo de trabalho excedente, sem alteração do salário. Ainda outra forma de proceder à extração de mais-valia absoluta é a intensificação do ritmo de trabalho sem a alteração do tempo da jornada. Diz-se que há um empobrecimento absoluto quando as condições gerais de vida da classe trabalhadora caem, seja pela baixa dos salários, seja pela queda dos padrões de alimentação e moradia, seja pelo aumento do desemprego, bem como pela intensificação do ritmo de trabalho. A forma relativa de extração de mais-valia acontece pela redução do tempo de trabalho necessário à formação do salário, seguida do aumento do tempo de trabalho responsável pela formação do excedente. Para se proceder a este fim, recorre-se à introdução de novas tecnologias. Amplia-se, assim, a criação de valor pelo aumento da extensão do trabalho excedente sem ampliar a jornada em si. As consequências desse processo se ligam à desvalorização da força de trabalho, permitindo que caia também o valor dos bens necessários à sua reprodução. Por isso, diferentemente, a pauperização relativa ocorre quando a parte da riqueza produzida pelo trabalhador torna-se proporcionalmente menor em relação ao total de valores produzidos. Trata-se de um processo no qual se aumenta a distância entre o montante de valores criados e a parcela de riqueza da qual o produtor se apropria. Contudo, em ambos os processos, a finalidade é o aumento dos lucros (NETTO; BRAZ, 2008).

Para o capital, há o evidente aprofundamento da sua crise estrutural, a diminuição da taxa de lucratividade, uma crise financeira pior do que a de 2008 e a aproximação cada vez maior dos limites do próprio sistema.

Contudo, as determinações estruturais do referido sistema deflagram o processo de desenvolvimento das suas contradições mais latentes. Dentre as quais, encontra-se a “questão social”, bem como a sua expressão no pauperismo. Mantendo-se tal sistema, é infrutífera qualquer tentativa que procure solapar a presente problemática.

Então, devemos pensar claramente em uma alternativa ao atual sistema socioeconômico. Não que apenas trace estratégias no âmbito da política. Então, não devemos rodar no círculo já ultrapassado do debate entre “menos” ou “mais” Estado, entre neoliberalismo e “Estado de bem-estar social”. Precisamos buscar estratégias de superação do sistema de forma a atingir sua raiz, modificar sua estrutura interna, que não se encontra na esfera do consumo ou da circulação, mas sim na esfera da produção material. Uma mudança efetiva, que procure superar o capital, só pode acontecer se chegar a atingir a base material da produção da riqueza social.

Para tanto, os conceitos de comunismo, trabalho associado e emancipação humana precisam ser amplamente divulgados e reconhecidos como possíveis, para que, por meio de um processo verdadeiramente revolucionário, a atividade fundante do ser social (o trabalho) deixe de ser realizada em prol da geração de capital (produção de riqueza), mas sim voltada a atender às necessidades dos próprios produtores (riqueza de produção).

## REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine R.; BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: Fundamentos e história**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Relatórios de programas e ações do Ministério da Cidadania**. Disponível em: <<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/cidadania/>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020**. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de

elegibilidade ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2020/lei/113982.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113982.htm)>. Acesso em: 3 nov. de 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2019-2022/2020/lei/113979.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/lei/113979.htm)>. Acesso em: 3 nov. 2021.

CARVALHO, Liana A. A. de; GOMES, Cláudia Maria C.; LIMA, Fabiana Alcântara. Crise do capital e precarização do trabalho: o Brasil em tempos de Covid-19. Revista **O Social em Questão**. Ano XXIV. Nº 49. Janeiro a Abril de 2021. ISSN: 2238-9091 (on-line). Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51124/51124.PDF>>. Acesso em: abril 2021.

CEPAL. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. **Panorama Social de América Latina**. Santiago: CEPAL, 2019. Disponível em: <[https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44969/5/S1901133\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/44969/5/S1901133_es.pdf)>. Acesso em: abril 2021.

COSTA, Machado da. **Como a pandemia amplia a crise da desigualdade social no Brasil e no mundo.** Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/como-a-pandemia-amplia-a-crise-da-desigualdade-social-no-brasil-e-no-mundo/>>. Publicado em: 20 jul. 2020. Acesso em: 23 fev. 2021.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e serviço social no Brasil:** Esboço de uma interpretação teórico-metodológica. 26ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. Serviço Social em tempo de capital fetiche: Capital financeiro, trabalho e questão social. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2019.** Disponível em: <[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/f1404e8068f13a84a-53a9d0b7ca997e3.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/f1404e8068f13a84a-53a9d0b7ca997e3.pdf)>. Acesso em: abril 2021.

\_\_\_\_\_. **PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 14,1% e taxa de subutilização é de 29,0% no trimestre encerrado em novembro de 2020.** Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29934-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-14-1-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-0-no-trimestre-encerrado-em-novembro-de-2020>>. Publicado em: 28 jan. 2021. Acesso em: 23 fev. 2021.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Vol. I. Tomo II. Coleção Os Economistas. Trad.: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Cinco notas a propósito da “questão social”. In: **Capitalismo monopolista e serviço social.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, José Paulo & BRAZ, Marcelo. **Economia Política: Uma introdução crítica.** 4ª ed. Biblioteca Básica de Serviço Social; vol. 1. São Paulo: Cortez, 2008.

OXFAM. Poder, lucros e a pandemia: Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos. Nota informativa da Oxfam. Publicado em: set. 2020. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/poder-lucros-e-pandemia/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PIMENTEL, Edlene. As bases ontológicas da questão social. In: **Boletim do Tempo Presente** – ISSN: 1981-3384. Boletim do Tempo Presente, nº 11, de 01 de 2016, p. 1-12. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente>>. Acesso em: 5 abril 2016.

PIMENTEL, Edlene. **Uma “nova questão social”?** Raízes materiais e humano-sociais do pauperismo de ontem e de hoje. Maceió: EDUFAL, 2007.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** 23ª ed. 11ª reimp. São Paulo: Brasiliense, 2008.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## As interfaces da “questão social” expressas nas lutas pelo direito à cidade

*The interfaces of the “social issue” expressed in the struggles for the right to the city*

*Las interfaces de la “cuestión social” expresadas en las luchas por el derecho a la ciudad*

Juanita Natasha Garcia de Oliveira<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-1245-9543>

Thaís Teixeira Closs<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-2602-883X>

Recebido em: 30/07/2021

Aprovado em: 20/01/2022

**Resumo:** O artigo é fruto de pesquisa sobre as interfaces da “questão social” com a luta pelo direito à cidade, realizada a partir de entrevistas com mulheres residentes em uma ocupação organizada pelo Movi-

---

1 Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Política Social e Serviço Social na UFRGS. Doutoranda em Serviço Social pela PUCRS. Grêmio Foot Ball Porto-Alegrense/Instituto Geração Tricolor (IGT). E-mail: <juanitapucrs@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1322361584050628>>.

2 Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Atenção Básica em Saúde Coletiva pelo Programa de Residência da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS). Mestre e Doutora em Serviço Social pela PUCRS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: <thaisacloss@hotmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5031174509881639>>.

mento dos Trabalhadores Sem-Teto em Porto Alegre (RS). Foi desenvolvida a partir da metodologia de história oral e do referencial teórico marxista, com ênfase para as obras de Henri Lefebvre e José de Souza Martins para produções da área de Fundamentos do Serviço Social. Quanto aos resultados, destaca-se que os processos de exclusão e a pobreza conferem unidade às histórias e às condições de vida das mulheres sem-teto, as quais se entrelaçam com a dimensão coletiva das lutas e dos sonhos em torno da conquista da moradia, como dimensões que mediam a construção de sociabilidades e modos de viver pautados por laços de solidariedade classista, fomentando a organização política dessas mulheres na disputa do espaço urbano e na reivindicação do direito à cidade.

**Palavras-chave:** “questão social”; direito à cidade; cotidiano; Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto.

**Abstract:** This paper is product of a research about the interfaces of the “social issue” with the struggle for city rights, this research was carried out from interviews with resident women of social occupations organized for Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (Homeless Workers Movement) in Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Was developed from oral history and using Marxist theories, with emphasis to Henri Lefebvre, José de Souza Martins works, with productions about Fundamentals of Social Work area. As results its stands out the processes of exclusion and poverty corroborate with histories and life conditions reported by these women, which ones intertwine with the collective dimension of dreams and struggles around the housing conquest, as collective dimensions of sociability and ways of living guides by ties of class solidarity, fostering the political organization of these women in the dispute of urban space and the claiming of city rights.

**Keywords:** “social issue”; right to the city; daily; Homeless Workers Movement.

**Resumen:** El artículo es el resultado de una investigación sobre las interfaces de la “cuestión social” con la lucha por el derecho a la ciudad, realizada a partir de entrevistas con mujeres que viven en una ocupación organizada por el Movimiento de Trabajadores Sin Techo en Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Se desarrolló a partir de la metodología de la historia oral y el marco teórico marxista, con énfasis en los trabajos de Henri Lefebvre y José de Souza Martins para

producciones en el área de Fundamentos del Servicio Social. Como resultados, destacamos que los procesos de exclusión y pobreza confieren unidad a las historias y condiciones de vida de las mujeres en situación de calle, que se entrelazan con la dimensión colectiva de las luchas y sueños en torno a la conquista de la vivienda, como dimensiones que median la construcción de sociabilidades y formas de vivir guiadas por lazos de solidaridad de clase, propiciando la organización política de estas mujeres en la disputa del espacio urbano y la reivindicación del derecho a la ciudad.

**Palabras clave:** “cuestión social”; derecho a la ciudad; vida cotidiana; Movimiento de Trabajadores Sin Techo.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa (OLIVEIRA, 2021) sobre as interfaces da “questão social” expressas na luta pelo direito à cidade, materializadas nas condições, nos modos de vida e na organização política das trabalhadoras sem teto da Ocupação Povo Sem Medo<sup>3</sup> (OPSM), em Porto Alegre (POA), no Rio Grande do Sul (RS), organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). A OPSM, em sua maioria, é composta por famílias constituídas exclusivamente por mulheres, cujo protagonismo se faz presente nos espaços de coordenação e/ou que são reconhecidas pelos demais residentes como lideranças comunitárias. A pesquisa priorizou esse público-alvo, mediante a metodologia de história oral (MARTINELLI, 2013), uma vez que são as mulheres que apresentam maior participação nas atividades coletivas e na proposição de estratégias de lutas e possuem maior organicidade no âmbito da OPSM e do MTST.

O atual contexto de pandemia e de austeridade econômica, presente na agenda ultraneoliberal (SANTOS, 2019), agrava a retração do Estado brasileiro e, portanto, repercute em menores investimentos nas políticas públicas e sociais relativas aos direitos previstos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, demonstrando os

---

3 Conforme cadastro socioeconômico realizado em janeiro de 2020 pelo MTST/RS, a OPSM é composta por 71 famílias, totalizando 147 pessoas (54 homens, 45 mulheres e 48 crianças e adolescentes). A maioria se autodeclara negra, possui o ensino fundamental incompleto e obtém renda mediante o trabalho informal com reciclagem, complementando-a por meio do Programa Bolsa Família. É expressivo o quantitativo de famílias cujas mulheres negras são exclusivamente a referência da família no que tange aos cuidados e à manutenção das suas condições de vida.

limites estruturais das ações estatais em responder às necessidades sociais oriundas da “questão social”. Nesse cenário, o debate em torno da questão urbana ganha destaque, tendo em vista que as condições de vida da classe trabalhadora evidenciam o nível de vulnerabilidade em que vivem, sobretudo no que tange à questão da moradia. Apesar da agudização das desigualdades sociais no cenário da pandemia, estudos da Fundação João Pinheiro (FJP, 2021), realizados ainda entre 2016 e 2019, demonstram que o déficit habitacional brasileiro (que, em termos absolutos, apresenta tendências de crescimento) chegou à marca de 5.876.699 domicílios em 2019. O mesmo período também contou com o crescimento expressivo no ônus excessivo com o aluguel, passando de 2.814 para 3.035 milhões de domicílios, o que indica, nesse recorte de estudo, a desigualdade de gênero presente no déficit habitacional.

Outra tendência agudizada por esse contexto consiste no aumento da população em situação de rua, processo vinculado à crise econômica e sanitária. Segundo pesquisa coordenada pelo projeto Centro Social da Rua no ano de 2020, a capital gaúcha apresentou um aumento de 19,7% de pessoas que fizeram das ruas seu local de moradia, apontando o desemprego como a principal causa. Já os dados da Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) de POA estimam um crescimento de 38%. Para além da moradia, há outros componentes que impactam a questão urbana: os níveis de acesso aos serviços de saneamento básico, mobilidade urbana, emprego, alimentação, saúde, educação e assistência social. Tais índices se apresentam no espaço urbano a partir de diferentes expressões de desigualdade, violentamente aprofundadas no atual contexto de crise estrutural e globalizada do capitalismo.

Nesse sentido, as desigualdades no âmbito das cidades são indissociáveis da “questão social”. Para o presente estudo, destacamos a contribuição pioneira de Iamamoto e Carvalho (2017), bem como das demais produções<sup>4</sup> amplamente difundidas na profissão (IAMAMOTO, 2001; NETTO, 2001; YAZBEK, 2001), pois elas expressam a fecunda interlocução do Serviço Social com a teoria marxiana e marxista, que

---

4 Destaca-se, especialmente, a formulação de Iamamoto (2001, p. 17): “A ‘questão social’ diz respeito ao conjunto das expressões de desigualdades engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho [...]. Expressa, portanto, disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal. [...] Esse processo é denso de conformismos e resistências, forjados ante as desigualdades, expressando a consciência e a luta pelo reconhecimento dos direitos sociais e políticos de todos os indivíduos sociais”.

possibilitam situá-la como indissociável da produção capitalista e da sociabilidade burguesa. A partir dos aportes da teoria do valor-trabalho, da lei geral de acumulação capitalista, da (re)produção das relações sociais e do debate da subalternidade, conforma-se uma abordagem totalizante da “questão social” que não segmenta a estrutura e o sujeito, uma vez que integra dimensões materiais e espirituais na análise das desigualdades e resistências sociais e de suas refrações na vida dos sujeitos (CLOSS, 2017). Tal perspectiva de análise sobre a “questão social” proporciona densidade crítica ao projeto ético-político e às ações profissionais no horizonte da construção de processos sociais emancipatórios em conjunto com a população usuária, considerando que o trabalho cotidiano de assistentes sociais engendra-se “na tensão entre produção da desigualdade, da rebeldia e do conformismo” (IAMAMOTO, 2008, p. 120).

A ênfase para a “questão social” permite demonstrar os elos que conectam radicalmente o Serviço Social à dinâmica societária em seu movimento histórico, no quadro das relações entre as classes sociais e o Estado. Logo, aprofundar-se e dar visibilidade à competência teórico-metodológica totalizante na abordagem da “questão social” – de maneira que realize o trânsito entre as dimensões universais e singulares das suas expressões, a partir das situações vividas pela população – é fundamental para a superação de abordagens reducionistas que apreendem exclusivamente pela via das expressões da desigualdade, posto que tal tendência inclina-se ao obscurecimento das mediações a serem construídas no trabalho cotidiano para o fortalecimento das resistências sociais latentes na vida social (CLOSS, 2017).

Nessa direção, os debates sobre a “questão social”, o direito à cidade<sup>5</sup> e o cotidiano<sup>6</sup> se articulam, na medida em que o urbano, enquanto fonte de privação, é também instância de realização da vida e é capaz de comportar, em si, interesses antagônicos, consonantes com o

---

5 Para fins deste debate, compreendemos, a partir de Henri Lefebvre, que o direito à cidade “supera a dimensão individual, reduzida ao poder monetário de compra, uma vez que a mesma está amplamente vinculada à luta anticapitalista, numa perspectiva de urbano que implica a resposta ampliada às necessidades sociais, permitindo, assim, a realização da sociedade urbana” (OLIVEIRA, 2021, p. 142).

6 Sob as contribuições de Henri Lefebvre (1973; 1991), compreendemos que o cotidiano é conformado por espaços de reprodução e é “também lugar de uma vasta contestação não localizável, difusa, que cria o seu centro às vezes num sítio e logo noutra” (LEFEBVRE, 1973, p. 97), apresentando-se como “um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidades etc.), interação dialética, da qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis)” (LEFEBVRE, 1991, p. 19-20).

modo de produção capitalista e suas necessidades, no que tange à reprodução das relações de produção (LEFEBVRE, 2008). Isso pressupõe pensar a conformação do espaço enquanto palco de tensões e conflitos, permeados por disputas políticas, econômicas, sociais e culturais que obscurecem a “contradição fundamental que reside na reprodução do espaço no capitalismo: sua produção é social, enquanto sua apropriação é privada” (CARLOS, 2017, p. 35).

Portanto, abordar as refrações da “questão social” expressas na luta pelo direito à cidade é adentrar em espaços marcados pelo estigma da marginalidade e da criminalização. É percorrer lugares cujo cotidiano está repleto de desafios e possibilidades, trazendo consigo as necessidades e demandas mais elementares da sobrevivência: alimentação, moradia, saneamento básico, emprego e renda. É adentrar no campo da subjetividade, dos sonhos e das esperanças, que ganham contornos nos barracos feitos de lona, na luta pela conquista da casa, do teto e do lar. É estar frente à iminência da violência estatal, da remoção, do assédio e dos constrangimentos que trabalhadores/as sem-teto vivenciam enquanto moradores de uma ocupação urbana.

Compreender as refrações da “questão social” na interface com o direito à cidade é fundamental aos assistentes sociais, pois não apenas exige “decifrar a realidade, conectando seu projeto profissional com as necessidades da população, colocando em xeque os diagnósticos prontos, as receitas homogeneizadas, problematizando o campo do moralismo como problema/solução para as demandas da população” (COUTO, 2015, p. 672), como também favorece a articulação com os movimentos sociais e as organizações territoriais e comunitárias, ultrapassando o imediatamente posto nas determinações institucionais, para construir, nessa relação, estratégias de trabalho ancoradas no reconhecimento e na aproximação com as demandas da população, a partir da compreensão de suas condições e dos seus modos de vida, das formas de resistência e da organização política no espaço das cidades.

Como aponta Farage (2014), para além da retórica, é essencial fortalecer ações profissionais articuladas aos espaços de organização dos trabalhadores, em especial “reforçar os movimentos sociais urbanos que reivindicam o direito à cidade, provocando reflexões e lutando por outro projeto de sociedade, em que os indivíduos sejam considerados em sua totalidade” (FARAGE, 2014, p. 258). Nessa direção, a experiência da pesquisa e do trabalho junto aos movimentos sociais tem se mostrado um

terreno profícuo para o exercício da dimensão pedagógica e ideopolítica da profissão numa perspectiva emancipatória. Ressalta-se, contudo, que no âmbito da profissão este debate ainda permanece diminuto – como verificado em pesquisa bibliográfica realizada nas revistas da área<sup>7</sup>. Nesse horizonte, a partir dos dados obtidos da pesquisa, o artigo busca dar visibilidade às refrações da “questão social” na interface com a luta pelo direito à cidade, tematizando as condições, os modos de vida e a organização política, conforme os depoimentos das mulheres residentes na OPSM de POA/RS.

## **AS REFRAÇÕES DA “QUESTÃO SOCIAL” EXPRESSAS NAS CONDIÇÕES E NOS MODOS DE VIDA DAS TRABALHADORAS SEM-TETO DA OCUPAÇÃO POVO SEM MEDO**

A OPSM, de POA/RS, organizada pelo MTST e pelas comunidades da Vila Nazaré, Vila Dique e Ocupação Progresso, foi constituída em 2017, como estratégia de denúncia e de enfrentamento da violação aos direitos humanos inerente aos processos de remoção e de reassentamento realizados pelo poder público municipal. Ou seja, a ocupação de vazios urbanos em situação irregular, que não cumprem com a função social da propriedade, consiste numa ferramenta de resistência dos movimentos sociais urbanos. Situado na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, o terreno em que se localiza a OPSM é um dos últimos estoques de terra da região próxima ao aeroporto e, portanto, essencial aos interesses especulativos, sobretudo numa área que recebe “vultosos investimentos em infraestrutura, o que, por si só, eleva sobremaneira o preço da terra” (MELLO et al, 2020, p. 34). As personagens envolvidas na OPSM e nas remoções, bem como os distintos papéis de classe que representam, trazem materialidade aos conflitos fundiários presentes na organização espacial das cidades na sociedade capitalista, abarcando a relação intrínseca entre “cotidiano e urbano, indissolivelmente ligados, ao mesmo tempo produtos e produção” (LEFEBVRE, 2008, p. 17-18).

---

7 No âmbito da profissão, ainda é diminuto o debate sobre as interfaces da “questão social” expressas nas condições, nos modos de vida e na organização política de trabalhadores e trabalhadoras sem-teto residentes em ocupações urbanas. No conjunto das produções científicas na área de Serviço Social, observamos a ênfase nas experiências de trabalho dos/as assistentes sociais na mediação com os serviços e as políticas sociais, nos espaços dos sindicatos ou ainda nas atividades de extensão universitária, dando pouca visibilidade às produções e ao protagonismo dos sujeitos com os quais trabalhamos, sobretudo na interface da luta pelo direito à cidade (OLIVEIRA, 2021).

Os depoimentos foram obtidos mediante sucessivas aproximações com as moradoras e com o Grupo de Mulheres desenvolvido na OPSM, cujas trajetórias de vida são marcadas por carências materiais – com maior destaque para a moradia, o trabalho e a renda –, mas também por uma cotidianidade que revela dimensões de uma realidade comum às trabalhadoras sem-teto: a vida forjada pela luta, revigorada por sonhos e esperanças arregimentadas pela pertença a um coletivo. As narrativas evidenciam as refrações da “questão social” no âmbito das condições, dos modos de vida e da organização política, apontando os significados que as lutas por moradia e pelo direito à cidade assumem nas suas vivências no MTST, permeadas por contradições e lutas de classe. Frente a isso, partimos do pressuposto de que:

É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível possível (MARTINS, 2000, p. 63).

Dessa maneira, entendemos que as condições de vida referem-se ao acesso aos meios de existência e à satisfação das necessidades sociais, aos níveis objetivos de moradia e de saneamento básico, de alimentação, de trabalho e de renda, ao acesso a políticas públicas (saúde, assistência social, educação, habitação, previdência social) e aos equipamentos culturais e de lazer. Mais que isso, tais condições relacionam-se aos sentidos atribuídos à dignidade e ao pertencimento social, expressos em símbolos e códigos, como, por exemplo, a ausência de um comprovante de endereço: “Por causa da falta do comprovante de residência, a gente não tem acesso à saúde e à escola. Eu tinha acesso ao CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] quando eu morava de aluguel. Saí de lá e fiquei sem acesso. Fui regularizar o Bolsa [Família] e o Cadastro [Único], mas não consegui” (MORADORA 1, OPSM, 2021).

Destaca-se que, para além da falta de moradia, vemos no depoimento apresentado as reiteradas formas de exclusão, operadas inclusive pelas políticas sociais nas normativas de acesso a serviços e benefícios

socioassistenciais, o que evidencia que os sem-teto vivenciam diariamente a luta pelo direito à sobrevivência. Ou seja, além da experiência da pobreza e da precariedade das condições de vida numa ocupação – acesso à luz e à água, ausência de saneamento, alimentação inadequada e pouco nutritiva –, verifica-se que a estratégia de ingresso aos serviços públicos ocorre pelo ocultamento da condição de sem-teto, uma vez que o desenho das políticas públicas não contempla a diversidade de demandas presentes nos territórios da cidade: “Olha, na verdade, não tem como a gente chegar e dizer que não tem comprovante. Se a gente falar isso, eles mandam a gente para outro lugar e a gente vai embora e não consegue nada” (MORADORA 1, OPSM, 2021).

Apesar das diferentes trajetórias, destaca-se nos depoimentos a presença central da categoria de família associada à luta por moradia, bem como a participação e o protagonismo das mulheres nos espaços de liderança, sejam eles no âmbito comunitário ou nos setores organizativos do MTST, presença esta que se forja no cotidiano e de maneira orgânica, transversalizando a formação e a atuação política das mulheres. A partir da pesquisa, podemos inferir que as refrações da “questão social”, mediadas pelas dimensões de classe, gênero e raça, acabam por reforçar tal identidade, atribuindo às mulheres destaque no trabalho comunitário. E, portanto, essa vinculação orgânica ganha densidade nos processos coletivos de luta:

Sou uma pessoa que luto desde sempre pela moradia, por uma vida melhor para mim, para minha família. Tanto é que a gente está morando aqui um pouco mais de 3 anos, lutando por moradia e o direito de uma vida melhor. Que a gente não tenha mais que pagar aluguel e sujeito a estar ocupando as áreas sem uma resposta. A luta total aqui na [Ocupação] Povo Sem Medo é por moradia, por uma saúde melhor, por diversas coisas (MORADORA 3, OPSM, 2021).

A ênfase para a família – relacionada aos laços sanguíneos, à conquista da melhoria de vida – se torna eixo fundamental para a participação, para a organização e para a permanência das mulheres na OPSM. Faz parte da sociabilidade da ocupação e confere sentido às relações e aos vínculos constituídos a partir das experiências coletivas de mobilização e autogestão junto ao MTST: “Eu me acho como uma

família junto com eles [MTST]. Para mim, o movimento eu agarrei como num abraço. Agarrei como uma família toda junta” (MORADORA 4, OPSM, 2021). Ou seja, os achados de pesquisa mostram que os vínculos mediados por processos de luta, protagonismo e participação são permeados por valores pautados na solidariedade de classe, pela construção de uma sociabilidade coletiva, pois as necessidades vividas extrapolam a dimensão individual e tornam-se questões que devem ser discutidas em processos grupais, contribuindo para a construção das alternativas de enfrentamento das refrações da “questão social” na ocupação.

Nesta perspectiva, os modos de vida dizem respeito às particularidades presentes nas relações sociais estabelecidas entre os sujeitos na vida cotidiana e na sociabilidade engendrada pelo capitalismo. Ainda que permeadas por antagonismos de classe, desigualdades e resistências sociais, tais particularidades revelam, em si, a solidariedade entre os/as trabalhadores/as na construção de estratégias coletivas de enfrentamento das expressões da “questão social”. Portanto, as contradições presentes na produção do urbano apresentam diferentes nuances nas práticas sociais a partir da realidade social em que vivem os sujeitos, de maneira que é necessário que sejam considerados: (I) os significados atribuídos à realidade em suas dimensões subjetivas e culturais, no âmbito das relações familiares, comunitárias e com os serviços das políticas públicas; (II) o pertencimento ao território vivido (a OPSM e as comunidades vizinhas); (III) as trajetórias, as experiências e as perspectivas de vida; e (IV) as formas de convivência na ocupação.

A partir da pesquisa, podemos inferir que as ocupações urbanas são repletas de contradições, que carregam em si a linha tênue entre o direito social das coletividades na luta pelo direito à cidade e a “dignidade” dos sujeitos, posto que a condição de sem-teto e de residente de uma ocupação é vista como a última opção de moradia.

No começo, eu não gostava, não [de morar na OPSM], pela distância do mercado, que era longe, mas acabei me acostumando. Fiz a minha casa com o meu suor, catando madeira aqui, madeira ali, porque a gente não pode investir muito. E moramos eu e meu filho, de 11 anos. Aqui, a gente não tem uma estrutura, sabe? A gente dorme aqui pensando: a gente pode ser reintegrado. Acho que, se a gente conseguir uma moradia, um teto, ia ser bem melhor, porque a dignidade está acima de tudo.

Qualquer coisinha, sendo uma casinha de uma peça, mas isso sendo teu, tu já tens uma dignidade enorme (MORADORA 3, OPSM, 2021).

O campo das representações relacionadas ao direito à propriedade media a percepção da dignidade de vida dos sujeitos, posto que é na condição de “proprietários” e de “donos da terra” e de “si” que passam a conquistar não apenas o direito formal de residência e, portanto, a localização no espaço, como também a possibilidade de realização do sonho da casa própria.

Eu, para mim, queria ter um trabalho. Para eu ter as minhas coisas, o que é meu, entendeu? Tu querer comer alguma coisa e tu ter o teu dinheiro para comprar ou tu querer fazer alguma coisa. Eu tenho os meus dentes para arrumar, não tenho dinheiro, isso também faz parte do meu sonho. Vou te dizer francamente: para realizar os sonhos, tem que trabalhar. Se não trabalhar, tu não realiza. Tem que ter o teu, ganhar (MORADORA 2, OPSM, 2021).

Para além do acesso às condições objetivas de moradia, trabalho e renda, das inúmeras experiências de desproteção social, temos também necessidades primordiais que ultrapassam a aquisição dos demais bens de consumo, como registrado no depoimento. Ainda que as condições materiais de vida sejam precárias, que a realidade esteja repleta de contradições, que o Estado reitere a criminalização dos movimentos sociais e que a sociedade lhes atribua inúmeros estigmas – reiterados pela “apologia conservadora da ordem capitalista” no combate e na aniquilação dos direitos sociais, “reservando ao Estado a função coercitiva de reprimir violentamente todas as formas de contestação à ordem social e aos costumes tradicionais” (BARROCO, 2015, p. 625) –, estabelecem-se resistências materializadas no cotidiano, construídas a partir das determinações de classe, raça e gênero, enfeixadas na dinâmica do espaço urbano.

Nas construções improvisadas das ocupações, abrigam-se tanto o desemprego quanto a esperança, tanto a fome quanto a horta comunitária, tanto a criminalização da luta por moradia quanto também os espaços de autogestão e de poder popular. Uma ocupação abriga – em si – sonhos, histórias de vida e estratégias coletivas para melhor resistir. É também

um local de criação, de convívio, de outra sociabilidade que, muitas vezes, não se adéqua à vida verticalizada dos conjuntos habitacionais, aos costumes e à moralidade burguesa, tampouco ao moderno ideário urbanístico. Mas também é permeada pelo risco da violência, pelo receio das ações de reintegração de posse, evidenciando a violência estrutural do Estado e a criminalização das populações pobres em suas lutas e resistências.

A gente ficou na Ocupação Progresso por 4 anos e a gente veio a ter o despejo. O despejo é triste. É horrível ser despejado sem um direito a nada, nem direitos humanos. Não teve ninguém do Conselho Tutelar por conta das crianças, apenas o choque [Polícia Militar], intimidando, nos correndo, nos empurrando, mandando nós sair. Esse momento de reintegração de posse que a gente teve para mim foi bem marcante, porque meu pai tinha acabado de ter um AVC e ele não tinha os movimentos, a gente conseguiu uma cadeira de plástico para carregar ele nesse dia de despejo. Foi bem desumano mesmo e bem triste (MORADORA 1, OPSM, 2021).

O relato traz à tona a falência dos valores “morais” das ações de um Estado classista, pautado pela defesa intransigente da propriedade privada. Mesmo assim, se faz presente, na vivência cotidiana da exclusão, a permanência dos valores comunitários, expressos na preocupação em torno do outro e nas estratégias organizativas de melhor responder às necessidades dos mais vulneráveis.

Ao presenciarmos a realidade das relações sociais estabelecidas entre as camadas populares, são perceptíveis os níveis de humanidade e empatia presentes “na sociabilidade do homem simples” (MARTINS, 2000), o que mostra ser possível a construção de um modo de viver que, apesar dos desafios, pode ser pautado por laços humanistas e de solidariedade classista. E, nessa seara, entendemos que a riqueza da vida cotidiana está justamente nos

[...] momentos e [nas] situações do protagonismo oculto e mutilado dos simples, das pessoas comuns, dos que foram postos à margem da História, do homem sem qualidade que a sociedade propõe ao sociólogo suas indagações mais complexas, seus problemas mais ricos,

sua diversidade teoricamente mais desafiadora. São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2000, p. 13).

Mesmo com tamanhas experiências permeadas por desigualdades nas suas trajetórias de vida, como o desemprego, a violência e o racismo, ainda assim essas mulheres ousam sonhar. Mais do que isso: trazem os sonhos e as esperanças como elementos fundamentais da luta e da resistência coletiva, como podemos verificar nos depoimentos a seguir.

O meu sonho é a casa própria. É a moradia. Já tentei trabalhando, mas daí o dinheiro, o salário para a gente é: ou tu opta por pagar aluguel ou botar comida na mesa. Já tentei trabalhando, já tentei lutando e estou na luta de novo. Daqui só saio com a casa própria (MORADORA 3, OPSM, 2021).

Todo mundo que me pergunta, todo mundo, eu digo: que o meu sonho é ter uma casa. Uma casa bonita com quatro peças: sala, cozinha, quartinho, banheirinho decente. Que dê para ti tomar um banho, não ter problema de esgoto (MORADORA 2, OPSM, 2021).

Meu sonho é conseguir o meu cantinho. Não só para mim, mas para todo o pessoal aqui. Com o trabalho que eu tinha, não era possível. Pelo salário que eu ganhava, por conta das despesas com as crianças, aluguel, não era possível. Não conseguia nem pagar o meu aluguel. E eu trabalho desde cedo, desde os 13 anos (MORADORA 1, OPSM, 2021).

Ou seja, sonhos e esperanças que ganham contornos materiais na luta pelo acesso às políticas sociais, nos espaços de participação e de controle social, na tomada de decisões, nas cozinhas coletivas e embaixo de cada barraco de lona. Se todos os sujeitos são constituídos de histórias, forjando-as no cotidiano da vida, os sujeitos que resistem

coletivamente são capazes de construir outras formas de sociabilidade, seja na partilha do cobertor no rigoroso inverno, seja na luta pelo reconhecimento dos seus direitos. Nesta dinâmica, repleta de contradições que se expressam na OPSM, encontra-se a possibilidade da constituição de “sujeitos políticos, portadores de um projeto de classe” (YAZBEK, 2009, p. 28).

Nesse sentido, as expressões da “questão social” desafiam uma análise dialética que articule singularidade e universalidade, apreendendo o cotidiano particular dos acampados como espaço de disputa de consciência e de organização política, na interface com a luta pelo direito à cidade numa direção social anticapitalista e classista.

## **A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO SOB O OLHAR DAS MULHERES SEM MEDO**

A OPSM resiste há quase quatro anos, denunciando o descaso do poder estatal com a questão da moradia popular, processo este agravado pelos impactos da pandemia de Covid-19, sobretudo no que tange aos aspectos socioeconômicos. Na atualidade, a ocupação é composta por idosos, homens, mulheres, jovens e crianças cuja renda familiar é obtida com a coleta e venda de materiais recicláveis, como também pelo trabalho informal (como domésticas, cuidadoras e babás) e por trabalhadores precarizados da construção civil. Em suma, pessoas que estão na condição de sem-teto, provenientes da informalidade laborativa decorrente do desemprego estrutural e da desproteção do trabalho, beneficiários de políticas públicas de transferência de renda, cujos recursos financeiros não atendem às suas necessidades humanas de forma satisfatória. Entendemos que a gravidade do contexto pandêmico tende a obscurecer as possibilidades de mobilização e de participação popular, exigindo a construção e a materialidade de ferramentas coletivas de luta que privilegiem o protagonismo e a autonomia dos sujeitos.

Desse modo, por organização política compreendem-se as diferentes estratégias adotadas por sujeitos coletivamente organizados para a inserção de pautas/demandas de classe que extrapolem a dimensão privada da vida no âmbito da esfera pública, na dinâmica histórica das lutas de classes. Essa organização relaciona-se com o protagonismo

dos sujeitos e com a mobilização popular que apreende as contradições estruturais e as possibilidades objetivas de participação política na sociedade burguesa. Portanto, são indissociáveis dos processos reflexivos sobre o cotidiano da ocupação e da realidade social, da aprendizagem e da aquisição de conhecimentos para o engajamento político, para a gestão da ocupação, para a participação das instâncias de decisão e de planejamento do MTST, nos espaços de coordenação da OPSM e na incidência em esferas de controle social e nas demais organizações políticas.

É por meio da ocupação de terrenos vazios – e que, portanto, não cumprem com a função social de propriedade – que o MTST organiza territorialmente as famílias. O trabalho comunitário subsidia as ações do movimento, tendo em vista que é a partir da proximidade com a realidade dos sujeitos que verificamos as demandas presentes no cotidiano, relacionadas ao ônus excessivo com aluguel, com a coabitação familiar e com a ausência de políticas públicas de moradia popular para segmentos que não se enquadram nas condicionalidades dos financiamentos imobiliários. Para essas pessoas, ocupar se torna uma estratégia de luta, como demonstra o depoimento a seguir.

Para mim morar aqui já é uma forma de luta muito grande. Por isso que eu estou aqui até hoje. Porque eu acredito na luta e a gente não pode desacreditar. Porque se a gente não lutar, não correr atrás e ficar sentado, a gente não vai adquirir nada. A gente tem que estar junto, tem que estar forte para esse dia [em referência à possibilidade de reintegração de posse]. Aqui dentro a gente é um só (MORADORA 3, OPSM, 2021).

Os anseios vinculados à possibilidade de reintegração de posse circundam as vidas dos sujeitos, influenciando o seu modo de viver e de compreender a própria realidade, uma vez que – pela dureza da luta cotidiana – tal realidade se apresenta repleta de esperanças, mas também prenhe de impossibilidades. No conjunto de depoimentos coletados, a maioria das entrevistadas afirma que a ocupação urbana é uma estratégia política que pauta para o conjunto da sociedade as questões da moradia popular e do direito à cidade. E, ainda, é na privação da própria dignidade – no desafio de se sujeitar a viver em precárias condições de vida e sob o julgamento da informalidade e da violação da “propriedade

privada alheia” – que as trabalhadoras sem-teto proporcionam a si e à família “uma moradia muito boa, apesar de ser numa ocupação” (MORADORA 2, OPSM, 2021).

As mulheres sem-teto, enquanto residentes de uma ocupação, buscam demarcar seu espaço no âmbito urbano. Marcada por sociabilidades distintas e, muitas vezes, erigida pelas (im)possibilidades – de acesso a bens e serviços, de emprego e da própria moradia –, a precariedade da vida surge como um potente insumo para o engajamento político dessas mulheres. No conjunto dos depoimentos, observamos a constante menção à metodologia utilizada pelo MTST na construção do trabalho comunitário e na organização das ocupações. Forjado a partir de vínculos de confiança mútua e mediante processos reflexivos, o ato de ocupar congrega, em si, sentimentos de pertencimento e de protagonismo social. Considerando a satisfação e a alegria com que as mulheres narram as atividades de participação e a ação prática de intervenção na produção do espaço urbano, podemos inferir que tais processos acabam por conferir novos significados para suas histórias de vida, na maneira como compreendem as desigualdades e as resistências sociais. E, gradativamente, o que podemos observar é a construção de

[...] relações sociais e concepções, ideias, interpretações que dão sentido àquilo que faz e àquilo de que se carece. Reproduz, mas também produz, isto é, modifica, revoluciona a sociedade, a base de sua atuação sobre a natureza, inclusive sua própria natureza. Ele se modifica, edifica sua humanidade, agindo sobre as condições naturais e sociais da sua existência, as condições propriamente econômicas (MARTINS, 2000, p. 117).

Em outras palavras, os sujeitos acabam por construir um modo de viver e de se relacionar com o mundo incorporando valores societários emancipatórios ao cotidiano, que se constitui a partir das contradições presentes na vida e nos significados por eles atribuídos. Ou seja, se vinculam inicialmente às organizações políticas da classe trabalhadora pela luta por moradia, mas, à medida que vão tomando consciência dos processos e das dinâmicas sociais, acabam por desvendar a barbárie imposta pelo capitalismo e o fetichismo que encobre as relações sociais, que desqualifica “nossas necessidades pobres, nossas casas feias, nossos bairros caóticos, nossas crianças sujas, nossa saúde debilitada, nossa

persistente alegria e disposição de viver, apesar de tudo” (IASI, 2014, p. 64). Processos que se apreendem no seguinte depoimento:

Quando começou a ocupação aqui, eu cozinhava. Eu gosto de cozinhar e, quando têm essas coisas assim [em referência às atividades coletivas], eu gosto de participar. Inclusive, aqui em casa, é mais eu que cozinho [risos]. [...] Já fui num monte de coisas [risos e fazendo referência às ações de manifestação política]. Já fui na Dique. Fui lá na rodoviária, quando a polícia correu nós [risos]. Fui parar lá na casa do Mujica [nome fictício]. Corri um monte, guria. Eu nem sabia onde ele morava. A menina foi me procurar e eu já estava longe [risos]. Ali, na Dique, a gente fez bastante também. Lá a polícia também apareceu e saiu todo mundo correndo, mas estava bom! A gente estava fazendo protesto para moradia! (MORADORA 2, OPSM, 2021).

Essas mulheres – antes mesmo de atribuírem a si mesmas a identidade de sem-teto – já enfrentavam as desigualdades sociais e reivindicavam para suas famílias o acesso às condições essenciais à vida humana. O que confere certo grau de ineditismo aos processos de luta vivenciados por elas é justamente o sentido posto à cotidianidade. Quando a inserção em estratégias de enfrentamento e as resistências sociais ultrapassam a dimensão individual, passamos a observar repercussões nas percepções acerca da realidade social e na maneira como incorporam tais estratégias coletivas no enfrentamento da vida cotidiana. Portanto, para essas mulheres, as resistências sociais são compreendidas como

[...] um direito da gente, né? Da gente lutar por um direito que a gente quer, que é a moradia. Um lugar bom que tenha creche para as crianças. Que tenha colégio e que tenha respeito. Não adianta dizer que a gente vai ter respeito e vão estar mentindo, porque a gente vai ter que lutar igual para conservar. Todas as coisas que a gente corre para conseguir, ter o que a gente quer, é uma luta que a gente ganha. Se tu correr e conseguir hoje ganhar aquela luta ou mesmo a que tu não ganhou, não pode baixar a cabeça, tem que seguir até conseguir ganhar. Não pode baixar a cabeça, só. Sozinho o barco não anda. Tem que lutar todo mundo junto. Uma andorinha só não

faz verão. Se junta todo mundo que nem um formigueiro, a coisa fica melhor (MORADORA 4, OPSM, 2021).

Ancorados na compreensão do direito à cidade e consubstanciados pelo referencial crítico presente no Serviço Social, destacamos que defender e fortalecer a luta dos/das sem-teto – enquanto processo social que congrega, em si, expressões da luta de classes – é imprescindível às ações profissionais na perspectiva de materialização do compromisso ético-político com as demandas da classe trabalhadora. É a partir de ações junto aos movimentos sociais, pautadas numa perspectiva emancipatória, que é possível uma análise crítica da realidade do urbano que forje frentes de trabalho que transcendam as diretrizes presentes nas políticas públicas e nos espaços sócio-ocupacionais. Portanto, se torna primordial a compreensão de que

[...] a reforma urbana pode ter hoje o papel e a importância que a reforma agrária teve durante cerca de meio século (e que ela conserva aqui e ali). Como reforma revolucionária, ela abala as estruturas da propriedade, do direito e da ideologia neocapitalistas. Sustar, no caminho da degradação, a vida urbana ainda existente, inventar formas novas, permite que essas formas se desdobrem, abram seus caminhos aos germes da sociedade urbana, são objetivos que ultrapassam as possibilidades do neocapitalismo e da sociedade do consumo dirigido. A mais culta burguesia não tem muitas condições de conceber o lúdico como obra, a cidade lúdica, e menos ainda de realizar-lhe as condições espaço-temporais (LEFEBVRE, 1991, p. 2016).

À medida que os vínculos são construídos e que nos aproximamos da realidade, percebemos outras possibilidades de trabalho, outras formas de sociabilidade, tendo em vista que, com o acelerado “processo de urbanização, o Serviço Social é provocado a pensar sua ação profissional além dos limites institucionais” (FARAGE, 2014, p. 246), para que a dureza das desigualdades não possa determinar as possibilidades de futuro e para que a regressão dos direitos sociais não nos leve ao imobilismo, posto que é preciso “construir hoje o germe da nova sociedade” (FARAGE, 2014, p. 261).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização dos achados da pesquisa buscou mediar o diálogo com as experiências de vida e os significados que as mulheres sem-teto atribuem aos seus cotidianos de luta e resistência. Compreender a produção do espaço sob os desígnios do capital é ter clareza da contradição presente entre o valor de uso e de troca, considerando que os segmentos populares organizados lutam por uma apropriação e pela produção espacial ordenada a partir de suas necessidades sociais coletivas. Portanto, o urbano – lócus privilegiado no qual se expressa a luta de classes, palco no qual se disputam diferentes projetos societários enfeixados nos conflitos fundiários, políticos, econômicos e sociais – torna-se espaço de conteúdo eminentemente político e estratégico, como demarcado por Lefebvre (2008).

Apreender as interfaces da “questão social” e suas expressões na luta pelo direito à cidade nos exige mergulhar em espaços permeados por contradições, cujas estratégias de resistência surgem enquanto respostas às necessidades mais elementares da sobrevivência humana. Engendradas por uma complexa trama social, as sociabilidades e as lutas cotidianas de uma ocupação são capazes de apontar – num mesmo tempo presente – a construção de respostas coletivas às demandas comumente tratadas enquanto forem individuais.

Mais do que isso: no tempo miúdo da vida, do cotidiano (YAZBEK, 2001), mediadas por privações de todo tipo, são vislumbradas fagulhas de esperança, que ganham materialidade na participação e na mobilização de sujeitos que não encontram outra alternativa que não seja a de resistir e de ocupar. Pessoas que confrontam o estigma da identidade sem-teto, que enfrentam a violência estatal e midiática e o desrespeito pelas suas expressões culturais. Para tanto, não é possível afirmar que as experiências mediadas por privações, constrangimentos e humilhações sejam suficientes para a construção de uma sociabilidade que se contraponha à ordem societária que vivemos. Ao mesmo tempo, também não é possível negar que tais experiências sejam capazes de trazer luz à realidade desigual do urbano, pois é no aparente desencontro temporal que as possibilidades de ação e enfrentamento das refrações da “questão social” se apresentam, transversalizadas por um emaranhado de contradições evidenciadas no cotidiano.

Dessa maneira, os relatos das mulheres sem-teto nos permitem apontar quais estratégias de enfrentamento das desigualdades e necessidades sociais construídas no âmbito coletivo se apresentam como potentes ferramentas aptas a favorecer a ampliação da consciência e da atuação política dos sujeitos. Justamente porque é no tempo real, permeado por encontros e desencontros, que as trabalhadoras e os trabalhadores sem-teto atribuem sentido à vida de privações, na qual a luta (pelo direito à cidade, ao teto, ao lar etc.) é a tradutora da revolta e da rebeldia silenciosa, antes enclausuradas nos barracos de lona, que transbordam para o espaço urbano, disputando direitos e reconhecimento e inscrevendo, nas cidades, as lutas de classes. Portanto, é no dia a dia que os sujeitos constroem narrativas, imprimem no espaço urbano seus modos de viver, suas expectativas, seus sonhos e suas esperanças, fazendo história como sujeitos políticos, dotados de um projeto de classe antagônico à dominação burguesa e à espoliação da vida. Implicam-se dialeticamente, nesse complexo processo, as categorias, as condições, os modos de vida e a organização política, constituídos em uma unidade, que emerge e retorna para a vida cotidiana, atravessando e disputando os sentidos do urbano.

Dinâmica, portanto, da qual apontamos um dos grandes desafios postos ao trabalho coletivo e comunitário: inovar constantemente os processos de luta enquanto pressuposto fundamental para a manutenção dos sonhos. Nessa perspectiva, destacamos a relevância das ações desenvolvidas de cunho pedagógico, cuja instrumentalidade esteja vinculada a uma formação político-crítica de moradores e militantes das ocupações, de modo que possam caminhar na direção da construção de projetos societários contra-hegemônicos ao modo de produção capitalista, uma vez que, dadas as circunstâncias em que circunda a questão da moradia, corre-se o risco de se empreender uma estratégia de luta fragmentada, pulverizada no acesso precário às diferentes políticas sociais ou ainda transformada em ações de cunho assistencialista. Para tanto, é essencial um referencial ético-político e teórico-metodológico erigido nesta direção, de maneira que forneça sólidos contributos ao trabalho profissional dos/das assistentes sociais em ações articuladas com os movimentos sociais urbanos.

Portanto, entendemos que a mediação dos processos formativos e do trabalho profissional articulado à experiência de atuação junto aos movimentos sociais reverbera profícuas contribuições ao Serviço

Social, considerando que tais ações: a) se circunscrevem enquanto estratégia que traz vitalidade e fortalecimento ao projeto ético-político profissional; b) podem ser apropriadas como ferramentas que permitem desvendar o cotidiano de lutas dos sujeitos e qualificar o trabalho dos/das assistentes sociais; c) incidem como amplificadoras do escopo de atuação profissional, dando visibilidade às demandas reprimidas dos territórios na relação com as políticas sociais; e d) se constituem como espaços potentes de formação graduada e pós-graduada, sobretudo na relação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão.

Para além do instituído, de uma vida permeada por processos simultâneos de alienação, compreendemos o cotidiano como espaço que permite a renovação dos processos sociais contestatórios, cujas interações e cujos significados e sentidos são construídos pelos sujeitos no ato da ação, indicando assim uma práxis eminentemente transformadora. Para tanto, urge o retorno à realidade daqueles que resistem, regressando aos cotidianos de sociabilidades consideradas irrelevantes, esquecidas pelas ciências humano-sociais, amontoadas em identidades atribuídas pelo estigma da pobreza. É fundamental o regresso aos espaços onde se gestam os sonhos e as esperanças, considerando que o possível também se explicita na aparente imobilidade, posto que a rebeldia aparentemente silenciada está, sem dúvidas, em constante movimento.

## REFERÊNCIAS

BARROCO, Maria Lúcia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social. In: **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, nº 124, p. 623-636, out./dez. 2015.

BOFILL, Maria Eugenia. Porto Alegre tem mais de 2,6 mil moradores em situação de rua, diz Fasc; ONG alerta para aumento no número durante pandemia. G1 RS. Porto Alegre, 14 de jul., 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/07/14/porto-alegre-tem-mais-de-26-mil-moradores-em-situacao-de-rua-diz-fasc-ong-alerta-para-aumento-no-numero-durante-pandemia.ghtml>> Acesso em: 13 fev. 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória. A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PÁDUA, Rafael Faleiros (Orgs.). **Justiça Espacial e o Direito à Cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.

CENTRO SOCIAL DA RUA. **Projeto Cidadão da Rua**. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://centrosocialdarua.com/midia/>> Acesso em: 16 mar. 2021.

CLOSS, Thaisa Teixeira. **Fundamentos do Serviço Social**: Um estudo através da produção da área. Curitiba: CRV, 2017.

COUTO, Berenice Rojas. Assistência Social: Direito social ou benesse? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n° 124, p. 665-677, out./dez. 2015.

FARAGE, Eblin. Experiências profissionais do Serviço Social nos movimentos sociais urbanos. In: ABRAMIDES, Maria Beatriz C.; DURIGUETTO, Maria Lúcia (Orgs.). **Movimentos Sociais e Serviço Social: Uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Déficit Habitacional no Brasil**. Disponível em: <<http://novosite.fjp.mg.gov.br/deficit-habitacional-no-brasil/>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2017.

\_\_\_\_\_. Mundialização do capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n° 21, p. 117-139, jul./2008.

\_\_\_\_\_. A questão social no capitalismo. **Temporalis**, Brasília, n° 3, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Minas Gerais: UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução: Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **A re-produção das relações de produção**. Paris: Anthropos, 1973.

MARTINELLI, Maria Lúcia [et al.]. **A história oral na pesquisa em Serviço Social: Da palavra ao texto**. São Paulo: Cortez, 2019.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MELLO, Bruno César Euphrasio de; LERSCH, Inês Martina; ROVATI, João Farias; FINGER, Bárbara Bundyra; MACHADO, Hemilyn da Silva (Orgs.). **Práticas Urbanas Emergentes**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO. **Cadastro Socioeconômico de Pessoas Residentes na Ocupação Povo Sem Medo**. Porto Alegre, 2020.

NETTO, José Paulo. Cinco Notas a Propósito da “Questão Social”. **Temporalis**, Brasília, nº 3, 2001.

OLIVEIRA, Juanita Natasha Garcia de. “**Quem não pode com a formiga, não atíça o formigueiro**”: O Serviço Social e as Interfaces da Questão Social Expressas na Luta pelo Direito à Cidade. Dissertação (Mestrado em Política Social e Serviço Social), 2021. 179 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, Josiane Soares. O enfrentamento conservador da “questão social” e os desafios para o Serviço Social no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, nº 136, p. 484-496, set./dez. 2019.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes Subalternas e Assistência Social**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. **Temporalis**, Brasília, nº 3, 2001.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Serviço Social e pandemia: requisições institucionais e atribuições profissionais em debate

*Social Work and pandemic: institutional requirements and professional attributions under debate*

*Trabajo Social y pandemia: requisitos institucionales y responsabilidades profesionales en debate*

Adriana Ramos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-7861-0106>

Janaina Albuquerque de Camargo<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-7534-5909>

Recebido em: 29/06/2021

Aprovado em: 15/10/2021

**Resumo:** Este artigo problematiza, introdutoriamente, determinadas requisições institucionais e atribuições profissionais no cenário da pan-

---

1 Assistente Social. Graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (1996). Mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2005). Doutora em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ (2013). Professora Associada do Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus de Niterói. *E-mail:* <adriana.ramos.4791@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1988717802364396>>.

2 Assistente Social. Graduada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) (2004). Mestre em Política Social e Serviço Social pela UEL (2007). Doutora em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2015). Professora Ajudante da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus de Niterói. *E-mail:* <jana.camargo82@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4800595450722010>>.

demia, de forma ampla, na política de saúde e da assistência social. A crise sanitária se articula à crise estrutural do capitalismo, que, associadas, agravam as expressões da “questão social” e afetam o cotidiano de atuação do/da assistente social, impondo limites ao exercício profissional, voltado aos direitos sociais. Metodologicamente, recorremos a uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa em artigos, documentos oficiais e notícias publicadas, que, associada aos estudos das autoras em seus grupos de pesquisa, fundamentou a análise desse material numa perspectiva crítica. Verificamos que, frente à piora dos indicadores sociais, as expressões da “questão social” são potencializadas, apresentando importantes desafios ao Serviço Social, como a solicitação de intervenções que não são competências do/da assistente social e a dificuldade de realização da sistematização profissional e de um trabalho voltado para a dimensão coletiva de mobilização política da população atendida.

**Palavras-chave:** Serviço Social; “questão social”; pandemia; saúde; assistência social.

**Abstract:** This article introduces, in an introductory manner, certain institutional requirements and professional attributions in the pandemic scenario, in a broad way, in the health and social assistance policy. The health crisis is linked to the structural crisis of capitalism, which, in association, aggravate the expressions of the “social issue” and affect the daily activities of the social worker, imposing limits on professional practice, aimed at social rights. Methodologically, we resorted to a bibliographical research of a qualitative nature in articles, official documents, published news that, associated with the authors’ studies in their research groups, supported the analysis of this material, in a critical perspective. We found that, given the worsening of social indicators, the expressions of the “social issue” are enhanced, presenting important challenges to Social Work, such as the request for interventions that are not the competence of the social worker, the difficulty of carrying out professional systematization and a work aimed at the collective dimension of political mobilization of the population served.

**Key words:** Social Work; “social issue”; pandemic; health; social assistance.

**Resumen:** Este artículo introduce, de manera introductoria, ciertos requisitos institucionales y atribuciones profesionales en el escenario pandémico, de manera amplia, en la política sanitaria y asistencial. La

crisis de salud está ligada a la crisis estructural del capitalismo, que, en asociación, agrava las expresiones de la “cuestión social” y afecta las actividades cotidianas del trabajador social, imponiendo límites al ejercicio profesional, orientado a los derechos sociales. Metodológicamente, se recurrió a una búsqueda bibliográfica de carácter cualitativo en artículos, documentos oficiales, noticias publicadas que, asociadas a los estudios de los autores en sus grupos de investigación, sustentaron el análisis de este material, en una perspectiva crítica. Encontramos que, ante el empeoramiento de los indicadores sociales, se potencian las expresiones de la “cuestión social”, presentando importantes desafíos para el Trabajo Social, como la solicitud de intervenciones que no son competencia del trabajador social, la dificultad para llevar a cabo la sistematización profesional y un trabajo orientado a la dimensión colectiva de la movilización política de la población atendida.

**Palabras clave:** Trabajo Social; “cuestión social”; pandemia; salud; asistencia social.

## 1. Notas introdutórias

Ao refletirmos sobre o momento atual, compreendemos que a crise sanitária gerada por esse contexto de pandemia tem relação com a crise do capitalismo, cuja natureza é estrutural, pois os cenários de crise integram a dinâmica da acumulação capitalista. Conforme Mandel (1985, p. 75, grifo do autor), “o ciclo econômico consiste, assim, na *aceleração e desaceleração sucessivas da acumulação*”.

De acordo com Marx, a queda tendencial da taxa de lucros é própria do “modo capitalista de produção”, o qual busca “desenvolver de maneira absoluta as forças produtivas [e] manter o valor-capital existente e expandi-lo ao máximo”, utilizando “decrécimo da taxa de lucro, depreciação do capital existente e desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já criadas” (MARX, 2012, p. 395-397).

Segundo Mandel (1985, p. 340), no “capitalismo tardio”, os modos de “valorização do capital” não são de fácil realização e há a possibilidade contínua das “explosivas crises econômicas e políticas”. Nesse contexto, a atuação dos Estados nacionais capitalistas é fundamental para o enfrentamento de tais crises, pois, conforme Marx e Engels (2007, p. 76), “o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma

classe dominante fazem valer seus interesses comuns”. Desse modo, com base na teoria social crítica, Schmidt (2015, p. 33) ressalta que “o Estado é um mecanismo de dominação de classe, sendo fortemente tensionado pelo movimento das classes sociais e que, no processo de luta de classes, acaba por representar os interesses dos capitalistas, de reprodução e acumulação do capital”.

Nessa linha de raciocínio, há intensa atuação do Estado com medidas de ajuste estrutural para a estabilidade econômica nos cenários de crise do capital, dos quais destacamos os contextos históricos a partir de 1970 nos países de capitalismo central e, na década de 1990, na realidade brasileira. O Brasil tem a particularidade histórica do desenvolvimento capitalista com forte dependência econômica e política (FERNANDES, 2005), que articula o arcaico com o moderno, com a precarização do trabalho sendo um elemento estruturante de nossa formação social (ANTUNES, 2018), além de não termos consolidado um sistema sólido de proteção social – nos moldes do “Estado de Bem-Estar Social” – até a contemporaneidade. Ou seja, tais medidas de ajuste estrutural incidem de modo a acentuar as desigualdades estruturais entre as classes sociais no Brasil, atingindo duramente as condições de vida da maioria da população, sobretudo a classe trabalhadora.

Para o enfrentamento de tal crise, que permanece agudizada até a atualidade, a estratégia dos estados nacionais capitalistas para a recuperação das taxas de acumulação do capital, com o direcionamento do ideário neoliberal, tem sido favorecer medidas em prol da superexploração do trabalho, como, por exemplo, o desmonte de legislações trabalhistas, o que permite a precarização do trabalho (flexibilização das relações de trabalho, informalidade, terceirizações). Também há desinvestimento nas políticas sociais, que se tornam cada vez mais sucateadas e não atendem às demandas da população (principalmente as áreas da saúde e da assistência social); privatização de serviços públicos, delegando ao setor privado a execução de setores estratégicos, como o de energia e de determinadas políticas públicas, como saúde, previdência social e educação; forte atuação em prol do capital financeiro, com medidas estatais que favorecem a financeirização, em prejuízo das políticas sociais.

Frente ao quadro de crise estrutural do capital nas particularidades da conjuntura social, política e econômica brasileira, assistimos ao agravamento das expressões da “questão social” no contexto de pandemia. O Estado brasileiro tem enfrentado esse severo quadro social,

utilizando-se do seu aparato coercitivo para criminalizar as lutas de classes e os extratos diferenciados da classe trabalhadora, no qual se observam questões de raça e de pobreza, conforme afirmam Kilduff e Silva (2019, p. 625).

Além disso, a intervenção estatal no campo social foca-se em ações assistenciais para o combate à extrema pobreza, mas que não atuam sobre as desigualdades estruturais de classe, existentes na particularidade brasileira, na qual as desigualdades sociais se manifestam de forma potencializada. Estudos como os de Schmidt (2015) apontam a tendência do crescimento do investimento estatal em programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, com a perspectiva do enfrentamento da pobreza, ao contrário de ações que venham a fortalecer o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) – o que segue o receituário neoliberal coordenado por instituições multilaterais como o Banco Mundial –, como os serviços socioassistenciais, que apresentam uma possibilidade interventiva mais coletiva e organizativa da população atendida. Nesse sentido, Boschetti (2016, p. 171) ressalta o papel da política de assistência social no processo de reprodução da classe trabalhadora brasileira.

Os dados referentes ao campo do trabalho no Brasil são elucidativos para demonstrar que a conjuntura atual impõe graves dificuldades para a sobrevivência da classe trabalhadora. De acordo com a PNAD Contínua/IBGE (2021), acerca dos meses de janeiro a março de 2021, a taxa de desocupação da força de trabalho no Brasil era de 14,7%, tendo particularidades, pois, entre os homens, a taxa é de 12,2% e, entre as mulheres, de 17,9%. Além disso, aqueles que se declaram brancos apresentam uma taxa de desocupação de 11,9%; porém, para os que se declaram pretos, a taxa é de 18,6%; já para os pardos, 16,9%. Os dados revelam a heterogeneidade e as especificidades do acesso ao trabalho em nossa realidade, marcadas por questões de classe, raça e gênero. A Agência IBGE Notícias<sup>3</sup> demonstra, sobre o período informado, que a taxa de informalidade no Brasil é de 39,6% dos trabalhadores ocupados, o que confirma o expressivo quantitativo de trabalho não protegido, precarizado, sem garantias dos direitos sociais existentes no cenário brasileiro.

---

3 Informação obtida no *site*: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30784-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-oito-das-27-ufs-no-1-trimestre-de-2021>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Uma das estratégias do Governo Federal para o enfrentamento desse complexo cenário na área do trabalho foi o repasse monetário de um auxílio emergencial<sup>4</sup> no campo assistencial, regulamentado pela Lei nº 13.982/2020, aos trabalhadores que comprovassem os critérios de elegibilidade, dentre os quais destacamos estar na condição de trabalhador informal ou desempregado. Segundo dados da PNAD Covid-19/Trabalho<sup>5</sup>, 41,0% dos domicílios brasileiros receberam o auxílio emergencial (em novembro de 2020), sendo que a média do rendimento advindo de tal benefício era de R\$ 558,00. Em tal cenário, os equipamentos públicos da política de assistência social, em especial os de proteção social básica, como os CRAS, têm sido os locais de atendimento à população para que obtenha informações acerca de tal auxílio.

Os dados apresentados agudizam o contexto de “precarização estrutural do trabalho”, conforme os termos de Antunes, nesse cenário de crise do capitalismo, em que se acirram os processos de “superexploração da força de trabalho”, que, “além de aumentar o desemprego, ampliou enormemente a informalidade, a terceirização e a flexibilização da força de trabalho” (ANTUNES, 2018, p. 55-56).

Ressaltamos, também, que, embora a Covid-19 atinja todas as classes sociais em termos de contágio, observamos que a população mais empobrecida não tem acesso às medidas sanitárias necessárias e, portanto, é mais propensa à contaminação e ao agravamento da doença. Além disso, os próprios trabalhadores em condição de precarização, que não podem cumprir o isolamento social, por conta de necessidades de sobrevivência, se expõem ao vírus nos transportes públicos e nas atividades laborativas e, em caso de contágio, grande parcela dos brasileiros necessita do Sistema Único de Saúde (SUS) para o atendimento e conta com uma saúde pública a cada dia mais desmontada e mais subfinanciada, o que ocasiona falta de leitos, médicos e estrutura para um atendimento de qualidade.

Além disso, segundo estudo de Batista *et al.*, do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde – NOIS/PUC-Rio (2020, p. 4-6), do Instituto D’Or de Pesquisa e Ensino/RJ e da Fiocruz/RJ, há uma articulação entre as mortes por Covid-19 e a questão racial, pois “os

---

4 “Criado para assegurar uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia da Covid-19, o benefício de R\$ 600,00 é garantido a todos os brasileiros que se enquadram nos critérios da lei” (BRASIL, 2020, n. p.).

5 O IBGE disponibilizou dados de novembro de 2020. Dados obtidos no site: <<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

pacientes pretos e pardos apresentaram um número maior de óbitos em relação aos brancos, em todas as faixas etárias”, visto que a pesquisa apresenta que o percentual de mortes em pretos e pardos foi de 54,78% e o de brancos foi de 37,93%.

Ressaltamos que tais grupos são oriundos da classe trabalhadora brasileira, que vive de forma histórica e estrutural a precarização do trabalho, que é atravessada por péssimas condições de moradia e sanitárias, além de ter dificuldades de acesso à rede de serviços oferecidos pelas políticas sociais. Especialmente, neste texto, referimo-nos à saúde e à assistência social.

Frente às questões expostas, este artigo, fruto das pesquisas<sup>6</sup> às quais nos referimos, mediante uma revisão crítica da bibliografia produzida em livros, artigos, teses sobre as áreas da saúde e da assistência social, além de consultas aos indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) neste momento da pandemia, reflete sobre as requisições institucionais, atribuições e respostas socioprofissionais em tal contexto. Além da parte introdutória, que destacou aspectos conjunturais da realidade brasileira, com o fim de contextualização, destacaremos, em seguida, os elementos que compõem as políticas de saúde e de assistência social, consideradas serviços essenciais na pandemia, além dos desafios colocados à atuação do/a assistente social em tal cenário.

## **2. Reconfigurações da política da saúde e da assistência social na conjuntura da crise**

Este contexto de crise sanitária e social não é novo no Brasil, considerando-se que, desde 2008, o País vivencia momentos oscilatórios do cenário mais amplo da crise estrutural capitalista. Portanto, não foi a pandemia que instaurou uma crise no Brasil, que certamente se expressará de forma mais deletéria, à medida que se potencializam as desigualdades sociais.

A pandemia expõe as feridas do SUS, suas lacunas e, como já sinalizado, seu subfinanciamento. Na saúde, considerando-se o SUS como um produto sócio-histórico de um determinado contexto de lutas sociais,

---

6 Estamos nos referindo às pesquisas: “O cotidiano de trabalho do assistente social no âmbito da política de saúde e o processo de produção de conhecimento” e “A atuação do/da Assistente Social no campo da gestão do SUAS e a educação permanente: contribuições para o fortalecimento do projeto ético-político profissional”, que integram o Núcleo de Estudos de Fundamentos do Serviço Social (NEFSS), da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF)/Niterói (RJ).

identifica-se, de acordo com Bravo e Pelaez (2020), a disputa entre projetos de saúde: (I) o da reforma sanitária, que preconiza a universalidade da saúde; (II) o projeto privatista, que trata a saúde como um nicho lucrativo do mercado; e (III) o projeto da reforma sanitária flexibilizada.

O projeto privatista, assim como no governo anterior, se intensifica no governo Bolsonaro, dando ênfase aos novos modelos de gestão a partir das organizações sociais (OS) sob o discurso da ineficácia da gestão pública e estatal, o que segue as medidas de ajustes fiscais que se materializam na Emenda Constitucional (EC) nº 95/2016. Tal contrarreforma representa a ausência de qualquer investimento ou de implantação de aporte de recursos orçamentários, durante os próximos 20 anos, nas políticas sociais, incluindo a de saúde.

O que se apresenta por trás dessas questões se configura como uma dúvida em relação à eficiência do SUS, pois “[...] está presente na proposta de Reforma do SUS explicitada no documento do Banco Mundial denominado ‘Propostas de Reformas do Sistema Único de Saúde Brasileiro’ [...]” (BRAVO; PELAEZ, 2020, p. 202), cujas premissas se referem à falta de necessidade de investimento no SUS e de ampliações de recursos orçamentários, como se na formatação precarizada de atendimento em que se encontra, por anos de subfinanciamento, pudesse continuar funcionando da mesma forma.

Por outro lado, há a valorização do sistema privado como uma fatia altamente lucrativa do mercado, bem como também há uma potencialização de entidades filantrópicas. Considerando-se tais propostas como um “avanço” para a saúde brasileira, também existe uma exacerbação na “eficiência e eficácia” das organizações sociais na gestão dos hospitais públicos, desvalorizando a gestão pública, caracterizando um fortalecimento do sistema privado e solidário. Nesta esteira, o Banco Mundial “defende a *cobertura universal de saúde*, em substituição ao termo universalidade como princípio do SUS, e deixa nítida [...] a concepção de cobertura universal como um pacote básico de serviços e estratégia de focalização [...]” (BRAVO; PELAEZ, 2020, p. 203, grifo dos autores).

Com essa estrutura de constantes desmontes do SUS, durante a pandemia da Covid-19, ocorreram diversos problemas das mais diversas ordens, desde o desvio de recursos para a construção de hospitais de campanha e a escassez de testes para Covid, até a inexistência de insumos básicos, como respiradores, medicações, vagas em leitos,

dentre outros. Apresentando-se avesso às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o governo federal, na figura do presidente, contribuiu para formar aglomerações, incluindo a banalização do uso de máscara como atitude preventiva, sob o discurso de que todas as pessoas se contaminarão.

Tal postura adotada pelo presidente brasileiro vai de encontro às ações que os demais líderes políticos mundiais vêm assumindo. Bolsonaro se destacou por uma atitude negacionista da crise (LLANOS; VON BÜLOW, 2020, n. p.), delegando à pandemia um tratamento irresponsável, o que, na verdade, expressa o projeto econômico ultraneoliberal, com particularidades irracionalistas, que sustentam o seu governo.

O governo entende como um dos mecanismos de enfrentamento deste cenário o rompimento com o isolamento social para a “retomada da economia”. Esse “[...] discurso produzido pela extrema direita é de que as pessoas devem desconsiderar os riscos sanitários e romper com [eles] [...] para garantir sua sobrevivência e, com isso, a manutenção da vida econômica” (BRETTAS, 2020, p. 12). Esse posicionamento demonstra uma preconização da vida econômica e o desprezo das vidas humanas e, em decorrência disso, acaba por banalizar as mortes decorrentes da Covid-19.

Outro elemento é a instabilidade criada no Ministério da Saúde, com a troca frequente de gestores federais do SUS, os ministros que são responsáveis pela realização de ações e esforços coordenados para controlar a epidemia (CAMPOS, 2020). Dessa oscilação deriva uma série de rupturas nas atividades realizadas.

Ainda é adotada uma postura xenofóbica em relação à vacina que vem sendo produzida pelo governo chinês, o que demonstra uma postura reacionária e conservadora. Mesmo que, em nossa análise, consideremos que “são as próprias relações capitalistas que inviabilizam o rápido desenvolvimento de vacinas e medicamentos e determinam a mercantilização do acesso à saúde” (GOUVÊA, 2020, p. 22), não se justifica a forma utilizada pelo presidente brasileiro para tratar desta questão, pois contribui para o clima de dúvidas e incertezas, frente ao contexto de vacinação, criando um “ranking” entre as vacinas no que se refere à questão da eficácia.

Para além das problematizações referentes à saúde, pois consideramos a relação intrínseca entre as políticas sociais, e não a sua

fragmentação, as questões relacionadas à Covid-19 terão rebatimentos também na política de assistência social.

Na conjuntura ressaltada, acentua-se ainda mais a articulação entre a assistência social e o trabalho, cuja relação é problematizada por Mota (2010) e Boschetti (2016), em especial neste cenário de pandemia, que agravou ainda mais a situação de precarização do trabalho. Conforme já sinalizado, as ações assistenciais estatais de combate à pobreza, mediante transferências monetárias de renda, têm se intensificado no quadro de crise estrutural do capital. Trata-se de uma realidade que contribui para a reprodução do capital, ao inserir a classe trabalhadora pauperizada na lógica do consumo. E a política de assistência social tem sido o mecanismo estatal para atuar frente a esse quadro de precarização do trabalho, que se exponenciou com a crise sanitária.

No contexto pandêmico, a política de assistência social é definida como um serviço público essencial, conforme estabelece o Decreto nº 10.282/2020, principalmente os equipamentos públicos de proteção social básica, como os CRAS, que têm sido os locais de atendimento à população acerca de informações sobre o auxílio emergencial, ora referenciado.

O crescimento do investimento público em programas de transferência de renda, como o Bolsa Família (SCHMIDT, 2015), não foi acompanhado do incremento do próprio sistema, pois, conforme Silva (2020, p. 62), “[...] a rede de serviços do SUAS seguiu um movimento de expansão com dificuldades tangentes quanto à infraestrutura, condições de trabalho, recursos humanos, qualidade das atividades e atendimentos [...]”, o que tem fragilizado a prestação dos serviços socioassistenciais na ótica dos direitos. A falta de investimentos para as ações referentes ao SUAS se agrava, conforme Silva (2020), nos governos Temer e Bolsonaro.

A opção política pelo não investimento no SUAS torna difíceis ações como a implementação da prestação dos serviços socioassistenciais à população, o acompanhamento das famílias atendidas e a articulação intersetorial, tendo em vista a precarização dos equipamentos públicos, em termos de infraestrutura física, falta de condições objetivas de trabalho dos profissionais e dificuldade de composição das equipes de referência, conforme a NOB-RH SUAS (BRASIL, 2007). Tal cenário se complexifica no momento da pandemia, à medida que cresce

o quantitativo de trabalhadores em condição de precarização, que se tornarão público-alvo de ações da assistência social.

Frente aos desafios conjunturais apresentados, consideramos necessária a reflexão crítica sobre o exercício profissional no contexto atual, no sentido de debatermos as requisições institucionais e as atribuições profissionais, bem como as respostas socioprofissionais no cenário da pandemia.

### **3. Reflexões sobre os desafios profissionais do serviço social em tempos de pandemia**

Diante do quadro que se desenha na conjuntura social, política e econômica do País, como explicitado na parte introdutória deste artigo, torna-se relevante chamarmos a atenção para o/a assistente social, que é um/a trabalhador/a assalariado/a e que, portanto, sofre os impactos das metamorfoses no mundo do trabalho. Isso significa dizer que, cada vez mais, esses/as e outros/as profissionais são contratados/as mediante vínculos precarizados, o que pode tendenciar à aceitação sem crítica das demandas institucionais que lhes são postas diariamente.

Nesse conjunto de alterações, damos destaque à polivalência, que pode contribuir para o que Guerra (2016) denomina de “desespecialização da profissão”, pois, em nome de um trabalho interdisciplinar e “urgente”, o/a assistente social pode realizar qualquer atividade. Este é um quadro típico que a pandemia intensifica: cobrar desse/a profissional atendimentos de demandas que não lhe são específicas.

Isso ocorre porque o/a assistente social é um/a dos/as profissionais requisitados/as pelo Estado para atuar frente às diferentes expressões da “questão social” no campo das políticas sociais e, neste momento da pandemia, as políticas de saúde e de assistência social têm sido as mais atingidas em termos de uso do seu aparato institucional para o atendimento das demandas da população, sendo campos “de maior ocupação de assistentes sociais” (DUTRA, 2020, p. 4). Em tal cenário, os/as assistentes sociais têm se destacado como profissionais que atuam diretamente em contato com a população.

Tal quadro acontece em meio às situações de trabalho precarizado (como contratos temporários e terceirizações) e ao risco de contágio por Covid-19, tendo em vista sua exposição em transportes públicos e

em condições laborativas inadequadas, que não respeitam as normas de segurança sanitária e nem as condições éticas e técnicas previstas em nossa legislação.

Em retomada à perspectiva da “polivalência” do/a assistente social, diversas atividades se apresentam como novas, sob o discurso de que todos devemos fazer tudo em nome de um trabalho coletivo que some forças para o enfrentamento da pandemia, mas se observa que são demandas já existentes no cotidiano institucional e que agora aparecem com um “verniz” de atualidade.

A título de exemplificação, no campo da saúde, destacam-se a comunicação de óbitos aos familiares, as informações do quadro de saúde à população e as orientações sobre a própria Covid-19. Já na assistência social, o que se apresenta é a demanda institucional de repasse de cestas básicas à população sem critérios técnicos das equipes de referência, além de informações e orientações acerca do auxílio emergencial e de outros benefícios eventuais, bem como o aumento do número de famílias a serem acompanhadas pelos equipamentos públicos. Nesse sentido, o contexto da pandemia “reatualiza” demandas institucionais com as quais os/as profissionais se deparam cotidianamente nos espaços sócio-ocupacionais.

Porém, de acordo com nossas atribuições e competências, considerando-se que as atribuições são prerrogativas exclusivas e que as competências se referem à capacidade de decisão sobre algo, muitas demandas que se apresentam fogem do escopo de atuação do/a assistente social e, portanto, há a necessidade de se ter a clareza da função social do trabalho profissional para os enfrentamentos necessários, criando respostas socioprofissionais a tais demandas.

A natureza interventiva da profissão, que tende a imprimir um caráter operacional, faz parecer que não é necessário embasamento teórico para a atuação, alimentando uma postura pragmática. Na realidade, esses limites podem ser transformados em potenciais possibilidades para um trabalho criativo e propositivo. Com essa perspectiva é que o/a assistente social deve erigir seu trabalho, elencando quais são suas atribuições e competências, para que não haja, de forma insistente e recorrente, demandas que não lhe cabem atender, exceto aquilo que lhe compete.

Além disso, no contexto da pandemia, outras questões emergem para o exercício profissional, como o trabalho remoto, que “[...] **se insere como um dos experimentos para intensificar a exploração do trabalho**

**e dificultar a organização política da classe trabalhadora”** (CFESS, 2020, p. 2, grifo do autor), pois as requisições institucionais se misturam com as demandas do trabalho doméstico, como o cuidado aos familiares, como crianças e idosos. Também há, como desdobramento, a necessidade de que os/as profissionais se qualifiquem para a mobilização de “novas” tecnologias, como o uso de plataformas digitais para a realização de reuniões e atendimentos *on-line*. Além disso, temos que problematizar a dimensão ética quanto a tal trabalho, acerca do sigilo profissional e da elaboração de pareceres técnicos, como salienta o CFESS (2020).

No âmbito das políticas de saúde e da assistência social, por exemplo, diversas atribuições nos são postas de forma equivocada, de modo que o vínculo empregatício do/a profissional pode contribuir ou para um enfrentamento coletivo ou para a reprodução do instituído. Significa dizer que, quanto mais fragilizado for o vínculo, mais dificuldades de produção de embates existirão, por uma questão objetiva e concreta do/a assistente social na manutenção de seu emprego. Em grande parte das instituições, o/a assistente social é tido/a como “mediador/a de conflitos”, cerceador/a de comportamentos, profissional do “controle”, aquele/a que realiza tarefas burocráticas e administrativas ou aquele/a profissional que faz o que ninguém quer fazer.

Para que sejam modificados esses equívocos históricos, que vêm sendo retomados no contexto da pandemia, há que direcionar as ações do/a assistente social pelo projeto ético político, de bases progressistas e democráticas.

Nesse sentido, estratégias podem ser pensadas, como, por exemplo, o estímulo ao fortalecimento das entidades representativas da categoria, a necessária mobilização política, a participação em fóruns de trabalhadores e conselhos democráticos, porque é por intermédio desses mecanismos que o/a assistente social se posiciona coletivamente.

O papel do/a assistente social neste cenário, como trabalhador/a assalariado/a, é se unir aos demais sujeitos da classe trabalhadora, para buscar a construção de uma outra ordem societária. Mas enquanto essa possibilidade histórica não ocorre, nos parcos limites institucionais, podemos operar alterações. Como diretrizes que podem referenciar nosso trabalho, é necessário que estejamos sintonizados com os movimentos sociais que lutam por políticas públicas de qualidade e que trabalhem na lógica de facilitar o acesso dos usuários aos serviços, projetos e programas

institucionais, com a perspectiva de socialização das informações, tendo em vista a construção de respostas profissionais, ainda que dentro do limite institucional. É importante desenvolver uma relação com a equipe, incentivando, sempre que possível, o trabalho interdisciplinar e coletivo, garantindo as particularidades de nossas atribuições e competências.

Por muito tempo, o Serviço Social se afastou do trabalho de base (IAMAMOTO, 1998), cujo movimento é fundamental para que realmente possamos conhecer a população que atendemos e possamos estimular o processo de controle social democrático e a participação popular nos espaços deliberativos das políticas sociais. Nessa linha de análise, “[...] é necessário reassumir o trabalho de base, de educação, mobilização e organização popular, organicamente integrado aos movimentos sociais e às instâncias de organização política de segmentos e grupos sociais subalternos [...]” (IAMAMOTO, 2010, p. 200).

Por isso, percebe-se a relevância de recuperar essa perspectiva de atuação profissional nos diferentes espaços sócio-ocupacionais, de modo a ultrapassar o enfoque em situações que atendam às demandas individualizadas dos sujeitos, sem remetê-las aos determinantes coletivos da luta de classes.

Uma particularidade muito importante: nossa categoria profissional não somente atua sobre a realidade, mas na realidade. E o que é relevante: pelos avanços do projeto ético-político na ruptura com o conservadorismo e na manutenção hegemônica desse projeto, temos a condição de não executar exclusivamente nossa atuação, mas também de refletir sobre ela, para que possamos elaborar, de forma crítica ao instituído, respostas socioprofissionais condizentes com as demandas apresentadas pela população usuária, mediadas por nossas análises. Então, como atuar nos tensionamentos existentes entre as requisições institucionais e as respostas socioprofissionais?

#### **4. Apontamentos finais**

Certamente, não existe um padrão de respostas, mas algumas pistas analíticas podem contribuir para a reflexão crítica acerca das possibilidades do trabalho profissional. Primeiramente, é necessário que entendamos que a realidade é constituída de contradições que se expressam nos espaços sócio-ocupacionais, sobretudo mediante

correlações de forças. Ao trazermos estas reflexões, também pensamos em uma determinada estratégia que possa contribuir para o exercício cotidiano profissional: o projeto de intervenção.

Seguramente, as instituições, em seu caráter conservador e hierárquico, não solicitarão ao/à assistente social que ele/a trabalhe na lógica do estímulo à reflexão e à conscientização crítica do/a usuário/a, mas sim que exerçamos o controle sobre ele/a, enquadrando-o/a às normas institucionais, que, na maioria das vezes, favorecem o padrão instituído e não os reais interesses da população usuária dos serviços.

A elaboração do projeto de intervenção seria um dos elementos estratégicos que pode se configurar como uma possibilidade de construção coletiva e de respostas socioprofissionais que consideramos relevante para que se tenha clareza institucional acerca do trabalho do/a assistente social. O projeto representa uma projeção, construída mediante uma capacidade teleológica, com a utilização da nossa racionalidade crítica. Mas entre o que temos idealizado pelo ato do pensamento, até alcançar sua realização efetiva, há um grande caminho a percorrer, ou seja, “do processo de pensar (ideação) ao processo de executar (onde se concretizam as finalidades), existe uma série de determinantes que incidirão no produto final” (RAMOS, 2018, p. 26).

Assim, a “materialização” desse projeto de intervenção não pode ser meramente um “manual” do que fazemos ou não, mas deve operar a partir de reflexões teóricas acerca de nossas ações profissionais, considerando os tensionamentos institucionais, em que os objetivos profissionais podem tendencialmente divergir dos institucionais. E, certamente, como um projeto, não irá se objetivar a sua totalidade na realidade, porque, como citado, existem vários elementos que interferem na sua completa realização.

Como exemplo, temos as correlações de forças institucionais, a natureza do vínculo empregatício dos/as profissionais, conforme já citado, os referenciais teóricos utilizados pelos/as profissionais, a forma pela qual o/a usuário/a se apropria das informações prestadas, enfim, diversos determinantes que definem que esse projeto, mesmo que objetiva estabelecida finalidade, não se expressará idealmente como no nosso pensamento.

Inclusive, a construção de um projeto de intervenção, como uma estratégia, pode ser iniciada tendo-se como ponto de partida sistematizações

da prática (ALMEIDA, 2006), que, ao incorporarem problematizações teóricas no processo, podem contribuir para a elaboração desse documento. Nele, devem estar contempladas nossas atribuições e competências, para que, gradativamente, haja visibilidade institucional sobre o trabalho do/a assistente social em um determinado espaço sócio-ocupacional.

Nesta perspectiva, concordamos com Lima (2018, p. 132), quando sintetiza que:

[...] os projetos de intervenção são procedimentos metodológicos estratégicos no exercício profissional que expressam a visão social de mundo dos seus agentes: sua capacidade de apreender o significado sócio-histórico do movimento do real e das requisições postas à profissão na divisão sócio-técnica do trabalho; expressam de forma particular as escolhas técnicas e políticas para apreender *problemas* a partir das demandas cotidianas postas no cotidiano sócio-ocupacional [...].

Portanto, o projeto de intervenção carrega, em si, uma miríade de possibilidades para o exercício profissional, que podem ser elaboradas à luz das questões que se apresentam aos/às assistentes sociais diariamente. Segundo Lima (2018), pensar na elaboração de um projeto de intervenção vai para além dos elementos formais, porque expressa a capacidade da nossa racionalidade para o exame crítico das questões que se colocam no cotidiano.

Assim sendo, não é algo que atenda a uma impressão manualesca e pragmática na relação com a realidade, mas sim com a capacidade de apreensão que o/a assistente social pode ter sobre ela. Em seu processo de atuação profissional, o/a assistente social quer atingir uma finalidade, seja para pensar em uma qualificação do atendimento, seja para a modificação de um elemento de rotina, dentre outras questões que estão postas. E, para isso, mobiliza sua capacidade de pensar, criar, propor, construir coletivamente e analisar criticamente, que são atributos dos sujeitos que compõem a profissão.

Tal ferramenta pode colaborar para que haja uma socialização do que realmente o/a assistente social realiza a partir de suas atribuições e competências, contribuindo desta forma para que demandas não referentes ao trabalho profissional sejam devidamente encaminhadas para os profissionais responsáveis efetivamente em atendê-las.

Com esse movimento, também podemos mobilizar o elemento investigativo da profissão, o que nos possibilita pesquisar quem são nossos usuários, conhecer seu perfil socioeconômico e as principais demandas por eles trazidas, além de saber como as expressões da “questão social” se manifestam no cotidiano institucional, dentre outros elementos.

Por isso, pensar em que medida podemos ter nosso projeto ético-político como referência para nossas ações é um exercício complexo, mas uma ação extremamente necessária de ser realizada. Buscaremos, assim, a construção de respostas socioprofissionais condizentes com os reais interesses dos nossos usuários, mediadas por nossas reflexões, na ótica dos direitos sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. L. T. de. Retomando a temática da “sistematização da prática” em Serviço Social. In: MOTA, A. E. **Serviço Social e Saúde: Formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez, 2006. Disponível em: <[http://fnepas.org.br/pdf/servico\\_social\\_saude/texto3-2.pdf](http://fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/texto3-2.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2020.

ANTUNES, R. L. C. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços da era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOSCHETTI, I. **Assistência social e trabalho no capitalismo**. São Paulo: Cortez, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 10.282**, de 20 de março de 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm)>. Acesso em: 2 dez. 2020

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Auxílio emergencial**. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUAS: NOB-RH/SUAS**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2007. Disponível em: <<https://www.crpsp.org/uploads/impresso/454/lwJcJAc9FsgdR0FQcyIWfd6ajTLyIlgP3.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BRAVO, M. I. S.; PELAEZ, E. J. A saúde nos governos Temer e Bolsonaro: lutas e resistências. **Ser Social**: Brasília, DF, v. 22, n. 46, p. 191-209, jan./jun. 2020. Disponível em: <[https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/25630/25147](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/25630/25147)>. Acesso em: 2 dez. 2020.

BRETTAS, T. Defender a vida é preciso, a economia não. In: MOREIRA, E. et. al. (org.). **Em tempos de pandemia**: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020, p. 11-18. Disponível em: <<http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

CAMPOS, G. W. S. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00279111, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tes/v18n3/0102-6909-tes-18-3-e00279111.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2020.

CFESS. **Nota**. Teletrabalho e teleperícia: orientações para assistentes sociais no contexto da pandemia. Brasília, DF: CFESS, 2020. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/Nota-teletrabalho-telepericiacfess.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2020.

DUTRA, Adriana. Assistentes sociais em contextos de emergências. Entrevistador: [CRESS-RJ]. **Práxis**, ano X, n. 104, p. 4-5, abr./maio/jun. 2020. Seção Exercício Profissional. Disponível em: <<https://www.cressrj.org.br/wp-content/uploads/2020/07/web-praxis104-2020.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: Ensaio de interpretação sociológica. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

GOUVÊA, M. M. A culpa da crise não é do vírus. In: MOREIRA, E. et. al. (org.). **Em tempos de pandemia**: Propostas para a defesa da vida e de direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020, p. 19-28. Disponível em: <<http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

GUERRA, Y. Transformações societárias, Serviço Social e cultura profissional: Mediações sócio-históricas e ético-políticas. In: MOTA, A. E.; AMARAL, A. (org.). **Cenários, contradições e pelejas do serviço social brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 83-112.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade**: Trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: Capital financeiro, trabalho e questão social. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IBGE. Indicadores IBGE. **PNAD Contínua**. Primeiro Trimestre de 2021. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact\\_2021\\_1tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2021_1tri.pdf)>. Acesso em: 17 jun. 2021.

IBGE. **PNAD Covid-19**: Trabalho. Disponível em: <<https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

IBGE. **Agência IBGE Notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30784-pnad-continua-trimestral-desocupacao-cresce-em-oito-das-27-ufs-no-1-trimestre-de-2021>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

KILDUFF, F.; SILVA, M. M. Tensões da política social brasileira: entre o aparato assistencial e a criminalização da questão social no Brasil. **Katálisis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 619-630, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rk/v22n3/1982-0259-rk-22-03-619.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

LLANOS, M.; VON BÜLLOW, M. Brasil: os limites e perigos de um presidente polarizador. **El País Brasil**, São Paulo, 21 mar. 2020. Opinião. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-22/brasil-os-limites-e-perigos-de-um-presidente-polarizador.html>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

LIMA, R. de C. C. **A biografia do projeto de intervenção orientado pelo projeto profissional hegemônico**. In: RAMOS, Adriana; SANTOS, Francine Helfreich Coutinho dos (org.). A dimensão técnico-operativa no trabalho do Assistente Social: ensaios críticos. Campinas, SP: Papel Social, 2018, p. 129-156.

MANDEL, E. O Estado na Fase do Capitalismo. In: MANDEL, E. **O Capitalismo Tardio**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 333-350.

MANDEL, E. “Ondas Longas” na História do Capitalismo. In: MANDEL, E. **O Capitalismo Tardio**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 75-102.

MARX, K. A queda da taxa de lucro. In: PAULO NETTO, J. (org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 393-398.

MARX, K.; ENGELS, F. Feuerbach e História. Rascunho e Anotações. *In*: ENGELS, F.; MARX, K. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007, p. 29-78.

MOTA, A. E. A centralidade da assistência social na seguridade social brasileira nos anos 2000. *In*: MOTA, A. E. **O mito da assistência social**: Ensaio sobre Estado, Política e Sociedade. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 133-146.

NÚCLEO DE OPERAÇÕES E INTELIGÊNCIA EM SAÚDE (NOIS). **Nota Técnica 11**. Análise socioeconômica da taxa de letalidade da Covid-19 no Brasil. 27 maio 2020. [Elaborado por] BATISTA *et al.* Disponível em: <<https://sites.google.com/view/nois-pucrio/publica%C3%A7%C3%B5es?authuser=0>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

RAMOS, A. **Dimensão técnico-operativa do Serviço Social**: notas introdutórias sobre instrumentos e técnicas e o projeto ético-político. *In*: RAMOS, Adriana; SANTOS, Francine Helfreich Coutinho dos (org.). A dimensão técnico-operativa no trabalho do Assistente Social: ensaios críticos. Campinas, SP: Papel Social, 2018, p. 21-43.

SCHMIDT, J. A. de C. **A gestão pública do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no município de Niterói/RJ**: os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) no foco crítico, 2015. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, M. M. Sistema Único de Assistência Social: Entre o desmonte e a condição de serviço essencial no contexto de pandemia. *In*: MOREIRA, E. *et al.* (org.). **Em tempos de pandemia**: Propostas para a defesa da vida e de direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020, p. 60-67. Disponível em: <<http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2020.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## A contrarreforma da previdência e o retrocesso dos direitos previdenciários das mulheres

*The social security contrarreform and the retreat of women's social rights*  
*La contrarreformación de la seguridad social y el retiro de los derechos sociales de las mujeres*

André de Menezes Gonçalves<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-8089-5240>

Inacia Rilmara Marques Furtado<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-1400-5959>

Kelly Marilene dos Santos Nóbrega<sup>3</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-8613-7360>

Tatiane Cardoso Rezende<sup>4</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-9018-9040>

Recebido em: 13/05/2021

Aprovado em: 20/04/2022

---

1 Assistente Social. Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *E-mail*: <andre.menezes@professor.ufcg.edu.br>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6784916087407854>>.

2 Graduanda de Serviço Social. Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *E-mail*: <inacia.rmfl234@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2851045007593353>>.

3 Graduanda de Serviço Social. Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *E-mail*: <kellymarilenesantos@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6830821622964724>>.

4 Graduanda de Serviço Social. Discente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *E-mail*: <tatianecardosorezende2020@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7037063308152508>>.

**Resumo:** Realizamos uma discussão sobre os impactos das contrarreformas da previdência brasileira, dando ênfase aos retrocessos dos direitos das mulheres, do governo de Fernando Henrique Cardoso ao governo de Bolsonaro. Tais contrarreformas vêm prejudicando a vida da classe trabalhadora, em especial das mulheres, no que se refere ao acesso à seguridade social. Além de representarem grandes perdas nos direitos, são contrarreformas que se opõem às condições de gênero, desconsiderando que as mulheres têm duplas ou triplas jornadas de trabalho, sofrem com desigualdades salariais, têm responsabilidades com a esfera doméstica e realizam um trabalho não reconhecido etc. Os direitos previdenciários das trabalhadoras ao longo desses anos têm sido esfacelados na medida em que os governos negam seus direitos. De perspectiva histórico-crítica, esta produção deu-se por meio de revisão e pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de identificar como as contrarreformas da política previdenciária têm atingido as mulheres, particularmente no governo ultraconservador atual.

**Palavras-chave:** Política de previdência social; questão de gênero; contrarreformas da previdência social; direitos sociais.

**Abstract:** We held a discussion on the impacts of the Brazilian social security counter-reforms, emphasizing the setbacks of women's rights, from the Fernando Henrique Cardoso to Bolsonaro governments. These counter-reforms have been damaging the lives of the working class, especially women with regard to access to social security. In addition to representing great losses in rights, these counter-reforms are opposed to gender conditions, disregarding the fact that women have double or triple working hours, salary inequalities, responsibilities with the domestic sphere, perform unrecognized work etc. The social security rights of female workers over the years have been shattered as governments deny their rights. From a historical-critical perspective, this production took place through bibliographic and documentary review and research in order to identify how the counter-reforms of social security policy have affected women, particularly in the current ultraconservative government.

**Keywords:** Social security policy; gender issue; counter-reforms of social security; social rights.

**Resumen:** Mantuvimos una discusión sobre los impactos de las contrarreformas de la seguridad social brasileña, destacando los retrocesos de los derechos de las mujeres, desde los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso hasta Bolsonaro. Estas contrarreformas han estado dañando la vida de la clase trabajadora, especialmente de las mujeres en lo que respecta al

acceso a la seguridad social. Además de representar grandes pérdidas de derechos, estas contrarreformas se oponen a las condiciones de género, sin tener en cuenta que las mujeres tienen el doble o el triple de jornada, la desigualdad salarial, las responsabilidades con el ámbito doméstico, realizan trabajos no reconocidos etc. Los derechos de seguridad social de las trabajadoras a lo largo de los años se han visto destrozados a medida que los gobiernos niegan sus derechos. Desde una perspectiva histórico-crítica, esta producción se realizó a través de la revisión e investigación bibliográfica y documental con el fin de identificar cómo las contrarreformas de la política de seguridad social han afectado a las mujeres, particularmente en el actual gobierno ultraconservador.

**Palabras clave:** Política de seguridad social; cuestión de género; contrarreformas de la seguridad social; derechos sociales.

## INTRODUÇÃO

Os direitos que hoje as mulheres possuem foram adquiridos em meio a grandes protestos e lutas históricas. Entre essas conquistas estão os direitos previdenciários e, na contramão desses ganhos, ocorreram processos de contrarreformas da política de previdência social no Brasil desde a década de 1990 até os dias atuais. De Fernando Henrique Cardoso, passando pelos governos petistas (Lula-Dilma), pela proposta do ilegítimo Temer e por aquela aprovada pelo ultraconservador Bolsonaro, tais medidas foram formas de ataques e de negação de direitos, com severos impactos nas vidas das mulheres.

Trata-se de um cenário que será apresentado nos argumentos deste artigo e, para isso, serão levantadas algumas considerações acerca de como as contrarreformas previdenciárias – particularmente a implementada pelo atual governo de direita – prejudicam e penalizam cada vez mais as mulheres. Os argumentos apresentados são frutos de reflexões, leituras e debates sobre a política previdenciária e têm como principal fonte as pesquisas bibliográficas e documentais. Apresentam-se sob a luz de uma perspectiva histórico-crítica advinda da análise marxiana. O método relacionado aos estudos de Marx, segundo Netto (2009), pauta-se a partir do real, do concreto, buscando sua problematização e o conhecimento de seus nexos diversos, por meio de abstrações, além de uma aproximação com o real, com o intuito de desvelá-lo.

Para tanto, dividiu-se o artigo em três partes: o primeiro tópico trata da política de previdência social na perspectiva de gênero, evidenciando

as dificuldades enfrentadas no âmbito do trabalho doméstico, até adentrar no mercado (formal) de trabalho, assim como aquelas encontradas no ambiente de trabalho, o que inclui o direito à aposentadoria e às pensões para um grande número de mulheres. O segundo item discorre sobre as contrarreformas sofridas nos direitos previdenciários da classe trabalhadora, com destaque aos das mulheres, o que tem dificultado, consideravelmente, o acesso ou a permanência à proteção previdenciária. Relata, ainda, algumas condições em que as trabalhadoras estão submetidas: desigualdades salariais, trabalho invisibilizado (particularmente o doméstico), não reconhecido e não remunerado, além do processo de desproteção social que atinge grande número de mulheres. O terceiro e último ponto discute as particularidades das contrarreformas previdenciárias no Brasil e especificamente no governo ultraconservador de Bolsonaro, além dos ataques desferidos contra a política que compõe a seguridade e de seus principais impactos nas vidas das trabalhadoras.

Ao longo do texto, fica evidente que, a cada contrarreforma, as mulheres sofrem cada vez mais com a perda de direitos, o que amplia as desigualdades entre os gêneros. Isso evidencia, ainda, a destruição da previdência pública por meio de sua privatização, com a ampliação do seletivismo e a mercantilização dos seus serviços e benefícios.

## **1. A política de previdência social e as perspectivas para as mulheres**

Ao longo das décadas de 1920 e 1970, a previdência social nasceu e se constituiu no Brasil em meio a diversas manifestações da classe trabalhadora, que reivindicava proteção social e trabalhista. A estruturação da política previdenciária também serviu de apoio para a expansão do capital e contribuiu para a propagação da força de trabalho, particularmente no Governo de Vargas<sup>5</sup>. Diminuiu, ainda, o custo de reprodução para os/as empregadores/as e o próprio Estado usou o fundo público para o financiamento da infraestrutura de que o capital necessitava.

---

5 “Não fugiu à percepção dos cientistas políticos que escreveram sobre o assunto o aspecto de ‘dominação’ para os fins da expansão capitalista que a legislação trabalhista reveste, quando os amplos setores das massas urbanas passam a desempenhar um papel-chave na estruturação política que permitiu a industrialização. Sem embargo, frequentemente essa percepção correta leva no bojo a premissa de que a ‘doação’ getulista das leis do trabalho dava, em troca do apoio das massas populares, alguma participação crescente nos ganhos de produtividade do sistema, o que não encontra apoio nos fatos. O que se discute neste ponto é o caráter ‘redistributivista’, do ponto de vista exatamente dos referidos ganhos; sob outros aspectos, principalmente políticos, pode-se falar em ‘redistributivismo’ dos regimes populistas, mas em termos econômicos tal postulação é inteiramente insustentável” (OLIVEIRA, 2003, p. 36).

No ano de 1923, a partir do Decreto-Lei nº 4.682, conhecido como Lei Eloy Chaves, foram criadas as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP), que se caracterizavam como entidades, cabendo aos/às trabalhadores/as e aos/às empregadores/as fazer contribuições monetárias para o acesso à aposentadoria, à assistência médica e aos demais serviços/benefícios. Destacaram-se como o marco inicial para a formação da previdência brasileira e tiveram como característica principal conceder benefícios previdenciários e assistenciais aos/às funcionários/as de empresas ou a associações de empresas que fossem de um mesmo setor.

No governo de Vargas (1933), foram criados os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAP), num contexto marcado por uma política aderente à industrialização e de cooptação de massas de assalariados/as, em que “as leis trabalhistas [faziam] parte de um conjunto de medidas a instaurar um novo modo de acumulação” (OLIVEIRA, 2003, p. 38) (a interpolação não consta no original). A partir de 1937, assim como as CAP se caracterizavam por políticas seletivas que não abrangiam boa parte da população, os IAP não englobavam os/as trabalhadores/as rurais e os/as empregados/as domésticos/as. Nesses institutos, os serviços de aposentadorias e pensões eram monitorados pelo Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria<sup>6</sup>. No final do governo de Kubitschek, no ano de 1960, foi publicada a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS), Lei nº 3.807/1960, que proporcionou a regularidade de benefícios e serviços previdenciários, estendendo-os a outras categorias profissionais. No governo ditatorial militar de Geisel (1977), marcado pelos anos extremamente repressores e de retirada de direitos, foi criado o Sistema Nacional de Previdência Social (SINPAS), o que alterou a estrutura organizacional da previdência. Começaram a se intensificar as mobilizações populares como consequência do arrocho salarial no contexto da crise da ditadura civil-militar, imersa no acúmulo da dívida externa do país à época (BRASIL, 1995).

No final da década seguinte, em 1988, foi elaborada a sétima e última Constituição Federal, época em que a previdência começou a fazer parte do tripé da seguridade, ao lado da saúde e da assistência social. O padrão de proteção social foi composto por lógicas e concepções diferenciadas: a saúde passou a ser universal, *para todos/as*; a assistência social, *para quem dela necessitar*, de perspectiva seletivista;

---

6 “A criação de um Ministério voltado para o Trabalho (instituído como Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio – MTIC) menos de um mês depois da derrubada da Primeira República evidenciou a preocupação da recém-formada cúpula bonapartista em administrar, sob outros termos, a luta de classes no país” (DEMIER, 2012, p. 389).

e a previdência seguiu a lógica seletivista-contributiva, *para quem contribuir para ela*. Esse processo, segundo Boschetti (2009), forjou um *sistema híbrido de seguridade*, ao juntar, numa mesma estrutura, as opostas perspectivas contributivas (modelo bismarckiano) e não contributivas (modelo beveridgeano).

Para Silva e Schwarzer (2002), as mulheres recebem um tratamento diferenciado na previdência quando relacionado **à sua capacidade contributiva e às regras na aposentadoria**. Sua participação no mercado de trabalho é muito fragmentada, com um menor nível de atividades. Além disso, ficam mais tempo desempregadas. De igual modo, também ocorre a inferioridade dos salários/rendimentos, bem como o difícil acesso a determinados direitos, principalmente os previdenciários. O financiamento da política previdenciária é baseado na taxação sobre o salário de trabalhadoras e trabalhadores. Conforme Marri (2009), as contribuições que também são efetivadas pelas mulheres podem ser utilizadas para pagar os benefícios como aposentadoria em um sistema de repartição simples (modelo vigente no Brasil – contratualista e de solidariedade coletiva e intergeracional) ou podem ser acumuladas e capitalizadas para que sejam depositadas em contas particulares na forma de um sistema de capitalização (a exemplo do que ocorre no Chile, na Colômbia, no México e no Peru).

Segundo Perez e Cezne (2019), quando se analisa o fator de gênero na sociedade brasileira, é perceptível que a desigualdade entre mulheres e homens existe e se refere aos papéis definidos socialmente. Às mulheres é imposta a esfera doméstica e, na questão do trabalho, muitas são submetidas a atividades informais e precárias, o que as mantém à margem da proteção social e previdenciária. Quando se fala de gênero, segundo Scott (1995), é importante destacar que essa palavra, para as feministas americanas, implica uma rejeição do determinismo biológico implícito, com o uso de termos relacionados a *sexo e diferença sexual*. O gênero surge como uma construção social de valores que desnaturaliza os papéis definidos pelas sociedades e, no caso brasileiro, evidencia uma formação social alicerçada numa cultura escravocrata, machista-sexista e patriarcal<sup>7</sup>.

7

“Sabemos que por muito tempo as mulheres estiveram confinadas no espaço doméstico, sendo negadas de exercer sua cidadania e participar das decisões políticas, fazendo com que a opressão e a subalternidade ficassem escondidas na cumplicidade familiar, na qual o amor e o cuidado à família seriam uma predestinação da condição feminina. A naturalização dos papéis historicamente construídos como femininos é sinônimo da violência mais sutil do patriarcado e do capitalismo para esconder a exploração do trabalho doméstico não remunerado e tão importante para a acumulação do capital” (SOUSA et al., 2020, p. 98).

Os estudos de gênero surgem inseridos no movimento feminista, principalmente sob a influência de feministas acadêmicas, no final do século XX, entre as décadas de 1970 e 1980. Seu objetivo advém da necessidade de desnaturalizar e historicizar as desigualdades entre homens e mulheres, analisadas, pois, como construções sociais, determinadas pelas e nas relações sociais (CIS-NE, 2004, p. 86).

As discrepâncias de gênero nos sistemas de previdência mostram que as mulheres, devido à desigual entrada no mercado formal de trabalho, sofrem desvantagens em relação aos homens. Com informações referentes ao ano de 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apresentou dados sobre a forma de trabalho das mulheres. Muitas estavam disponíveis ao trabalho; porém, o ingresso no mercado era prejudicado por fatores relacionados aos afazeres domésticos e aos cuidados com filhos/as ou outros/as parentes (20,7%). Mesmo para aquelas que adentram no mercado formal de trabalho, a taxa de participação permaneceu muito desproporcional em relação à dos homens (52,7% e 72,5%, respectivamente). A diferença menos acentuada estava entre a faixa etária de 24 a 29 anos e, mais enfática, entre 50 a 59 anos, expressando essa desigualdade entre os sexos. Uma boa parte das mulheres não contribuiu para a previdência social. Em muitos casos, o vínculo e o cuidado doméstico impuseram certo grau de desvantagem para a garantia de benefícios e aposentadorias. Além disso, o sistema capitalista buscou naturalizar a inferiorização das mulheres, impondo uma divisão sexual do trabalho.

A naturalização da inferiorização da mulher na sociedade é fruto da necessidade estruturante do modo de produção capitalista em deter uma mão de obra produtiva que é fundamental para a acumulação de capital, por ser um trabalho não remunerado, em que tem intencionalmente colocado a tarefa do cuidado e da proteção como uma atribuição natural da personalidade feminina. Vivendo sob um sistema capitalista, a família se torna o espaço dentre os quais mais afetam a condição da mulher. E a não percepção deste fato tem potencializado a exploração da força de trabalho feminino e sua responsabilização de garantir cuidados, que culpabiliza as mulheres na proteção

da instituição familiar (SOUSA et al., 2020, p. 95).

Historicamente, as mulheres são diretamente relacionadas ao cuidado doméstico e à manutenção da família, na lógica de uma política de caráter patriarcal e sexista que impõe às mulheres as tarefas da esfera doméstica, bem como atividades de proteção, cuidado e responsabilização pelos rumos da família.

A Constituição Federal de 1988 trouxe alguns benefícios para mulheres e homens, principalmente quanto à participação na previdência e em seus planos de benefícios. Houve mudanças com as leis direcionadas para direitos, como a universalização do sistema de saúde, além da equiparação dos benefícios sociais para pessoas no campo e na cidade, destacando-se, ainda, o estabelecimento de um piso na aposentadoria sobre o salário mínimo, dentre outros. Ocorreu, ainda, a estipulação de uma redução mínima da idade para as mulheres do campo. Porém, esses direitos, quando estabelecidos nos contextos brasileiros, foram drasticamente atacados pelas contrarreformas<sup>8</sup> que surgiriam no decorrer dos anos. Os anos de 1990 no Brasil foram marcados por um conjunto de contrarreformas macroestruturais, verdadeira avalanche ao sistema de seguridade, afetando suas políticas de proteção social, saúde, previdência e assistência social. Na política previdenciária, como relata Mota (2011), afirma-se a modalidade bismarckiana de seguro social, referenciada por princípios e valores mercantilizados da sociedade salarial<sup>9</sup>.

Passando por Collor de Melo, notadamente em Fernando Henrique Cardoso, intensificando-se em Lula-Dilma-Temer [e Bolsonaro], os direitos sociais têm sido atacados, especialmente pela contrarreforma do Estado e de mudança de seu papel na garantia dos direitos sociais, em especial

---

8 Para Behring e Boschetti (2016), contrarreforma é um termo oposto às reformas liberais que trouxeram o desenvolvimento das políticas sociais, conquistadas pelas lutas da classe trabalhadora, o que representa, assim, um conjunto de ataques aos direitos conquistados, notadamente no âmbito da seguridade social. São medidas tomadas para a retirada de direitos dos/as trabalhadores/as, principalmente pela via da privatização, da mercantilização, do seletivismo e da focalização etc.

9 Apesar de alguns avanços no campo jurídico-normativo, a ordem social na Constituição de 1988 manteve e fortaleceu o caráter contributivista da previdência. Os artigos 201 e 202 da Carta Magna reforçam essa perspectiva, reproduzida, ainda, em outros instrumentos legais, como a Lei Orgânica da Previdência Social (Lei nº 3.807/1960 e em suas devidas alterações/atualizações) e a Lei dos Planos e Benefícios Previdenciários (Lei nº 8.213/1991). Segundo Lopes (2012), a previdência social brasileira tem caráter de contrato social: apresenta regime de filiação obrigatória com características de seguro privado, numa relação bilateral (empregado/empregador), mediada pelo Estado e financiada por toda a sociedade. Apoiar-se na solidariedade intergeracional (a geração atual custeia os benefícios da população que atualmente está usufruindo seus direitos previdenciários, acordo que estabelece certo compromisso entre as gerações).

aqueles que compõem a seguridade. Obviamente os governos militares ditatoriais que antecederam a reabertura política também promoveram ataques às políticas e aos direitos sociais, numa relação privatizante do Estado submisso à lógica do mercado e aos ditames do capital interno e internacional (GONÇALVES, 2020, p. 16) (a interpolação não consta no original).

Foi aprovada no ano de 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, a Emenda Constitucional (EC) nº 20, o que possibilitou a realização da primeira contrarreforma da previdência, apresentando mudanças significativas nos regimes previdenciários<sup>10</sup>. O Regime Geral da Previdência Social (RGPS), em relação aos impactos provocados pelas medidas da primeira contrarreforma, provocou mais disparidades em relação aos direitos previdenciários das mulheres. A aposentadoria por tempo de serviço foi extinta e instituiu-se aquela por quantidade efetiva de contribuição. Isso obrigou a definição da contribuição mínima de 36 meses para calcular o montante do benefício, mediante os 80% dos salários dos/as contribuintes com maior valor em toda a sua vida de trabalho, com contribuição comprovada de 180 meses. As mulheres poderiam se aposentar com idades a partir de 60 anos na zona urbana e 55 anos na rural e com 30 anos de contribuição (MARRI, 2009). O Regime Próprio da Previdência Social (RPPS) estipulou as idades mínimas de aposentadoria, podendo ter acesso ao benefício o/a servidor/a público/a que tivesse acumulado o tempo mínimo de 10 anos no exercício do serviço público e de 5 anos no exercício do cargo em que pretendia se aposentar, com idade de 60 anos e 35 anos de contribuição para homens e, em relação às mulheres, 55 anos de idade e 30 anos de contribuição (BRASIL, 2006)<sup>11</sup>.

No ano de 2003, no governo Lula, outras alterações foram realizadas principalmente no regime próprio, com um principal intuito, segundo Lavinias e Dain (2005): conter as despesas dos benefícios, reduzindo

---

10 No Brasil, vigoram os seguintes regimes previdenciários: Regime Geral de Previdência Social (RGPS), destinado aos da iniciativa privada ou autônomos/as (popularmente conhecido como *Regime do INSS*); Regimes Próprios de Previdência Social (RPPS), de acesso aos/as servidores/as públicos/as; e os Regimes de Previdência Complementar.

11 A Lei nº 9.876/1999 trouxe o fator previdenciário, impactando no cálculo dos benefícios dos/as futuros/as aposentados/as, incluindo a fórmula da idade do/a beneficiário/a, sua expectativa de vida e o tempo de contribuição. Isso objetivava inibir e punir as chamadas aposentadorias antecipadas, impondo à classe trabalhadora maior tempo de trabalho e de contribuição, conforme Lavinias e Dain (2005). O fator previdenciário é um cálculo realizado com base na contribuição e na idade do/a segurado/a da previdência, que posterga a aposentadoria dos/as beneficiários/as, determinando que o/a contribuinte trabalhe e contribua por mais tempo (DELGADO et al., 2006).

as diferenças entre os/as beneficiários/as do setor público e do privado, além de fortalecer a relação entre o tempo de serviço/contribuição e as aposentadorias. De acordo com o Centro Feminino de Estudos e Assessoria (CFEMEA) (2003), a contrarreforma na previdência do início dos anos 2000 agravou as condições das mulheres em relação aos momentos de crise e recessão. Além disso, o fator previdenciário atingiu as trabalhadoras em dois âmbitos: (I) no tempo de carência (de 36 para 180 contribuições); e (II) na peculiaridade de manter as mulheres por mais tempo no mercado de trabalho, possibilitando – para os critérios de avaliação – uma diminuição do valor de benefícios. A proposta do petista modificou a aposentadoria dos/as servidores/as públicos/as da União, ao extinguir o fim do direito ao benefício de valor integral, criando um teto e um novo cálculo, que levava em conta a média de contribuição do/a trabalhador/a para o fundo da previdência. Houve, ainda, pela primeira vez, a taxação dos/as aposentados/as, que foram obrigados/as a pagar, permanentemente, 11% de contribuição previdenciária.

No tópico seguinte será apresentado como as contrarreformas da previdência possibilitaram uma limitação aos direitos das mulheres, impulsionando um desmonte dos direitos sociais e, em relação à previdência, um grande retrocesso no contexto brasileiro.

## **2. Contrarreformas da previdência social e os ataques aos direitos das mulheres**

As contrarreformas previdenciárias que foram se instaurando ao longo dos anos são nada mais do que um conjunto de medidas contra os direitos dos/as trabalhadores/as, que tiveram como principal justificativa o argumento de que a previdência é deficitária<sup>12</sup>. As contrarreformas impulsionaram o desmonte dos direitos sociais e os retrocessos à previdência no cenário brasileiro, relacionando-se, também, aos direitos específicos das mulheres. Conforme Behring (2003), a seguridade é fortemente tensionada por estratégias de extração de lucros. Os direitos reduzidos limitam as possibilidades protetivas e redistributivas das políticas sociais.

---

12 O *falso déficit previdenciário* é um discurso que mostra uma justificativa para a necessidade de contrarreformar a previdência para os interesses da iniciativa privada. Sempre é usado para afirmar, erroneamente, que a capacidade de arrecadação é inferior à de pagamento, o que reforça o argumento governamental para aumentar os critérios de seletividade no acesso à política previdenciária, desde FHC a Bolsonaro (FREITAS, 2019).

As contrarreformas de todos os governos brasileiros atingiram, de maneira extremamente negativa, a viabilização dos direitos de igualdade no mercado de trabalho, reforçando as disparidades entre mulheres e homens na divisão social, técnica e sexual do trabalho. E esse processo tem reproduzido, historicamente, desigualdades e inferiorizações diante das trabalhadoras e dos trabalhadores, como apontam Perez e Cezne (2019). Os governos brasileiros promoveram cada vez mais medidas que fortaleceram as desigualdades de gênero no campo da política previdenciária. Além disso, as mulheres, quando inseridas no mercado formal de trabalho, passam a acumular tarefas domésticas, ocasionando uma sobrecarga de atividades, sendo muitas delas não reconhecidas por parte do Estado e da própria sociedade. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), no ano de 2017, as mulheres, em média, trabalharam 4,3 horas a mais por semana do que os homens, de acordo com a soma do trabalho remunerado e o do lar (DIEESE, 2017). Desde a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que começou a ser mais relevante nos anos de 1970, não houve uma liberação das atividades consideradas domésticas, das funções de reprodução e dos cuidados familiares, ocasionando um acúmulo de atividades nos âmbitos privado/doméstico e público (BELTRÃO et al., 2002).

As contrarreformas da previdência de 1998 e 2003 restringiram os direitos, reforçaram a referência do seguro e reduziram os valores dos benefícios, possibilitando um caminho para as privatizações, além de acarretarem o aumento contínuo dos seguros privados e dos fundos de pensão, segundo Boschetti (2009). Isso levou à ampliação do tempo de trabalho e de contribuição para a obtenção de aposentadorias. As contrarreformas que ocorreram na previdência afetaram diretamente as mulheres. Destarte,

é incontestável que, pelas medidas do projeto da denominada contrarreforma da previdência, as mulheres são as mais afetadas diretamente pela perda de direitos historicamente conquistados. Depois de décadas a fio de implantação de políticas neoliberais por sucessivos governos, o resultado tem sido um profundo desmonte de políticas de assistência social e previdenciárias, retirando direitos e retrocedendo em importantes conquistas para as mulheres trabalhadoras e as demais mulheres em

situação de vulnerabilidade econômica, que necessitam mais diretamente das políticas de proteção social (SIQUEIRA, 2017, p. 77).

Se os governos de Fernando Henrique Cardoso (1998-2002) e de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) promoveram diversos ataques aos direitos previdenciários, o de Dilma Rousseff (2011-2016) trilhou o mesmo caminho de usurpação da previdência social. Com o mesmo discurso de que era preciso realizar cortes e reduzir os gastos diante da crise fiscal da previdência, foram encaminhadas as Medidas Provisórias nº 664 e nº 665, que alteraram a pensão por morte, prejudicando principalmente as viúvas, com a “criação de novas exigências, como o tempo de contribuição de dezoito meses e a convivência marital de pelo menos dois anos para acesso às pensões por morte, as quais, como regra, deixaram de ser vitalícias para todos” (SILVA, 2018, p. 142).

Em 2017, o ilegítimo governo Michel Temer, por meio da Emenda Constitucional nº 287, com a meta de dificultar o direito à aposentadoria e diminuir os valores dos benefícios, apresentou uma proposta que tinha como objetivo o aumento por tempo de contribuição e que poderia atingir as mulheres com um argumento pífio de que seria a sua expectativa de vida maior do que a dos homens. Também, no caso de pensões por morte, houve a imposição de uma escolha por um salário mínimo sem acumulação de outras pensões. A contrarreforma que Temer quis impor traria uma disposição de que mulheres e homens têm que trabalhar mais tempo para adquirir o direito a se aposentar, o que prejudicaria ainda mais a equiparação de direitos entre os sexos e ampliaria a desvantagem e as desigualdades entre os direitos sociais e previdenciários. Para Siqueira (2017), as mulheres seriam as mais atingidas e prejudicadas com a PEC nº 287.

Trata-se de um dos aspectos que diferencia o trabalho das mulheres e dos homens no capitalismo. Mesmo aposentadas, as mulheres permanecem ocupadas em atividades domésticas não remuneradas, são empurradas pela opressão a que estão submetidas ao trabalho doméstico como tarefa “naturalmente feminina”, apesar de ser um trabalho socialmente necessário para a reprodução da força de trabalho, realizado de forma gratuita pelas mulheres da classe trabalhadora. Trabalho cuja jornada não é computada, pois são tarefas intermináveis e repetidas

no cotidiano das famílias, em especial as proletárias, privadas material e culturalmente de importantes acessos ao desenvolvimento de sua consciência política e organizativa. Outro aspecto relacionado aos prejuízos na vida das mulheres se relaciona à discriminação salarial. A contrarreforma da previdência desconsidera que as mulheres inseridas no mercado formal, exercendo as mesmas funções que os homens, recebem bem menos que eles. Quanto ao mercado informal, esta situação é ainda mais grave. A mulher tem uma extenuante carga de trabalho e terá mais dificuldades de se aposentar (p. 80).

As desigualdades sofridas pelas mulheres historicamente só demonstram o quanto isso está presente na atualidade. Elas vêm sofrendo com diversas contrarreformas previdenciárias, desigualdades salariais, acúmulo e aumento da carga de trabalho doméstico. Também vale salientar o quanto os/as trabalhadores/as estão sendo excluídos/as do sistema de seguridade por diversas contrarreformas ocorridas durante os governos que foram passando pelo poder, garantindo, cada um, suas particularidades nos ataques aos direitos.

No tópico a seguir, será discutida a contrarreforma da previdência no governo ultraconservador de Bolsonaro, bem como os impactos que geraram nas vidas das mulheres, que vêm sofrendo constantes ataques, que afetam de forma direta os seus direitos conquistados historicamente.

### **3. Particularidades da contrarreforma da previdência do governo Bolsonaro e os impactos nas vidas das mulheres**

Mesmo antes da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n° 287, aconteceram tentativas de contrarreformas previdenciárias, como aludido anteriormente, que dificultaram o direito à aposentadoria e aos demais benefícios. O retrocesso do sistema previdenciário, que atingiu a classe trabalhadora, tem suas particularidades na reprodução das desigualdades entre os sexos. As mulheres ainda estão na estimativa elevada de desigualdade em relação aos homens. Por exemplo, quando referenciadas no mercado de trabalho, tomando-se por base o ano de 2015, a taxa de participação das mulheres e dos homens nesse mercado era de 55,3% e 77,6%, respectivamente. A população que se encontrava, naquele

período, fora do mercado de trabalho era composta, aproximadamente, por 68% de mulheres (TEIXEIRA, 2017). Ocorreu um envolvimento menor das mulheres nas atividades produtivas, ocupando no mercado de trabalho posições menos valorizadas e remunerações, em média, 28,8% inferiores às dos homens (IBGE, 2008, *apud* DIEESE, 2019).

Como dito, de FHC a Dilma, todas as contrarreformas foram elaboradas com a justificativa de que a previdência é deficitária – falso argumento para alegar seu desmonte e sua privatização, o que atende aos interesses do capital. Mesmo Temer não conseguindo aprovar sua contrarreforma previdenciária, lançou mão da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 241 (ou PEC 55), que estabeleceu o teto de gastos para os próximos 20 anos, com consequências nefastas para as políticas de educação e saúde. Manteve, ainda, o orçamento do exercício anterior (2015), corrigido, apenas, pela inflação daquele ano. De igual efeito, aprovou, também, a reforma trabalhista (Lei nº 13.467/2017), que alterou profunda e regressivamente a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 2017.

Sem ter um viés diferente, a contrarreforma apresentada (e aprovada) pela gestão de Bolsonaro impôs a retirada de mais direitos que foram adquiridos pela classe trabalhadora. Uma das principais ameaças apresentadas pelo atual governo ultraconservador era a implementação de um modelo de previdência privada e capitalizada, proposta sintonizada com as demandas do mercado e do próprio capital – mas que não foi aprovada na proposta original. Nos regimes de previdência organizados em sistemas de capitalização de contribuição definida, os/as trabalhadores/as *aderem* à forma de reserva individualizada (com conta vinculada em seu nome), em que as contribuições feitas deverão, futuramente, ser utilizadas para o pagamento dos proventos de sua aposentadoria. Esses sistemas são gerenciados por entidades/empresas de previdência públicas ou privadas e, em si, a capitalização consiste numa *poupança privada* com altos custos fiscais, gerenciais e administrativos para a sua manutenção, o que acarreta a redução dos valores dos benefícios de aposentadoria da classe trabalhadora e a ampliação das desigualdades de renda. A lógica de repartição coletiva e intergeracional vigente seria substituída pela contribuição meramente individual. Uma futura aprovação do sistema de capitalização da previdência condiciona as mulheres ao empobrecimento, pelo aumento dos cortes nas aposentadorias e nas pensões pelo viés da bancarização dos benefícios. Esse movimento

atrela-se à abertura para mais apropriação do capital do fundo público, garantindo a reprodução e a acumulação dos grandes conglomerados de capitalização. Apesar de não aprovada, o Departamento Intersindical apontou alguns retrocessos na proposta enviada.

A adoção de um regime de capitalização privatizado em contas individuais e com benefícios de contribuição definida suprime características básicas e bem-sucedidas da política de proteção previdenciária de cunho solidário, hoje existente no país. A experiência dos países latino-americanos e do leste europeu que adotaram esse tipo de sistema resultou no aumento da pobreza entre a população idosa, a ponto de impor a necessidade de reforma do modelo. O sistema de contas individuais e mantidas por entidades privadas cria terreno propício para a transferência do gestor da previdência social a bancos e seguradoras, ou seja, para a privatização dessa política social (DIEESE, 2019, p. 6).

Embora tenham ocorrido grandes protestos e mobilizações nacionais contra, a PEC da Reforma da Previdência de Bolsonaro foi aprovada no Senado, por 60 votos favoráveis e 19 contrários. Uma das principais características, com forte impacto para a reprodução das desigualdades de gênero, foi a diminuição da diferença de idade entre homens e mulheres, que era de 5 anos, prevista na Constituição, para apenas 3 anos, com determinação da idade mínima para se aposentar (de 62 anos para as mulheres e de 65 anos para os homens). Sabe-se que muitas mulheres têm até jornadas triplas de trabalho e, em sua maioria, essas atividades não são reconhecidas para fins de cômputo da aposentadoria, reforçando a crítica de Silva (2012), cujo acesso é feito apenas de forma proporcional à contribuição realizada, desconsiderando trajetórias de vida, contextos sociais, condições de classe, gênero, raça/etnia e geração.

Com todas essas contrarreformas, é notório que tais desmontes ocorram para que os recursos que são arrecadados sejam destinados para o pagamento de dívidas públicas junto às instituições bancárias, rentistas e especuladoras, numa tentativa de destruição da seguridade para a expansão do mercado para os bancos e as financeiras, para que sejam ofertados serviços de saúde e previdência de caráter privado – uma verdadeira mercantilização dos direitos sociais. Santos, Graças e Martins

(2019) afirmam que, com a PEC nº 6/2019, os valores da aposentadoria cairão, elevando o tempo de contribuição. O que foi aprovado representa uma enorme restrição de acesso aos direitos previdenciários, com uma perspectiva atuante na esfera financeira.

As mulheres foram bem mais prejudicadas do que os homens: além da elevação da idade mínima para conseguir a aposentadoria, ainda houve a ampliação do tempo de contribuição, assim como a diminuição dos valores beneficiários, pelo fato de que as regras de cálculo também sofreram alterações. Para Salvador (2017), existem formas que podem estimular o aumento das receitas sem limitar o acesso aos direitos sociais. O autor aponta, por exemplo, a tributação sobre as heranças e os patrimônios; a revisão sobre as renúncias tributárias; a limitação das desonerações fiscais etc. A contrarreforma bolsonarista promoveu mudanças significativas que atingiram as mulheres mais diretamente. Quando elas buscarem os benefícios da aposentadoria, uma das consequências pode se pautar pelo comprometimento do valor do benefício por não se atingir o tempo necessário ou, ainda mais danoso, por não se conseguir atingir os requisitos de carência, como afirma Oliveira (2019). As dificuldades para essas trabalhadoras apontam diretamente, segundo a autora, para um retrocesso previdenciário.

Outro ponto aprovado pela contrarreforma vigente: o cálculo do valor da aposentadoria atingiu as mulheres, que terão de contribuir por 35 anos para conseguir 100% do valor do benefício (aumentaram 5 anos), enquanto os homens, por 40 anos. Ao cumprir os requisitos para a aposentadoria, o/a trabalhador/a receberia 60% da média salarial, mais 2% a cada ano a mais de contribuição para além do tempo mínimo obrigatório. O cálculo dos salários será feito entre a média dos 80% maiores salários desde 1994 e descartados os 20% menores. O cerco chegou à pensão por morte, estabelecendo um novo cálculo do valor do benefício: 50% da aposentadoria, mais 10% por dependente, mas não pode ser menor do que um salário mínimo. A mulher tem de lidar diariamente com assédio moral, as duplas e até triplas jornadas de trabalho, muitas vezes a maternidade, o que impacta diretamente a sua saúde mental e física, assim como também o seu desenvolvimento profissional, mesmo tendo direitos garantidos por leis, como a cobertura previdenciária, a cobertura na maternidade, na viuvez e na velhice.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de entender como as contrarreformas influenciaram negativamente a estrutura previdenciária no Brasil, atingindo mulheres e homens, é essencial para perceber os diversos elementos nefastos de um Estado condizente com a lógica capitalista, que procede em finalidades de declínio da classe trabalhadora e de retirada progressiva de seus direitos, particularmente das mulheres. Embora a Constituição de Federal de 1988 tenha garantido e ampliado os direitos sociais, as contrarreformas da seguridade colocaram entraves ao acesso a benefícios e serviços enquanto direitos.

No contexto brasileiro, os direitos previdenciários foram (e são) os mais atacados. A população de trabalhadoras corresponde a uma grande maioria que perde suas garantias para desastrosos ganhos mínimos de direitos, delegando às mulheres um empobrecimento, quando os relacionamos às especificidades de contribuição para a aposentadoria ou outros benefícios. Muitas não têm a garantia de um emprego formal. O empobrecimento massivo se reflete na decadência de um sistema de seguridade, que tem o seu desmonte acentuado no contexto do ultraneoliberalismo<sup>13</sup>. A PEC nº 6/2019 intensificou as intenções do domínio capitalista no Brasil e, quando a previdência foi atingida, as mulheres permaneceram com uma desvantagem e muito distantes da igualdade de direitos (SPARAPANI, 2011).

A partir dos argumentos apresentados, nota-se que as contrarreformas evidenciaram, no cenário brasileiro, o retrocesso para a previdência, particularmente quando relacionadas aos direitos das mulheres, a exemplo das alterações propostas nas regras previdenciárias para o acesso aos benefícios, como a diminuição das diferenças de idade entre

---

13 O termo *ultraneoliberalismo* tem sido apreendido para ratificar a coesão entre neoliberalismo, neofascismo e hiperautoritarismo na contemporaneidade. Representa o acirramento e a expansão do neoliberalismo no contexto da crise do capital, articulando-se e dando fôlego a movimentos e ideologias neofascistas. Expressa-se por meio da exacerbação da “questão social”, denotada pelo desemprego estrutural, por ataques à democracia e por manifestações diversas de violência como elementos constitutivos de sua agenda política e econômica. Por isso, o ultraneoliberalismo e o neofascismo trazem à tona, exprimem, produzem e reproduzem a pregação de ódios, a promoção de uma cultura de violência, fobias e perseguições diversas, em sintonia com um movimento de intensificação da exploração da força de trabalho, de destruição de direitos, de ataques à ciência e de ampliação de desigualdades severas (fome, mortes e pobreza) etc., sustentados pelo militarismo e pelo fundamentalismo religioso. Nas palavras de Cislighi (2021, *on-line*), isso representa, além de uma ressignificação, “um aprofundamento dos pressupostos neoliberais, passando ao que chamamos de ultraneoliberalismo [...]. O neoliberalismo, então, não só sobrevive, mas se radicaliza, descartando cada vez mais os pressupostos da democracia liberal e dos direitos sociais, ainda que mínimos”.

os sexos. A contrarreforma de Bolsonaro, além de atender às demandas do capital financeiro internacional, revelou seu teor patriarcal, machista e misógino, ao atacar as trabalhadoras. Resistir e defender a seguridade pública não contributiva e universal constitui alguns dos imensos desafios postos na agenda política atual. O que resta? A organização e a mobilização política da classe trabalhadora num cenário extremamente desfavorável à luta coletiva e, mais que urgente, a derrota do projeto ultraconservador expresso por este governo. Avancemos em defesa da seguridade brasileira pública universal, não contributiva e protetiva.

## REFERÊNCIAS

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em Contra-Reforma: Desestruturação e perda de direitos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: Fundamentos e história** (Biblioteca Básica de Serviço Social; v. 2). – 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; NOVELLINO, Maria Salet; OLIVEIRA, Francisco Eduardo Barreto de; MEDICI, André Cezar. **Mulher e Previdência Social: Brasil e o mundo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

BOSCHETTI, Ivanete. Seguridade social no Brasil: Conquistas e limites à sua efetivação. In: CFESS/ABEPSS. Conselho Federal de Serviço Social. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Org.). **Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p. 301-322.

BRASIL. Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). **Matriz Teórica-Metodológica do Serviço Social na Previdência Social**. Brasília: MPAS, 1995.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **Contato: Boletim do Servidor [S.I.]**: Ministério do Planejamento, n. 59, ago. 2006. 4 p. Disponível em: <[http://www.servidor.gov.br/publicação/boletim\\_contato/bol\\_contato\\_06/arquivo\\_down/contato59.pdf](http://www.servidor.gov.br/publicação/boletim_contato/bol_contato_06/arquivo_down/contato59.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2021.

CFEMEA. Centro Feminista de Estudos e Assessoria. **As Mulheres na Reforma da Previdência: O desafio da inclusão social**. Brasília: CFEMEA; São Paulo: FES/ILDES, 2003.

CISLAGHI, Juliana Fiúza. Do neoliberalismo de cooptação ao ultraneoliberalismo: Respostas do capital à crise. Parte III: O ultraneoliberalismo e a política dos ressentidos. In: **Esquerda Online**, 08/06/2020. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2020/06/08/do-neoliberalismo-de-cooptacao-ao-ultraneoliberalismo-respostas-do-capital-a-crise/>>. Acesso em: 16 fev. 2022.

CISNE, Mirla. **Serviço Social: Uma profissão de mulheres para mulheres? Uma análise crítica da categoria gênero na história “feminização da profissão”**, 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife: UFPE, 2004.

DELGADO, Guilherme Costa; QUERINO, Ana Carolina; RANGEL, Leonardo; STIVALI, Matheus. **Avaliação de Resultados da Lei do Fator Previdenciário (1999-2004)**. IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas). Brasília: IPEA, fev. 2006.

DEMIER, Felipe Abranches. **O Longo Bonapartismo Brasileiro (1930-1964): Autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário**. Niterói-RJ: UFF, 2012.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **PEC 06/2019: As mulheres, outra vez, na mira da reforma da previdência**. São Paulo: DIEESE, 2019. Nota Técnica 202.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **As Mulheres na Mira da Reforma da Previdência**. São Paulo, 2017. Nota Técnica 171.

FREITAS, Fernanda Rafaela Maia de. **Reforma Previdenciária**. Uma análise da Proposta de Emenda à Constituição nº 06/2019 e seu impacto na vida do trabalhador. Mossoró: UFERSA, 2019.

GONÇALVES, André de Menezes. Contrarreformas da seguridade social no Brasil e os ataques aos direitos da classe trabalhadora. In: **Anais do I Seminário de Política Social e Serviço Social**. Iguatu (CE): IFCE, 2020, p. 12-23.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2017. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?edicao=20164&t=resultados>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LAVINAS, Lena; DAIN, Sulamis. **Proteção Social e Justiça Redistributiva**: Como promover a igualdade de gênero. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/DainLavinaprotecaoSocialGenero.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/DainLavinaprotecaoSocialGenero.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MARRI, Izabel Guimarães. **Reforma da Previdência Social**: Simulações e impactos sobre os diferenciais de gênero. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOTA, Ana Elizabete. **Cultura da Crise e Seguridade Social**: Um estudo sobre as tendências da previdência social brasileira nos anos 80 e 90. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

NETTO, José Paulo. Introdução ao método da teoria social. In: CFESS/ABEPSS. Conselho Federal de Serviço Social. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Org.). **Serviço Social**: Direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009, p. 667- 700.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à Razão Dualista / O Ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, Luara dos Santos. **A Reforma da Previdência e a Emenda Constitucional nº 103/2019**: Uma avaliação crítica sobre os principais impactos da reforma para as seguradas empregadas. Trabalho de Conclusão de Curso. Macaé: UFF, 2019.

PEREZ, Gabriela do Canto; CEZNE, Andrea Nárriman. **Reforma da Previdência Social**: As demandas das mulheres na mira da PEC 6/2019. XVI Seminário Internacional. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/19550>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SALVADOR, Evilasio da Silva. O desmonte do financiamento da seguridade social em contexto de ajuste fiscal. In: **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 130, p. 432-446, set/dez/2017.

SANTOS, Flavia Ferreira dos; GRAÇAS, Shirley Rosana das; MARTINS, Andessa Bruno. As atuais contrarreformas previdenciárias no contexto da restrição dos direitos previdenciários. In: **Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**. Tema: “40 anos de ‘virada’ do Serviço Social”. Brasília (DF), Brasil, de 30 de outubro a 3 de novembro de 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, jul./dez., 1995, p. 71-99.

SILVA, Enid Rocha da; SCHWARZER, Helmut. **Proteção Social, Aposentadorias, Pensões e Gênero no Brasil**. IPEA. Brasília: IPEA, dez. 2002.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. Contrarreforma da previdência social sob o comando do capital financeiro. In: **Serviço Social & Sociedade**, 2018, n. 131, pp. 130-154.

SILVA, Maria Lúcia Lopes da. **Previdência Social no Brasil: (des)estruturação do trabalho e condições para sua universalização**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

SIQUEIRA, Sandra Maria Marinho. A contrarreforma da previdência do governo Temer e os retrocessos na vida das mulheres trabalhadoras. In: **Universo e Sociedade**. Ano XXVII - Nº 60 - julho de 2017. ANDES-SN, 2017, p. 72-85.

SOUSA, Tatiana Raulino de; GONÇALVES, André de Menezes; SANTOS, Ana Beatriz Bandeira dos; VIEIRA, Barbara Michelly da Silva; DANTAS, Laísa dos Santos; ALVES, Milena Barbosa. Família, mulher e política de assistência social: Reflexões necessárias. **Temporalis**, Brasília (DF), ABEPSS, nº 39, p. 86-101, jan./jun. 2020.

SPARAPANI, Priscila. O modelo do estado brasileiro contemporâneo: Um enfoque crítico. In: **Argumentum - Revista de Direito**, n. 12, 2011.

TEIXEIRA, Marilene Oliveira. **O Desmonte da Previdência Social e as Mulheres**, 2017. Disponível em: <<https://plataformapoliticasocial.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/Previdencia-e-as-mulheres.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## Racismo de Estado e eugenia sob a égide neoliberal

*State racism and eugenics under the neoliberal aegis*  
*Racismo de Estado y eugenesia bajo la égida neoliberal*

Simone Sobral Sampaio<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-3452-5414>  
Robson de Oliveira<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0000-0003-3271-4086>

Recebido em: 29/09/2020

Aprovado em: 19/09/2022

**Resumo:** O presente artigo tem como proposta analisar o discurso governamental brasileiro pronunciado pelo então Presidente da República, pelo Ministro da Economia e por assessores, por ser possível identificar nessas marcas o longo processo de constituição da eugenia no Brasil, agora atualizado em tempos da Covid-19. Para isso, vamos nos valer do escopo teórico formulado por Foucault sobre Biopolítica, bem como de autores brasileiros que nos ajudam a formular hipóteses sobre a história da eugenia no Brasil. Por meio disso, entende-se

---

1 Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2003). Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). *E-mail:* <simonessamp@gmail.com>.

2 Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2019). Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail:* <robson.de.oliveira@ufpr.br>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4740853063552868>>.

que a plasticidade da eugenia se adapta à atualidade do neoliberalismo como dispositivo de imunização do mercado, de reorganização da concorrência, de estabelecimento de um “ambiente de negócios”, cuja competitividade não precisa eliminar os mais fracos, pois disso cuida a Covid-19, à medida que ela participa da norma “eugênica” brasileira da erradicação de formas de vida consideradas disgênicas, radicalizada durante a pandemia.

**Palavras-chave:** racismo de Estado; eugenia; Covid-19; Biopolítica; pandemia.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the Brazilian governmental speech pronounced by the then President of the Republic, Minister of Economy and advisers, as it is possible to identify in these marks the long process of constitution of eugenics in Brazil, now updated in the days of Covid-19. To this end, we will rely on the theoretical scope formulated by Foucault on Biopolitics, as well on Brazilian authors who help us to formulate on the history of eugenics in Brazil. Through this it was possible to conclude that the plasticity of eugenics adapts itself in the present time of neoliberalism as a device for immunizing the market, reorganizing competition, establishing a “business environment” whose competitiveness does not need to eliminate the weak, since Covid-19 takes care of it as it participates in the Brazilian “eugenic norm” for the eradication of life forms considered dysgenic, radicalized during the pandemic.

**Keywords:** State racism; eugenics; Covid-19; Biopolitics; pandemic.

**Resumen:** Este artículo tiene como finalidad analizar el discurso gubernamental brasileño, pronunciado por el entonces presidente de la república, el Ministro de Economía y sus asesores, ya que es posible identificar en estos marcos el largo proceso de constitución de la eugenesia en Brasil, ahora actualizado en los días del Covid-19. Para ello, utilizaremos el alcance teórico formulado por Foucault sobre Biopolítica, así como autores brasileños que nos ayudan a formular sobre la historia de la eugenesia en Brasil. A través de ello, se pudo concluir que la plasticidad de la eugenesia se adapta en la actualidad del neoliberalismo como dispositivo para inmunizar el mercado, reorganizar la competencia, establecer un “ambiente empresarial” cuya competitividad no necesita eliminar a los débiles, de eso se ocupa el Covid-19, a medida que participa en la norma “eugénica” brasileña

para la erradicación de formas de vida consideradas disgénicas, radicalizadas durante la pandemia.

**Palabras claves:** racismo de Estado; eugenesia; Covid-19; Biopolítica; pandemia.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é apresentado mais de dois anos após a determinação da Organização Mundial da Saúde (OMS) referente à adoção do distanciamento social devido à pandemia da Covid-19, em março de 2020 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Desde os primeiros meses da eclosão da Covid-19 e antes mesmo da declaração do quadro pandêmico, o posicionamento público do governo brasileiro produziu inúmeras instabilidades institucionais, que vão desde a política social – em especial, a política de saúde – até as políticas econômicas e ambientais.

Intranquilidade e incerteza povoaram e povoam o sentimento geral diante das ingerências do Governo Federal. Dentre elas, menciona-se a importante reunião ministerial – ocorrida em 22 de abril de 2020 – que tinha como propósito apresentar um plano de retomada da economia, chamado de “Pró-Brasil”. Na gravação da reunião, cujo conteúdo foi divulgado por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF), é evidenciada a ausência de um plano de resposta à pandemia, sendo que as parcas menções à doença e à crise sanitária envolveram, por exemplo, orientações vindas do presidente para deturpar informações e para sugerir que as causas das mortes fossem registradas como doenças crônicas, obliterando os efeitos devastadores da Covid-19 (BREDA, 2021).

A referida reunião condensa a direção do Governo Federal sobre o que fazer diante de uma crise sanitária, somada a uma crise econômica, mostrando-se – na sua vulgaridade – concepções eugenistas de naturalização da pandemia e justificativas para deixar milhões de pessoas morrerem.

Como observatório analítico para se entender a postura – ou deveríamos dizer impostura – governamental, o percurso apresentado no presente artigo parte das análises foucaultianas sobre o biopoder. Tal escolha analítica deve-se por permitir aliar conceitos sobre o Estado, o racismo e a economia neoliberal. As relações de poder cuja marca é

o racismo organizam formas de saber como se origina a eugenia, cuja influência historicamente se deu em diferentes esferas, como a educação, a saúde, a criminologia e a antropologia, entre outras.

A formação social brasileira tem no eugenismo uma de suas marcas como tessitura da violência social (STEPAN, 2005). Ao mesmo tempo, a concepção eugênica se atualiza na contemporaneidade por meio de ações que objetivam a apropriação do capital genético de povos específicos (TIERNEY, 2002; CUNHA, 2003) e a manipulação genética na produção de seres humanos “superiores” (ZUBOFF, 2020). Trata-se de um resgate dos valores eugênicos outrora perpetuados por essa ciência racista entre o final do século XIX e o início do XX, mas agora utilizando-se de outras nomenclaturas e estratégias. Em síntese, essa racionalidade assenta-se na intersecção com o capitalismo em formatação neoliberal, seja abertamente no discurso genético, com a promessa de formar seres humanos melhores ou com a ideia do capital humano, de modo a permitir vislumbrar em quais corpos deverão ser investidos e quais devem ser considerados nas decisões governamentais e na ação do mercado.

Por tal razão, este artigo inicialmente apresenta a racionalidade racista que organiza o Estado moderno, por meio da história e da presença da eugenia no Brasil, para assim ilustrar como o referido discurso modula na contemporaneidade a política brasileira e suas escolhas em plena pandemia da Covid-19. A sofisticação presente na racionalidade eugênica dialoga ainda com o aprimoramento do patrimônio genético e com a fantasmagoria neoliberal do capital humano, que definem quais são os corpos indesejáveis e de quais maneiras deve-se assegurar ao mercado a primazia em torno das decisões acerca de quais vidas devem prosperar e quais devem ser expostas à morte.

## **1. Racismo de Estado e eugenia na constituição do Brasil**

A constituição da “razão de Estado” moderna se deu na articulação de saberes e de tecnologias de poder suficientes ao fortalecimento do Estado. Por meio da segurança e da economia política, organiza-se o edifício do biopoder, isto é, relações de poder em que a vida é manipulável por meio de dispositivos e tecnologias diversas. Nas palavras de Foucault, “(...) o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais

vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 3).

É a partir do século XIX que as características fundamentais e constituintes dos povos que compunham os territórios colonizados requisitaram dos invasores europeus a elaboração de demarcadores no interior da população por meio da origem, do fenótipo ou da etnia. Almeida (2019) denomina esse movimento histórico, típicos dos países colonizados, como um processo de racialização, o que teria fornecido às classes dirigentes uma espécie de hierarquização das raças. Dentre suas funções à “razão de Estado”, o racismo permitiu estabelecer censuras do tipo biológico e subdividir a população, fragmentá-la em sua constituição, sempre apoiada, para isso, no biopoder. Outra função do racismo foi permitir uma relação positiva com a morte do outro, da raça inferior, da ameaça biológica, para assim assegurar a sobrevivência dos melhores exemplares da espécie, para o fortalecimento e a purificação de uma “raça superior”. Dessa maneira, constitui-se o que Foucault (1999) denominou como racismo de Estado no interior das relações do biopoder. Tal forma de racismo é o que permitirá a um tipo de poder, apoiado no primado do “fazer viver e deixar morrer”, fomentar e expor de inúmeras formas a morte de determinado segmento, ou seja, “a raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização apoiada no biopoder” (FOUCAULT, 1999, p. 306).

É a partir do século XIX que o racismo científico, enquanto um dos componentes centrais à “razão de Estado” moderna, constituído no longo processo de estatização do biológico, irá explicar e justificar a colonização de territórios e a dominação de povos autóctones pela Europa (STEPAN, 2005).

Para o desenvolvimento dessa racionalidade, o evolucionismo foi um componente central, já que, por meio de suas gradações, da hierarquia das espécies, da luta pela sobrevivência e da eliminação dos menos aptos, ofertou estratégias de poder herdadas das práticas colonialistas com um gabarito de inteligibilidade com premissas biologizantes que justificavam a superioridade do caucasiano europeu sobre os demais (SCHWARCZ, 1993).

Da produção de justificativas ao genocídio, à punição da criminalidade, à explicação da loucura e às diferenças entre as classes sociais, toda a compreensão da vida – ao adentrar no campo político

entre o século XIX e o início do XX – foi atravessada pela modalidade do racismo de Estado. “O racismo vai se desenvolver *primo* com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador” (FOUCAULT, 1999, p. 307). Por meio da racionalidade evolucionista, o racismo de Estado inflige um corte que justifica as diferenças e as maneiras de suprimir as formas de vida em conflito com um ideal de superioridade racial.

Tal racionalidade racista teve na teoria da degenerescência um dos principais pontos de irradiação. Trata-se de uma teoria que se apoiava no princípio da transmissibilidade da tara “hereditária”<sup>3</sup>, que serviu como núcleo de um saber médico voltado à decifração da loucura e da anormalidade desde a segunda metade do século XIX. Foi uma proposta que rapidamente passou a influir na medicina legal e teve efeitos propulsores consideráveis para a eugenia, influenciando toda uma tradição literária, criminológica e antropológica (STEPAN, 2005).

A eugenia é, sucintamente, a ciência do aperfeiçoamento racial, um tipo de racionalidade racista que foi consolidado entre diversos países da Europa, da África e da América entre o final do século XIX e o início do século XX. Um tipo de teoria que propõe um conjunto de ações interventivas para o refinamento dos genes da raça humana. A eugenia sustenta-se na supremacia de um discurso racista dirigido aos inimigos externos da nação e aos inimigos internos que ameaçam o esplendor do Estado (STEPAN, 2005). Sua presença entre os países, suas práticas e suas propostas variam muito; todavia, é possível afirmar que os países colonizados, submetidos ao que Gorender (2016) define como *escravismo colonial*, detiveram características eugênicas específicas, voltadas à justificativa da superioridade do caucasiano europeu sobre os descendentes dos africanos escravizados, os povos autóctones e os imigrantes asiáticos.

Os europeus e seus descendentes, na condição de elites nos territórios colonizados – ou de passado colonizador –, encontraram nas explicações oferecidas pela eugenia a maneira de legitimar cientificamente

---

3 Teoria que tem em Bénédicte-Augustin Morel (1809–1873) um de seus principais precursores, ao defender a tese de que certas doenças eram transmitidas não apenas por agentes externos, pois reconhecia a predisposição hereditária de perturbação das funções psíquicas de certos indivíduos por meio de uma “constituição cerebral” anormal, a partir de sua origem (ascendência) ou raça. Trata-se de uma predisposição que seria identificável desde o nascimento por suas “anomalias” nas esferas da inteligência, dos sentimentos, dos instintos, isolada ou conjuntamente. Na grande maioria das vezes, os predispostos com degenerescência o são por acumulação de taras hereditárias, mas podem chegar a tal estado também pela ação de agentes etiológicos potentes, por enfermidades como varíola, rubéola, febre tifoide, doenças fetais e traumatismos que atuam no período de desenvolvimento cerebral do indivíduo (COSTA, 1989).

o que era considerado, até então, como mera superioridade divina delegada ao europeu. Naquele momento histórico, a eugenia ratificou como uma premissa discursivamente científica um conjunto de preconceitos e, ao mesmo tempo, identificava no inimigo interno os perigos de uma raça já debilitada no interior da nação e que enfraquecia o Estado (STEPAN, 2005).

O racismo científico, cujos substratos teóricos e políticos encontraram, na eugenia, meios para a sua legitimação e disseminação, compõe discursos que servem à dominação econômica, política, social e cultural. Teorias com um princípio hierárquico que define os mais fortes, os mais aptos e os superiores, classificando determinada “raça” como fraca, inapta e inferior, cujos traços marcantes eram vistos na “origem”, tendo a “preguiça” e a “indisciplina” como motivos para o seu atraso. Trata-se de um discurso científico que, ao sustentar o preconceito racial, termina por assegurar e justificar a desigualdade social reinante. Tomado como superior, o “branco” serviu como solução empregada, isto é, a política do embranquecimento foi utilizada como mecanismo de correção da degeneração representada pelos afrodescendentes, pelos povos autóctones e asiáticos e, especificamente, no interior da própria Europa, de modo que dentre os efeitos do discurso da superioridade ariana está o advento do holocausto durante a Segunda Guerra Mundial.

Somente no século XIX, a partir do momento em que se constituiu um racismo de Estado, no momento em que o Estado teve de aparecer, de funcionar e de se mostrar como o que assegura a integridade e a pureza da raça, contra a raça ou as raças que o infiltram, que introduzem em seu corpo elementos nocivos e que é preciso, conseqüentemente, expulsar por razões que são de ordem política e biológica ao mesmo tempo. Foi nesse momento que o antissemitismo se desenvolveu, retomando, utilizando, extraindo da velha forma do antissemitismo toda uma energia e toda uma mitologia que não haviam sido, até então, utilizadas na análise política da guerra interna, da guerra social. Naquele momento, os judeus pareceram ser – e foram descritos como –, a um só tempo, a raça presente no meio de todas as raças e aquela cujo caráter biologicamente perigoso reclama, da parte do Estado, certo número de mecanismos de recusa e de exclusão (FOUCAULT, 1999, p. 101).

Em suma, propunha-se a administração científica e “racional” da espécie humana, ao se introduzirem ideias inovadoras e polêmicas nas áreas social e política, o que inclui a seleção social deliberada dos indivíduos considerados disgênicos, com os meios para impedir a sua reprodução e, no limite, para a eliminação de raças consideradas inferiores.

No Brasil, a eugenia angariou o apoio de cientistas, intelectuais, políticos e de parte da população, com propostas de melhoria da composição hereditária, ao encorajar a reprodução de sua estirpe aos indivíduos e grupos julgados adequados e ao defender que os inadequados não transmitissem seus genes e sua fealdade às gerações futuras. A eugenia compareceu no processo de modernização das primeiras faculdades de medicina e de direito (cf. SCHWARCZ, 1993), no discurso psiquiátrico racista produzido pela Liga Brasileira de Higiene Mental (cf. COSTA, 1989), no âmbito da literatura e das artes – cujo exemplo mais influente é Monteiro Lobato (cf. MOTA, 2003) – e, principalmente, no âmbito da educação, pois a eugenia também foi incluída como disciplina obrigatória na formação de crianças e adolescentes (cf. DÁVILA, 2006).

É importante observar que os pressupostos da eugenia tinham uma intersecção com distintas políticas públicas. Um bom exemplo é a política educacional, pois o médico Miguel Couto ocupou tanto a presidência da Associação Brasileira da Educação como esteve na idealização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Nas atas do evento, pode-se observar que a educação ‘cumpre valioso papel ao progresso humano, de modo a evitar a proliferação de pessoas degeneradas’<sup>4</sup> (COSTA, 1989).

As diversas perspectivas sobre a eugenia adotadas no Brasil apoiavam-se em reflexões científicas amplamente difundidas em países como Estados Unidos e França. Essa proximidade com perspectivas eugênicas difundidas em outros países é coerente não apenas com o perfil colonizador do país – e daí decorreu o seu compartilhamento com tendências norte-americanas (STEPAN, 2005) –, mas também com a influência que os intelectuais franceses tiveram sobre os intelectuais percussores dessas teorias (tais como Renato Kehl) e com a constituição das primeiras faculdades no Brasil (SCHWARCZ, 1993).

---

4 Isso decorria principalmente do perfil das políticas e das ações eugênicas levadas a cabo pelo poder público no Brasil no período. Tratava-se de um perfil de eugenia negativo, ou seja, oficialmente não elaborava propostas que intervissem diretamente sobre o corpo da população, tais como a esterilização, pois a educação se constituía como um campo fértil para a proliferação de concepções eugênicas de superioridade racial, somadas a ideias oriundas do sanitarismo e do higienismo (STEPAN, 2005).

Na diversidade de indicações colhidas sobre a eugenia em nosso país, seu eixo norteador era o de organizar suas assertivas por meio da teoria da degenerescência, aproximando-a do higienismo e do sanitarismo.

Nas últimas décadas do século XIX, a ideia da eugenia emergiu em muitas áreas da América Latina como parte dos debates sobre evolução, degeneração, progresso e civilização. Seu desenvolvimento mais sistemático, no entanto, surgiu depois da Primeira Guerra Mundial, com o estabelecimento de sociedades e organizações eugênicas específicas. A partir de então, a eugenia tocou ou influenciou a história da medicina, da família, da maternidade, da população, da criminologia, da saúde pública e do bem-estar social. Muitos esforços legislativos referentes à reprodução humana, ao controle das doenças e à regulamentação da imigração para a América Latina somente podem ser integralmente entendidos se levarmos em conta os conceitos eugênicos, que, no mínimo, deram-lhes estrutura retórica e embasamento médico-moral. A eugenia foi importante porque ocupou o espaço cultural no qual se deu a interpretação social, porque articulou novas e poderosas imagens da saúde como questão de hereditariedade e raça (STEPAN, 2005, p. 15).

Podemos utilizar como marcador temporal do eugenismo na realidade brasileira a Sociedade Eugênica do Brasil – a primeira da América Latina –, fundada por Renato Kehl, em 1918, em São Paulo, bem como a data de 1929, quando houve o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, que teve, dentre os seus objetivos, a finalidade de compreender o “tipo brasileiro”, o lugar qualitativo da mestiçagem na sua composição (STEPAN, 2005). A questão posta circulava entre os que argumentavam a favor do purismo e aqueles que se colocavam a favor da mestiçagem, sendo que, em ambos, se observa a racialização como eixo fundamental ao estabelecimento de hierarquizações na compreensão do “brasileiro”.

Os intelectuais e políticos que se apropriavam da racionalidade eugênica se deparavam com o dilema da miscigenação no país. Dessa maneira, a “purificação”, ainda que imprescindível, poderia se apoiar no elogio à mestiçagem (cujos defensores mais célebres foram Sílvio Romero e Oliveira Viana) ou na sua condenação (tendo Renato Kehl como o

principal porta-voz). Tratava-se de definir se a miscigenação serviria para fortificar a raça ou, pelo contrário, para degenerá-la, a fim de cumprir o ideal de homogeneização da raça, para garantir o melhoramento da espécie, incentivando o “encontro de raças” ou condenando a miscigenação.

O final do século XIX atravessou mudanças radicais, com a Abolição da Escravatura, mas com os efeitos de uma alforria que não fomentou condições para a inserção do negro como trabalhador livre. Somado a isso, ocorreu a chegada dos imigrantes europeus, com compreensões muito mais avançadas sobre a condição de trabalhador livre e de constituição da classe trabalhadora. Esses componentes alocados na constituição da classe trabalhadora no Brasil contribuíram para o fomento de um discurso racista tanto sobre os negros (a embriaguez, a recusa ao trabalho e as perversões sexuais) quanto sobre os imigrantes (com a identificação de tipos de má origem e índole ruim, tais como: “os japoneses são insolúveis como o enxofre”, “os italianos são comunistas” e “os judeus são parasitas”) (COSTA, 1989).

Em síntese, no caso brasileiro, o racismo é o mecanismo central e a eugenia foi a justificativa para que as elites políticas e intelectuais, entre o final do século XIX e o início do século XX, defendessem uma hierarquia racial, que teria sua encarnação mais “amena”, décadas depois, na concepção de uma “democracia racial” em nosso país. Passado mais de um século da fundação da Sociedade Eugênica no Brasil, o que temos contemporaneamente é um cenário em que o discurso e a prática do Governo Federal brasileiro, ao buscar ofertar respostas à ameaça de um agente patogênico, encontram mais do que eco, mas um tipo de influência direta da racionalidade eugênica em sua relação racista e de banalização da morte de determinada população.

## **2. A racionalidade eugênica no discurso governamental contemporâneo**

A importância da medicina em tempos de pandemia é incontornável, já que “[...] é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 1999, p. 302). Dessa maneira, se a importância do discurso médico diante da pandemia da Covid-19 é

ponto pacífico, trata-se de entender de que ordem é o discurso médico que atravessa a fala presidencial: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (BOLSONARO, *apud* BREDA, 2021, p. 47), disse Jair Bolsonaro, ao ser questionado sobre a escalada da quantidade de mortes pela Covid-19, no dia 28 de abril de 2020. Ainda na mesma entrevista, depois de confirmar que ela estava sendo gravada, o presidente afirmou:

Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram *peessoas idosas [sic] [grifo nosso]*. [...] É o que eu digo para vocês: o vírus vai atingir 70% da população. Infelizmente, é a realidade. Mortes vão *[sic]* haver. Ninguém nunca negou que haveria mortes (BOLSONARO, *apud* BREDA, 2021, p. 47).

Seguindo o mesmo raciocínio: “É uma neurose. 70% [da população] vai pegar o vírus” (BOLSONARO, *apud* BREDA, 2021, p. 65), disse o presidente, em passeio de *jet ski*, aos tripulantes de um barco, no dia 9 de maio de 2020. No dia 26 de março de 2020, em mais um encontro fortuito com seguidores e repórteres, ele já havia declarado:

Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda *[sic]* a não proliferar isso daí [...]. A quarentena vertical tem que começar pela própria família. O brasileiro tem que aprender a cuidar dele mesmo, pô (BOLSONARO, *apud* BREDA, 2021, p. 43).

Os pronunciamentos manifestam uma concepção acerca da população que sugere um tipo de “imunização”, como resultado da falta de saneamento e higiene, quando o presidente afirma que os brasileiros seriam resistentes ao vírus, pois estariam acostumados a conviver com esgotos, de modo que cada um deveria cuidar de si próprio, ou seja, portanto, sem contar com o poder público. E, ao final, busca a desresponsabilização, a desregulação e a justificativa pela omissão do poder público nas demandas emergentes da pandemia, visto que caberia às famílias – e não ao Estado – a busca por alternativas para a

sua sobrevivência. Na ausência do poder público no que se refere ao atendimento, à assistência e à vigilância, a quem caberia essa função? Na concepção “necroliberal” do presidente, exclusivamente ao mercado.

Nesse sentido, é subjacente à fala presidencial não um discurso antimedicina, mas um discurso médico amparado na eugenia. Em entrevista concedida à TV Cultura em 11 de maio de 2020, o médico Arnaldo Lichtenstein, diretor do Hospital das Clínicas, afirma que a postura presidencial, ao minimizar a gravidade da Covid-19,

[...] não é um negacionismo da ciência isso, é uma linha de raciocínio muito diferente e cruel. Sabe-se que quando 70% das pessoas pegarem a doença, o vírus arrefece, não é preciso parar a economia. Os idosos em sua maioria vão morrer, os doentes também, e vão ficar os jovens e atletas. Isso se chama eugenia. Lembre-se de que o sistema político mundial usava isso (LICHTENSTEIN, 2020, recurso *on-line*).

O flagrante desprezo à população brasileira – como se, ao já estar “acostumada” com as péssimas condições sanitárias, suportaria o vírus – inferioriza-a, ao afirmar que ela não necessitava de cuidados. Trata-se de um elemento que dialoga com um aspecto importante da sofisticação dos discursos médicos, qual seja, a qualidade dos genes de uma população. O discurso presidencial, ao sugerir que a população brasileira tinha anticorpos para o enfrentamento da pandemia, em virtude da falta de saneamento e de higiene, embora tosco, repercute por partir de uma importante figura pública e reverbera na compreensão da população sobre a Covid-19 e sobre os efeitos da pandemia.

Por tal razão, a fim de apresentar a configuração da eugenia na atualidade, os efeitos da omissão do poder público e o direcionamento das respostas às demandas da população pela via exclusiva do mercado, abordaremos a seguir a relação entre o racismo, o neoliberalismo e o capital humano.

### **3. A eugenia e o seu legado contemporâneo**

Há contemporaneamente um modo de emersão do discurso eugênico que se dá pelos projetos de aperfeiçoamento individual e pelas

formas de manipulação do material genético, de maneira que, também, precisa ser compreendido para entendermos os efeitos da naturalização dos discursos eugenistas como os proferidos pelo presidente.

Em verdade, certos discursos médicos recentes, embora possuam tais premissas, procuram dissociar a eugenia do autoritarismo e do totalitarismo, práticas que se disseminaram no século XX e que possuíam nesse ramo da ciência um apelo e um projeto societário inegável. As práticas contemporâneas da ciência que lidam com a temática do aperfeiçoamento genético, inclusive, evitam utilizar o termo “eugenia” e outras práticas racistas, que despertam reações negativas em virtude do legado que possuem, tais como a pseudociência da frenologia, a criminologia racista de Lombroso e a antropologia criminal de Nina Rodrigues (ZUBOFF, 2020).

Atualmente, a eugenia comparece com outra nomenclatura, projetos e práticas, mas a defesa do refinamento da raça, aqui tratada como “genes humanos”, permanece. Um dos principais exemplos é a forma como a manipulação genética é apresentada como aceitável, desde que seu uso seja limitado e com protocolos com comprovada justificativa à garantia do progresso. Nesse sentido, é emblemático o discurso dos cientistas vinculados ao projeto de sequenciamento do DNA da espécie humana: “Será um passo filosófico muito importante na história de nossa espécie. Estamos indo da leitura do nosso código genético para a capacidade de escrevê-lo. Isso nos dá a capacidade hipotética de fazer coisas jamais contempladas”, afirma Craig Venter (O GLOBO ON-LINE, 2007). O que esse cientista está afirmando é a possibilidade de um eugenismo “positivo” de melhoramento da espécie como recurso louvável, desde que tenha justificativa moral. Nesse sentido, os inúmeros progressos técnicos apresentados coadunam com a eugenia como mecanismo que assegura a produção de uma melhor descendência.

O projeto de sequenciamento do genoma humano organiza uma considerável rede de universidades e centros de pesquisa, bem como empresas privadas de biotecnologia e farmacologia. Tem-se a proposta de estudos para o aperfeiçoamento humano, o combate a doenças e a produção de medicamentos que requisitam o sequenciamento do genoma humano para a sua consecução (ZUBOFF, 2020). Além disso, ao mesmo tempo, constata-se uma discussão sobre questões éticas que envolvem a coleta de material genético por parte de entidades públicas e empresas privadas (TIERNEY, 2002).

Para estudiosos da bioética, as lutas pelos direitos humanos em nosso século deverão ser permeadas pelo lema “nossos genes nos pertencem”. Como exemplos das lutas já desencadeadas em virtude disso, temos o patenteamento do DNA de autóctones nos Estados Unidos (na década de 1990, para o desenvolvimento de remédios contra a leucemia), assim como a comercialização do DNA de autóctones brasileiros (também na década de 1990, pela empresa norte-americana Coriell Cell) e a apropriação de todo o material genético da população da Islândia pelo governo (para a venda à empresa norte-americana De-Code, em 2000). São alguns exemplos da maneira como a apropriação da racionalidade eugênica assume novas configurações em virtude da complexificação e dos avanços da ciência, bem como de seus estudos sobre a raça (CUNHA, 2003).

No caso dessas populações, em específico, a atenção se volta a elas em virtude do grau de isolamento e homogeneidade do seu material genético, o que torna mais viável o sequenciamento. Todavia, no caso dos povos originários, além do histórico colonizador e da difusão de doenças pelos europeus, que teria contribuído à gigantesca dizimação desses povos ao longo dos séculos, há ainda registros de experimentos realizados que expuseram populações inteiras ao risco de morte, em nome do aperfeiçoamento genético. Como exemplo, cita-se a empreitada do geneticista James Neel e do antropólogo Napoleon Chagnon, que – em visita às aldeias Yanomami em 1968, na Venezuela – teriam disseminado intencionalmente sarampo entre os indígenas para a coleta de provas sobre a superioridade genética dessa etnia (TIERNEY, 2002).

O estudo do sequenciamento do genoma humano envolve ainda biopirataria, exposição ao risco de contaminação de etnias e apropriação, tanto pública quanto privada, do que podemos denominar como patrimônio genético. Acreditar que essa coleta seja segura por estar atrelada a uma universidade e a centros de pesquisa ou que ela seja necessária, em virtude do progresso, constitui uma postura ingênua, pois as relações entre o público e o privado são complexas quando se trata de setores que dependem de financiamento do setor privado. Basta lembrar que, em muitos casos, os estudos e as pesquisas objetivam a produção de medicamentos, vinculando-os diretamente à indústria farmacêutica, que é massivamente privada. Sendo os Estados Unidos um dos principais centros difusores dessas pesquisas, é necessário ressaltar ainda a gestão público-privada das universidades e dos centros de pesquisa. Um exemplo

disso é a empresa norte-americana Celera Genomics Corporation, que – com um investimento aproximado de US\$ 2 bilhões em pesquisas com o genoma humano – possuía, no início dos anos 2000, mais de 6 mil pedidos provisórios de patentes de genes (CUNHA, 2003).

Em 1979, em sua análise sobre o neoliberalismo, Foucault argumentou que a genética cumpriria um importante papel na constituição do *homo economicus*. Os cálculos econômicos concernentes àquilo que os neoliberais denominam de “capital humano” – que, em síntese, seria a maneira de compreender a conduta econômica dos indivíduos ao decompor suas potencialidades entre capital, competência e renda – perfazem a sua composição entre elementos inatos e elementos adquiridos. No espectro dos elementos inatos, as análises no campo da hereditariedade investigam a ascendência dos indivíduos, a constituição de um bom equipamento genético.

Em outras palavras, um dos interesses atuais da aplicação da genética às populações humanas é possibilitar reconhecer os indivíduos de risco e o tipo de risco que os indivíduos correm ao longo da sua existência. Vocês me dirão: também nesse caso não podemos fazer nada, [pois] nossos pais nos fizeram assim. Sim, claro, mas, a partir do momento em que se pode estabelecer quais são os indivíduos de risco e quais são os riscos para que a união de indivíduos de risco produza um indivíduo que terá esta ou aquela característica quanto ao risco de que será portador, pode-se perfeitamente imaginar o seguinte: que os bons equipamentos genéticos – isto é, [os] que poderão produzir indivíduos de baixo risco ou cujo grau de risco não será nocivo nem para eles, nem para os seus, nem para a sociedade –, esses bons equipamentos genéticos vão se tornar certamente uma coisa rara e, na medida em que será uma coisa rara, poderão perfeitamente [entrar], e será perfeitamente normal que entrem, em circuitos ou em cálculos econômicos, isto é, em opções alternativas (FOUCAULT, 2008b, p. 313).

O que Foucault está nos explicando é que o problema político da genética ganha atualidade e interferência direta de seu próprio tempo. Para os neoliberais, seria o problema da melhoria genética do capital humano. Os discursos promissores e animadores sobre os benefícios da melhoria genética, sobre o ‘véu sedutor do aperfeiçoamento da condição humana’, modulam como horizonte a hipótese de um determinado

corpo como resultado de uma engenharia que deixa, no ‘subterrâneo’, corpos indesejáveis, cujos efeitos racistas são facilmente previsíveis.

Nesse caso, a eugenia é o mais fiel possível à sua etimologia: a origem da palavra vem do grego e significa “nascer bem”. A engenharia genética caminha a passos largos para assegurar a criação de seres humanos cada vez mais eugênicos, apoiados em padrões pré-estabelecidos de um ideal de saúde e beleza. O caminho que pavimenta isso contemporaneamente não é apenas apoiado nos experimentos e na manipulação genética de etnias específicas. Talvez ainda não estejamos elaborando as questões de forma adequada; afinal, em uma sociedade organizada sob a égide neoliberal, em que a condição de cidadão é suplantada pela condição de consumidor, o que significa para os cientistas, os engenheiros genéticos e, principalmente, para as empresas financiadoras dessas empreitadas a composição de seres humanos geneticamente melhores? A questão que se deveria colocar, então, não é se devemos fabricar seres humanos geneticamente superiores, mas sim quem não deverá ser produzido pela engenharia genética do porvir.

Como dito, a racionalidade eugênica, expressa por meio da manipulação genética, assume uma roupagem mais sofisticada, mas em seu cerne jamais poderá deixar de defender a reprodução dos ditos eugênicos e a eliminação dos disgênicos. Entre as décadas de 1930 e 1970, em diversos países do mundo, onde a eugenia se tornou política pública de saúde e social, a tática mais comum era a esterilização dos disgênicos, o impedimento da reprodução dos considerados torpes ou indesejados<sup>5</sup> (STEPAN, 2005).

No caso do Brasil, a hipótese eugênica de que os jovens e os fortes sobreviverão – que comparece no discurso governamental e de parte significativa do empresariado – se propõe à erradicação das

---

5 Um exemplo disso é a lei eugênica de Veracruz, no México, que foi redigida por um sociólogo e economista e elaborada sobre os auspícios da Sociedade Mexicana de Eugenia, em 1932. “Pela nova lei, a esterilização eugênica deveria tornar-se um dos aspectos de um novo serviço dentro do Departamento de Saúde do Estado, a ser denominado Seção de Eugenia e Higiene Mental. O serviço deveria concentrar-se na hereditariedade, na criminalidade, na prostituição, no alcoolismo e na condição mental das crianças. [...] O controle de natalidade foi legalizado poque a classe média e as classes “desejáveis” estavam recorrendo aos contraceptivos e, por conseguinte, não estavam se reproduzindo, enquanto as classes mais baixas, “menos desejáveis”, reproduziam-se em excesso, provocando a degeneração da raça mexicana. A nova lei, afirmava-se, colocaria o controle da natalidade ao alcance de todos, com resultados positivos para o aprimoramento eugênico” (STEPAN, 2005, p. 139). No caso brasileiro, a estratégia de esterilização nunca foi “legalizada”, o que nunca foi um óbice para a adoção dessas estratégias. Provas disso são os amplos relatos sobre as estratégias levadas a cabo por iniciativas nacionais e internacionais contra as mulheres autóctones, conforme foram detalhadamente apresentados por Tierney (2002), Galeano (2011) e Kopenawa e Albert (2015).

vidas “disgênicas” em busca da melhoria e do refinamento do material genético da população brasileira. Não por manipulação genética, mas por “seleção natural”, ofertada oportunamente pela Covid-19, ou seja, genocídio travestido de “sobrevivência do mais forte”, racismo estrutural, cujos efeitos mais devastadores foram sentidos pela classe trabalhadora.

#### **4. A sociedade de normalização neoliberal: de olho no capital humano**

Na aula de 14 de fevereiro de 1979, do curso “Nascimento da Biopolítica”, Foucault nos explica que o problema do neoliberalismo é compor uma forma de regulação do poder político global parametrizada nos princípios fundamentais de uma economia de mercado. “Não se trata, portanto, de liberar um espaço vazio, mas de relacionar, de referir, de projetar numa arte geral de governar os princípios formais de uma economia de mercado” (FOUCAULT, 2008b, p. 181). Isso quer dizer que o neoliberalismo, na interpretação do filósofo, é uma arte de governar baseada em uma vigilância permanente, com um Estado incisivo na regulação perfeita da concorrência desejada pelos neoliberais, em que os indivíduos devem ter a liberdade de escolher. Advém daí a ojeriza produzida em relação aos direitos sociais, como se fossem restritivos e limitadores da autonomia individual. No neoliberalismo, a cidadania é dada pelo consumo.

A racionalidade neoliberal, atravessada por teorias científicas e apoiada em modelos econômicos cuja austeridade fiscal para tudo o que se destine aos direitos sociais é seu principal suporte, organiza uma normatividade que hierarquiza, em nome da fortificação do mercado, sua matéria suprema, servindo como referência maior na definição de quais vidas devem prosperar e quais devem ser eliminadas<sup>6</sup>. Conforme Almeida, Batista e Rossi (2020), a austeridade é racista.

Como fenômeno estrutural, o racismo está presente e naturalizado nas instituições econômicas. Na política fiscal, isso pode ser identificado a partir de seu impacto sobre a desigualdade social, medida tanto pela renda quanto pelo acesso a serviços públicos, exercidos pelo

---

6 Sobre a austeridade fiscal e seu impacto sobre a sociedade, principalmente a partir da ascensão do modelo neoliberal de governo, sugere-se a leitura de Blyth (2020).

lado da tributação e do gasto público. A política fiscal pode reduzir ou aumentar as desigualdades raciais, pode contribuir para a garantia de direitos ou para a violação dos mesmos. No Brasil, a política fiscal contribui para o aumento das desigualdades pelo lado da tributação e para a redução dessas desigualdades pelo lado do gasto público, especialmente os gastos sociais. Não obstante, o programa de austeridade não visa transformações pelo lado da arrecadação, mas busca reduzir justamente o lado que contribui para a redução das desigualdades e que beneficia proporcionalmente mais a população negra (ALMEIDA; BATISTA; ROSSI, 2020, p. 146-147).

No que se refere à relação do neoliberalismo com o mercado, Foucault (2008b, p. 199) analisa a intervenção desse modelo de gestão da vida em todos os espaços da sociedade, por meio de seu principal regulador: o mercado. Ao contrário de uma relação que se quer separada do Estado, independente, o mercado no neoliberalismo se traduz como a única modulação possível na regência tanto das práticas governamentais quanto de outras esferas da vida social.

O governo neoliberal não tem de corrigir os efeitos destruidores do mercado sobre a sociedade. Ele não tem de constituir, de certo modo, um contraponto ou um anteparo entre a sociedade e os processos econômicos. Ele tem de intervir sobre a própria sociedade em sua trama e em sua espessura. No fundo, ele tem de intervir nesta sociedade para que os mecanismos concorrenciais, a cada instante e em cada ponto da espessura social, possam ter o papel de reguladores – e é nisso que a sua intervenção vai possibilitar o que é seu objetivo: a constituição de um regulador de mercado geral da sociedade (FOUCAULT, 2008b, p. 199).

É como se o lema do governo atual devesse ser “o mercado acima de todos”. A curiosa intervenção do Estado se dá justamente por um processo seletivo de rentabilidade alcançável pelos indivíduos. As vidas negociáveis e as que não possuem saldo se estabelecem como indicadores satisfatórios para a definição de como o Estado deve se comportar. Os negócios que se mostram lucrativos devem prosperar e, para isso, destinam-se somas de dinheiro público. Já para aqueles que não prosperarão, é melhor deixá-los definhando.

Como afirmou o Ministro da Economia, Paulo Guedes, devem ser salvas apenas as grandes empresas. Na reunião ministerial realizada

no dia 22 de abril de 2020, ele afirma o seguinte: “Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas” (ÍNTEGRA..., 2020). Parece que o cálculo político dos riscos, quanto aos recursos e às possibilidades comerciais, é feito de modo a fomentar a riqueza estatal por meio do investimento em atores específicos do setor privado.

Todavia, a racionalidade que move esse cálculo precisa ser investigada de forma mais detalhada. Gary Becker – teórico que elabora estudos sobre o capital humano e que comparece nas análises feitas por Foucault – vai afirmar que há uma incontornável diferença entre o capital humano e as outras formas de capital. Para ele, a diferença fundamental é que o capital humano não pode ser dado como garantia para conseguir empréstimos ou pagar dívidas. Por esse motivo, investir nos pobres é um subinvestimento. Se não receber garantias do governo sobre a cobertura dos riscos que ele representa, tampouco o mercado irá assumir esses riscos. Segundo Becker (2014),

Nas sociedades modernas, **ainda que eu invista em capital humano, não posso usá-lo como garantia de empréstimos**. É por isso que o mercado de empréstimos acaba sendo tão subdesenvolvido. Por exemplo, empréstimos para estudantes: eles se desenvolveram muito nos Estados Unidos porque o governo oferece sua garantia e a subsidia; caso contrário, esse mercado não se desenvolveria. Por quê? Por causa da diferença fundamental entre capital e capital humano. Compro uma casa, posso hipotecá-la e, se eu não pagar minhas contas, ela pode ser confiscada, como vem acontecendo cada vez mais agora. Nesse caso [no capital humano], não posso me oferecer como garantia, [pois] não estamos mais na escravidão ou em outras formas de servidão contratual que aceitavam essa garantia. A sociedade moderna pôs fim a tudo isso e por boas razões. Não podemos mais fazer isso, mas, ao mesmo tempo, os pobres se encontram impedidos de investir em si mesmos, mediante o fato de não terem outra forma de capital como garantia. **O subinvestimento nos pobres vem em parte dessa especificidade do capital humano** (BECKER, 2014, p. 17-18) [nossos grifos, nossa tradução].

Nas análises de Becker, lê-se uma comparação referente ao corpo do escravo, que pode ser colocado como uma garantia pelo seu proprietário<sup>7</sup>. Becker afirma que, na sociedade moderna, por boas razões, isso não é mais possível, o que impede os pobres de se oferecerem na forma de capital; afinal, a sua condição de nada vale. No caso, o investimento em empréstimos estudantis, como os que ocorrem nos Estados Unidos, se justificaria na medida em que a garantia em tela é dada pela subvenção do Estado, o qual se oferece para a cobertura dos riscos de que determinado empréstimo será pago.

Ou seja, o capital humano passa, assim, a ser um componente elucidativo dentre as vidas eugenicamente toleráveis, pela maneira como a racionalidade neoliberal apoia-se no racismo de Estado para definir formas de tornar as mesmas vidas mais rentáveis. E, dentre tais formas, compõe-se um conjunto de estratégias que objetiva a apropriação do tempo de vida por meio do endividamento da classe trabalhadora (LAZZARATO, 2017). É a fantasmagoria do capital humano, o “investir em si mesmo” como meio de se tornar não apenas rentável ao capital, mas justificável em sua existência, que é – ao mesmo tempo – individual (pois não existe tal coisa como a sociedade) e é completamente coextensiva a utilidade que os indivíduos possuem para o mercado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O governo ultraneoliberal do presidente Bolsonaro, ao parecer se omitir de fornecer respostas à crise sanitária, possui uma forma de regulação que se dá por outros meios. Trata-se de um governo que induz que cada indivíduo, em um processo flagrante de concorrência – neste caso, de manter-se no mercado –, busque seus próprios meios de sobrevivência. Os indivíduos deixados no jogo da concorrência serão capazes de calcular os riscos e aproveitar as oportunidades. Quando o mecanismo da concorrência impera como grande trunfo neoliberal, a eugenia como parceira da racionalidade econômica se estabelece como um mecanismo de regulação das ações e das omissões do governo.

Pode-se dizer que os procedimentos da eugenia atravessam as decisões governamentais nos dois aspectos que modulam o biopoder:

---

<sup>7</sup> É importante lembrar que são numerosos os casos de trabalhos análogos à escravidão no Brasil, em que são utilizados artifícios para ocasionar o alto endividamento do trabalhador para aprisioná-lo, como um meio para que ele pague uma suposta dívida.

segurança (a polícia pode matar e será perdoada) e economia (quem será socorrido?). As práticas e os discursos que temos presenciado são, acima de tudo, legatários do neoliberalismo como gabarito de inteligibilidade ao entendimento daquilo no qual é passível de se intervir e do que se deve deixar como está, a partir do viés do mercado, com a medição das boas práticas na gestão da sociedade e, por fim, tendo a vida como um componente adjacente, que se incute na relação entre o Estado e o mercado como algo modulável, mediante o tipo de vida que requisita – desses dois atores – a proteção ou o extermínio.

No caso da pandemia da Covid-19, com base nas respostas providenciadas pelo governo Bolsonaro, tem-se como evidência a supremacia do mercado perante a preservação das vidas. Trata-se de um processo que se destaca pela racionalidade eugênica, que se sofisticou na relação com a economia. Neste caso, os disgênicos serão todos aqueles que sequer merecem a cobertura do Estado, devido à baixa ou à nula qualidade de seu capital humano. Vidas que podem ser eliminadas por sua condição de “disgênicas”, ao se lançarem na concorrência livre do mercado parametrizado pela pandemia, em busca de sua sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019 (Feminismos Plurais).

ALMEIDA, Silvio de; BATISTA, Waleska Miguel; ROSSI, Pedro. Racismo na economia e na austeridade fiscal. In: DWECK, Esther; ROSSI, Pedro; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de (Orgs.). **Economia Pós-Pandemia: Desmontando os mitos da austeridade fiscal e construindo um novo paradigma econômico**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p. 153-171.

BECKER, Gary. American neoliberalism & Michel Foucault's 1979 birth of biopolitics lectures: A conversation with Gary Becker, François Ewald, and Bernard Harcourt (version original); Gary Becker dialogue avec Michel Foucault, p. 265-288; Socio [En ligne], 3 / 2014, mis en ligne le 22 octobre 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/socio/702>>. Acesso em: 4 ago. 2022.

BLYTH, Mark. **Austeridade: A história de uma ideia perigosa**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

BREDA, Tadeu (ed.). **Bolsonaro Genocida**. São Paulo: Elefante, 2021.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**: Um corte ideológico. 4ª ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

CUNHA, Rodrigo. Bioética discute uso da informação do genoma humano. **Patrimônio Genético** [S. l.], 10 abr. 2003. Reportagens, p. 1. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/genetico/gen06.shtml>>. Acesso em: 5 ago. 2022.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura**: Política social e racial no Brasil, 1917-1945. São Paulo: Unesp, 2006.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**: Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b (Coleção Tópicos).

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2011 (Coleção L&PM Pocket).

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. 6ª ed. São Paulo: Expressão Popular, Perseu Abramo, 2016.

ÍNTEGRA das Falas do Ministro Paulo Guedes na Reunião Ministerial com Bolsonaro. Brasília: **A15News**, 2020 (19 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JJAUeca2bck>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. **O Governo do Homem Endividado**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LICHTENSTEIN, Arnaldo: “Isso se chama eugenia, lembre-se de que o sistema político mundial usava isso”. **Jornal da Cultura**, 11 maio 2020.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TDztePweQqc>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**: Sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: Dp&a, 2003 (Passado Presente).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870–1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

O GLOBO ON-LINE (Brasil) (ed.). **Cientista americano cria cromossomo artificial**. Paraná, p. 1-2, out. 2007. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/cientista-americano-cria-cromossomo-artificial-ao9xqija0dj3x8vkum4qpm826/>>. Acesso em: 7 ago. 2022.

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia**: Raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TIERNEY, Patrick. **Trevas no Eldorado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (Suíça) (ed.). **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on Covid-19** (2020). Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 6 ago. 2022.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

## Heat, greed and human need: climate change, capitalism and sustainable wellbeing

Jefferson Sampaio de Moura<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0002-0439-9819>



As necessidades humanas carecem da importância de compor o cerne do debate relacionado à sustentabilidade e ao bem-estar sustentável. Partindo desse pressuposto, Ian Gough – economista e autor do livro “Calor, ganância e necessidade humana: mudança climática, capitalismo e bem-estar sustentável” [tradução nossa] – propõe a construção de uma nova rota para a problematização do aquecimento e das mudanças climáticas, dispondo da dimensão social para elaborar uma análise econômico-política que permita o delineamento de uma sociabilidade pautada em necessidades, suficiência e redistribuição.

<sup>1</sup> Graduação em Secretariado Executivo Bilíngue e Licenciado em Ciências Sociais Aplicadas. Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania. Doutorando em Política Social. Professor EBTT | Instituto Federal de Brasília (IFB). E-mail: <jefferson.moura@ifb.edu.br>.

O livro, originalmente publicado em inglês, pela editora Edward Elgar Publishing, sob o título: “*Heat, greed and human need: climate change, capitalism and sustainable wellbeing*”, é dividido em duas partes: na primeira, o autor problematiza conceitos e questões globais em relação às dimensões sociais da mudança climática, ao capitalismo climático, ao crescimento verde, ao bem-estar sustentável e às emissões de gás carbono. Já na segunda parte, ele propõe novos rumos para uma política ecossocial.

A questão das necessidades humanas permeia todo o debate proposto na obra, pois, segundo o autor, são elas que devem nortear a delimitação do mínimo necessário para uma condição de bem-estar social e do máximo permitido para garantir a manutenção dos bens necessários para as gerações futuras. O consumo desenfreado e o hiperconsumismo estão intimamente ligados à questão da sustentabilidade, conforme sinaliza Gough, já que as necessidades humanas podem ser delimitadas, enquanto os desejos de consumo são ilimitados e requerem, cada vez mais, insumos e recursos para a sua criação e manutenção.

O capitalismo está no cerne do debate e da análise econômica, social e política proposta, associado aos fatores que impulsionam as mudanças climáticas. Advém dessa noção o termo “ganância” no título da obra, que remete aos implacáveis processos de acumulação, crescimento, lucro e desigualdade que eles produzem e reproduzem.

De acordo com o autor, a superação da desigualdade necessita de ser problematizada e pensada na perspectiva das necessidades humanas, rompendo a lógica do consumo e caminhando para uma conscientização intergeracional.

Enquanto as necessidades humanas já compõem a pauta do estado de bem-estar social, Ian propõe a inclusão das necessidades intergeracionais ao debate, considerando que dificilmente elas se transformarão no decorrer dos anos e que permanecerão tendo precedência em relação às preferências dos consumidores. As necessidades intergeracionais justificam o debate da sustentabilidade para além do crescimento econômico, de maneira que devem ser abordados os recursos intergeracionais necessários para a construção e a manutenção de um sistema de bem-estar sustentável.

Numa abordagem “ecossocial da economia política” (ESPE) [tradução nossa], proposta pelo autor, a ressignificação da ideia de

“crescimento verde” é fundamental, pois – num modelo de sociabilidade humana ecologicamente sustentável pautado em necessidades, suficiência e redistribuição – não cabe um modelo econômico que caminha continuamente para o crescimento e a expansão do capital. Ao atingirem a equidade e a consciência das necessidades humanas, os Estados passam a definir suas práticas em prol da suficiência sustentável.

Para a transição, algumas estratégias são propostas pelo autor, como, por exemplo, a recomposição do consumo de luxo de alto carbono para necessidades de baixo carbono, descarbonizando as práticas de bem-estar.

Três fases de descarbonização são listadas na segunda parte da obra, que – juntas – defendem a redistribuição da renda, o consumo social equilibrado e a construção de novas políticas ecossociais. A primeira foca em **aumentar a ecoeficiência**, mas, para isso, será necessário gerenciar a desigualdade para garantir a eficácia na precificação do carbono e desenvolver a capacidade humana com olhar sustentável para a construção de novos programas verdes com foco na diminuição do consumo de carbono. Na primeira fase, cria-se um acordo verde pautado na modernização de casas, além da implantação de tarifas sociais de energia e água, respeitando os limites básicos das necessidades humanas.

A segunda fase refere-se à **recomposição do consumo**. Nela, é primordial, conforme aponta o autor, reduzir a desigualdade social para evitar o consumo exacerbado e o hiperconsumismo. Para isso, é imprescindível incentivar e desenvolver a ideia de consumo social, além de descarbonizar o estado de bem-estar, delimitando as práticas e as necessidades de baixo consumo carbônico. A seguir, é essencial estender a participação cidadã e o controle sobre energias renováveis e úteis. Ainda na segunda fase, regulamenta-se a publicidade, especialmente a destinada às crianças, de modo a garantir a perpetuação dos preceitos sustentáveis. De igual modo, tributam-se os luxos com alto teor de carbono e testa-se o racionamento pessoal de carbono. Em seguida, desenvolve-se a prevenção do uso exacerbado de carbono em toda a política pública.

Por fim, a terceira fase é pautada no **pós-crescimento e na redução do consumo**. Nela, pressupõem-se os seguintes passos: a redistribuição como prática básica, o piso de renda mínima, o teto máximo de renda e a nova proeminência para bens coletivos e serviços, além

do desenvolvimento das capacidades centrais e da autonomia para o desenvolvimento e o fortalecimento de uma economia central. Para a sua efetivação, é preciso reduzir o tempo de trabalho, expandir a propriedade coletiva da riqueza e do capital (começando pelo fornecimento de energia), estimular a economia central e a coprodução, além de desenvolver políticas populacionais.

As três fases propostas pelo autor focam em atingir metas de bem-estar ideais: (1) garantir um piso mínimo de renda; (2) reduzir a desigualdade; (3) fornecer publicamente a satisfação das necessidades vitais humanas e desencorajar a satisfação das necessidades “más” (consumo exacerbado e hiperconsumismo); e (4) desenvolver as capacidades humanas e sociais em prol de uma sociabilidade sustentável. Parte-se de um estágio inicial pautado em um estado de bem-estar produtivo e caminha-se pelo estágio do bem-estar ecológico, até se chegar ao estágio do sistema de bem-estar sustentável.

Para cada fase de descarbonização, o autor propõe uma economia política. A fase 1 compreende o que ele chama de “capitalismo climático coordenado”, em que a criação e a gestão de um novo acordo verde, pautado nas necessidades humanas, fomentam a reestruturação social, econômica e política em prol de uma nova sociabilidade.

Na fase 2, em tom crítico reflexivo, o autor questiona: “capitalismo reflexivo?” [tradução nossa]. Nela, o foco é na redução do consumo desenfreado, de modo a propor a reflexão social coletiva para as reais necessidades humanas.

Finalizando, a fase 3 compreende o que o autor chama de “além do capitalismo: a busca por uma economia estacionária” [tradução nossa], que repousa em um modelo econômico sem aumentos nos índices de consumo e produção para além do necessário, para atender às necessidades humanas, o que ocasionaria a redução da exploração dos ecossistemas e dos recursos naturais, possibilitando que outros Estados consigam se desenvolver e atinjam o mesmo estado sustentável. O resultado seria o pleno emprego, a redução nas emissões de gás carbono, a redistribuição de renda e o fortalecimento de uma sociabilidade pautada nas necessidades, na suficiência e na redistribuição.

Ao defender o caráter multidisciplinar da obra, Ian Gough sinaliza a lacuna que ela preenche: a política social não tem reconhecido, em suas análises, o meio ambiente e os limites planetários como questões

basilares para se refletir sobre as necessidades e o bem-estar humano. Nesse sentido, a obra é um marco, ao analisar a questão da sustentabilidade na política social, articulando os debates sobre o bem-estar e as necessidades humanas para propor um novo modelo de sociabilidade que considere, para além dos desejos humanos, as necessidades intergeracionais como pontos de pauta da agenda política, econômica e social dos Estados.

Com seus nove capítulos, Ian Gough, brilhantemente, apresenta uma análise profunda, complexa e necessária para os nossos dias, rompendo os limites das normas, do lugar-comum e do “crescimento verde”, para refletir sobre as possibilidades de construção de um novo modelo de sociabilidade que seja realmente sustentável para além dos padrões capitalistas.

Em “Calor, ganância e necessidade humana: mudança climática, capitalismo e bem-estar sustentável” [tradução nossa], o autor centraliza o humano na delimitação político-econômica, centraliza a necessidade humana e, com isso, desloca o olhar do leitor para fora da ótica capitalista e o situa em um novo ponto de análise, frutífero, suficiente e redistributivo. Para além da crítica, fica o convite à mudança, à revolução e à reconstrução das práticas sociais em prol de novos rumos, novas ações e novas relações humanas, coletivas e sustentáveis.

## REFERÊNCIA

GOUGH, Ian. **Heat, greed and human need**: Climate change, capitalism and sustainable wellbeing. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2017.

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## **Colonialidade e formação profissional em Serviço Social: apontamentos de sua transversalidade na consubstancialização do projeto de formação a partir das diretrizes curriculares da Abepss de 1996**

Ariel Paula Jesus de Oliveira

**Nome do curso:** Mestrado em Política Social

**Data da defesa:** 25 de novembro de 2022

**Nome completo da orientadora:** Profa. Dra. Mariléia Goin

**Palavras-chave:** Serviço Social; Formação Profissional em Serviço Social; Diretrizes Curriculares da ABEPSS; Colonialidade; Decolonialidade.

**Keywords:** Social Service; Professional qualification in Social Service; ABEPSS's Curriculum Guidelines; Coloniality; Decoloniality.

O projeto de formação profissional em Serviço Social consubstanciado nos anos 1990 a partir da implementação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS - Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social - propiciou ao longo dos anos a maturação da perspectiva materialista histórico-dialética na profissão. Essa, por sua vez, possibilitou o aprofundamento da capacidade de leitura da realidade social pelas/os

profissionais, abrindo espaço para o desvelar das particularidades sócio-históricas brasileiras e da apreensão destas como determinantes para o projeto profissional. Nessa esteira, à luz do método crítico marxista, propõe-se a análise da transversalidade dos estudos decoloniais e da colonialidade no projeto de formação profissional em Serviço Social, estabelecendo como objetivo geral “analisar a interconexão existente entre a formação profissional e a colonialidade expressa na realidade brasileira, de modo a desvelar seus traços nos componentes curriculares da formação acadêmico profissional em Serviço Social, nos cursos mais antigos de cada região do Brasil”. Trata-se de uma pesquisa exploratória com enfoque misto, cujos procedimentos metodológicos elegidos foram: revisão bibliográfica - que possibilitou o contato e aprofundamento com as temáticas que envolvem o objeto de estudo; pesquisa documental - realizada a partir da análise dos Projetos Pedagógicos de Curso do curso mais antigo de Serviço Social das regiões geográficas do país; e a análise de conteúdo, realizada a partir da exploração do material orientada por um roteiro de análise documental e, posteriormente, das inferências crítico-reflexivas ensejadas pelos dados obtidos associados às investigações realizadas. O estudo evidencia a incipiente presença do debate decolonial e do ensino da colonialidade nos cursos observados, não obstante o mesmo demonstra a transversalidade existente entre decolonialidade, colonialidade e o Serviço Social na sociedade brasileira, os quais só auferem apreensão a partir da ótica/lógica dos Fundamentos e de seus núcleos de fundamentação. A absorção desse debate pelo projeto de formação profissional reafirma não só a coerência e a direção social do projeto profissional, mas contribui para o avanço rumo a sua consubstancialização.

*The project of professional training in Social Work, embodied in the 1990s from the implementation of the Curricular Guidelines of ABEPSS - Brazilian Association of Teaching and Research in Social Work - over the years provided the maturation of the historical- dialectical materialist perspective in the profession. This, in turn, made possible the deepening of the capacity of reading the social reality by the professionals, opening space for the unveiling of the Brazilian socio-historical particularities and the apprehension of these as determinants for the professional project. In this vein, in the light of the Marxist critical method, it is proposed to analyze the transversality of decolonial studies and coloniality in the project of professional training in Social Work, establishing as a general objective “to analyze the existing interconnection between professional training and coloniality expressed in the Brazilian reality, in order to*

*reveal its traits in the curricular components of professional academic training in Social Work, in the oldest courses in each region of Brazil”. This is an exploratory research with a mixed approach, whose methodological procedures were: bibliographic review - which allowed contact and deepening with the themes that involve the object of study; documental research - carried out from the analysis of the Pedagogical Course Projects of the oldest course of Social Work in the geographic regions of the country; and the content analysis, carried out from the exploration of the material guided by a script of document analysis and, later, from the critical-reflexive inferences generated by the data obtained associated with the investigations carried out. The study evidences the incipient presence of the decolonial debate and the teaching of coloniality in the courses observed, however it demonstrates the existing transversality between decoloniality, coloniality and Social Work in Brazilian society, which only gain apprehension from the perspective/logic of the Fundamentals and their foundational cores. The absorption of this debate by the professional training project reaffirms not only the coherence and social direction of the professional project, but also contributes to the advance towards its consubstantialization.*

---

## **Feminismo Liberal e Epistemologias Feministas**

*Liberal Feminism and Feminist Epistemologies*

Érica Carolina Iane Tedesque

**Nome do curso:** Programa de Pós-graduação em Política Social

**Data da defesa:** 30 de agosto de 2022.

**Nome completo da orientadora:** Camila Potyara Pereira

**Palavras-chave:** Teoria feminista. Feminismo Liberal. Epistemologias feministas.

**Keywords:** Feminist theory. Liberal Feminism. Feminist epistemologies.

A dissertação teve como objetivo geral identificar os contornos e principais fundamentos no que tange ao feminismo liberal e suas críticas

à sociedade capitalista, evidenciando as tensões presentes nas discussões sobre a temática. Para tanto, sistematiza e coloca em diálogo os argumentos e posições entre a teoria feminista e neoliberalismo. O objetivo geral da pesquisa, portanto, foi analisar as convergências e divergências entre o feminismo liberal e o neoliberalismo, a fim de iluminar pontos relevantes do feminismo liberal e seus contornos. Os objetivos específicos que orientaram o presente trabalho foram: I) estabelecer aproximações com o contexto conjuntural, vem como resgatar os antecedentes históricos, em que a relação feminismo liberal e neoliberalismo se desenvolveu; II) apreender quais são os fundamentos teóricos que conformam a vertente feminismo liberal, bem como os seus impasses teórico-políticos; III) verificar de que forma o feminismo liberal subsidia a ação política feminista para além da sociedade capitalista. Por fim, este trabalho explora as relações entre os paradigmas teóricos da epistemologias feministas e as principais críticas endereçadas ao feminismo liberal. O exame das convergências e dos contrastes entre os feminismos demonstram a complexidade dos debates sobre os horizontes e estratégias da luta pela igualdade de gênero dentro da sociedade capitalista. A partir dessa análise, a dissertação apresenta, como considerações finais, as tensões e limites que perpassam as relações entre feminismo liberal e neoliberalismo.

*The dissertation's general objective was to identify the contours and main foundations regarding liberal feminism and its criticism of capitalist society, highlighting the tensions present in the discussions on the subject. In order to do so, it systematizes and puts into dialogue the arguments and positions between feminist theory and neoliberalism. The general objective of the research, therefore, was to analyze the convergences and divergences between liberal feminism and neoliberalism, in order to illuminate relevant points of liberal feminism and its contours. The specific objectives that guided the present work were: I) to establish approximations with the conjunctural context, it comes as a way of rescuing the historical antecedents, in which the relationship between liberal feminism and neoliberalism developed; II) apprehend the theoretical foundations that shape liberal feminism, as well as its theoretical-political impasses; III) verify how liberal feminism subsidizes feminist political action beyond capitalist society. Finally, this work explores the relationships between the theoretical paradigms of feminist epistemologies and the main criticisms addressed to liberal feminism. Examining the convergences and contrasts between feminisms demonstrates*

*the complexity of debates on the horizons and strategies of the struggle for gender equality within capitalist society. Based on this analysis, the dissertation presents, as final considerations, the tensions and limits that permeate the relationship between liberal feminism and neoliberalism.*

---

## **Os efeitos da política de austeridade fiscal no orçamento do Programa Nacional de Assistência Estudantil entre os anos de 2015 e 2021**

Luísa M. R. Baumgarten

**Nome do curso:** Mestrado acadêmico em Política Social

**Data da defesa:** 31 de agosto de 2022.

**Nome completo do orientador:** Evilasio da Silva Salvador

**Palavras-chave:** Assistência Estudantil. Programa Nacional de Assistência Estudantil. Educação Superior. Política de Austeridade Fiscal. Ajuste Fiscal.

**Keywords:** Student Assistance. National Student Assistance Program. Higher Education. Fiscal Austerity Policy. Fiscal Adjustment.

O tema principal desta pesquisa relaciona os efeitos da política de austeridade fiscal no orçamento do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) entre os anos de 2015 e 2021. O principal objetivo foi compreender a repercussão da política de ajuste fiscal permanente em curso no Brasil desde a década de 1990 no orçamento e financiamento do PNAES nos anos supracitados. Para tal, iniciamos um estudo sobre a conformação do Estado capitalista brasileiro, o fundo público e a forma de financiamento das políticas sociais em contexto de austeridade fiscal no país. Também relacionamos o estabelecimento da educação superior no Brasil, sua imbricação com o capital, assim como da assistência estudantil, que não pode ser desvinculada da história da política de educação.

Buscamos também, por meio de dados extraídos do SIGA Brasil, deslindar a evolução do orçamento da Função Educação da Subfunção Ensino Superior e da Ação 4002, que corresponde à ação orçamentária de Assistência ao Estudante de Ensino Superior, ao longo da série histórica delimitada nesta dissertação. Há também uma breve demonstração de um caso exemplificativo sobre o financiamento da assistência estudantil na Universidade de Brasília. O método utilizado foi o histórico-dialético da tradição marxista, compreendendo a realidade como um conjunto de processos que se relacionam entre si e se influenciam mutuamente. Os procedimentos metodológicos foram levantamento bibliográfico, levantamento de dados orçamentários e financeiros e análise do conteúdo. Concluiu-se a partir de 2015, considerando o acirramento da política de austeridade fiscal no Brasil que tem como um de seus motes a aprovação da EC nº. 95/2016, houve uma diminuição a cada ano do repasse proporcional de orçamento específico para a política de assistência estudantil nacional e na UnB, ao considerarmos valores autorizados e valores pagos com base no orçamento público federal de cada exercício financeiro aqui estudado na série histórica que compreende os anos de 2015 a 2021. Nossa hipótese, de que houve diminuição do repasse proporcional de orçamento específico para essa política – em valores reais e deflacionados a partir do deflator IPCA– mesmo com orientações de planos e programas para democratização e ampliação do acesso de estudantes nas universidades federais, foi confirmada e há um longo caminho a ser percorrido em busca de uma educação superior de qualidade, acessível e gratuita.

*The main theme of this research relates the effects of the fiscal austerity policy on the budget of the National Student Assistance Program (PNAES) between the years 2015 and 2021. The main objective was to understand the repercussion of the permanent fiscal adjustment policy underway in Brazil since the 1990s on the budget and funding of the PNAES in the aforementioned years. To this end, we began a study on the conformation of the Brazilian capitalist state, the public fund, and the form of financing social policies in the context of fiscal austerity in the country. We also related the establishment of higher education in Brazil, its imbrication with capital, as well as student assistance, which cannot be disconnected from the history of education policy. We have also tried, by means of data extracted from SIGA Brazil, to unravel the evolution of the budget of the Education Function of the Higher Education Subfunction and of Action 4002, which corresponds to the budget action of Assistance to Higher Education Students, throughout the historical series delimited*

*in this dissertation. There is also a brief demonstration of an exemplary case on the financing of student assistance at the University of Brasilia. The method used was the historical-dialectical of the Marxist tradition, understanding reality as a set of processes that relate to and influence each other. The methodological procedures were bibliographic survey, budget and financial data survey and content analysis. It was concluded that from 2015 on, considering the intensification of the fiscal austerity policy in Brazil that has as one of its mottos the approval of EC no. 95/2016, there was a decrease every year of the proportional transfer of specific budget for the national student assistance policy and in the UnB, when considering authorized values and paid values based on the federal public budget of each financial year studied here in the historical series that comprises the years 2015 to 2021. Our hypothesis, that there was a decrease in the proportional transfer of the specific budget for this policy - in real and deflated values based on the IPCA deflator - even with the guidelines of plans and programs for democratization and expansion of student access in federal universities, was confirmed and there is a long way to go in search of quality, accessible and free higher education.*

---

## **As repercussões do cuidado na vida de mães de crianças com deficiência: reflexões sobre deficiência e gênero**

*The repercussions of care in the lives of mothers of children with disabilities: reflections on disability and gender*

Adelita Pereira de Lima

**Nome do curso:** Programa de Pós Graduação em Política Social

**Data da defesa:** 28 de novembro de 2022.

**Nome completo da orientadora:** Marlene Teixeira Rodrigues

**Palavras-chave:** Gênero; Cuidado; Maternidade; Deficiência; Estado.

**Keywords:** Gender; Care; Maternity; Disability; State.

A presente pesquisa buscou analisar as repercussões do cuidado na vida de mães de crianças com deficiência, a partir de uma perspectiva de gênero. O cuidado desempenhado pelas mulheres no espaço doméstico ainda não é considerado trabalho. A relação entre maternidade, cuidado e deficiência envolve especificidades, principalmente devido a construção desigual dos papéis de gênero e o caráter de permanência e continuidade do cuidado de crianças com deficiência. Sendo assim, foi realizada discussão sobre a divisão sexual e racial do trabalho, a fim de refletir sobre a hierarquização do trabalho entre homens e mulheres, onde as funções exercidas pelas mulheres são inferiores à dos homens, e há uma responsabilização das mulheres pelo trabalho doméstico e de cuidados. Compreender o trabalho do cuidado, por meio dos princípios da divisão sexual e racial do trabalho possibilitou analisar a não socialização justa dessa tarefa nos espaços domésticos, bem como a ausência do poder público. Como procedimento metodológico, realizou-se 15 (quinze) entrevistas semiestruturadas com mulheres mães cuidadoras de crianças com deficiência no Centro Especializado em Reabilitação Infantil, tipo II, do Hospital de Apoio de Brasília e os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise temática de conteúdo com definição de temas e subtemas. Os resultados apontaram que o trabalho do cuidado das crianças com deficiência, não remunerado e não socializado, realizado exclusivamente pelas mulheres, acarreta repercussões econômicas e sociais, abandono dos projetos educacionais, sobrecarga de trabalho, isolamento social e adoecimento físico e psíquico às cuidadoras. Desse modo, as mulheres entrevistadas demandaram a atuação do Estado e reivindicaram a implementação de políticas públicas que incorporem a perspectiva de gênero e de corresponsabilização do trabalho do cuidado. Por fim, espera-se com essa pesquisa chamar atenção para a dinâmica desigual do trabalho do cuidado na vida de mulheres mães.

*The present study analyzes the repercussions of care in the lives of mothers of children with disabilities, from a gender perspective. The care performed by women in the domestic space is still not considered work. The relationship between motherhood, care and disability involves specificities, due to the unequal construction of gender roles and the character of permanence and continuity of care for children with disabilities. Therefore, a discussion was conducted on the sexual and racial division of work, pointing to the hierarchy of work between men and women. According to this hierarchy, the functions performed by women are considered inferior to those of men, and women are responsible for housework and caring*

work. Looking at caring work, through the principles of the sexual and racial division of work, made it possible to verify the unfair socialization of this task in domestic spaces, as well as the absence of public power. As a methodological procedure, 15 (fifteen) semi-structured interviews were conducted with women mothers who care for children with disabilities at the Specialized Center for Child Rehabilitation, type II, at Hospital de Apoio de Brasília. Collected data were analyzed by thematic analysis technique content with definition of themes and subthemes. The results showed that the work of caring for children with disabilities, unpaid and not socialized, carried out exclusively by women, causes economic and social repercussions, like abandonment of educational projects, work overload, social isolation, and physical and psychological illness to the caregivers. In this way, the women interviewed demanded the State's action and demanded the implementation of public policies that incorporate the gender perspective and co-responsibility of caring work. Finally, this research hopes to draw attention to the unequal dynamics of caring work in the lives of women mothers.

---

## **Classe trabalhadora sob a égide neoliberal: A interface entre trabalho e sua ideologia nascidas entre os anos de 1990 às eleições de 2018 para o esvaziamento da dimensão das lutas de classes**

*Working class under the neoliberal aegis: The interface between work and its ideology born between the 1990s and the 2018 elections to empty the dimension of class struggles*

Sara Miranda de Abreu Coelho

**Nome do curso:** Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS)

**Data da defesa:** 16 de novembro de 2022.

**Nome completo do orientador:** Newton Narciso Gomes Junior.

**Palavras-chave:** Consciência de classe; classe trabalhadora; neoliberalismo; pós-modernidade.

**Keywords:** Class consciousness; working class; neoliberalism; post-modernity.

Esta dissertação tem como objetivo tentar identificar quais são as relações estabelecidas entre o trabalho e a sociabilidade capitalistas que afetam os ideais dos trabalhadores, no processo de afrouxamento da consciência e dimensão de classe trabalhadora, principalmente no período de neoliberalização brasileira, a partir da década de 90 até os acontecimentos das eleições de 2018. A hipótese inicial sustenta-se em que a consciência e a luta de classe como devir forem retomados como as principais pautas dentro dos espaços e instituições que se reivindicam revolucionárias, estaria dado o primeiro passo para as disputas ideológicas no âmbito do imaginário social, para a elevação da natureza política da luta sindical, dos movimentos sociais de natureza reivindicatória pavimentando a estrada que conduzirá a uma nova sociedade sem classes sociais antagônicas e sem exploração. Encontrou-se no processo de pesquisa desta dissertação alguns pontos que sustentam o afrouxamento da consciência da classe trabalhadora diante do capitalismo, afetando seus ideais, como a desvalorização da subjetividade diante da objetividade, o distanciamento de nossa ontologia e da dissolução no entendimento enquanto seres humanos-genéricos, ontológicos e comunitários, os efeitos nocivos causados por conta do avanço do capitalismo e da neoliberalização, o enfraquecimento da classe trabalhadora e seus espaços representativos e o surgimento e avanço da pós-modernidade, atrelado ao neoliberalismo. Todas essas questões interligadas corroboram para a permanência do objetivo deste trabalho, afastando assim, nossa sociedade de viver em uma condição diferente, sem exploração e com valores igualitários, proposta pela hipótese da pesquisa.

*This dissertation has the goal of trying to identify which relations are established among the work and the capitalist sociability which affect the ideals of workers, in the process of loosening the consciousness and dimension of the working class, especially during the brazilian neoliberalization period, from the 90s until the 2018 election events. The initial hypothesis stands on the becomings of consciousness and class struggle returning among the main topics within spaces and institutions that reclaim revolutionaries, being taken as the first step to ideological disputes in the scope of the social imaginary, to elevate the nature of sindical political*

*struggle, of social movements from reclaimed nature paving the road that will lead to a new society without antagonic classes and without exploration. It was found in the process of research for this dissertation some topics that support the loosening of consciousness for the working class before capitalism, affecting their ideals, as well as devaluing the subjectivity in favor of objectivity, the distancing of our ontology and the dissolution of our understanding as generic beings, ontologic and communitarian, the harmful effects caused on the accounts of the capitalist advance and neoliberalization, the weakening of the working class and their representative spaces and the surge of the advance of post-modernity, tied to the neoliberalism. All of these questions interconnected corroborate to the permanence of the objective of this work, therefore distancing our society to live in a different condition, without exploration and with egalitarian values, proposed by the hypothesis of this research.*

---

## **Itinerários Terapêuticos de homens com câncer de próstata do Hospital Universitário de Brasília à rede de atenção oncológica em tempos de pandemia da COVID-19**

*Therapeutic itineraries of men with prostate cancer from the University Hospital of Brasília to the oncology care network in times of the COVID-19 pandemic*

Gabriela da Silva Vieira

**Nome do curso:** Programa de Pós-Graduação em Política Social - Mestrado

**Data da defesa:** 30 de agosto de 2022.

**Nome do orientador:** Cristiano Guedes de Sousa

**Palavras-chave:** câncer de próstata; pandemia; saúde oncológica; itinerários terapêuticos; política social

**Keywords:** prostate cancer; pandemic; cancer health; therapeutic itineraries; social policy

O estudo de itinerários terapêuticos tem sido comumente utilizado para compreender o modo de organização e funcionamento das redes de atenção à saúde, identificando e analisando a trajetória dos usuários na busca por cuidado. O câncer de próstata é o tipo de câncer que mais acomete os homens em todo o mundo, sem considerar os tumores de pele não melanoma. No Brasil, estima-se, em cada ano do triênio 2020-2022, 65.840 casos novos de câncer de próstata, ocupando a primeira posição no país em todas as regiões. No Distrito Federal, a estimativa de câncer para o ano de 2020 foi de 840 novos casos. Desse modo, se observa uma prevalência maior que a esperada de câncer de próstata nos serviços especializados da capital federal. Ademais, o ano de 2020 foi atípico devido à pandemia do novo coronavírus, situação essa que teve impacto imediato por conta das ações tomadas pelo governo brasileiro. No Brasil já passa de 677 mil mortes, número ampliado diariamente até que uma resposta imunológica seja encontrada. A repercussão só pode ser definida em um longo prazo, todavia os dados observados já são desastrosos. O cenário atual impossibilita o acesso à prevenção, diagnóstico, controle e tratamento de doenças graves, o que causa aumento da mortalidade. Na área oncológica, estudiosos analisaram como a pandemia vem refletindo na redução de atividades preventivas, paralisação de tratamentos e no aumento do diagnóstico tardio. Nessa direção, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, teve por objetivo identificar e analisar as repercussões da pandemia nos itinerários terapêuticos (IT) dos pacientes oncológicos de próstata no Hospital Universitário de Brasília. Por meio do itinerário terapêutico procuramos identificar possíveis barreiras de acesso à saúde, além de compreender a percepção dos usuários sobre a qualidade da assistência da rede de saúde. A reconstituição dos IT's envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas e consulta aos prontuários dos participantes nos serviços de saúde. A análise de dados respaldou-se na extração de sentido dos dados, envolvendo uma reflexão contínua. Os resultados permitiram uma melhor compreensão dos entraves do diagnóstico ao tratamento oncológico e revelou que as barreiras de acesso nos itinerários terapêuticos de pacientes com câncer de próstata vão além das implicações do sistema de saúde, pois possuem também aspectos socioculturais, sociais, socioeconômicos, familiares, geográficos e organizacionais. Os limites são resultantes da sociedade capitalista, por conta das contrarreformas nas políticas sociais, em especial na saúde, que provocam negativamente a materialização do sistema de saúde na universalização do acesso aos direitos sociais. É responsabilidade do Estado prover a saúde como direito universal e gratuito de todos. Dessa forma, ele deve propor

ações para a minimização das barreiras encontradas. Não basta ofertar a saúde e não fornecer os meios para que todos possam acessá-las.

*The study of therapeutic itineraries has been commonly used to understand the way in which health care networks are organized and functioning, identifying and analyzing the trajectory of users in the search for care. Prostate cancer is the type of cancer that most affects men worldwide, without considering non-melanoma skin tumors. In Brazil, it is estimated, in each year of the triennium 2020-2022, 65,840 new cases of prostate cancer, occupying the first position in the country in all regions. In the Federal District, the estimate of cancer for the year 2020 was 840 new cases. Thus, a higher-than-expected prevalence of prostate cancer is observed in specialized services in the federal capital. In addition, the year 2020 was atypical due to the pandemic of the new coronavirus, a situation that had an immediate impact due to the actions taken by the Brazilian government. In Brazil, there are already more than 677 thousand deaths, a number that increases daily until an immune response is found. The repercussion can only be defined in the long term, however the observed data are already disastrous. The current scenario makes it impossible to access prevention, diagnosis, control and treatment of serious diseases, which causes an increase in mortality. In the oncology area, scholars analyzed how the pandemic has been reflected in the reduction of preventive activities, the interruption of treatments and the increase in late diagnosis. In this direction, the present research, of a qualitative nature, aimed to identify and analyze the repercussions of the pandemic on the therapeutic itineraries (IT) of prostate cancer patients at the University Hospital of Brasília. Through the therapeutic itinerary, we seek to identify possible barriers to access to health, in addition to understanding the users' perception of the quality of care provided by the health network. The reconstitution of the IT's involved carrying out semi-structured interviews and consulting the medical records of the participants in the health services. Data analysis was based on extracting meaning from the data, involving continuous reflection. The results allowed a better understanding of the obstacles of diagnosis to cancer treatment and revealed that the barriers of access in the therapeutic itineraries of patients with prostate cancer go beyond the implications of the health system, as they also have sociocultural, social, socioeconomic, family, geographical and organizational. The limits are the result of capitalist society, due to counter-reforms in social policies, especially in health, which negatively provoke the materialization of the health system in the*

*universalization of access to social rights. It is the responsibility of the State to provide health care as a universal and free right for all. Thus, he must propose actions to minimize the barriers encountered. It is not enough to offer health care and not provide the means for everyone to access it.*

---

## **A política de saúde no Distrito Federal em tempos de financeirização do capital: as implicações para o seu planejamento e orçamento no período de 2009 a 2021**

Mariane de Jesus dos Santos

**Nome do curso:** Política Social

**Data da defesa:** 28 de novembro de 2022.

**Nome do orientador:** Evilasio Salvador

**Palavras-chave:** Política de saúde, financeirização, planejamento, orçamento.

**Keywords:** Health policy, financialization, planning, budget.

Este trabalho tem como tema central como está ocorrendo a financeirização da política de saúde no Distrito Federal (DF), por meio do planejamento e do orçamento, tendo como temporalidade os governos Arruda-DEM (2007-2010), Agnelo-PT (2011-2014), Rollemberg-PSB (2015-2018) e Ibaneis-MDB (2019-2022). A financeirização do capital apresentou uma predominância no processo de acumulação capitalista e nas relações de poder no século XXI, implicando em todos os campos da vida social e coletiva. A forte incidência do setor financeiro, refletiu nas decisões do Estado, no que lhe concerne, abriu espaço no campo das políticas sociais, fazendo com que os direitos sociais alcançados na Constituição Federal de 1988, fossem sendo rompidos. Essas desestruturações, especialmente por meio do uso do fundo público, na redução e/ou limitação dos recursos orçamentários, criaram um campo frutífero para a atuação

do setor financeiro, em particular por meio do repasse da gestão de partes da política de saúde para o setor privado, como no DF. Como a literatura acerca da financeirização do capital no campo da saúde pública é reduzida, essa dissertação buscou contribuir criticamente ao debate, analisando os produtos do planejamento e o orçamento destinado à política de saúde entre 2009-2021, buscando entender quais os movimentos o Governo do Distrito Federal (GDF) realizou com o intuito de atender as demandas neoliberais e de financeirização do capital na política de saúde. Os resultados obtidos por essa pesquisa, nos demonstraram que em todos os governos que passaram a gestão do DF, compactuaram com processos de financeirização da saúde pública. Contudo, existiu uma diferenciação ao atendimento das demandas do capital em cada um deles, sendo que dentro da temporalidade analisada, a partir de 2016, com acirramento da luta de classes no Brasil recente, e com a intensificação da neoliberalização e financeirização das políticas sociais, as ações prescritas pelo capital foram atendidas, dando condições materiais e objetivas na consolidação da financeirização do capital na saúde pública do DF.

*This work has as its central theme how the financialization of health policy is taking place in the Federal District, through planning and budgeting, having as temporality the Arruda- DEM (2007-2010), Agnelo-PT (2011-2014) governments., Rollemberg-PSB (2015- 2018) and Ibaneis-MDB (2019-2022). The financialization of capital showed a predominance in the process of capitalist accumulation and in power relations in the 21st century, involving all fields of social and collective life. The strong incidence of the financial sector, reflected in the decisions of the State, which in turn, opened space in the field of social policies, causing the social rights achieved in the Federal Constitution of 1988, to be broken. These disruptions, especially through the use of public funds, in the reduction and/or limitation of budgetary resources, created a fruitful field for the financial sector to act, in particular through the transfer of management of parts of the health policy to the sector. private sector, as is the case of the Federal District. As the literature on the financialization of capital in the field of public health is limited, this dissertation sought to critically contribute to the debate, analyzing the products of planning and the budget allocated to health policy between 2009-2021, seeking to understand which movements the Government of Distrito Federal carried out in order to meet neoliberal demands and the financialization of capital in health policy. The results obtained by this research showed us that in all governments that permeated the management of the DF, they agreed with public health financialization*

*processes. However, there was a differentiation in meeting the demands of capital in each of them, and within the analyzed temporality, from 2016, with the intensification of the class struggle in recent Brazil, and with the intensification of neoliberalization and financialization of social policies, the actions prescribed by capital were met, providing material and objective conditions for the consolidation of the financialization of capital in public health in the DF.*

---

## Os fundamentos sócio-históricos da questão regional no Brasil

Ada Kallyne Sousa Lopes

**Nome do curso:** Política Social – PPGPS

**Data da defesa:** 14 de dezembro de 2022.

**Nome do orientador:** Evilásio Salvador

**Palavras-chave:** Políticas sociais. Dependência humana. Modelo social da deficiência. Familismo, ética do cuidado

O presente trabalho teve como objetivo investigar os elementos histórico-estruturais da formação social brasileira que condicionam a permanência da questão regional no Brasil até os dias atuais. Apesar da desigualdade territorial ser alvo de um conjunto diversificado de políticas, e de ter despertado a elaboração de pesquisas e valiosos estudos sobre o tema, sua multidimensionalidade nos leva, muitas vezes, a analisá-la sob recortes muito delimitados. É recorrente investigações que centram seus esforços, em avançar na compreensão da questão regional, a partir de escalas de análise centradas no Nordeste ou no Norte do país - áreas historicamente “atrasadas” e alvo das principais políticas públicas desenvolvidas no âmbito regional. Ressaltamos a importância e a validade dessas pesquisas, que nos ajudam a apreender as determinações concretas, assumidas pelo capitalismo dependente, nas particularidades da formação social brasileira. Entretanto, o movimento realizado nesta tese se diferencia do comumente utilizado

nos debates regionais. Partimos do pressuposto que, para compreendermos a permanência e aparente imobilidade dos indicadores de desigualdade regional no país, seria necessário analisarmos todas as regiões enquanto uma unidade histórica. Nesse sentido, o debate aqui construído buscou apreender que determinações sociais e econômicas travam as possibilidades de superação do estágio de desigualdade entre as regiões do país. A partir de um debate de natureza teórica e do levantamento de um conjunto de dados sobre as formas de produção e reprodução espacial no país, concluímos que, na perspectiva do capitalismo dependente, a questão regional não apresenta-se como um real problema a ser resolvido, pois, sua existência expressa, na verdade, a materialização, em seu estágio mais pleno, do funcionamento das relações sociais capitalistas no Brasil. Nesse sentido, a sua compreensão passa, não por uma apreensão fragmentada do real, mas sim pela investigação de fundamentos histórico-estruturais da nossa formação que conformam a desigualdade regional. Concluiu-se que a questão regional possui suas raízes em elementos como o desenho político-administrativo inaugurado pela Proclamação da República e da Federação no país, na divisão étnico-racial e sexual do trabalho posta em curso desde então, nas interseções entre a questão urbana, agrária e ambiental e na austeridade fiscal que orienta a política macroeconômica brasileira.

---

## **Diálogo sobre o governo do Partido dos Trabalhadores, com a mediação das categorias Estado, classe social e crise, Brasil - Século XXI**

*Dialogue on the government of the Partido dos Trabalhadores, with the  
mediation of the categories State, social class and crisis, Brazil - 21st Century*

Magda Carneiro Ferreira

**Nome do curso:** Mestrado em Política Social – PPGPS

**Data da defesa:** 23 de setembro de 2021.

**Nome do orientador:** Carlos Alberto Ferreira Lima

**Palavras-chave:** Estado, governo, independência de classe

**Keywords:** State, government, class independence

O presente trabalho se coloca na perspectiva do diálogo dentro do campo marxista, abordando algumas concepções de Estado, direito, crise e trabalho. No primeiro capítulo, tentamos resgatar as concepções de autores por nós considerados de relevância para o debate do Estado, direito e consciência de classe. Buscamos aproveitar contribuições divergentes de distintos autores como Thompson, Poulantzas, Wood, Williams, Trotsky, Gramsci e Osorio, um universo bem amplo para ser abarcado, o que constituiu uma tentativa de diálogo dentro da experiência (conforme Thompson) da autora. O capítulo segundo visa a resgatar a posição da teoria marxista da dependência, em confronto com o desenvolvimentismo, e caracterizar a profunda divergência do assim chamado neodesenvolvimentismo com os dois primeiros; procuramos apresentar, nesse primeiro fragmento do segundo capítulo, um pouco sobre o que nos tem a dizer Sampaio, Marine e Osório. No segundo fragmento desse segundo capítulo, relacionamos o evento da financeirização, um período específico do capitalismo, com a falência das opções keynesianas de resposta às crises cíclicas do capital. No terceiro fragmento, tratamos da financeirização reportando-nos ao gasto público social. Nessa discussão apoiamos-nos em autores como Chesnais, Brunhoff, Campos e Mollo, além de Harvey, Prado e Paulani. O terceiro capítulo trata da mobilidade do trabalho (conforme Gaudemar), relacionando sua liberdade aparente, desenvolvida no primeiro capítulo, à mobilidade espacial, mobilidade e plasticidade de se mover entre a zona de emprego e desemprego, ou subemprego e as evidências de superexploração no país. No quarto e último capítulo, fizemos uma breve leitura da práxis e da programática do Partido dos Trabalhadores no período estudado.

*The present work is placed in the perspective of dialogue within the Marxist field, approaching some conceptions of State, law, crisis and labor. In the first chapter, we try to rescue authors' conceptions considered by us relevant to the debate of the State, law and class conscience. We seek to take advantage of divergent contributions from different authors such as Thompson, Poulantzas, Wood, Williams, Trotsky, Gramsci and Osorio, a very wide universe to be covered, which constituted an attempt at dialogue within the author's experience (according to Thompson). The second chapter aims to rescue the position of the Marxist theory of dependence, in comparison with developmentalism, and to characterize the profound*

*divergence of the so-called neodesenvolvimentismo with the first two; we try to present, in this first fragment of the second chapter, a little about what Sampaio, Marine and Osório have to say to us. In the second fragment of this second chapter, we relate the event of financialization, a specific period of capitalism, with the failure of Keynesian options for responding to the cyclical crisis of capital. In the third fragment, we deal with financialization by referring to public social spending. In this discussion, we rely on authors such as Chesnais, Brunhoff, Campos and Mollo, in addition to Harvey, Prado and Paulani. The third chapter deals with labor mobility (according to Gaudemar), relating its apparent freedom, developed in the first chapter, to the spatial mobility, mobility and plasticity of moving between the zone of employment and unemployment, or underemployment, and the evidence of overexploitation in the country. In the fourth and last chapter, we made a brief reading of the praxis and programmatic of the Partido dos Trabalhadores in the period studied.*

---

---

# SER Social

CRISE AMBIENTAL E LUTAS SOCIAIS  
Brasília (DF), v. 26, nº 52, janeiro a junho de 2023

---

## CONSULTORES(AS) AD HOC DA SER SOCIAL / SER SOCIAL AD HOC CONSULTANTS

**Aldaiza de Oliveira Sposati**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

**Camila Potyara**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Luiz Felipe Barros Silva**, Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

**Cibele Cristina Bueno**, Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu FCA/UNESP, São Paulo, SP, Brasil.

**Cibele da Silva Henriques**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Cristiano Guedes**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Elaene Alves**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Eduardo Gomor Dos Santos**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Eduardo Sá**, Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Francisco Raphael Cruz Mauricio**, Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, CE, Brasil.

**Geyzon Rodrigues**, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil.

**Hayeska Costa Barroso**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Ismália Afonso Da Silva**, Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (Flacso), Buenos Aires, Argentina.

**Janaina Lopes Do Nascimento Duarte** - Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Jucileide Ferreira Nascimento**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

**Keli Regina Dal Prá**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -(PUCRS), Porto Alegre, RS.

**Lilian de Pellegrini Elias**, Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

**Leonardo Ortegal**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Lucélia Luiz Pereira**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Luciano Figueirêdo**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

**Mailiz Garibotti**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

**Matheus Thomaz**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

**Maria Cristina Giorgi**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

**Maria Nilvane Fernandes**, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil.

**Max Leno de Almeida**, Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil.

**Miriam Albuquerque**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Michelly Laurita Wiese**, Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

**Raquel Mota Mascarenhas**, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

**Rodrigo José Fernandes**, Faculdades Nova Esperança de Mossoró (FACENE-RN), Mossoró, RN, Brasil.

**Salviana de Maria P. Santos**, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil.

**Sidimara Souza**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

**Silvia Cristina de Sousa Carvalho**, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

**Tania Diniz**, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil.

**Tais Pereira de Freitas**, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Minas Gerais, MG, Brasil.

**Thaís Kristosch Imperatori**, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

**Vania Costa Pimental**, Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasília, DF, Brasil.